

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

GUILHERME SILVA PIRES DE FREITAS

ANALISANDO ONDAS MIGRATÓRIAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS
ESPORTIVAS E DE LAZER NO SÉCULO XXI: A COPA DOS REFUGIADOS E
IMIGRANTES EM SÃO PAULO

(Versão Corrigida. Resolução CoPGr nº 6018, de 13 de outubro de 2011)

SÃO PAULO, SP

2023

GUILHERME SILVA PIRES DE FREITAS

ANALISANDO ONDAS MIGRATÓRIAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS
E DE LAZER NO SÉCULO XXI: A COPA DOS REFUGIADOS E IMIGRANTES EM
SÃO PAULO

Tese apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Ciências pelo Programa de
Pós-Graduação em Mudança Social e
Participação Política.

Área de Concentração: Mudança Social e
Participação Política.

Linha de pesquisa: Políticas Públicas e
Gestão Participativa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio
Bettine de Almeida.

(Versão Corrigida. Resolução CoPGr nº 6018, de 13 de outubro de 2011)

SÃO PAULO, SP

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: FREITAS, Guilherme Silva Pires de

Título: Analisando ondas migratórias através de práticas esportivas e de lazer no século XXI: a Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo.

Tese apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Aprovada em: 28/02/2024

Banca Examinadora

1. Presidente da banca e avaliador: Prof. Dr. Marcelo Vilela de Almeida

Instituição de Ensino Superior: Universidade de São Paulo (EACH/USP)

Julgamento: Aprovado

2. Avaliadora: Prof.^a Dra. Valéria Barbosa de Magalhães

Instituição de Ensino Superior: Universidade de São Paulo (EACH/USP)

Julgamento: Aprovado

3. Avaliador: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Instituição de Ensino Superior: Universidade de São Paulo (EACH/USP)

Julgamento: Aprovado

4. Avaliadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Padrão dos Santos

Instituição de Ensino Superior: Universidade de São Paulo (EEFE/USP)

Julgamento: Aprovado

5. Avaliador: Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Instituição de Ensino Superior: Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)

Julgamento: Aprovado

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Silva Pires de Freitas, Guilherme
Analisando ondas migratórias através de práticas
esportivas e de lazer no século XXI: a Copa dos
Refugiados e Imigrantes em São Paulo / Guilherme
Silva Pires de Freitas; orientador, Marco Antonio
Bettine de Almeida. -- São Paulo, 2023.
252 p: il.

Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Mudança Social e Participação Política,
Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, 2023.
Versão corrigida

1. Refúgio. 2. Migração. 3. Copa dos Refugiados e
Imigrantes. 4. Integração. 5. Práticas de esporte e
lazer. I. Almeida, Marco Antonio Bettine de,
orient. II. Título.

“Dedico esta pesquisa aos mais de 100 milhões de deslocados forçados mundo à fora. Que um dia aqueles que quiserem retornar para suas casas, que o possam fazer. E para aqueles que adotaram uma nova terra como lar, que possam dizer que estão em casa”.

AGRADECIMENTOS

Deixei para escrever esta mensagem de agradecimento somente quando coloquei um ponto final na tese. Não queria esquecer todos e todas que no decorrer destes quatro anos de pesquisa, passaram pela minha vida em algum momento. Porém, confesso que posso estar me esquecendo de alguém. Mas isso não tem tanta importância porque sou eternamente grato a todos e todas vocês. As memórias que guardo deste período de doutorado são as melhores possíveis.

Primeiramente gostaria de agradecer muito a minha família que sempre foi uma base muito importante em minha vida e em quem eu sou. Devo tudo a eles. Meus pais Jefferson e Celia, meus irmãos Felipe e Laura, minha sobrinha Manuela, minha madrastra Golda, minha cunhada Annie, meus tios, primos e meus avós a quem agradeço em memória pelos conselhos e carinho. Minha família sempre foi e sempre será a minha prioridade. Amo vocês.

Também quero muito agradecer ao meu orientador. Professor Marco Bettine, que além de ter sido meu professor no mestrado foi se tornando no decorrer destes anos um grande amigo. Sempre muito solícito e paciente, buscou extrair meu máximo potencial para conseguir atingir o meu melhor. Quando contei a ele sobre o projeto e disse que gostaria de tê-lo como orientador, ele abraçou a ideia. E nesses quatro anos sinto que criamos uma boa relação e conexão. Muito obrigado por tudo Marco.

Agradeço também aos professores que aceitaram compor esta banca e que em algum momento foram importantes para minha formação. Professor Luiz Trigo, meu orientador no mestrado e um grande mestre que sempre esteve disponível para conversar sobre projetos e dar conselhos. Professora Valéria Magalhães, com quem tive aulas no mestrado e doutorado, uma pessoa que admiro e com quem sempre pude conversar e me aconselhar durante este doutorado. Professora Ana Lúcia Padrão, de quem fui monitor PAE no mestrado e uma pessoa com quem sempre procurei manter contato. O Professor Bernardo Buarque, sempre uma grande referência acadêmica e a quem pude conhecer pessoalmente durante a formulação desta tese. E ao Professor Marcelo Vilela, coordenador do ProMuspp que gentilmente aceitou o convite para presidir a banca de defesa substituindo o Prof. Marco Bettine, ausente devido uma questão familiar.

Também agradeço aos demais professores com que pude partilhar e aprender no decorrer deste doutorado. Professora Silvia Zanirato, Professor Alexandre Morelli, Professor Luiz Bulamarqui, Professor Renato Marques e Professora Katia Rubio. E em memória quero lembrar do professor José Renato Araújo, que foi uma das primeiras pessoas a quem disse que tinha interesse em estudar a questão de refúgio no Brasil e me incentivou a seguir em frente. Meu muito obrigado a todos vocês.

Um agradecimento também aos colegas de doutorado do Promuspp com quem puder partilhar experiências, frustrações e desafios, em especial a Ana Sanches, pelo empenho sendo nossa representante discente e ao Felipe Honorato. Felipe, além de um velho amigo, foi um grande parceiro nessa jornada acadêmica. Escrevemos artigos, ministramos cursos e apresentamos trabalhos em congressos no exterior, além de sempre motivarmos um ao outro durante nossas pesquisas.

Agradeço ainda aos demais colegas e amigos orientandos do Marco, com quem pude trocar muitas ideias nestes últimos anos. Gustavo, Marina, Danilo, Guilherme e Bruna. A outros pesquisadores a quem conheci ou estreitei ainda mais os laços nessa jornada como Corina, Rodrigo, Marcelo e Murilo. Agradecimento também aos amigos do GEPHOM que através das reuniões e encontros de pesquisa me ajudaram a melhorar este projeto, especialmente Daisy, Carol, Hugo, Ana Paula, Eduardo, Cristiano e todos os demais colegas.

Também não poderia deixar de fora dessa lista meus alunos nos cursos que ministrei na PUC-SP e no Sesc-SP no decorrer do doutorado entre 2022 e 2023. Todos e todas foram muito especiais em minha caminhada não só por mostrarem interesse em minhas pesquisas, como por me ajudarem a desenvolver meu conhecimento e me fazer buscar ser um professor cada vez melhor a cada semestre.

Gostaria de lembrar aqui também de outras pessoas e entidades que foram importantes nessa caminhada como a equipe de pesquisa do NEPO que me recebeu humildemente para uma visita de campo na UNICAMP, a equipe do Museu da Imigração pela atenção e material disponibilizado, aos colegas do Diaspotics da UFRJ a quem conheci já no final desta pesquisa, aos amigos da Swim Channel que compreenderam o esforço pela pesquisa e de me deram total apoio para produzi-la, a Frente Ampla pela Saúde dos Trabalhadores, ao grupo de pesquisa Promigras, ao coletivo Esporte pela Democracia e ao coletivo Ponto Zero do Refúgio, liderado pelo amigos Anas e Ivan.

Por fim, duas últimas menções. Primeiramente a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e ao Programa de pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, que mesmo com todas as dificuldades segue formando grandes pesquisadores e produzindo trabalhos que com certeza serão importantes para nossa sociedade.

E um agradecimento a todos os migrantes e refugiados com quem pude conviver e aprender muito sobre essa temática tão urgente e importante, especialmente a Monica, Abdul e Jean. Sem a ajuda e atenção de vocês este projeto jamais teria obtido sucesso e as dificuldades seriam ainda maiores. Agradeço a disponibilidade de vocês em ajudarem ao longo do projeto e por me ensinarem muita coisa sobre refúgio e migração através de suas experiências de vida.

A todos os citados, e a quem eu possa ter esquecido de mencionar neste breve texto, meu muito obrigado de coração pelo carinho, atenção, ajuda e compreensão.

“Não há vergonha em ser um refugiado se nos lembrarmos de quem somos. Se nos lembrarmos que ser refugiado não é uma escolha. Que nossa única escolha era morrer em casa ou arriscar a morte tentando escapar. Foi a violência que nos tornou órfãos. Foi a perseguição que nos expulsou de nossas casas em busca de paz. Isso é ser um refugiado. Isso é quem eu sou”

Yusra Mardini, refugiada síria e atleta olímpica

RESUMO

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Analisando ondas migratórias através de práticas esportivas e de lazer no século XXI: a Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo. 2023. 252 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta tese tem como principal objetivo compreender como as práticas de esporte e de lazer podem funcionar como elementos de integração e inclusão social para refugiados na sociedade brasileira, especialmente para o estado de São Paulo no decorrer do século atual. Para entender a Copa dos Refugiados e Imigrantes compreendemos sua história, sua evolução e seus sujeitos. O torneio de futebol amador é organizado e disputado pelos migrantes e refugiados desde o ano de 2014, sendo o principal objeto de pesquisa. Realizado pela primeira vez na capital paulista de forma despretensiosa como um passatempo, o torneio cresceu e tornou-se um evento nacional, além de preservar o caráter amador da modalidade e realizando partidas em diferentes estados do país. O pesquisador ouviu dez indivíduos por meio de entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas através do método do Discurso do Sujeito Coletivo. Estes sujeitos foram questionados sobre motivos da solicitação de refúgio ou migração ao Brasil, as dificuldades de adaptação no país, as percepções sobre como a sociedade brasileira vê a questão do acolhimento a refugiados, a importância da Copa dos Refugiados e Imigrantes no processo de adaptação no Brasil e saber se estes indivíduos consideram que práticas de esporte e lazer podem ajudar migrantes e refugiados em seus processos de integração na sociedade brasileira. Concluiu-se que a Copa dos Refugiados e Imigrantes propicia ações culturais e educacionais, fortalece as redes sociais entre a comunidade migrante e refugiada, colabora para que a causa do refúgio se torne mais difundida e reforça as “identidades migrantes” destes deslocados forçados internacionais.

Palavras-chaves: refúgio, migração, Copa dos Refugiados e Imigrantes, integração, práticas de esporte e lazer.

ABSTRACT

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Analyzing migratory waves through sports and leisure practices in the 21st century: the Refugees and Immigrants Football Cup in São Paulo. 2023. 252 p. Thesis (Phd in Sciences) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

This thesis main objective is to understand how sports and leisure practices can function as elements of integration and social inclusion for refugees in Brazilian society, especially in the state of São Paulo during the current century. To understand the Refugees and Immigrants Football Cup, we understand its history, its evolution and its subjects. The amateur football tournament has been organized and played by migrants and refugees since 2014, being the main object of research. Held for the first time in the capital of São Paulo in an unpretentious way as a pastime, the tournament grew and became a national event, in addition to preserving the amateur nature of the sport and holding matches in different states of the country. The researcher listened to ten individuals through semi-structured interviews that were analyzed using the Collective Subject Discourse. These subjects were asked about the reasons for requesting refuge or migration to Brazil, the difficulties of adapting in the country, perceptions about how Brazilian society views the issue of welcoming refugees, the importance of the Refugees and Immigrants Football Cup in the process of adaptation in the Brazil and find out whether individuals consider that sports and leisure practices can help migrants and refugees in their integration processes into Brazilian society. It was concluded that the Refugee and Immigrant Football Cup provides cultural and educational actions, strengthens social networks between the migrant and refugee community, helps the cause of refuge become more widespread and reinforces the “migrant identities” of these internationally forced displaced people.

Keywords: refuge, migration, Refugees and Immigrants Football Cup, integration, sports and leisure practices.

RESUMEN

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Analizando las olas migratorias a través de prácticas deportivas y de ocio en el siglo XXI: la Copa de Refugiados e Inmigrantes en São Paulo. 2023. 252 f. Tesis (Doctorado en Ciencias) – Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2023.

El principal objetivo de esta tesis es comprender cómo las prácticas deportivas y de ocio pueden funcionar como elementos de integración e inclusión social de los refugiados en la sociedad brasileña, especialmente en el estado de São Paulo, durante el siglo actual. Para entender la Copa de Refugiados y Inmigrantes, entendemos su historia, su evolución y sus temas. El torneo de fútbol amateur es organizado y jugado por migrantes y refugiados desde 2014, siendo el principal objeto de investigación. Realizado por primera vez en la capital de São Paulo, sin pretensiones y como pasatiempo, el torneo creció y se convirtió en un evento nacional, además de preservar el carácter amateur del deporte y realizar partidos en diferentes estados del país. El investigador escuchó a diez individuos a través de entrevistas semiestructuradas que fueron analizadas mediante la metodología del Discurso del Sujeto Colectivo. Se preguntó a estos sujetos sobre los motivos para solicitar refugio o migración a Brasil, las dificultades de adaptación en el país, las percepciones sobre cómo la sociedad brasileña ve la cuestión de la acogida de refugiados, la importancia de la Copa de Refugiados y Inmigrantes en el proceso de adaptación en el Brasil y conocer si estos individuos consideran que las prácticas deportivas y de ocio pueden ayudar a los migrantes y refugiados en sus procesos de integración a la sociedad brasileña. Se concluyó que la Copa de Refugiados y Inmigrantes proporciona acciones culturales y educativas, fortalece las redes sociales entre la comunidad de migrantes y refugiados, ayuda a que la causa del refugio se generalice y refuerza las “identidades migrantes” de estos desplazados forzados internacionales.

Palabras clave: refugio, migración, Copa de Refugiados y Inmigrantes, integración, prácticas deportivas y de ocio.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CEM	Centro de Estudos Migratórios
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
DESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais
EACH/USP	Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
EUA	Estados Unidos da América
Eurostats	Escritório Europeu de Estatísticas
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GEPHOM	Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPC	Comitê Paralímpico Internacional
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
NEPO	Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó"
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OECD	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OUA	Organização da Unidade Africana

PDMIG	Pacto pelo Direito de Migrar
PF	Polícia Federal
PLAc	Português como Língua de Acolhimento
RDC	República Democrática do Congo
RNE	Registro Nacional do Estrangeiro
SESC-SP	Serviço Social do Comércio de São Paulo
SINCRE	Sistema Nacional de Cadastro e Registros
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UF	Unidade Federativa
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNRWA	Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USIH	União Social dos Imigrantes Haitianos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenvolvimento de uma análise.....	40
Figura 2 – Região de Influência das Cidades. Brasil, 2007.....	63
Figura 3 – Forcibly displaced worldwide.....	80
Figura 4 – Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by country of origin end-2022.....	81
Figura 5 – Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by host country end-2022.....	82
Figura 6 – Solutions.....	83
Figura 7 – Vista da quadra onde os refugiados jogavam bola antes da criação da Copa dos Refugiados e Imigrantes no bairro do Glicério em São Paulo, próximo ao Viaduto Leste-Oeste com a Igreja Matriz Paroquial Nossa Senhora da Paz ao fundo.....	111
Figura 8 – Campo do Clube Escola Glicério, “Campo da Tia Eva”.....	112
Figura 9 – Nigéria vence a primeira Copa dos Refugiados e Imigrantes.....	113
Figura 10 – Final da Copa dos Refugiados e Imigrantes na Arena do Grêmio em Porto Alegre em 2017.	116
Figura 11 – Atletas durante a final da edição 2022 da Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo entre Guiné-Bissau e Benin, realizada no Centro Esportivo Pirituba.....	118
Figura 12 – Atletas da seleção do Mali se preparando para disputar a edição de 2019 da Coupe Africaine Epinetzo em Paris.....	122
Figura 13 – Uma estrutura conceitual que define domínios centrais de integração.	172
Figura 14 – Distribuição relativa das solicitações de reconhecimento da condição de refugiados apreciadas, segundo UF de solicitação – 2022.....	176
Figura 15 – Imigrantes internacionais com registros ativos, residentes no Estado de São Paulo, segundo ano de registro, 2000-2019.....	177
Figura 16 – Imigrantes internacionais com registros ativos, residentes no Estado de São Paulo, segundo município de residência no ano de 2000, 2005, 2010, 2015 e 2019... ..	178
Figura 17 – Evolução de Imigrantes internacionais com a condição de refúgio registrados (Registro Nacional de Estrangeiro – RNE), de 2000 a 2016, no Estado de São Paulo por município de residência.....	179
Figura 18 – Imigrantes transnacionais de refúgio, registrados em 2019, no Estado de São Paulo, segundo município de residência.	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados gerais.	132
Tabela 2 - Descrição dos indivíduos.....	132
Tabela 3 - Frases que representam os coletivos dos refugiados e migrantes.....	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. MÉTODO DE PESQUISA	25
1.1. TÉCNICAS DE PESQUISA.....	25
1.1.1. Através dos autores acadêmicos.....	26
1.1.2. Através das entrevistas semiestruturadas	28
1.1.3. Através do material de imprensa	33
1.1.4. Através de órgãos oficiais, ONGs e projetos sociais.....	35
1.2. ANÁLISE DE DADOS	38
1.2.1. Análise de conteúdo através do conceito de Bardin	39
1.2.2. Análise da coleta de pesquisa dos autores acadêmicos.....	43
1.2.3. Análise da coleta das entrevistas semiestruturadas	46
2. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	50
2.1. MIGRAÇÃO.....	51
2.2. O BRASIL E AS MIGRAÇÕES.....	60
2.3. REFÚGIO	65
2.4. AS POLÍTICAS DE REFÚGIO NO BRASIL	85
2.5. IDENTIDADE	94
3. ESPORTE E MIGRAÇÃO.....	104
3.1. A COPA DOS REFUGIADOS E IMIGRANTES	110
3.2. OUTRAS ATIVIDADES DE ESPORTE E LAZER COMO INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL DE REFUGIADOS E MIGRANTES NO ÂMBITO AMADOR E PROFISSIONAL	120
4. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM JOGADORES REFUGIADOS E MIGRANTES.....	128
4.1. ANÁLISE INDIVIDUAL DAS FALAS DENTRO DO CONTEXTO DA ENTREVISTA	133
4.2. FRASES QUE REPRESENTAM OS COLETIVOS DOS REFUGIADOS E MIGRANTES	145
4.3. DISCUSSÃO: SUJEITO COLETIVO REFUGIADO E SOLICITANTE DE REFÚGIO	147
4.4. DISCUSSÃO: SUJEITO COLETIVO MIGRANTE EM SITUAÇÃO LEGAL NO PAÍS	149
5. DIFICULDADES ENCONTRADAS POR REFUGIADOS E MIGRANTES NA SOCIEDADE BRASILEIRA	151
5.1. XENOFOBIA	151

5.2. RACISMO	158
5.3. QUESTÕES CULTURAIS	164
5.4. INTEGRAÇÃO SOCIAL	169
6. ONDAS MIGRATÓRIAS DE REFUGIADOS PARA O BRASIL NO SÉCULO XXI: NÚMEROS DO ESTADO DE SÃO PAULO	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
ANEXO A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	210
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA ÍNTEGRA	213
ANEXO C – RESULTADOS DA COPA DOS REFUGIADOS E IMIGRANTES	252

INTRODUÇÃO

O século XXI será repleto de desafios para o ser humano. Com pouco mais de duas décadas já vividas, ainda são muitos os obstáculos que se colocam pelo caminho. Nossa sociedade deverá mostrar-se capaz de lidar com as mudanças climáticas que poderão ser responsáveis por alterações drásticas em todo planeta. Espécies de animais que conhecemos hoje poderão ser extintas e muitos locais ficarão embaixo d'água devido ao aquecimento global que vem aumentando o nível dos oceanos. A escassez de recursos naturais e minerais, devido à alta demanda, também será outro problema que teremos que encarar. Assim como possíveis conflitos militares, a desigualdade social que cresce a cada ano, novas doenças que poderão se tornar pandemias, o aumento populacional ao redor do mundo, a evolução tecnológica que ameaça empregos, entre outras situações. Em meio a todos esses fatores, existe outro assunto que também deverá ser muito debatido ao longo deste século: a situação dos refugiados.

Desde os primórdios, o *homo sapiens* está em constante mudança. Ao longo de sua existência, datada há cerca de 200 mil anos, os primeiros seres humanos de nossa espécie deixaram o continente africano por volta de 70 mil anos rumo à península arábica, posteriormente, migraram para outras regiões do mundo (HARARI, 2019, p. 30). Se adaptaram e se estabeleceram, criaram formas de se defender contra predadores maiores, desenvolveram técnicas de cultivo na agricultura e formaram comunidades entre seus pares. Mas as migrações nunca cessaram e ao longo de todos estes milênios o ser humano continuou viajando pelo mundo. Atravessou oceanos e descobriu novos continentes, outras civilizações e culturas.

Mas em meio a todas essas descobertas e aventuras em torno do globo terrestre, também ocorreram perseguições, exílios e diásporas, que forçaram o ser humano a fugir pelo mundo em busca de paz e segurança. A Bíblia Sagrada, principal livro do cristianismo, traz em seus dois testamentos relatos de migrações pela região do Oriente Médio, norte da África e parte da Europa. É incerto afirmar qual foi o primeiro povo refugiado da história, mas através de relatos tão antigos como os da Bíblia, podemos compreender como a questão do refúgio e das migrações é algo presente na história humana a milênios, embora para o senso comum seja uma situação presente apenas no mundo moderno.

De acordo com números mais recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) para a causa do refúgio no mundo, foram contabilizados 108,4 milhões de pessoas deslocadas à força em todo o mundo ao fim do ano de 2022 (UNHCR, 2023e, p. 2). Trata-se de um número assustador, que vem crescendo ano após ano por diversos motivos e que parece muito distante de uma solução.

Refugiados são pessoas que migram não porque desejam, mas porque precisam fugir. Existem diferentes razões para este tipo de fuga, desde aqueles que são perseguidos e ameaçados por questões políticas, étnicas, religiosas e culturais, quanto aqueles que fogem em razão das alterações climáticas pelas quais o mundo vem passando recentemente e são conhecidos como refugiados do clima. Inclusive, segundo projeções da própria ONU, o mundo poderá ver um número de 200 milhões de indivíduos nestas condições até o ano de 2050 caso nada seja feito para evitar esse êxodo (WALLACE-WELLS, 2019, p. 16-17). Visando proteger e dar direitos a essas pessoas, a ONU ratificou o Estatuto dos Refugiados em 1951, algo que será detalhado ao longo desta tese. O Brasil foi um dos signatários da carta, embora acolha muito menos refugiados em comparação a outros países.

Assim como vem acontecendo com outros Estados, o número dos pedidos de refúgio no Brasil vem crescendo. O órgão responsável por coletar estes dados é o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. No último levantamento divulgado pelo Comitê existiam 65.840 refugiados reconhecidos pelo país ao fim do ano de 2022 (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 23), sendo que 5.795 foram reconhecidos no decorrer daquele ano (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 23). Trata-se de um número bastante irrisório de pouco mais de 0,03% da população total, já que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existem 203,1 milhões de habitantes no Brasil medidos no último Censo de 2022 (IBGE, 2023). Quanto as solicitações registradas em 2022, o total foi de 50.355 pedidos (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 10)

A grande maioria das solicitações de refúgio foi de venezuelanos devido a uma crise econômica, política e social pela qual o país vem passando desde 2015. Segundo o

CONARE, foram 33.753 pedidos, cerca de 67% do total das solicitações (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 10). A fronteira do estado de Roraima com o território da Venezuela é a principal porta de entrada destes indivíduos no Brasil, com 41,6% das solicitações de refúgio (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 21). Próxima à fronteira dos dois países, na cidade de Pacaraima, está sediada a Operação Acolhida, uma força-tarefa logística humanitária do Exército Brasileiro que atua na regularização dos refugiados que chegam ao país.

Embora mais da metade das solicitações de refúgio são feitas na região Norte devido ao alto fluxo de venezuelanos (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 21), uma vez no território brasileiro esses refugiados buscam chegar a outros locais que possam lhes dar melhores condições de vida e trabalho. É o caso de São Paulo, Estado mais rico do país que em 2019 registrou 5.468 pessoas vivendo na Unidade Federativa (UF) com status de refugiado (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 65-73).¹ Chama atenção para o fato de São Paulo ser considerado no imaginário popular, isso há muitas gerações, como a terra das oportunidades e que sempre representou a modernidade brasileira (ESTRELA, 2002). Essa característica da “locomotiva do Brasil” desperta o interesse não só em brasileiros de outros estados, como também em refugiados que buscam uma vida mais digna e acabam migrando para o estado.

Esta constante mistura de culturas, idiomas e costumes bastante diferentes da sociedade brasileira em locais como São Paulo, mostra como é difícil para um refugiado se adaptar a esta nova realidade. Afinal, migrar para um local desconhecido e distante pode ser um grande desafio para estes sujeitos. Ainda mais quando você é um refugiado e deixou tudo para trás. Na grande maioria das vezes é preciso recomeçar do zero e não é comum nos depararmos com histórias de indivíduos que ocupavam cargos de prestígio em seus países de origem e que para sobreviver tiveram que trabalhar com serviços de baixa remuneração ou totalmente fora de suas áreas de experiência (CARARO; SOUZA, 2020. p. 34-35).

¹ Dados mais recentes colhidos sobre refugiados no Estado de São Paulo. Números anteriores a pandemia de COVID-19.

Para ajudar estas pessoas a se incluírem na sociedade, existem diversos projetos e entidades que buscam efetuar essa ação através de áreas bastante conhecidas, como do meio artístico e da educação, por exemplo. Porém, existem outras formas de promover esses processos de integração social, sendo uma delas o esporte. Este fenômeno sociocultural que engloba diversas práticas humanas (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007, p. 229), que se tornou um elemento básico do estilo de vida da sociedade cotidiana (GONZALEZ, 1993, p. 9-10) e que pode ser utilizado como um laboratório natural para a exploração de propriedades das relações sociais (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17-18), ainda é capaz de ajudar na integração social destes indivíduos.

Por ser ainda uma atividade que promove a inclusão, o esporte foi e é constantemente utilizado como elemento de pacificação. Um bom exemplo é a história dos Jogos Olímpicos, evento idealizado pelo Barão Pierre de Coubertin que tinha como um de seus objetivos “promover uma união global de ideal internacionalista através dos Jogos” (ALMEIDA; RUBIO, 2018, p. 35), embora existisse uma controversa questão racial relacionada a política do colonialismo então vigente naquele período (FERREIRA JÚNIOR; RUBIO, 2019, p. 184). Desde então já tivemos muitos exemplos do esporte sendo utilizado como elemento de reconciliação e cordialidade, principalmente em eventos de nível internacional e de grande apelo público e midiático.

Mais recentemente, o Comitê Olímpico Internacional (COI) criou o Programa de Apoio aos Atletas Refugiados, concedendo bolsas de apoio a atletas, que deu origem a Equipe Olímpica de Refugiados. A causa do refúgio também faz parte das propostas da Agenda 20+20, uma ação que visa preservar os valores olímpicos e fortalecer o papel do esporte na sociedade. Ao incluir a temática em seus projetos para o futuro, o COI passa um claro sinal de que enxerga o esporte como um elemento importante para inclusão e integração social desses indivíduos. A equipe olímpica esteve presente nas duas últimas edições dos Jogos, no Rio-2016 e em Tóquio-2020, e está confirmada para a edição de Paris-2024. A iniciativa também foi adotada pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), que autorizou a participação da Equipe de Paratletas Refugiados nos Jogos Paralímpicos do Rio-2016 e de Tóquio-2020.

O futebol é outro exemplo de como através de práticas esportivas é possível estudar temáticas da nossa sociedade. Considerada a modalidade esportiva mais popular

do mundo, ela é um ótimo exemplo para compreensão de questões atuais. Definido por Freixo (2014, p. 15) como “um dos fenômenos sociais mais importantes da contemporaneidade” por estar presente em diferentes áreas como na economia, na política e no campo diplomático, o futebol também pode ser um importante elemento no debate dos dilemas da sociedade (TRIGO; FREITAS, 2017, p. 14). Como cita Giulianotti:

Sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosóficas práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos. (GIULIANOTTI, 2010, p.8).

Estas características fazem com que o futebol seja utilizado em pesquisas acadêmicas de diferentes campos, inclusive nas ciências humanas e sociais. Uma área que vem tendo um crescimento cada vez maior entre pesquisadores é a Sociologia do Esporte. Trata-se de um campo de estudo criado em meados da década de 1960, sendo bastante amplo para explorar as questões do cotidiano através do objeto esporte (FREITAS, 2022, p. 3-6). E sendo o futebol a modalidade mais popular e presente em praticamente todos os cantos do mundo, podemos analisar através dela as demandas que estão em pauta na sociedade. Inclusive a questão migratória e do refúgio.

Por isso, um dos objetivos desta tese de doutorado será investigar como as práticas esportivas e de lazer, especialmente o futebol, podem servir como elementos para inclusão e integração de refugiados e migrantes na sociedade brasileira. A Copa dos Refugiados e Imigrantes, um evento esportivo realizado no Brasil desde o ano de 2014, será utilizado aqui como principal tópico para esta pesquisa devido sua trajetória histórica e importância para consolidação da identidade dos refugiados.

Idealizado pelos próprios refugiados, o evento futebolístico tornou-se um importante vetor de identidade. Além de poderem extravasar suas emoções através do esporte, estes indivíduos conseguem por meio da atividade esportiva fortalecer e criar vínculos entre seus semelhantes que estão em condição similar. Este tipo de torneio, que busca mesclar o esporte com as questões migratórias, também ocorre em outros países. É o caso do Fair Play Football Cup e do Fare Network. Organizado pelo ACNUR, o Fair Play Football Cup é uma competição amistosa na Irlanda que reúne refugiados para jogos de futebol anualmente em 20 de junho, Dia Internacional do Refugiado (UNHCR, 2023d).

Já o Fare Network é uma rede de entidades europeias que busca combater a discriminação e desigualdade usando o esporte como ferramenta de inclusão social em diversos projetos na Europa (FARE NETWORK, 2023). Além destes programas existem outras ações que serão analisadas ao longo desta pesquisa.

A pandemia do COVID-19 afetou drasticamente a realização do campeonato e outras atividades de esporte e lazer devido às questões sanitárias e de isolamento social. A Copa dos Refugiados e Imigrantes não pode ser disputada em 2020 e 2021, retornando em 2022. Com a vacinação avançada em todo o território brasileiro e o apoio angariado na iniciativa pública e privada, os organizadores da competição conseguiram novamente recolocar o torneio no calendário esportivo das cidades brasileiras.

Antes da eclosão da pandemia, a ONG Pacto pelo Direito de Migrar (PDMIG), principal organizadora do evento, tinha planos de realizar uma versão feminina do torneio de futebol e uma corrida de rua que teria como principal objetivo chamar atenção para a causa do refúgio no Brasil. Outras atividades esportivas e de lazer para refugiados também acabaram sendo afetadas por esta caótica situação, não podendo ocorrer ou sendo adaptadas para palestras ou ações em formatos remotos.

Como dito nesta introdução, o esporte é um elemento importante de pesquisa sobre o mundo moderno. Ele não está à margem da sociedade em uma bolha, já que através de suas ações, personagens e histórias se refletem o que se passa em nosso cotidiano. Além disso, ele dialoga com diversos outros campos de pesquisa graças a sua rica variedade de assuntos. Um deles são os estudos sobre os fluxos migratórios.

Outro importante objetivo desta pesquisa será estudar como as atividades de esporte e lazer podem funcionar como elemento de integração e inclusão social para refugiados no estado de São Paulo e conseqüentemente, na sociedade brasileira. Para isso, a Copa dos Refugiados e Imigrantes, um evento amador de futebol organizado e disputado pelos próprios refugiados, foi escolhido como objeto essencial para analisar esta hipótese. Além deste evento, outros projetos de integração através do esporte e lazer no Brasil e no exterior foram citados na tese para uma maior compreensão sobre o tema.

Busca-se ainda, compreender o que a Copa dos Refugiados e Imigrantes significa para estes deslocados forçados internacionais através de suas memórias e trajetórias no Brasil. A pesquisa visa ainda analisar a relação entre o esporte e a experiência do refúgio

em termos identitários e de formação de laços sociais, seja internamente entre os próprios refugiados, seja entre eles e a sociedade brasileira. Através de entrevistas semiestruturadas, será investigado se estes sujeitos se sentem representados por ações de esporte e lazer, além de buscar compreender como estas atividades podem funcionar como elemento de integração social e qual o significado que o futebol e o esporte têm para estes migrantes utilizando como metodologia a análise do Discurso do Sujeito Coletivo.

A parte majoritária da tese irá se concentrar nas ondas migratórias de refugiados ao estado de São Paulo, principalmente a partir de 2014 que foi quando teve início a disputa da Copa dos Refugiados e Imigrantes. O pesquisador também acompanhou partidas e encontros referentes ao torneio entre os anos de 2019 e 2023, coletando materiais, imagens e citações que poderão ser vistas nas páginas a seguir, e, também participou de alguns eventos acadêmicos no Brasil e no exterior apresentando trabalhos relacionados a tese.² Por fim, esta tese de doutorado também é política ao colocar em pauta na academia o refúgio no Brasil, deixando um legado para futuros pesquisadores e uma colaboração para os cientistas que trabalhem com esta temática.

A tese foi dividida em seis capítulos, posteriormente, as considerações finais, referências e anexos. De maneira geral, o estudo reúne referências teóricas de pesquisadores, material qualitativo e entrevistas semiestruturadas com migrantes e refugiados. A pesquisa usará como referência metodológica para analisar os materiais levantados através do referencial teórico de autores, números levantados através de órgãos oficiais e coleta de material oriundo da mídia a análise de conteúdo idealizada por Laurence Bardin (2008). Para analisar as entrevistas, como afirmado anteriormente, optou-se pelo uso da análise do Discurso Sujeito Coletivo, metodologia desenvolvida por Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre (2005; 2012).

² Participação nos seguintes eventos: 41ª edição do Latin American Studies Association em Vancouver, Canadá, em maio de 2023; Congresso Mundial de Ciência Política em Buenos Aires, Argentina, em julho de 2023; Congresso Mundial de Sociologia do Esporte, em formato online em novembro de 2021; Congresso Latino-americano de Estudos Socioculturais do Esporte em Maringá (PR) em junho de 2023; XII CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades em São Paulo (SP), em novembro de 2023; 4º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol em São Paulo (SP), em setembro de 2022; 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, em formato online em agosto de 2022; 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral em São Paulo (SP), em junho de 2023; em duas edições do Simpósio de Pesquisa sobre Migrações, ambos no Rio de Janeiro (RJ), em outubro de 2022 e outubro de 2023 e 1ª Jornada Acadêmica de Pesquisa ProMuSPP em São Paulo (SP), em setembro de 2023.

O primeiro capítulo traz a metodologia utilizada para a construção da pesquisa. Serão utilizados quatro elementos:

- (a) através do trabalho de autores acadêmicos que estudam os temas discutidos nesta tese;
- (b) por meio das entrevistas semiestruturadas com jogadores da Copa dos Refugiados e Imigrantes;
- (c) por consulta a reportagens de veículos de imprensa e através de dados de órgãos oficiais, ONGs e projetos sociais que atuem com a causa do refúgio.
- (d) discutir e desenvolver os objetivos principais e secundários que a pesquisa visa atingir.

Em seguida no capítulo dois é apresentada uma discussão teórica sobre questões que envolvem os fluxos migratórios: migração, refúgio e identidade. Será utilizado como fonte de pesquisa trabalhos de autores mais referenciados nas áreas das ciências humanas, ciências sociais e estudos migratórios, como Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Abdelmalek Sayad, Pierre Bourdieu, entre outros, além de autores contemporâneos que estudam temáticas mais atuais sobre estas questões.

O capítulo seguinte relaciona o esporte e as migrações, abordando com maior profundidade a Copa dos Refugiados e Imigrantes, além de outras atividades e ações de lazer que visam integração social no estado de São Paulo e em outros países, principalmente na Europa, além de exemplos deste tipo de integração que ocorrem no esporte de alto rendimento, com destaque para as Equipes Olímpica e Paralímpica de Refugiados.

A análise das entrevistas semiestruturadas são o tema do quarto capítulo onde serão estudados os depoimentos dos sujeitos ouvidos pela pesquisa. Todos vivem no Brasil há pelo menos cinco anos, já são reconhecidos como refugiados ou estão aguardando o resultado de seus processos de solicitação de refúgio ou são migrantes internacionais. Ao todo a pesquisa entrevistou dez sujeitos que atuaram ou estiveram envolvidos na organização de alguma edição do torneio. A pesquisa chegou até esses sujeitos utilizando a metodologia de bola de neve, ou *snowball*, considerada como a alternativa mais adequada para esta pesquisa que precisou de contatos chave para conversar com um grupo específico e de limitado acesso. Os interlocutores que indicaram

estes novos indivíduos fazem parte da organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes. Nas entrevistas todos foram questionados sobre temas ligados a suas vidas no país, como as dificuldades de adaptação no Brasil, como foi o processo de reconhecimento de refúgio, a importância que as práticas esportivas e de lazer das quais eles participaram no país, a questão da identidade como migrantes, entre outros assuntos.

No quinto capítulo a tese analisa, através dos depoimentos colhidos nas entrevistas semiestruturadas e material teórico, os principais problemas e desafios encontrados por estes migrantes, principalmente a questão da xenofobia, do racismo, dos choques culturais e identitários e da integração social de pessoas em situação de refúgio através de trabalhos de Lineu Norio Kohatsu, Frantz Fanon, Achille Mbembe, Silvio Almeida, Leila Gonzalez, Deisy de Freitas Lima Ventura, Stephen Castles, Julia Bertino Moreira, Alastair Ager, Alison Strang, entre outros.

A seguir, no sexto capítulo, é feita uma análise a partir de materiais coletados e analisados referente a números, estatísticas e dados sobre ondas migratórias de refugiados para o Brasil neste início de século XXI, com maior destaque para o estado de São Paulo.

Por fim, nas considerações finais, apresentar-se-á os resultados encontrados pelo pesquisador ao longo dos anos de trabalho sobre as questões discutidas e levantadas.

A tese traz ainda alguns anexos, imagens, lista de figuras e documentos, assim como um modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado aos entrevistados e as transcrições de todas as entrevistas.

Optou-se pela utilização do termo *migrante* e não imigrante, como costuma-se publicar em veículos de imprensa e textos acadêmicos. Para tal, esta tese se baseou no “Guia para Comunicadores: Migrações, Refúgio e Apatridia”. Segundo esta publicação, migrante é um termo abrangente, não simplista e aconselhado por especialistas para uso quando se fala de migrações entre países (IMDH; FICAS; MIGRAMUNDO, 2019, p. 10).

Portanto esta tese se propõe-se a discutir: a integração social dos refugiados na sociedade brasileira através de práticas esportivas e de lazer, o processo histórico de migração destes indivíduos ao Brasil e ao estado de São Paulo e, por fim, o que representa o fator identitário para os personagens ouvidos pelo pesquisador.

1. MÉTODO DE PESQUISA

Aqui será detalhado o procedimento metodológico utilizado pelo pesquisador. O capítulo foi dividido em dois grandes tópicos. O primeiro detalha as técnicas de pesquisa para coleta de material e o segundo descreve a análise dos dados armazenados no decorrer da construção da tese.

Nas técnicas de pesquisa serão descritos os métodos utilizados pelo pesquisador para melhor compreender e assimilar as referências acadêmicas reunidas, as entrevistas semiestruturadas, o material de imprensa e os dados de órgãos e entidades ligada as causas da migração e do refúgio.

Já na investigação dos dados utilizou-se a análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2008) para compreender o material teórico levantado através das referências bibliográficas e a análise do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefevre e Lefevre (2005; 2012) para avaliação das entrevistas semiestruturadas com refugiados e migrantes.

1.1. TÉCNICAS DE PESQUISA

Esta investigação terá como base quatro formas de técnicas de pesquisa:

- (i) através do trabalho de autores acadêmicos sobre os temas pesquisados;
- (ii) através de entrevistas semiestruturadas com indivíduos ouvidos sobre a questão do refúgio no Brasil;
- (iii) através da consulta a materiais de veículos de imprensa;
- (iv) através de dados de órgãos oficiais, Organizações não governamentais (ONGs) e de projetos sociais que atuam na causa do refúgio.

Referente as entrevistas semiestruturadas, utilizou-se a análise de Discurso do Sujeito Coletivo como metodologia. Quanto aos materiais de imprensa e dados de órgãos, optou-se pela análise de conteúdo.

1.1.1. Através dos autores acadêmicos

Neste trabalho serão utilizados autores e pesquisadores acadêmicos de várias áreas que dialoguem com os temas de pesquisa, principalmente aqueles da área das ciências humanas, ciências sociais, estudos do esporte, estudos culturais, estudos migratórios e das relações internacionais.

Alguns destes autores são clássicos nesta literatura, com trabalhos bastante conhecidos em suas respectivas áreas e apontados como referências no meio acadêmico, inclusive, sendo constantemente citados em outras pesquisas. São pensadores que discutem estas temáticas há muitos anos e possuem um trabalho consolidado nestes campos de conhecimento. Estes cientistas, já abordavam em seus estudos assuntos que são debatidos no cenário atual. Como será mostrado a partir do tópico 1.2.1, referente a análise de dados, estes intelectuais serão mencionados assim como os motivos pela escolha de suas teorias. Entende-se que a literatura clássica, mesmo para um assunto da sociedade contemporânea, é fundamental devido a importância e influência na formação de pesquisadores. Através de seus escritos, será feita uma releitura sobre suas ideias para descobrir no que elas podem colaborar para com o que esta tese se propõe a discutir.

O trabalho se propõe ainda a ouvir autores contemporâneos, que pesquisam temáticas atuais ligadas aos estudos do esporte e aos fluxos migratórios. São intelectuais que abordam estes temas com uma visão mais ampla em relação aos pensadores mais tradicionais. Isso será mais visível quando se abordará temas relacionados a sociologia do esporte, área de estudos que com o tempo foi se expandindo pelo mundo (FREITAS, 2022a, p. 3) e é um subcampo das ciências sociais e que se dedica a estudar qual é o papel, função e significado do esporte na vida das pessoas e da sociedade como um todo. Inclusive, nota-se nos trabalhos dos autores desta geração a importância e influência de pensadores clássicos em suas pesquisas.

Alguns destes autores a serem estudados são adeptos do pensamento decolonial, principalmente na questão de estudos referentes ao racismo e a xenofobia. São pensadores que discutem em seus trabalhos assuntos sobre o mundo contemporâneo e de certa forma, dialogam com os interesses a serem alcançados pelo pesquisador. Parte desses estudiosos

também tem como referência alguns autores clássicos destas temáticas como por exemplo, Stuart Hall (2003; 2014), Frantz Fanon (1968; 2008) e Abdelmalek Sayad (1998; 2000). Como será visto e explorado nos capítulos seguintes serão citados trabalhos destes intelectuais tanto no campo das identidades, caso de Hall, quanto no campo dos debates sobre raça e preconceito, caso de Fanon, e nos estudos sobre fluxos migratórios com Sayad. Estes três pesquisadores, inclusive, estão muito presentes em outros trabalhos publicados mais recentemente, mostrando como ainda são muito influentes.

Falando sobre o conceito de decolonialidade, este busca-se apresentar como uma outra visão do conhecimento em oposição ao tradicional pensamento eurocêntrico, ainda hegemônico na academia. O conceito teve como principais idealizadores, intelectuais e pensadores latino-americanos que criticam este predomínio de ideias da cultura ocidental e eurocêntrica sobre as demais formas de sociedades e costumes. Diversos autores enxergam nesta hegemonia uma base do imperialismo ocidental que muitas vezes ignora e sufoca outros modelos de cultura, impondo sua versão e colocando-a como única. Por isso houve a necessidade destes intelectuais em resistir e buscar alternativas para ouvir estas vozes:

A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve/tem continuidade, mesmo tendo adquirido outras formas [...] No entanto, a decolonialidade é, principalmente, um termo que significa “resistance and refusal” como assevera Catherine Walsh. Ou seja, deve ser uma luta contínua contra as colonialidades impostas aos grupos subalternos. (OLIVEIRA, LUCINI, 2021, p. 98).

Desta forma o pensamento decolonial é uma ideia que dá visibilidade para povos oprimidos ao longo dos tempos e que nos últimos anos conseguiram romper o silêncio e contar suas histórias por outro paradigma, desconstruindo padrões. Esta pesquisa, ao entrevistar refugiados e migrantes também acaba de certa forma colaborando com esta linha de pensamento ao ouvir o que estes indivíduos, que muitas vezes não conseguem ter sua voz escutada, tem a dizer.

Como serão abordadas questões atuais da sociedade, autores que partilham o pensamento decolonial são ótimas referências para a pesquisa. No caso do racismo, alguns autores negros como o advogado, filósofo e Ministro de Direitos Humanos Silvio

de Almeida (2019), a filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez (1982) e o historiador Achille Mbembe (2022), são citados porque são vozes importantes nos estudos raciais. Também é preciso destacar que nos últimos anos alguns intelectuais, como a filósofa Djamilia Ribeiro, conseguiram de certa forma “furar a bolha da academia”, obtendo espaço em veículos da grande mídia, escrevendo colunas em jornais de circulação nacional, participando de programas de TV, ampliando seus alcances em redes sociais e tendo livros entre os mais vendidos no país (CAPOBIANCO, 2020).

A existência de grupos de pesquisa que estudam temáticas relacionadas as questões decoloniais também são importantes para compreensão deste pensamento, pois reúnem uma ampla produção científica de diferentes pesquisadores de variadas áreas de conhecimento, dialogando com a interdisciplinaridade. Um desses coletivos é o Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que promove encontros, palestras e debates de temáticas relacionadas a história oral decolonial, fluxos migratórios e questões raciais e sociais.³ Este pesquisador, inclusive, participou como convidado de alguns desses encontros ao longo da produção desta tese.

Como será visto nas páginas seguintes, esta pesquisa de doutorado terá um vasto material de leitura entre literatura clássica e literatura contemporânea. Entende-se que ao coletar dados entre todos estes autores, o trabalho fique mais sólido e rico em referências. Afinal, todas as leituras realizadas serão importantes de algum modo para colaborar com as temáticas a serem investigadas.

1.1.2. Através das entrevistas semiestruturadas

Como pretende-se compreender a importância do esporte e das atividades de lazer como elementos de inclusão da população refugiada e migrante na sociedade, a utilização de entrevistas semiestruturadas será uma das metodologias aplicadas nesta tese. Ouvir o que os deslocados forçados têm a dizer é algo importante para o desenvolvimento do

³ Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM). Disponível em: each.usp.br/gephom/.

trabalho, além de aproximar estes registros ao objeto de estudo, o enriquecendo com falas de indivíduos ligados diretamente as temáticas estudadas.

O método de entrevista é algo que vem sendo cada vez mais utilizado em estudos migratórios no Brasil, área interdisciplinar e com amplo campo para novas pesquisas. Este recurso “pode ser usado de diferentes orientações metodológicas no campo dos estudos migratórios como histórias de vida, entrevistas semiestruturadas ou estruturadas e entrevistas em grupo, com fontes primárias ou secundárias” (MAGALHÃES, 2019, p. 294-295). Esta metodologia de entrevistas semiestruturadas também se mostra bastante eficiente para estudos sobre fluxos migratórios por conseguir obter mais informações e detalhes em relação a outros métodos de estudo, além de poderem fazer com que o pesquisador e sua fonte criem uma conexão durante a conversa:

As técnicas de entrevista aberta e semiestruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

A escolha pela entrevista semiestruturada se deve ao fato desta metodologia ser aplicada essencialmente para atingir objetivos pontuais, já que “a entrevista semiestruturada delimita o volume de informações e direciona a conversa para os objetivos que se pretendem se alcançar” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Nesta investigação o interesse maior é compreender quais foram as dificuldades encontradas pelos refugiados e migrantes ao longo de suas jornadas, os impactos desta mudança em suas identidades e como as práticas de esporte e lazer ajudaram em suas adaptações no Brasil. Não houve maior interesse por parte da tese em explorar suas histórias de vida ou fatos mais detalhados de suas trajetórias para não fugir do tema central da investigação.

Entende-se que a comunidade composta por refugiados e pessoas com solicitação de refúgio em análise é de difícil acesso devido a situação de imprevisto na qual vivem.

O pesquisador, inclusive, acompanhou alguns eventos e encontros com indivíduos em situação de refúgio e em alguns casos, foi observado que estes sujeitos evitavam detalhar determinadas situações de vida por diferentes razões.⁴ Sendo assim, entendeu-se que seguir um roteiro pré-determinado e aberto com perguntas seria o melhor caminho para poder extrair os depoimentos-chaves dos entrevistados que interessavam a esta pesquisa.

Tendo em vista que a história destes indivíduos enriquecerá a investigação com seus relatos de vida, optou-se por coletar depoimentos de refugiados e solicitantes de refúgio, que serão questionados sobre os motivos que os fizeram pedir refúgio no Brasil; como se deu o processo de reconhecimento de refúgio; se tiveram muitas dificuldades de adaptação no Brasil; se utilizaram-se das redes e contatos entre migrantes para se estabelecer no país; como veem a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados; em como a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para os aproximar de comunidades e refugiados em situação semelhante; se o evento ajudou no processo de integração a sociedade brasileira; e por fim o que pensam sobre as atividades de esporte e lazer serem elementos para inclusão social desta população.

Para os migrantes internacionais que disputaram alguma edição ou estão envolvidos diretamente com a Copa, as questões são referentes a saber se tiveram muitas dificuldades de adaptação no Brasil; se utilizaram-se das redes e contatos entre migrantes para se estabelecer no país; como veem a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados; em como a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para os aproximar de comunidades e refugiados em situação semelhante; se o evento ajudou no processo de integração a sociedade brasileira; e por fim o que pensam sobre as atividades de esporte e do lazer serem elementos para inclusão social desta população.

Todas estas questões respeitaram o direito de fala dos indivíduos ouvidos, que ficaram à vontade para responder ou não os questionamentos seguindo um ponto fundamental que John W. Creswell (2014) aponta como essencial para um bom processo da pesquisa: a questão de ética. Segundo o psicólogo americano, em uma entrevista “é

⁴ Entre os eventos mencionados destaque para a roda de conversa com refugiados e migrantes “O Mundo na Biblioteca: Leituras Coletivas sobre Refúgio e Direitos Humanos”, organizada pelo coletivo Ponto Zero do Refúgio entre os meses de junho e novembro de 2022 na biblioteca do Centro Cultural São Paulo, em São Paulo (SP); o Fórum Permanente “Perspectivas para a condição do refúgio acadêmico no Brasil” organizado pela Cátedra “Sérgio Vieira de Mello” (CSVM) e realizado em setembro de 2022 na Unicamp, em Campinas (SP); e o I Seminário Internacional Refúgio Acadêmico também organizado pela Cátedra “Sérgio Vieira de Mello” e realizado em novembro de 2022 na Unicamp, em Campinas (SP).

preciso ser sensível a situação de pessoas em situação de vulnerabilidade e é necessário estar sempre atento as circunstâncias que possam colocar estes cidadãos em risco” (CRESWELL, 2014, p. 58). No caso desta tese, um trabalho acadêmico, estamos falando de pessoas em situação de deslocamento forçado e que se encontram em uma situação provisória e de incerteza, por isso preservar a identidade destes sujeitos é uma forma de proteger suas vidas e respeitar as questões éticas apontadas por Creswell.

Dois dos entrevistados são refugiados envolvidos na organização do evento esportivo e outra pessoa ouvida pela pesquisa é migrante residente no Brasil há alguns anos. Esses indivíduos ajudaram este pesquisador a chegar aos demais sujeitos ouvidos. Pelo fato de se tratar de refugiados e solicitantes de refúgio, um grupo social que muitas vezes necessita do anonimato para proteção de suas próprias vidas, optou-se pelo uso da metodologia da bola de neve, ou *snowball*.

Este método de pesquisa foi considerado como o mais adequado para se chegar até estes indivíduos e colher seus depoimentos, pelo fato de não ser tão simples o contato com membros da comunidade refugiada ou em processo de solicitação de refúgio. Citando Bernard (2005), Vinuto (2014) aponta que “a técnica da bola de neve é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas, estudadas, que não há precisão sobre sua quantidade e que contêm poucos membros espalhados por uma grande área” (2014, p. 204). Exatamente o caso da comunidade do qual a tese pesquisou.

Outra razão pela escolha desta metodologia se deu pelo fato dela “ser uma forma de amostra não probabilística, que usa redes de referência e indicações e ainda por ser uma técnica útil para se estudar questões delicadas que são de âmbito privado e requerem o conhecimento de pessoas já pertencentes aos grupos para se localizar informantes” (BOCKORNI; GOMES, 2021, p. 106-107). Vinuto (2014) define estes informantes como sementes que tem um papel inicial no processo:

[...] para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. (VINUTO, 2014, p. 203)

Após uma conversa inicial com as sementes e as indicações dos primeiros contatos, estes sujeitos ouvidos pelo pesquisador indicam outros potenciais participantes:

Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 203).

Desta forma o pesquisador consegue aumentar seu leque de contatos e vai adentrando nesta comunidade com auxílio de seus informantes. Neste estudo as sementes seriam justamente os sujeitos envolvidos com a organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes, que tem espaço de destaque dentro da comunidade refugiada em São Paulo. Como aponta Vinuto (2014) o fato deles terem fortes vínculos com as pessoas que interessam ao pesquisador e uma grande penetração na comunidade os “fazem ser um conjunto cada vez maior de contatos potenciais” (VINUTO, 2014, p. 204). Desta forma, foi entendido que a metodologia da bola de neve foi a melhor forma encontrada para se chegar até estes sujeitos e conseguir realizar as entrevistas.

Refugiados e migrantes costumam utilizar-se de uma rede social de contato entre membros de uma mesma comunidade como forma de estimular processos migratórios, além de poder servir como apoio em ajuda mútua, como por exemplo, oferecendo apoio psicológico, moradia temporária aos que chegam e ajudando a conseguir o primeiro emprego (LYRA, 2005; SALES, 1999; TILLY, 1990). Através destas redes sociais é possível conhecer e chegar a outros personagens com histórias de vida interessantes e que de certa forma interessam ao pesquisador. Desta forma, os três sujeitos “sementes” foram responsáveis pela indicação dos demais entrevistados.

Ao todo foram entrevistados dez indivíduos, sendo nove do sexo masculino e uma do sexo feminino. Cinco destes dez eram pessoas em situação de refúgio, sendo quatro refugiados reconhecidos e um em processo de solicitação de refúgio. Os demais cinco, incluindo a pessoa do sexo feminino, eram migrantes internacionais estabelecidos legalmente no país. A pesquisa ouviu sujeitos de nove nacionalidades diferentes como pode ser visto detalhadamente no capítulo 4. Todos disputaram alguma edição da Copa

dos Refugiados e Imigrantes ou estiveram diretamente envolvidos na organização do torneio. Vale destacar ainda que buscou-se ouvir indivíduos de diferentes nacionalidades visando compreender se houve diferença em suas respostas baseando-se em suas origens, etnias, raça e religião.

O questionário feito aos refugiados e migrantes segue o modelo linear da história da migração idealizado por Nancy L. Green (1990, p. 1335, apud TRUZZI, 2005, p. 146), que visa justamente observar e comparar um determinado grupo migrante antes e depois da experiência migratória.

1.1.3. Através do material de imprensa

As fontes de imprensa também foram objeto de pesquisa para formulação desta tese. A questão dos fluxos migratórios e da política para refugiados são temas que foram bastante destacados pela imprensa nacional e internacional nos últimos anos. No decorrer deste século XXI vem ocorrendo um significativo aumento nas ondas migratórias devido a fatores econômicos, crises climáticas, tragédias humanitárias e conflitos militares que causaram impactos em todos os continentes.

Devido essas situações, a migração tornou-se nos últimos anos um dos assuntos mais abordados pela mídia no exterior, principalmente na Europa (THE MIGRATION OBSERVATORY, 2016). Porém, no Brasil o tema da migração e a causa do refúgio não foram muito explorados em comparação a outras temáticas devido a alguns fatores compreensíveis como, por exemplo, o país não receber tantos pedidos de refúgio em comparação a outros Estados e pelo espaço dedicado a temas que geram maior impacto na sociedade como questões políticas e econômicas.

Colabora com esta percepção o fato de que boa parte da imprensa nacional apresentar limitações ao noticiar informações sobre fluxos migratórios e políticas de acolhimento a solicitantes do visto de refúgio. Um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontou que há fragilidades na cobertura jornalística da grande mídia sobre fluxos migratórios no país, após coletar publicações entre os anos de 2010 e 2018 de três grandes veículos: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo.

O trabalho, publicado no livro *A Mídia e a Migração no Brasil (2010-2018)*, mostra que há menções erradas a termos técnicos e que relatos jornalísticos e depoimentos colhidos foram mais utilizados em comparação a dados estatísticos e fontes oficiais (IPEA, 2020).

Porém, entende-se que a imprensa é uma importante fonte de consulta para pesquisas sobre fluxos migratórios. As informações publicadas por jornalistas e veículos complementam outros materiais como estatísticas, gráficos e dados levantados por institutos e órgãos oficiais de entidades internacionais e nacionais sobre o assunto. E vale citar ainda que este tipo de material se tornou uma importante ferramenta para estudos de diversas áreas de conhecimento científico e acadêmico:

Particularmente em relação à imprensa, é fácil constatar que seu uso, faz algum tempo, encontra-se disseminado nos ambientes de trabalho das ciências sociais e das humanidades. Nos diversos campos de pesquisa, da comunicação à semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa. [...] na geografia busca-se uma compreensão do espaço mundial globalizado mais atualizada, nas ciências sociais os temas do tempo presente. Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254).

Dessa forma, o trabalho teve como fonte matérias contemporâneas de veículos da grande mídia nacional, de veículos de mídia internacional e de publicações especializadas em temáticas migratórias e de refúgio.

As fontes jornalísticas da chamada grande mídia foram um dos materiais de apoio. Por grande mídia entende-se que são os principais veículos de informação do país, com abrangência e audiência nacional. Foram consultadas reportagens e matérias especiais sobre os objetos desta pesquisa dos principais veículos impressos e de circulação nacional como o jornal Folha de S. Paulo. Outras fontes consultadas foram os sites UOL, Globo Esporte, G1 e CNN Brasil e as revistas VEJA e Carta Capital. A tese coletou ainda

informações de publicações regionais como o Diário do Nordeste e de veículos de mídia públicos, como a Agência Brasil e Rádio Senado.

A prioridade da consulta de imprensa foi de veículos brasileiros, afinal a pesquisa concentra-se em estudar refugiados no Brasil, porém, produções de veículos estrangeiros também acabaram sendo consultadas devido ao vasto material publicado sobre questões migratórias e pelos acervos históricos desta temática, já que a imprensa internacional tem uma cobertura muito maior em relação a nacional neste campo. Inclusive, alguns veículos internacionais mantêm redações e jornalistas no Brasil produzindo conteúdo sobre ondas migratórias em português, casos da britânica BBC News (BBC NEWS BRASIL, 2023) e da alemã Deutsche Welle (DEUTSCHE WELLE, 2023), por exemplo. Também foram consultadas outras publicações que abordam com frequência esta temática e contam com páginas dedicadas aos fluxos migratórios como a Al Jazeera do Catar (AL JAZEERA, 2023), o The New York Times dos Estados Unidos da América (EUA) (THE NEW YORK TIMES, 2023) e o Le Monde da França (LE MONDE, 2023).

Outra importante fonte de pesquisa foram as publicações especializadas em temáticas migratórias. Uma delas é o site MigraMundo,⁵ um portal independente com notícias e opiniões sobre temáticas migratórias. Inclusive, o autor desta tese é colaborador deste portal e já tendo publicado alguns artigos e textos no site. Outra referência foi a revista acadêmica Travessia – Revista do Migrante, periódico do Centro de Estudos Migratórios (CEM) lançado em 1988 que tem publicação quadrimestral de artigos científicos acadêmicos citados ao longo deste estudo.

Para coletar informações obtidas pelas fontes de mídia pesquisadas, optou-se por utilizar a análise de conteúdo, através da metodologia de Bardin (2008) devido ao fato desta metodologia ser marcada por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto que é o das comunicações (BARDIN, 2008, p. 33).

1.1.4. Através de órgãos oficiais, ONGs e projetos sociais

⁵ Ver MigraMundo: <https://migramundo.com/>.

Como a tese irá tratar de fluxos migratórios de refugiados, entende-se que dados, estatísticas e números de órgãos oficiais, organizações não governamentais e projetos sociais, neste caso quando feitas em parceria com algum instituto de pesquisa sob os princípios da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) (BRASIL, 2018), são valiosas informações para serem utilizadas no complemento do estudo. Estas referências, somadas a coleta de material de imprensa, material teórico acadêmico e relatos de refugiados e migrantes ajudam a complementar ainda mais este trabalho acadêmico.

O uso de estatísticas e dados em pesquisas acadêmicas é algo bastante comum em diferentes áreas de conhecimento. No campo das humanidades, a utilização destas ferramentas é algo presente para atestar e reforçar as informações que se quer problematizar. O uso de citações de instituições oficiais e de órgãos ligadas à governos e entidades públicas, será importante para solidificar ainda mais o estudo sobre a situação das populações migrantes e refugiadas.

Historicamente o uso das estatísticas em pesquisas acadêmicas veio se consolidando ao longo do século XX e como afirma Martin (2001), hoje elas são fontes de informação que servem à ciência do registro, de conservação e de análise dos fatos:

Hoje a ideia de estatística remete à objetividade no sentido clássico ("é objetivo aquilo que é real, aquilo que constitui os fatos, independentemente de nossa percepção") e no sentido social ("objetivo é aquilo que é visto do exterior, que não é subjetivo, isto é, que não depende do ponto de vista de um indivíduo"). Hoje ainda, a atividade estatística, por seus procedimentos taxionômicos, por sua necessidade de identificar formas sociais estáveis, por sua construção de categorias de classificação, participa do conhecimento e da elaboração do social. Nem instrumento de mensuração no sentido clássico do termo, nem convenção perfeitamente arbitrária, a estatística é uma das formas de conhecimento do social; mesmo se, como todas as outras formas de saberes sobre o social, ela não pode se libertar de toda interação com o objeto estudado. (MARTIN, 2001, p. 31-32).

Como citado no início deste tópico, as informações estatísticas serão oriundas de três diferentes procedências. Referente aos órgãos oficiais, estes são entidades e instituições de âmbito internacional ou governamental. Para as pesquisas referente a refúgio e fluxos migratórios a nível global foi coletada informação de órgãos ligados a ONU, como o ACNUR, agência das Nações Unidas responsável pela situação das pessoas em situação de deslocamento forçado no mundo; a Organização Internacional para as

Migrações (OIM), que publica estudos referente as migrações pelo mundo; e do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), órgão das Nações Unidas responsável por estudos sobre deslocamentos humanos pelo mundo.

Referente a entidades e instituições de nível nacional a tese consultou material de órgãos ligados ao Governo Federal, com destaque para o CONARE, comitê responsável pela situação do refúgio no país; o IBGE, que é o principal órgão de estudos e estatísticas do país; o IPEA, que publica pesquisas sobre políticas públicas e programas de desenvolvimento; o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública e que produz estudos teóricos e empíricos sobre fluxos migratórios no Brasil e da Operação Acolhida, força-tarefa logística humanitária do Exército Brasileiro que atua na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Outra fonte são os grupos de estudos acadêmicos que apresentam trabalhos sobre estatísticas e levantamentos referentes a populações e deslocamentos, também importantes para o desenvolvimento da investigação. É o caso do Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas, que é uma unidade de pesquisa interdisciplinar e multidisciplinar na área de Demografia e Estudos de População. O pesquisador fez uma visita a biblioteca do NEPO, em fevereiro de 2023, consultando o acervo da entidade referente ao material de fluxos migratórios, com destaque para os diversos Atlas Temáticos organizados pelo NEPO, além de visitar outros acervos disponíveis na biblioteca que foram muito úteis para compreensão de dados referentes a população migrante e refugiada como pode ser visto no capítulo 6. Também foram feitas visitas a biblioteca do Museu da Imigração, em São Paulo, entre os anos de 2022 e 2023 onde foram consultados materiais e documentos históricos sobre refúgio no país e o acervo disponível de história oral.

Esta pesquisa tem além da questão do refúgio, o esporte como elemento central de estudo. Entidades internacionais como a Federação Internacional de Futebol (FIFA) que é a ordem máxima do futebol global, além do COI e IPC, que têm atuação e projetos na área do refúgio há alguns anos, também fizeram parte da consulta de material.

A causa do refúgio é um campo de atuação para muitas instituições com viés humanitário. É o caso da ONG PDMIG. Entidade criada pelos próprios refugiados, ela busca ajudar os deslocados forçados internacionais a conseguir se estabelecer no Brasil e ainda é a principal responsável pela organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes.

Inclusive, dois dos entrevistados para esta tese fazem parte da diretoria desta ONG que promove o evento.

A Igreja Católica no Brasil tem um trabalho de décadas no auxílio a refugiados que chegam ao país. Uma das paróquias mais conhecidas em acolher esses indivíduos é a Matriz Paroquial Nossa Senhora da Paz, localizada na Rua Glicério, número 225, no centro de São Paulo. Lá está sediada a Missão Paz, entidade ligada à Igreja Católica de apoio aos refugiados e migrantes que buscam por auxílio ou local para morar na capital paulista. Com vasta experiência neste campo, a Missão Paz promove suas ações através de cinco grandes eixos: a Casa do Migrante, espaço para acolher migrantes recém-chegados a cidade; o Centro Pastoral e Mediação dos Migrantes, que presta assistência documental e jurídica para migrantes; o Centro de Estudos Migratórios, que realiza pesquisas e estudos acadêmicos com essas populações; os Eixos Transversais, que promovem atividades de comunicação sobre o tema e a Igreja Nossa Senhora da Paz, que realiza missas para migrantes e refugiados em diversos idiomas.

Por fim, foi consultada outra entidade ligada à Igreja Católica e que atua há muito tempo na causa do refúgio do Brasil. A Cáritas Brasileira é uma das confederações de organizações humanitárias da Igreja Católica que presta auxílio para populações vulneráveis em todo o mundo. Em São Paulo, a instituição está localizada na Avenida Thomaz Edison, número 355, no bairro da Barra Funda. A entidade está presente no Brasil desde o ano de 1956 e teve grande incentivo de Dom Helder Camara que na época era Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Nesta pesquisa, materiais e citações da entidade sobre as políticas de refúgio no Brasil foram importantes para a construção do referencial teórico.

1.2. ANÁLISE DE DADOS

Este estudo se propôs a utilizar a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2008) como metodologia de investigação para dados coletados através de documentos, materiais acadêmicos e estatísticas. Para as entrevistas semiestruturadas optou-se pela análise do Discurso do Sujeito Coletivo, baseado nas teorias de Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre (2005; 2012), que é uma técnica de pesquisa onde busca-se analisar

depoimentos, que são colhidos de forma individual, e posteriormente, agrupados em discursos redigidos na primeira pessoa do singular, como se uma coletividade estivesse falando. As entrevistas foram gravadas, transcritas e estão disponibilizadas nos anexos.

1.2.1. Análise de conteúdo através do conceito de Bardin

A metodologia utilizada para analisar o material de mídia e estatístico será a análise de conteúdo, método desenvolvido por Laurence Bardin (2008), professora de psicologia da Universidade de Paris V e autora do clássico livro “Análise de Conteúdo”, na organização de tarefas e atividades a serem seguidas na realização da análise de dados qualitativos colhidos. De acordo com a psicóloga francesa, a análise de conteúdo é:

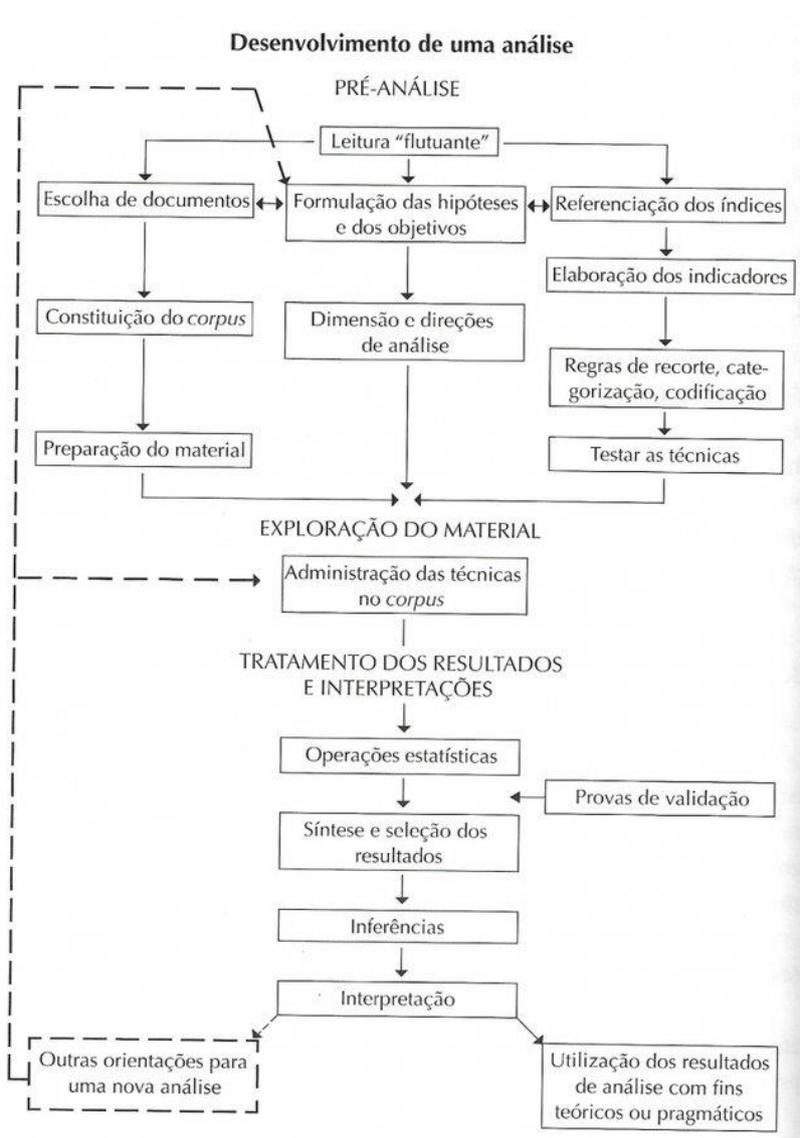
Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extracção de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 2008, p. 11).

Ou seja, a análise de conteúdo é um método para tratamento de dados, que nesta pesquisa são os documentos colhidos relativos as questões migratórias, sendo o material de mídia, dados e estatísticas.

A metodologia da análise de conteúdo de Bardin segue três etapas que foram utilizadas na produção da tese. As etapas são as seguintes:

- (i) pré-análise;
- (ii) exploração do material;
- (iii) tratamento dos resultados obtidos, a inferência e interpretação, como se pode ver abaixo (figura 1):

Figura 1 – Desenvolvimento de uma análise.



Fonte: BARDIN, Laurence (2008, p. 128).

A pré-análise é a fase de organização do projeto, embora aqui seja possível haver espaço para novos procedimentos no processo de análise, mas como recorda a autora, é necessário haver precisão em relação as ideias iniciais. De acordo com Bardin existem três missões nesta etapa a serem cumpridas pelo pesquisador que são: a escolha dos documentos que serão submetidos a análise; a formulação das hipóteses e dos objetivos; e por fim a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (BARDIN, 2008, p. 121). Esses fatores não se sucedem obrigatoriamente, mas sempre estão ligados

uns aos outros de alguma forma. Por exemplo, os documentos escolhidos para análise só serão selecionados caso tenham alguma relação com os objetos e hipóteses da pesquisa.

Inicialmente foi feita uma *leitura flutuante*⁶ com os documentos e textos que a pesquisa irá analisar. Neste caso, é realizada uma leitura sobre todo o material coletado que será dividido aqui em quatro grupos. O primeiro são os documentos oficiais e estatísticas referentes a questões de fluxos migratórios e refúgio, obtidos através de consultas aos sites e bibliotecas de órgão governamentais e internacionais, como o Governo Federal do Brasil, o ACNUR, entre outros. O segundo é a bibliografia teórica apoiada em conceitos e pensamentos de autores das ciências humanas, sociais e do esporte que se encaixam no que o projeto se dispõe a estudar. O terceiro é ancorado em materiais de mídia, como reportagens sobre a temática estudada que possam enriquecer o projeto com fatos documentados e registrados. Por fim, o quarto grupo são as entrevistas semiestruturadas que serão utilizadas para conceber de uma melhor forma o que os personagens ouvidos tem a acrescentar ao tema pesquisado. A leitura flutuante dos materiais mencionados acima foi de suma importância para o andamento da pesquisa, pois permitiu encontrar um vasto material para as investigações sobre migração, refúgio e estudos do esporte, além de terem sido importantes para as fases seguintes e, conseqüentemente, como a construção da parte escrita da tese.

Após essa leitura de todo o material que foi coletado vem a escolha dos documentos mais relevantes ao tema de pesquisa. Como foi proposto a discussão da questão do refúgio e dos fluxos migratórios, tema amplo e que sofre constantes mudanças, muitos documentos coletados acabaram sendo descartados ao longo da construção desta tese, enquanto outros foram vitais e sendo adicionados ao longo da produção do trabalho. Esse método é definido como *a posteriori* por Bardin, por serem referências coletadas para serem analisadas durante um determinado período. (BARDIN, 2008, p. 122).

Feita a leitura e a escolha dos documentos é preciso constituir um *corpus*. Segundo Bardin um *corpus* é “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, em escolhas, seleções e regras” (BARDIN, 2008, p. 122).

⁶ Por leitura flutuante, Bardin define esse termo como uma analogia a atitude do psicanalista em um contato inicial com um paciente, ou seja, trata-se de um primeiro contato com os documentos que serão essenciais para a pesquisa. (BARDIN, 2008, p. 121).

Ou seja, o *corpus* nada mais é do que o material bruto de tudo que foi coletado para análise. Através de toda esta coleta começa a construção do projeto. Porém, como alerta Bardin, é preciso obedecer às regras para o desenvolvimento da pesquisa que são a de exaustividade (onde não se deve omitir nenhum ponto); a de representatividade (se preocupando com as amostras universais); a de homogeneidade (quando os dados devem obedecer critérios precisos e serem colhidos por indivíduos semelhantes); a de pertinência (com os documentos tendo que se adaptar ao conteúdo e ao objetivo do estudo) e a de exclusividade (onde um elemento não pode ser classificado em mais de uma categoria).

Em seguida deve-se formular as hipóteses e os objetivos. Bardin define hipótese como uma afirmação provisória que nos propomos a verificar recorrendo aos procedimentos de análise que podem ser refutadas ou não ao fim do estudo. Já objetivo “é definido como a finalidade geral a que nos propomos a estudar”. (BARDIN, 2008, p. 124). No caso deste projeto, a hipótese é a questão de como é possível integrar e incluir refugiados na sociedade através das práticas de esporte e lazer. Objetivo é a questão do refúgio e dos fluxos migratórios ao Brasil no século XXI. Por fim, chega-se a última fase da pré-análise que é a preparação do material, onde começa-se a elaboração do projeto com todo o conteúdo pesquisado reunindo os documentos selecionados e o início da produção do texto.

A segunda etapa da análise de conteúdo de Bardin é a exploração do material, também conhecida como codificação. Aqui deve-se recortar as unidades de registro e de contexto. A unidade de registro pode ser uma palavra, um tema, um objeto, um personagem, um acontecimento ou um documento. No caso desta pesquisa optou-se por escolher um tema, no caso a integração social de refugiados na sociedade através das práticas de esporte e lazer. Materiais de mídia relativos à situação dos refugiados no Brasil, publicações referentes ao campo de estudos do esporte e estatísticas, dados e documentos coletados através de órgãos e entidades foram destacados para uma maior análise que fortaleceram a escolha do tema que é justamente mostrar como essas atividades esportivas podem ajudar nesse processo de integração.

Já a unidade de contexto serve para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro, como por exemplo, no caso desta tese, os problemas de inclusão que estes indivíduos encontraram na sociedade brasileira. Para compreender melhor estas questões, foi necessário fazer um levantamento histórico sobre as políticas de refúgio no

Brasil, principalmente no estado de São Paulo onde foi concentrada a pesquisa. Através desses números e dados pode-se compreender alguns dos motivos de o porquê dessa parcela da população continuar sofrendo com ações preconceituosas e discriminatórias como racismo, xenofobia e de aspectos culturais, como se comunicar em um novo idioma, por exemplo, que impactaram seu processo de inclusão na sociedade brasileira.

Por fim, a última etapa da análise de conteúdo de Bardin é o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, também conhecido como inferência. Segundo a autora a inferência “se apoia nos elementos que compõem o mecanismo clássico da comunicação, sendo de um lado a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; e por outro, o emissor e o receptor”. (BARDIN, 2008, p. 163).

Nesta parte foram compilados os resultados obtidos ao longo da pesquisa nas diferentes formas de coleta, onde será captado os dados levantados através de documentos e estatísticas de órgãos oficiais de caráter nacional e internacional e das reportagens colhidas através dos veículos de imprensa e as influências oriundas do referencial teórico dos autores. Basicamente trata-se de uma junção de todos os materiais reunidos, com exceção das entrevistas semiestruturadas que foram estudadas através da análise do Discurso do Sujeito Coletivo, que foram agrupados na forma já apresentada no sumário, com discussão teórica; seguido pela relação entre o campo do esporte e dos fluxos migratórios, os estudos das ondas migratórias de refugiados para o Brasil no século XXI e as dificuldades encontradas pelos refugiados e migrantes no país. Resumindo, é a fase final do processo de análise de conteúdo chegando assim próxima da versão final e definitiva do estudo.

1.2.2. Análise da coleta de pesquisa dos autores acadêmicos

Referente à análise de dados bibliográficos, foram consultados trabalhos de autores das diversas áreas que dialoguem com o tema a ser pesquisado conforme já citado no tópico 1.1.1. Através das leituras flutuantes conforme define Bardin (2008), será feita uma coleta de material destes pensamentos de autores clássicos e contemporâneos que serão adaptados aos temas investigados.

Uma teoria consultada por esta pesquisa para buscar uma compreensão sobre processo de integração da população refugiada no país, é dos “estabelecidos e os outsiders”, desenvolvida por Norbert Elias⁷ e John L. Scotson (2000). Este estudo se deu na comunidade Winston Parva, situada nos arredores de Londres, entre meados das décadas de 1950 e 1960. No experimento, a dupla de pesquisadores investigou aspectos de convivência social entre os dois grupos de moradores do local. Os mais antigos eram os estabelecidos, já os recém-chegados eram os outsiders. Mesmo com poucas diferenças econômicas, sociais e educacionais entre eles, os outsiders eram estigmatizados e menos valorizados pelos estabelecidos, que se sentiam superiores em relação a seus vizinhos por viverem na comunidade há mais tempo. Este fator temporal foi constatado por Elias e Scotson, que observaram que a comunidade mais antiga de Winston Parva utilizava esta posição hereditária para se impor frente os moradores mais novos, que muitas vezes temiam um confronto ou questionamentos frente aos estabelecidos. Comportamento semelhante que grupos migrantes tem em relação a comunidades nativas.

Trazendo esta metodologia para a realidade da pesquisa com refugiados, se investigou se ocorreu algum tipo de exclusão social por parte de um grupo dominante (no caso a população nativa) sobre o outro (refugiados e migrantes). Essa exclusão, que diretamente pode ser vista em atos racistas ou xenófobos, também pode ocorrer de forma mais sutil, por meio de comentários pejorativos sobre hábitos linguísticos e culinários, por exemplo, como relatado por alguns entrevistados. Através das entrevistas buscou-se observar se ocorreu algum tipo de comportamento desta natureza.

Outro ponto bastante importante para a pesquisa é o fator de identidade. Dois autores que trabalham bastante com a questão são Stuart Hall (2003) e Zygmunt Bauman (2005), pensadores que até hoje influenciam muitos autores contemporâneos sobre o conceito de identidade. Na opinião de ambos a identidade está sempre em mudança e se adaptando a realidade. Hall utiliza o termo híbrido alegando que a identidade jamais é fixa (2003, p. 432-433) e Bauman adota o termo líquido, onde a liquidez da identidade é um efeito da sociedade moderna já que ela é definida por escolha própria ou inflada por outros fatores (2005, p. 19).

⁷ Nascido em 1897 na cidade de Breslau, território do então Império Alemão, Norbert Elias foi um importante sociólogo e autor do clássico livro “Processo Civilizador”, publicado em dois volumes. Elias também é uma das referências para compreender sociologicamente o esporte e escreveu ao lado de Eric Dunning o livro “A Busca da Excitação”. Ele faleceu em 1990 em Amsterdã, nos Países Baixos.

Este conceito de uma identidade estar sempre em transição é algo bastante comum para refugiados. Obrigados a deixar seus locais de origem, estes indivíduos muitas vezes acabam indo viver em lugares completamente diferentes de suas antigas realidades. Trata-se de uma mudança extremamente radical e que irá fazer com que esta pessoa precise se adaptar e inserir na realidade da nova sociedade. Por isso, muitos acabam incorporando novos fatores identitários a suas personalidades, sejam hábitos culturais, novidades culinárias, experiências de gosto pessoal, entre outros. Um exemplo dessas mudanças identitárias é quando algum refugiado afirma sentir-se “um pouco ou totalmente brasileiro” após viver um período no país (CARARO; SOUZA, 2020. p. 54).

O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998) faz um questionamento interessante em seu livro “*A Imigração ou os paradoxos da alteridade*”. Tendo passado a maior parte de sua vida na França como um migrante oriundo de uma ex-colônia francesa, Sayad questionava essa questão de quem é que poderia ser considerado pertencente a nação, mesmo se este pertencimento fosse adquirido (SAYAD, 1998, p. 284-285). Trata-se de uma situação que se encaixa na questão dos refugiados e um tema que dialoga tanto com a teoria da política de reconhecimento de Charles Taylor (1994), quanto aquelas que analisam o conceito de identidade. Seu valioso trabalho sobre o campo dos estudos migratórios também será utilizado como referência ao longo desta tese.

Pensando na Copa dos Refugiados e Imigrantes, as equipes que representam as seleções nacionais destes refugiados seriam formas de comunidades imaginadas na figura dos times de futebol, semelhante ao conceito definido Anderson (2008). Através da modalidade esportiva eles podem encontrar algo em comum com seus compatriotas e estreitar ainda mais laços e redes de contato, fortalecendo essa comunidade imaginada. Isso sem falar no simbolismo de representar seu país de origem, o mesmo do qual eles tiveram que fugir um dia para sobreviver, algo bastante representativo e que foi citado por alguns refugiados entrevistados pela pesquisa.

A questão racial será abordada e estudada neste projeto. O Brasil ainda é um país que sofre com os resquícios do período da escravidão e tem um forte racismo estrutural, presente em diversas camadas da sociedade. Migrantes negros ou com um tom de pele mais escuro, costumam sofrer um duplo preconceito: o xenófobo e o racial. É comum ouvirmos histórias de refugiados de pele mais clara serem privilegiados em relação aos negros em igual situação. Trata-se de um comportamento global e visto também em outras

partes do mundo (MANTOVANI, 2022). Porém, no Brasil essa questão é bem acentuada devido ao histórico escravocrata, pelo fato de muitas vezes a questão racial não ser debatida pela sociedade e pelo mito da “democracia racial” ser colocado em pauta durante discussões sobre o assunto, indo de encontro com o argumento de Fanon (2008, p. 14) que afirma que “uma ideologia que ignora a prática do racismo, só acaba o apoiando e o fortalecendo”.

1.2.3. Análise da coleta das entrevistas semiestruturadas

Por fim, as entrevistas semiestruturadas foram uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados, através de um roteiro de perguntas pré-definidas e gravadas. Ao todo ocorreram dez entrevistas, sendo oito delas realizadas no formato presencial. As demais entrevistas aconteceram de forma remota, através da plataforma Google Meet. A razão destas conversas terem sido online se deram devido a dificuldades para se encontrar pessoalmente com o entrevistado pelo fato de o sujeito em questão não residir mais na cidade de São Paulo, local da investigação do trabalho. Os encontros presenciais também seguiram todos os protocolos de segurança recomendados pelas entidades de saúde devido aos resquícios da pandemia de COVID-19.

Todas as conversas, que foram gravadas em aparelho celular no formato mp3, tiveram média de 25 a 30 minutos cada. Os sujeitos entrevistados preencheram um documento de TCLE conforme as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Neste arquivo, que tem uma cópia enviada aos participantes anexada ao final deste trabalho, é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante de forma escrita, contendo as informações necessárias para o entrevistado compreender quais são os interesses e razões deste estudo acadêmico do qual o sujeito está participando.

Lembrando que todos os entrevistados nesta pesquisa estavam com sua condição de refúgio legalizada ou que haviam dado entrada na solicitação de refúgio seguindo as regras que a Lei nº 9.474/97, que define mecanismos para a implementação do Estatuto

dos Refugiados de 1951 (BRASIL, 1997) ou que fossem migrantes estabelecidos no Brasil de forma legal, portadores de um Registro Nacional do Estrangeiro (RNE) e que estivessem dentro das normas da Lei nº 13.445/17, conhecida como Lei de Migração, que dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante no país (BRASIL, 2017).

Para compreender as entrevistas, utilizou-se o método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo, conforme pesquisa desenvolvida por Lefevre e Lefevre (2005; 2012). Nesta metodologia:

[...] visa-se resgatar representações sociais e preservar as dimensões individuais e coletivas de forma articulada, além de descrever e expressar uma determinada opinião ou posicionamento sobre um tema presente numa dada formação sociocultural. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 23).

O Discurso do Sujeito Coletivo permite ainda que se conheça os pensamentos, representações e valores de uma coletividade sobre um determinado tema, utilizando-se de métodos científicos para atingir estes resultados. No caso deste estudo, ouvindo refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes que estejam envolvidos com a Copa dos Refugiados e Imigrantes, os discursos mostram as convergências e divergências destes indivíduos referente as dificuldades encontradas em suas migrações e no processo de inclusão e integração social através do esporte.

Como bem aponta Lefevre e Lefevre (2012, p. 24-25), o Discurso do Sujeito Coletivo tem como proposta fazer o pensamento coletivo falar *diretamente através da primeira pessoa do singular*.⁸ Essa metodologia busca instituir um sujeito capaz de incorporar nele o discurso do pensamento coletivo e estender esta fala direta, fazendo “a coletividade se expressar na primeira pessoa do singular ilustrando o funcionamento das representações sociais” (FIGUEIREDO; CHIARI; GOULART, 2013, p. 131).

A escolha por esta metodologia de pesquisa se deu devido ao fato da comunidade de refugiados e solicitantes de refúgio ser paradoxal, tendo semelhanças na questão jurídica e humanitária, e diferenças nos aspectos culturais, raciais, religiosas e sociais. Pessoas em situação de refúgio acabam se vendo como semelhantes em meio a

⁸ Grifos do autor.

dificuldades, chegando a criar vínculos entre si e formar uma espécie de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008, p. 32). O fato de estarem em uma situação de constante incerteza, ajuda a reforçar suas identidades migrantes como será detalhado no capítulo a seguir. Dessa forma, entendeu-se que o Discurso do Sujeito Coletivo, pelo fato de reunir uma coletividade foi a melhor estratégia encontrada para ouvir este grupo de indivíduos, como bem aponta Lefevre e Lefevre:

Em termos metodológicos, o pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo que no grupo, uma vez que o pensamento coletivo é a presença, internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente compartilhado. Para obter o pensamento coletivo, é preciso, então, convocar os indivíduos, um a um, o universo ou uma amostra representativa de uma coletividade, para que cada indivíduo possa expor seu pensamento social internalizado, livre da pressão psicossocial do grupo, e para que o conjunto dessas individualidades opinantes possa representar, sociológica e estatisticamente, uma coletividade. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 20)

Para resgatar essas opiniões, o Discurso do Sujeito Coletivo desenvolve um processo que consiste em analisar o material verbal coletado, extraindo destes depoimentos as ideias centrais, ancoragens e suas correspondentes expressões-chaves até se chegar ao Discurso do Sujeito Coletivo propriamente dito (FIGUEIREDO; CHIARI; GOULART, 2013, p. 132).

Segundo Lefevre e Lefevre (2005, p. 21-22), são quatro operações a serem feitas. Primeiramente seleciona-se as expressões-chaves dos materiais, que são os depoimentos colhidos nas entrevistas. São os pontos essenciais que a pesquisa procura analisar. No caso desta tese a escolha pelo refúgio ou migração para o Brasil, as dificuldades encontradas no aspecto de documentação e adaptação e se as atividades de esporte e lazer, com ênfase na Copa dos Refugiados e Imigrantes, ajudou no processo de inclusão e integração destes indivíduos na sociedade.

Em seguida deve-se extrair as ideias centrais que buscam revelar e descrever, de forma mais precisa possível, os sentidos presentes nos depoimentos e no conjunto de respostas dos indivíduos, que tenham aspectos semelhantes ou que complemente uma outra resposta. Nesta fase o pesquisador precisa descrever o sentido das declarações sem

interpretá-las, tendo que ser o mais sintético possível respeitando a resposta dada pelo entrevistado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 87-88).

O próximo passo é analisar as ancoragens que assim como as ideias centrais são fórmulas sintéticas, mas não descrevem o sentido e sim as ideologias, valores e crenças presentes no material colhido através das entrevistas. No caso desta tese seriam as falas que cada indivíduo ouvido expressou ao, principalmente, contar suas experiências pessoais de deslocamento e de se adaptar a um novo país, demonstrando emoções e em alguns pontos, críticas a burocracia política na questão de documentação. Juntando os três primeiros passos chega-se ao quarto e último ponto, o Discurso do Sujeito Coletivo propriamente dito.

Buscou-se através destas entrevistas obter um maior entendimento sobre suas próprias experiências de vida e do processo da obtenção de refúgio no Brasil, bem como compreender como as atividades de esporte e lazer foram importantes em suas trajetórias. Obter estes depoimentos também foi importante para compará-los e confrontá-los com os materiais teóricos colhidos através das leituras e dos dados oficiais registrados.

Por fim, as entrevistas com estes sujeitos também foram importantes para dar voz a pessoas centrais na pesquisa e de certa forma colaborar para a difusão da causa para trabalhos acadêmicos sobre refúgio no Brasil.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

Como apresentado no capítulo anterior, esta tese utilizou como revisão bibliográfica o trabalho de pesquisadores de quatro campos majoritários: migração, refúgio, identidade e esporte. Com exceção do esporte, que terá um destaque à parte nesta tese, os demais serão apresentados aqui e será feita uma leitura relacionando o pensamento destes intelectuais com a temática proposta.

Um dos assuntos mais abordados e discutidos na sociedade atual, a migração vem despertando novas pesquisas e trabalhos sobre seus desdobramentos, que envolvem muito mais do que um deslocamento humano pelo mundo e acaba sendo objeto de análise em diversos campos acadêmicos, indo desde a economia até a situação climática. Nas ciências humanas e sociais existem trabalhos que dialogam com esta pesquisa, como as produções de Sayad (1998; 2000), Baeninger (2015) e Baeninger et al (2013; 2020), por exemplo. A leitura bibliográfica feita neste capítulo buscará justamente traçar uma relação entre esses estudos com a temática desta tese.

A questão do refúgio é um tema central desta pesquisa e busca-se compreender como os conceitos teóricos deste amparo humanitário, como os trabalhos de Aguiar (2021), Moreira (2014), Jubilut (2007) e Claro (2020), por exemplo, podem ser vistos na prática através da realidade vivida pelos refugiados no Brasil, inclusive a dos indivíduos que foram ouvidos nesta tese através das entrevistas semiestruturadas. O uso da literatura sobre este assunto também será muito importante para compreender como questões de integração social, inclusive através das práticas esportivas e de lazer, podem ser úteis para a população refugiada no Brasil.

Por fim, o conceito de identidade, principalmente de autores como Hall (2003; 2014) e Bauman (2001; 2005; 2007) que a consideram como algo híbrido e líquido, respectivamente, moldam-se as situações de vivência dos indivíduos,⁹ além de também

⁹ Hall define que a identidade está sempre em constante mudança, não sendo fixa. Ele utiliza o conceito de hibridiz para afirmar que a identidade pode constituir um 'posicionamento' devido fatores históricos e culturais (HALL, 2003, p. 432-433). Bauman também compreende a identidade como algo fluante. Ela a vê como sendo líquida, dentro do famoso conceito de liquidez criado pelo autor. Para Bauman, a identidade se molda no consciente das pessoas, por escolha própria ou por fatores externos (BAUMAN, 2005, p. 19). Ambos os teóricos entendem ainda que pode haver uma influência da cultura nacional ou local na identidade de migrantes.

mencionar a relação entre identidade e esporte. E este é justamente o caso dos migrantes e refugiados, que vão adicionando as suas identidades características dos novos locais onde passam a viver. Trata-se de um comportamento comum e natural, já que ao longo da história povos e indivíduos sempre buscaram assimilar e moldar aspectos a suas personalidades. E no caso destes migrantes isso não é diferente.

2.1. MIGRAÇÃO

Um dos hábitos adquiridos pelo ser humano ao longo dos tempos foi o ato de migrar. De acordo com Martins (p. 22-23, 2001) os migrantes vagueiam pelo mundo em busca de melhores condições de vida e trabalho, atingindo várias regiões do planeta que se tornam geradoras ou receptoras destes deslocados forçados. Esse comportamento foi se intensificando com o passar dos tempos e continua presente em nossa sociedade contemporânea. Segundo números do DESA ao fim de 2020 existiam 281 milhões de pessoas vivendo fora do país onde nasceram (DESA, 2021, p.1), um número que cresce a cada ano.

A migração ao longo da história foi algo que se tornou bastante extenso e complexo, já que envolve diferentes motivos que levaram populações a se movimentar pelo mundo. Fuga de ameaças externas como animais ferozes ou povos vizinhos, evasões devido a desastres naturais, viagens em busca de caça para se alimentar e posteriormente a procura por locais estáveis para plantação, após o *homo sapiens* conseguir dominar as técnicas agrícolas foram fatores que fizeram o ser humano tornar-se um ser nômade, se espalhando pelos quatro cantos do mundo, se adaptando a estes novos ambientes e criando civilizações, idiomas e culturas.

Como visto, migrar é parte do comportamento humano. Mais do que isso, é um direito da humanidade como consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Paris, no dia 10 de dezembro de 1948. O artigo de número 13 da carta afirma que:

Article 13 - 1. Everyone has the right to freedom of movement and residence within the borders of each State. 2. Everyone has the right to

leave any country, including his own, and to return to his country (UNITED NATIONS, 1948).¹⁰

Em um mundo altamente globalizado como o atual, estes deslocamentos se tornaram algo perceptível aos olhos da sociedade e muitas vezes são encarados como um problema ou ameaça por autoridades políticas em busca de votos e apoio de cidadãos antimigração. Durante a edição de 2023 da Cúpula Demográfica de Budapeste, evento promovido pelo governo de extrema-direita do primeiro-ministro húngaro Viktor Orban, a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni afirmou que “a imigração não resolverá a crise demográfica na Europa e que cabe aos cidadãos europeus a solução para a crise do sistema de bem-estar social europeu” (VEJA, 2023), em um claro posicionamento contra os fluxos migratórios ao continente. Comportamentos extremistas como os de Meloni colocam refugiados como “fugitivos”, reforçando comportamentos xenófobos e estereótipos (IMDH; FICAS; MIGRAMUNDO, 2019, p. 7-10).

Além disso, existe a questão de que algumas nacionalidades “valem mais do que outras”, já que existe um ranking de passaportes onde os mais valiosos são de Estados mais ricos (SCEGO, 2019, p. 130-131). Curiosamente, os países que mais exportam mão de obra para os países ricos e desenvolvidos são oriundos do Sul Global, de Estados pobres ou em desenvolvimento, que tem os passaportes menos valiosos. Como disse certa vez a escritora ítalo-somali Igiaba Scego (2019, p. 124), “viajar é um direito exclusivo do norte e se você nasceu do lado errado do planeta, nada lhe será concedido”.

Como já apresentado no início deste capítulo, a agência da ONU responsável por coletar os números de deslocamentos internacionais é o DESA. Tendo como função primordial a responsabilidade pelo acompanhamento das principais cúpulas e conferências das Nações Unidas e auxiliar Estados no enfrentamento de seus desafios econômicos, sociais e ambientais, o departamento realiza periodicamente um levantamento sobre migrações internacionais. E os números mostram que esses fluxos crescem anualmente. No início deste século, em 2001, havia cerca de 175 milhões de

¹⁰ Artigo 13 - 1. Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2. Toda a pessoa tem o direito de sair de qualquer país, incluindo o seu, e de regressar ao seu país. (NAÇÕES UNIDAS, 1948). Tradução livre em português.

peças vivendo fora de seu país de origem (UNITED NATIONS, 2003), contra 281 milhões registrados no último levantamento do órgão em 2020.

O relatório *International Migration Report 2002*, produzido pelo DESA no começo deste milênio em 2003 (UNITED NATIONS, 2023), apontava que “a migração internacional era uma questão global para o século XXI” e que o número de migrantes havia mais do que dobrado desde 1975, sendo que 60% dos migrantes do mundo residiam nas regiões mais desenvolvidas e outros 40% nas regiões menos desenvolvidas, demonstrando que os países ricos comportavam a maior parte destes indivíduos, que na maioria das vezes eram trabalhadores em busca de melhores condições de vida

Passadas mais de duas décadas deste levantamento, o número de migrantes em direção aos países mais desenvolvidos continua em expansão. Estes trabalhadores muitas vezes acabam sendo vistos como algo passageiro e que só estão em um determinado país para cumprir com sua missão, não como parte da sociedade. Para Sayad (1998) esse comportamento se deve ao fato de um migrante ser apenas o que é devido ao trabalho:

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida. [...] Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Na visão de Sayad o migrante existe apenas porque há trabalho e se precisa dele para executar essas funções que normalmente são ocupações de baixa remuneração, principalmente no setor de serviços e na indústria. Porém, nas palavras do autor é preciso diferenciar o migrante do estrangeiro, pois representam categorias diferentes devido suas condições sociais e econômicas já que:

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois

que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social. (SAYAD, 1998, p. 243).

Silva (2005) aponta que um migrante e seu trabalho não podem ser analisados de forma abstrata, associando-os apenas a fluxos migratórios e deslocamentos. A pesquisadora entende que a migração é um processo social e que os migrantes são agentes deste processo e que se deve-se entendê-los como categoria histórica, compreendendo que estas pessoas podem ser consideradas sob duas óticas que vão definir sua identidade individual e social. Ainda segundo a autora, fatores econômicos não são a única forma de se analisar a questão migratória e os indivíduos envolvidos nela:

[...] inicialmente, o migrante trata-se de um(a) trabalhador(a) produzido(a) no bojo de determinadas relações sociais, as quais, muitas vezes, resultam de processos de violência e expropriação. Essa situação remete à análise das condições históricas responsáveis por esses processos; em seguida, o migrante insere-se em uma realidade social, definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias, etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. (SILVA, 2005, p. 53-54).

Sayad (1998, p. 55) afirma ainda que o próprio migrante não tem sentido em existir em uma sociedade se não há trabalho, e que ser migrante e estar desempregado seria um paradoxo já que haveria uma dificuldade em conciliar objetos inconciliáveis: desemprego e migrante, já que o trabalhador só existe pelo trabalho.

Ou seja, um migrante sem ocupação torna-se um problema social, afinal, trata-se de um indivíduo estrangeiro e que teoricamente terá muito mais dificuldade para se estabelecer no mercado de trabalho, mesmo que consiga criar laços sociais e afetivos. E em um mundo totalmente globalizado com altos fluxos migratórios registrados diariamente, cria-se no senso comum a sensação distorcida de que há muito mais migrantes na sociedade do que realmente existem.

Essa percepção equivocada no subconsciente coletivo, de que o país está sendo “invadido” por estrangeiros e que é necessário impor limites, é possível de ser vista em pesquisas recentes. Realizada pelo Datafolha entre os dias 18 e 19 de dezembro de 2018, a pesquisa intitulada “*O Brasil deve controlar mais a entrada de imigrantes?*” colheu a

informação de que 67% dos entrevistados afirmavam que eram favoráveis a uma adoção mais rigorosa da entrada de migrantes e refugiados no Brasil (MANTOVANI, 2018).

Essa percepção também é utilizada com frequência pela extrema-direita política na Europa, que utiliza a população migrante no continente como bode expiatório para problemas políticos, econômicos e sociais. Segundo números do Escritório Europeu de Estatísticas (Eurostat), estima-se que dos 37,4 milhões de migrantes que vivem na União Europeia, 13,7 milhões desses estrangeiros são de cidadãos europeus que apenas moram em outro Estado no continente devido as regras do Acordo de Schengen, que permite a livre circulação de cidadãos entre os países que ratificaram esse tratado na década de 1980 (EUROSTATS, 2023).

Porém, partidários de legendas extremistas no continente europeu utilizam a pauta migratória para espalhar desinformação e medo através da estratégia que Empoli (2020, p. 136) chama de “decalque ou transferência emocional”, onde através da raiva e do medo vende-se a solução para resolver problemas migratórios. Porém, esse comportamento de repulsa ao estrangeiro se repete em diversas partes do mundo, gerando debates e atos xenófobos. Soma-se a essa situação o fato de que muitos migrantes se estabelecem no novo país e não retornam para casa. Como aponta Sayad (1998, p. 67), “uma migração de trabalho sempre acaba se transformando em uma migração de povoamento”. Ao longo da história diversos deslocamentos deste tipo ocorreram com trabalhadores que eram enviados para um determinado local onde atuavam em uma atividade específica, muitas vezes com auxílio do governo anfitrião, ou que se aventuravam em busca de melhores condições de vida, mas que após um período eram obrigados a voltar para casa (FREITAS, 2022b, p. 55-56).

A ida dos primeiros cidadãos da França para a Argélia entre o século XIX e XX, incentivada pelo então governo francês, é um exemplo desse deslocamento em busca de ascensão econômica. Com a dominação e oficialização do território argelino em colônia francesa no ano de 1830 e posteriormente a transformação do espaço em departamento da França em 1848, centenas de milhares de franceses com apoio do governo foram para o norte da África em busca de riqueza e de olho nas terras férteis do litoral argelino, tomadas a força da população local (YAZBEK, 2010, p. 28-29). O período colonial francês na Argélia foi marcado por uma intensa política assimilacionista, já que além da usurpação de riquezas o Império Francês impôs aos nativos seus hábitos culturais, seu

idioma e obrigou os homens a integrar seu exercício nas duas guerras mundiais (CALVET, 2017, p. 28; GULLEY, 2018, p. 3).

Esse comportamento autoritário dos franceses fez com que surgisse uma forte resistência local ante o colonialismo. Movimentos argelinos se organizaram para expulsar as forças francesas e lutar pela independência, indo de encontro ao pensamento de Fanon que afirmou que o “homem colonizado liberta-se na e pela violência” (FANON, 1968, p. 66). A guerra de independência, conhecida por sua violência excessiva, também gerou um forte ressentimento entre a população berbere nativa e os colonos franceses, conhecidos como *pied-noirs*.¹¹ Esses colonos ocuparam o território argelino por mais de um século, e muitos deles retornaram para a França ao fim da guerra acumulando riqueza, poder e influência após décadas de colonização (FREITAS, 2021b, p. 34).

Outro caso é o dos trabalhadores turcos que migraram para a Alemanha no período pós-II Guerra Mundial para ajudar na reconstrução e desenvolvimento do país. Eles tinham visto temporário de trabalho e não podiam trazer consigo seus familiares. Porém, devido ao alto custo de treinar novos trabalhadores, o governo alemão acabou permitindo que esses operários mais antigos e já adaptados ao país se estabelecessem e trouxessem suas famílias, transformando essa migração temporária em uma migração permanente e de povoamento (FREITAS, 2017, p. 38-39).

Mais recentemente há o caso da Copa do Mundo de futebol masculino realizada em 2022 no Catar. O pequeno país da península arábica é um dos menores do mundo em termos de população e área. Mesmo assim foi escolhido país sede do evento futebolístico pela FIFA em 2010. Para abrigar um megaevento deste porte, que recebeu 32 delegações e outras milhares de pessoas entre jornalistas, turistas e autoridades, foi necessário importar mão de obra para trabalhar nas construções dos novos estádios e demais obras de infraestrutura em mobilidade urbana e rede hoteleira.

O governo catari recorreu a mão de obra estrangeira, importando trabalhadores em sua grande maioria oriunda do continente asiático, de países como Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Sri Lanka. O visto de trabalho era temporário e havia sérias restrições aos migrantes como apreensão de passaporte e parte dos salários retidos, por

¹¹ O termo *pied-noirs* em português significa pés negros. Os colonos franceses recebiam esse apelido porque estavam pisando no continente negro, a África. (FREITAS, 2021b, p. 34).

exemplo, seguindo os códigos de funcionamento do Sistema Kafala, o sistema trabalhista do país que é baseado principalmente no acordo contratual entre empregador e empregado. (FREITAS, 2023, p. 64-65; BETTINE, 2022, p. 28). De acordo com Anistia Internacional ocorreram diversas denúncias de trabalho escravo, com jornadas abusivas de trabalho, péssimas condições de moradia para os migrantes e abusos psicológicos. A mídia ocidental afirmou que mais de 6,5 mil mortes de trabalhadores teriam ocorrido nas obras para o Mundial e que muitas delas teriam sido abafadas pelo governo e mídia local, que alegaram haver um “superfaturamento” no número de óbitos (BBC NEWS BRASIL, 2022). Após a conclusão das obras parte desses trabalhadores foi enviada de volta para seus países.

Com a evolução tecnológica e menores tempos de deslocamento nas viagens, os migrantes atuais conseguem retornar com mais facilidade para seus lugares de origem, seja para revisitar seu passado, ou para voltar definitivamente. Mas, ainda assim existem os que optam por permanecer em seu novo local por diferentes razões. Muitos migrantes desenvolvem um sentimento de afeição em relação a seu novo destino como identificação, pertencimento e reconhecimento. Após muito tempo residindo em um novo local, já adaptado ao cotidiano e com uma família constituída, migrantes optam por permanecer onde estão e entendem que é difícil retornar algum dia para sua terra natal.

Para Fenton (2003) muitos migrantes deixam sua terra natal com uma expectativa de retorno, porém, devido as circunstâncias acabam ficando, mesmo ainda tendo intenções de regressar no que ele define como “mito do retorno”:

Os factores que favorecem a decisão de ficar começam a ganhar peso: se há filhos, cedo se encontrarão a meio ciclo educativo; a geração migrante pode ver poucas oportunidades de regresso; podem igualmente ouvir de alguém que tenha regressado que as coisas mudaram irremediavelmente desde a última vez que aí estiveram, geralmente tornando o cenário menos atraente. Alterações nas leis e nos procedimentos de imigração podem também influenciar à permanência no local onde se encontram; se decidirem regressar ao país de origem podem não poder voltar ao país de imigração, caso se decepcionem. (FENTON, 2003, p. 151-152)

Essas questões levantadas por Fenton (2003) vão de encontro com o que alguns migrantes afirmam quando questionados sobre a possibilidade de retornar para casa algum dia. É a situação da refugiada sérvia Drágica Stefanovic. Vivendo há mais de 30

anos no Brasil, ela chegou a retornar ao país natal, mas sentiu-se como uma estranha com tudo o que vivenciou em seu retorno:

“As coisas mudaram. Na verdade, não foram as coisas; eu mudei, minhas filhas mudaram, acho que por causa das dificuldades que passamos, e a vida da minha família continuou na mesma. Temos uma visão diferente de mundo, somos sobreviventes”, conta. Regressar, para ela que há menos de dez anos nem cogitava essa possibilidade foi estranho: uma sensação de não pertencer nem lá nem cá, de estar pela metade nos dois lugares. (CARARO; SOUZA, 2020, p. 176).

De fato, viver por muitos anos em um novo local acaba afetando a identidade do migrante. Trata-se de algo comum seja em deslocamentos externos, quanto internos. Praticamente qualquer pessoa conhece alguém que já tenha passado por esta situação. E é bastante comum ainda que deslocados forçados externos ou internos voltem para seu país ou sua cidade em algum momento da vida, mas não conseguem se reestabelecer ou se identificar com seu local de origem devido as mudanças pelos quais sua terra natal passou.

Sayad afirma que esse “choque nostálgico” também é um dos motivos para que alguns migrantes não retornem para suas origens, já que o tempo e o espaço não caminham juntos:

Em verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado, descobre-se que ele não é a solução; não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares, e os homens que se deixou, tal qual se os deixou. (SAYAD, 2000, p. 12).

Atualmente existem muitos migrantes que se mudaram de forma permanente e jamais regressaram. Apenas para citar alguns exemplos, a União Europeia contabilizou em 2021 que a população migrante nos países que compõem o bloco econômico é de 37,4 milhões, como já citado acima, em uma população de 447,2 milhões de pessoas (EUROSTATS, 2023). Já o American Immigration Council, serviço migratório americano, contabilizou em 2019 aproximadamente 44,9 milhões de migrantes vivendo no país que tinha na época 328,3 milhões de habitantes, cerca de 14% da população total (AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL, 2021). Logicamente, trata-se de números

oficiais, já que existem outras centenas de milhares de migrantes em situação irregular residindo nestes locais.

Com o avanço da globalização na segunda metade do século XX, migrações de contexto educacional tornaram-se cada vez mais frequentes como cursar uma universidade no exterior ou realizar curtos intercâmbios com alunos de diversas faixas etárias. Entidade da ONU responsável por contribuir para a paz e segurança no mundo através da educação, ciências naturais, ciências sociais, ciências humanas e das comunicações e informação, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) registra periodicamente o número total de estudantes com mobilidade internacional no ensino superior. De acordo com a entidade, em 2017 existiam 5,3 milhões de alunos estrangeiros em universidades no exterior. Trata-se de um aumento bastante expressivo já que este número era de 2 milhões em 1998 e 4,1 milhões em 2010 (OECD, 2019, p. 229; GIRARDI, 2015, p. 27).

Outro bom exemplo é o campo do esporte profissional, bastante lembrado quando pensamos em uma migração definitiva. As grandes transferências internacionais no futebol masculino ou a mudança de atletas para viver e treinar em locais que oferecem melhores estruturas de treinamento são exemplos de migração voluntária em busca de melhores condições, algo que se tornou cada vez mais comum nos tempos atuais de grandes fluxos migratórios, onde o atleta se transforma em um trabalhador que vai em busca de mercado para vender sua mão de obra qualificada (RUBIO, 2017, p. 58).

No caso brasileiro, o Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça, permite que um estrangeiro pode permanecer no país por até seis motivos: (i) concessão de permanência definitiva a asilado ou refugiado; (ii) concessão de permanência ao titular de visto temporário na condição de professor, técnico ou pesquisador de alto nível e cientista estrangeiro; (iii) concessão de permanência ao estrangeiro que perdeu a condição de permanente por ausência ininterrupta por período superior a dois anos; (iv) concessão de permanência definitiva, com base em cônjuge brasileiro (a) ou filho (a) brasileiro (a); (v) concessão de permanência definitiva, com base em reunião familiar; (vi) transformação do registro provisório em permanência definitiva (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2023).

Devido a pandemia do COVID-19 houve uma queda no número total de deslocamentos externos no ano de 2020. O relatório anual do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA, 2021) apontou que neste ano, o surto de coronavírus afetou drasticamente todas as formas de mobilidade humana, principalmente as migrações internacionais, devido ao fechamento de fronteiras nacionais e interrupções em viagens, adiando e cancelando planos de centenas de milhares de pessoas ao redor do mundo:

Hundreds of thousands of migrants were stranded, unable to return to their countries, while others were forced to return to their home countries earlier than planned, when job opportunities dried up and schools closed. (DESA, 2021, p. 1).¹²

Esses obstáculos não interromperam os deslocamentos pelo mundo e nem fizeram com que os refugiados desistissem de chegar aos países mais desenvolvidos arriscando suas vidas. Apenas demonstra como esse comportamento presente desde o início da humanidade é algo contínuo e natural.

2.2. O BRASIL E AS MIGRAÇÕES

Entre a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI, as migrações foram responsáveis por reorganizar a população no território brasileiro. Neste período o Brasil passou por processos de industrialização e urbanização em grandes cidades, maior investimento em áreas marcadas por serem polos de saída de indivíduos e um crescimento recente nos fluxos migratórios de retorno, causando uma intensa rotatividade migratória (BAENINGER, 2015, p. 10-11).

Entre as décadas de 1940 e 1980 o êxodo rural se consolidou no território nacional, com a população urbana saltando de 12,8 milhões (15% da população total) para 80,5 milhões (51% da população total) em apenas 40 anos. No mesmo período a população rural teve uma queda em números relativos de 68,7% para 32,4% (RIBEIRO, 1995, p.

¹² Centenas de milhares de migrantes ficaram retidos, incapazes de retornar aos seus países, enquanto outros foram forçados a retornar aos seus países de origem antes do planejado, quando as oportunidades de emprego secaram e as escolas fecharam. (DESA, 2021). Tradução livre em português.

198; SANTOS, 1993, p. 69). Este êxodo rural brasileiro foi um dos maiores do mundo em número total e bastante expressivo proporcionalmente. Metrôpoles como São Paulo e Rio de Janeiro sofreram um agigantamento demográfico e intensa expansão, que gerou um aumento de moradias precárias principalmente nas periferias destas cidades que se expandiram sem planejamento, ou como define Ribeiro (1995, p. 198-200), “uma urbanização caótica”.

O deslocamento interno com destaque no êxodo rural acompanhou o processo de industrialização nacional. Com uma indústria cada vez maior e necessitando de mão de obra para seguir crescendo, este processo migratório foi intensificado e incentivado. Buscou-se mudar o status do Brasil, de um país agrário para um Estado industrializado. Entre os Censos de 1940 e 2000, com seis décadas de intervalo, a população brasileira em áreas urbanas saltou de 31,3% para 81,2%, transformando de vez o Brasil em um país urbanizado (IBGE, 2007). Santos (1993, p. 69) descreve esse movimento como “revolução urbana brasileira”, gerando uma urbanização concentrada nos maiores centros urbanos. A grande maioria dessas pessoas migrou para trabalhar nas grandes metrôpoles em busca de melhores condições sociais e econômicas.

O trabalho e os estudos são as principais razões para este tipo de fluxo migratório. Segundo levantamento do IBGE no Censo de 2010, cerca de 1,7 milhão de pessoas se deslocavam diariamente entre os municípios da grande São Paulo para estudar ou trabalhar (IBGE, 2010). Inclusive, indivíduos oriundos de cidades fora da zona metropolitana, como Santos ou Campinas, a respectivamente 75 km e 96 km distantes da capital, também costumam realizar este deslocamento.

Parte desses movimentos se dão devido a segregação socioespacial presente nas grandes metrôpoles. Também conhecida como segregação urbana, esse processo teve início com a expansão das grandes cidades brasileiras a partir da década de 1950 e:

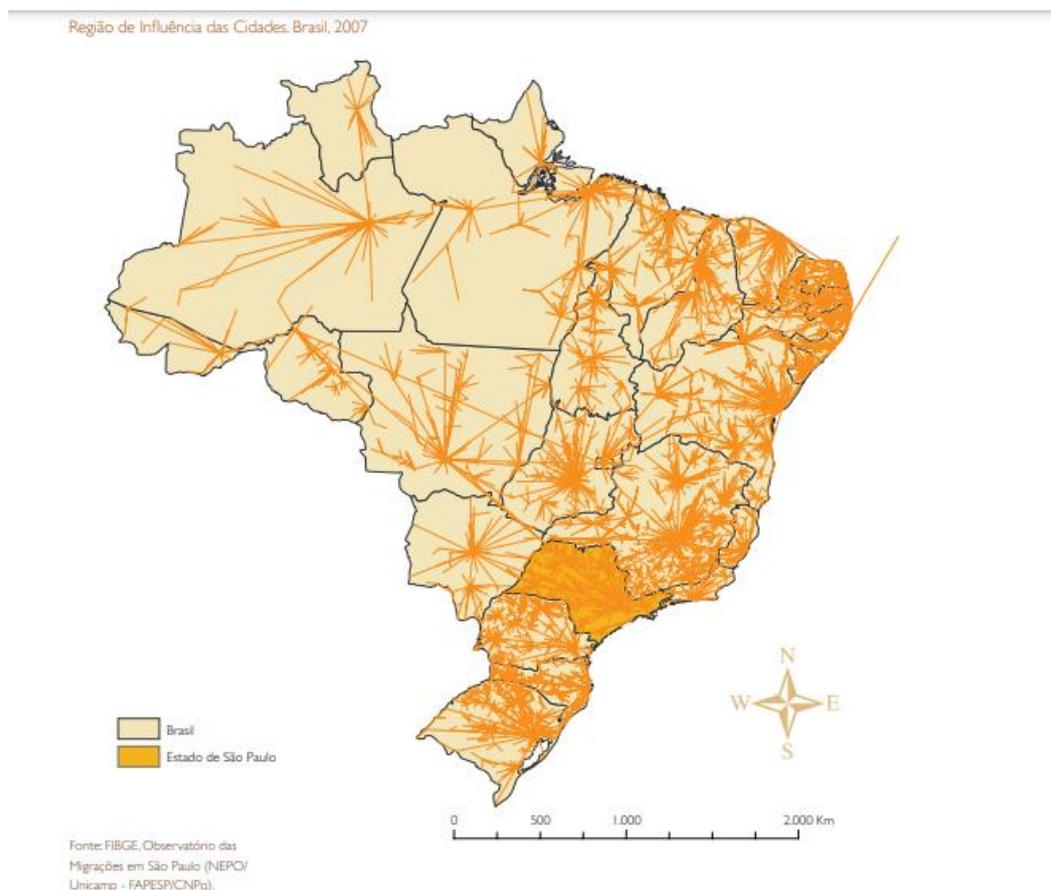
[...] difundindo uma economia urbana industrial, provocou um aumento intenso da população, acirrando progressivamente o processo de segregação socioespacial. Tal processo foi constantemente agravado pela interferência dos agentes que compõe a produção do espaço urbano (o estado, os agentes imobiliários, os movimentos sociais, entre outros), separando as classes sociais e dando origem a diferentes lugares que são marcados pelo acesso distinto aos direitos e as oportunidades. Assim, as contradições no processo de produção das cidades e as diferenças espaciais que se reproduzem em uma sociedade baseada em classes, se materializam no espaço. (CAVALCANTI; ARAUJO, 2017, p. 142).

Devido as condições socioeconômicas desiguais que imperam nas grandes metrópoles brasileiras, esta segregação torna-se uma realidade cada vez mais comum e presente no cotidiano, onde a população mais carente é empurrada para áreas mais distantes e periféricas. Com isso necessita-se realizar deslocamentos pendulares diariamente para estudar ou trabalhar. Segundo Villaça (2011, p. 37) a segregação “é a mais importante manifestação espacial-urbana da desigualdade na sociedade brasileira”, pois é condizente com o enorme desnível que existe entre o espaço urbano dos mais ricos e o dos mais pobres.

Este movimento massivo em direção a áreas urbanas provocou uma mudança na característica dos indivíduos brasileiros, principalmente os marginalizados, que Ribeiro chama deculturação, termo que seria quando uma população é tirada de sua origem e forçada a conviver em outro ambiente, abandonando sua cultura original e seus modos de interação com o ambiente. Para o antropólogo, o êxodo rural contemporâneo pode ser equivalente a deculturação do passado contra africanos, povos originários e europeus, por marginalizar ainda mais uma população historicamente pobre e que sempre esteve à margem da sociedade (RIBEIRO, 1995, p. 205-206).

Esta contínua mudança de perfil migratório mostra como os fluxos mudaram ao longo dos anos devido aos fatores citados acima. Pode-se ver isto na imagem abaixo de 2007 (figura 2), que mostra essas heterogêneas modificações das ondas migratórias pelo Brasil. Na imagem percebe-se uma grande movimentação em direção as capitais estaduais, algo bastante comum na história dos deslocamentos internos, mas nota-se também muitos movimentos em direção as regiões do interior de alguns Estados.

Figura 2 – Região de Influência das Cidades. Brasil, 2007.



Fonte: BAENINGER, Rosana (coord.); PERES, Roberta Guimarães; DEMÉTRIO, Natália Belmonte (co-organizadoras). (2013, p. 94).

O estado de São Paulo é um dos locais que passou por todos esses processos migratórios históricos, sendo o mais desenvolvido do país e que recebeu ao longo de décadas trabalhadores de diversas regiões do Brasil que em alguns casos, como na Bahia, ficaram conhecidos como sampauleiros¹³ (ESTRELA, 2002, p. 23). A capital paulista é talvez o melhor exemplo prático em território nacional sobre estes deslocamentos. Com 470 anos de fundação, São Paulo conta com milhões de pessoas oriundas de outros estados do país, que somados aqueles que veem de fora do Brasil, a transformam em uma das cidades com mais diversidade étnica do mundo.

¹³ Segundo Estrela (2002, p. 23), sampauleiros eram trabalhadores do interior da Bahia provenientes da mais baixa camada social e que se deixavam levar pelas conversas que vendiam São Paulo como um local onde esses trabalhadores ganhariam muito dinheiro e mudariam de vida.

Alguns bairros da cidade contam com grande população emigrante e seus descendentes, caso da zona leste da capital que tem uma longa tradição de migração nordestina, com destaque para a Praça Silvio Romero, no bairro do Tatuapé, que se tornou um ponto de encontro para migrantes que se reúnem para fortalecer seus vínculos e o bairro de Ermelino Matarazzo, que recebe migrantes do Nordeste desde de 1940 quando foi instalada a primeira indústria na região, chamada Celosul, e de propriedade da família Matarazzo. (RIGAMONTE, 1999, p. 38-39; DANTAS, 2013, p. 58).

O NEPO realizou um levantamento em 2013, intitulado “*Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo*”, onde mostrou que havia 1.892.566 migrantes internos residentes no Estado de São Paulo há pelo menos dez anos até 2010. A grande maioria deles estava espalhada na região da grande São Paulo, que engloba a capital e cidades próximas como Guarulhos, Osasco, Barueri e a região do ABCD composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema, entre outros (BAENINGER; PERES; DEMÉTRIO, 2013, p. 77-89).

A migração interna também registra casos de preconceito e xenofobia contra os que chegam as grandes cidades oriundos de regiões periféricas ou do interior. Em São Paulo, os migrantes nordestinos enfrentam diversas formas de preconceito, como a homogeneização de todos em uma só categoria estereotipada, como por exemplo, os classificando como se fossem de um lugar só ignorando as diferenças regionais, além do estigma de inferioridade frente aos paulistanos em questões culturais, raciais e de classe social (MAGALHÃES, 2015, p. 104).

No exterior, outro exemplo ocorre na turbulenta relação entre italianos de Nápoles, no sul do país, com os residentes de Roma e Milão, cidades mais ricas da Itália e que se localizam na região central e no norte do território italiano, respectivamente. Quando chegam em Roma ou Milão, os napolitanos são bastante hostilizados e chamados do termo pejorativo *terrone*,¹⁴ além de ocuparem postos mais baixos no mercado de trabalho. Inclusive essa hostilidade se acentuou na década de 1980, principalmente devido

¹⁴ Segundo a *Accademia della Crusca*, uma instituição linguística da Itália fundada em 1583, o termo significa sulista em português. É utilizado de maneira pejorativa contra pessoas oriundas do sul do país, principalmente Nápoles, indicando que os habitantes do sul italiano eram ignorantes, sujos e que comiam terra devido suas origens camponesas. O tom de pele mais escuro também indicava que eram trabalhadores do campo e passavam muito tempo debaixo do sol. Para mais informações consultar *Da dove arriva questo terrone?* no site da *Accademia della Crusca*. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/da-dove-arriva-questo-terrone/1333>.

a passagem de Diego Armando Maradona pelo futebol do país. Vestindo a camisa do Napoli, o craque argentino conquistou títulos inéditos e ajudou o clube a mudar de patamar. Sua personalidade explosiva e a rápida identificação com a população local, criaram um forte vínculo entre ele e a cidade, presente até os dias de hoje. Essa relação chegou a tal ponto que durante a Copa do Mundo de 1990, disputada na Itália, parte dos torcedores napolitanos abandonaram a torcida pela sua seleção nacional para apoiar seu grande ídolo durante a semifinal entre os anfitriões e a Argentina no estádio San Paolo, em Nápoles (BETTING, 2010, p. 205).

Ainda na esfera do futebol, trazendo para o contexto nacional, é comum observar xenofobia contra atletas e clubes oriundos das regiões Norte e Nordeste do país. Esse tipo de comportamento preconceituoso se reproduz na arquibancada através de torcedores, de atletas (GLOBO ESPORTE, 2013) e dos próprios profissionais de imprensa da região sudeste (DIÁRIO DO NORDESTE, 2021). Esta questão sobre o preconceito e as dificuldades que grupos migrantes enfrentam será discutida mais a frente, no capítulo 5.

2.3. REFÚGIO

Ao longo da história grandes migrações forçadas já ocorreram e foram registradas. Esses deslocamentos populacionais, levam o nome de diáspora que também são uma forma de migração forçada. O termo, de origem grega, significa dispersão e está presente na cultura, em tradições e no imaginário popular de diversos povos (SILVA; XAVIER, 2018, p. 2). Os judeus passaram por diversas diásporas ao longo da história, muitas relatadas na Bíblia Sagrada como por exemplo, a que ocorreu após a destruição de Jerusalém no ano de 70 d.C. por parte dos romanos, fazendo com que esse povo se espalhasse pela Ásia, Europa e norte da África.

A diáspora africana entre os séculos XV e XIX, que acarretou na escravidão através de uma violenta e brutal migração forçada, também é outro exemplo de uma diáspora histórica. Estima-se que durante este período 12,5 milhões de cativos oriundos de África foram comercializados e levados a força para o outro lado do Oceano Atlântico rumo ao continente americano (GOMES, 2019, p. 46). Outros exemplos de diásporas

forçadas são a fuga dos judeus durante a perseguição nazista na Europa entre as décadas de 1930 e 1940, a dos irlandeses no século XIX fugindo da Grande Fome que assolou o país, a dos palestinos após a Guerra Árabe-israelense de 1948, entre outros.

Hall (2003) aponta que a diáspora pode ser utilizada nos estudos das migrações do século XX, oriundas das antigas colônias para as metrópoles na Europa já que:

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um 'outro' e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différance*, uma diferença que não funciona através dos binarismos, fronteiras veladas que separam finalmente, mas são também *places de passage* (lugares de passagem) e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. (HALL, 2003, p. 33).

Referente a migração forçada, a OIM define este movimento como um:

Termo geral usado para caracterizar o movimento migratório em que existe um elemento de coacção, nomeadamente ameaças à vida ou à sobrevivência, quer tenham origem em causas naturais, quer em causas provocadas pelo homem (por ex., movimentos de refugiados e pessoas internamente deslocadas, bem como pessoas deslocadas devido a desastres naturais ou ambientais, químicos ou nucleares, fome ou projectos de desenvolvimento). (OIM, 2009, p. 41).

Indiscutivelmente, o tema das migrações é nos dias de hoje um dos assuntos mais abordados e que causa grande interesse por parte de lideranças políticas e da sociedade civil ao redor do globo, principalmente nos países da União Europeia (WOLFFHARDT, 2018). Em um mundo globalizado e interconectado, migrar tornou-se algo rotineiro. A migração forçada é um exemplo desse aumento de deslocamentos. Desde que foi registrado pela primeira vez em 1951 pelas Nações Unidas, o número de refugiados pelo mundo segue em amplo crescimento neste século. Os números mais recentes, de 2022, apontam para a impressionante quantidade de 108,4 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado (UNHCR, 2023e, p. 2). Através destes dados chega-se à assustadora marca de pouco mais de 1% da população mundial estar vivendo nestas condições.

A migração por refúgio tem uma longa história, embora tenha sido formalizada apenas no século XX após a II Guerra Mundial. Na antiguidade há registros de migrações forçadas de diversos povos como cartagineses e judeus, por exemplo, mas o termo refugiado foi utilizado pela primeira vez apenas no século XVII durante a fuga de aproximadamente 200 mil protestantes franceses, conhecidos como huguenotes. Após a revogação do Édito de Nantes¹⁵ e a perseguição religiosa, eles tiveram que buscar refúgio em outros locais e foram classificados como uma categoria distinta de migrantes, já que não podiam contar mais com a proteção de seu Estado (AGUIAR, 2021, p. 13-14).

Porém, foram os desdobramentos da II Guerra Mundial que deram um novo status aos refugiados. O conflito deixou um alto número de deslocados em diversas regiões do mundo, da Europa a Índia, passando pelo sempre conturbado Oriente Médio (HOBSBAWM, 1995, p. 58). Devido ao grande fluxo de pessoas desenraizadas, principalmente na Europa, a recém-criada Organização das Nações Unidas realizou uma Convenção em 1951 onde foi ratificado o Estatuto dos Refugiados. Alguns anos depois, em 1967, um novo Protocolo foi firmado com algumas alterações.

Após o grande fluxo de deslocados forçados ao fim da II Guerra Mundial, o planeta voltou a ver novas ondas de refugiados em todo o globo nas décadas seguintes ao longo do século XX. Isso se deu por diversos motivos como conflitos armados, desastres ambientais e perseguições políticas e religiosas, em especial nos continentes asiático, americano e africano.

Como citado anteriormente, a situação dos deslocados forçados passou a ser tida como uma questão de emergência internacional somente após a II Guerra Mundial e seu brutal saldo de milhões de refugiados em todo o globo. Segundo Hobsbawm (1995, p. 58) o conflito, que ocorreu entre 1939 e 1945, “foi desumano e fez com que a humanidade aprendesse a viver em um mundo onde o exílio em massa se tornou uma experiência cotidiana”. Nas palavras do autor:

Estimou-se que em maio de 1945 havia talvez 40,5 milhões de pessoas desenraizadas na Europa [...] Não havia refugiados apenas na Europa. A descolonização da Índia em 1947 criou 15 milhões deles, obrigados a cruzar as novas fronteiras entre a Índia e o Paquistão (nas duas direções). A Guerra da Coreia, outro subproduto da Segunda Guerra Mundial, produziu talvez 5 milhões de coreanos deslocados. Após o

¹⁵ O Édito de Nantes, foi um documento assinado em 1695 que impedia a perseguição religiosa e dava a liberdade para a prática do protestantismo pela população huguenote.

estabelecimento de Israel – ainda outro dos efeitos da guerra – cerca de 1,3 milhão de palestinos foram registrados na Agência de Socorro e Trabalho das Nações Unidas (UNRWA); do outro lado, em inícios da década de 1960, 1,2 milhão de judeus haviam migrado para Israel, a maioria deles também refugiados. Em resumo a catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior na história humana. (HOBSBAWM, 1995, p. 58)

O drama humanitário decorrente do conflito foi ainda um complemento dos efeitos gerados pela I Guerra Mundial que deixaram aproximadamente de 4 a 5 milhões de refugiados apenas no continente europeu. Esta catástrofe fez a recém-criada ONU agir. Estabelecida no dia 24 de outubro de 1945, as Nações Unidas têm como objetivo promover a cooperação internacional entre os Estados, manter a segurança e a paz mundial, promover os direitos humanos, auxiliar no desenvolvimento econômico e no progresso social, proteger o meio ambiente e prover ajuda humanitária em casos de fome, desastres naturais e conflitos armados (UNITED NATIONS, 1945). Atuar para solucionar o aumento dos deslocados forçados estava no escopo da entidade.

Devido a esta situação foi criado no dia 14 de dezembro em 1950 o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, uma agência específica da ONU para cuidar da questão do refúgio. Com sede em Genebra, na Suíça, o ACNUR passou a ser responsável pela proteção dos deslocados forçados, salvaguardar seus direitos e o bem-estar e assegurar que esses indivíduos possam exercer o direito de solicitar asilo e encontrar um refúgio seguro, com a opção de regressar para sua terra natal voluntariamente caso sintam-se em segurança (UNITED NATIONS, 1950). O português António Guterres, atual Secretário Geral da ONU, foi o Alto Comissário do ACNUR por dez anos antes de ser eleito para o cargo mais alto das Nações Unidas.

Mas mesmo tendo uma intenção nobre em sua fundação, Aguiar (2021) aponta que a história do ACNUR sempre foi marcada por divergências com os EUA e países ocidentais europeus, que muitas vezes são os responsáveis por financiar operações e ações desenvolvidas pela agência da ONU através de doações e repasses de verbas. A autora aponta que:

[...] Embora, em seu estatuto, conste que o trabalho do Alto Comissariado terá um caráter totalmente apolítico; será humanitário e social (ACNUR, 1950, p. 2), muitos autores (Loescher, 2001;

Hyndman, 2000; Chimni, 2000) questionam essa afirmativa, considerando uma tentativa de despolitizar este organismo que, pelo contrário, é uma organização altamente politizada, uma vez que não há soluções apolíticas capazes de lidar com deslocamentos humanos, tendo em vista que são eventos políticos. (AGUIAR, 2021, p. 17).

Apesar de existirem estas críticas em relação as posições da agência da ONU, a criação do ACNUR foi um primeiro passo para se analisar e aprofundar a questão do deslocamento forçado no mundo.

Um novo passo para tal foi dado no dia 28 de julho de 1951 com a realização, em Genebra, na Suíça, de uma conferência especial para discutir e estabelecer diretrizes para proteção de refugiados. Inicialmente as medidas limitavam-se apenas a situação dos deslocados forçados europeus do pós-II Guerra Mundial em eventos ocorridos antes do dia 1º de janeiro de 1951. O encontro ficou conhecido internacionalmente como Convenção e Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados, entrando em vigor no dia 22 de abril de 1954. O documento assinado por 145 Estados, entre eles o Brasil, tinha como objetivos principais, além da proteção aos refugiados, definir quais indivíduos se enquadravam nesta situação, estabelecia os direitos individuais concedidos a estes refugiados e determinava as responsabilidades que cada país teria ao conceder asilo para deslocados forçados externos (UNHCR, 2010).

O Estatuto dos Refugiados foi baseado no artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que dizia que:

Article 14. 1. Everyone has the right to seek and to enjoy in other countries asylum from persecution. 2. This right may not be invoked in the case of prosecutions genuinely arising from non-political crimes or from acts contrary to the purposes and principles of the United Nations. (UNITED NATIONS, 1948).¹⁶

Naquele momento o mundo passava por um período bastante atribulado. Os desdobramentos da II Guerra Mundial ainda eram recentes e a Guerra Fria entre EUA e

¹⁶ 1. Toda a pessoa tem o direito de procurar e de obter asilo em outros países por motivo de perseguição. 2. Este direito não pode ser invocado no caso de processos genuinamente decorrentes de crimes não políticos ou de atos contrários aos fins e princípios das Nações Unidas. (UNITED NATIONS, 1948). Tradução livre em português.

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), estava em seu período inicial. A instabilidade global provocada pelo choque entre as duas superpotências se refletia no jogo geopolítico. Influências em outros Estados e conflitos militares eram respaldados por ambos os lados, resultando em novas ondas de refugiados pelo mundo. Estas pessoas segundo o primeiro artigo do Estatuto eram:

As a result of events occurring before 1 January 1951 and owing to wellfounded fear of being persecuted for reasons of race, religion, nationality, membership of a particular social group or political opinion, is outside the country of his nationality and is unable or, owing to such fear, is unwilling to avail himself of the protection of that country; or who, not having a nationality and being outside the country of his former habitual residence as a result of such events, is unable or, owing to such fear, is unwilling to return to it. (UNHCR, 2010).¹⁷

A situação de estar refugiados não é algo simples de resolver. Trata-se de uma condição bastante complexa que pode causar inclusive sérios efeitos a identidade destes indivíduos, na situação social de seus Estados de origem e daqueles que os acolhem. Inclusive, esses deslocados forçados são frutos de ações que os próprios Estados cometem, o que gera atritos políticos entre esses países e as Nações Unidas como Aguiar (2021) apontou, além de servir como instrumento de cunho político:

O país receptor pode utilizar o acolhimento de refugiados como instrumento para deslegitimar o país de origem, ao rotulá-lo como perseguidor, repressor ou violador de direitos humanos. Pode favorecer a entrada de refugiados de determinadas origens, em virtude de questões sociais, étnicas, culturais, políticas ou econômicas, em detrimento de outras. Pode também perceber a presença dos refugiados, sobretudo em grande contingente, como pesado encargo socioeconômico ou como ameaça à segurança ou à identidade nacional. (MOREIRA, 2014, p. 87).

Por isso em muitas ocasiões a situação destes refugiados torna-se um paradoxo, como o *paradoxo da proteção versus produção de refugiados*, definido por Jubilit (2007, p. 26). Na visão da autora, “os refugiados são tratados como um problema oriundo de

¹⁷ Como resultado de eventos ocorridos antes de 1 de janeiro de 1951 e devido ao medo de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencer a um grupo social ou opinião política específica, está fora do país de sua nacionalidade e é incapaz ou, devido para tal medo, não está disposto a se valer da proteção daquele país; ou que, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país de sua antiga residência habitual como resultado de tais eventos, é incapaz ou, devido a tal medo, não está disposto a retornar a ele. (UNHCR, 2010). Tradução livre em português.

outro problema gerado por quem cria este problema e que deve ser responsável pela segurança destes deslocados”. Por exemplo, um refugiado de guerra só existe porque há um conflito criado por quem gera este conflito e este mesmo responsável pela guerra deve proteger esse refugiado. E isso se aplica tanto para deslocados forçados internos, quanto externos. As principais razões dos deslocamentos forçados atualmente são em grande parte culpa dos próprios Estados que devido a problemas políticos, crises econômicas, incapacidade em lidar com desastres ambientais, entre outros não conseguem cumprir com seu dever para com seus próprios cidadãos.

Como aponta Moreira (2014, p. 85-86), a pessoa em situação de refúgio se torna um refugiado por consequência das ações ou omissões políticas empreendidas pelo Estado, já que “o país de origem ameaçou violar ou de fato violou ou, ainda, revelou-se incapaz de proteger os direitos de seus nacionais, o que os levou a fugir para escapar da situação de violência”. Deste modo eles tornam-se figuras inconvenientes e indesejadas como define Arendt (1989, p. 314), que ainda afirma que era impossível torná-los cidadãos do país de refúgio e que eles tinham que se libertar dessa condição de incerteza o mais rápido possível, “fosse por uma repatriação ou pelo pedido de naturalização no país que os recebia, contribuindo desta forma para transformar esses sujeitos em pessoas supérfluas e sem lugar no mundo” (LAFER, 2009, p. 118).

Essa situação de rejeição, indefinição do futuro, de estar no limbo e não se sentir representado por algum Estado ou sociedade, é a mesma do pária, termo que surgiu em meados do século XVII na Índia através dos colonizadores britânicos que assim chamavam os membros das castas mais pobres, que eram mantidos à margem da sociedade e excluídos do convívio social (VARIKAS, 2014, p. 8-9). A situação do refugiado em alguns pontos pode ser comparada a situação do pária já que:

[...] remete, inicialmente, a uma condição social objetiva, que combina exclusão e o repúdio por uma sociedade ou uma comunidade com o desprezo, a rejeição e a vergonha que os acompanham. Essa condição é sustentada por leis, rituais e barreiras invisíveis e, frequentemente, está relacionada a uma posição peculiar na divisão social do trabalho, envolvendo uma atividade econômica de grande monta e natureza indispensável (VARIKAS, 2014, p. 76).

Toda esta situação é bastante prejudicial para os deslocados forçados que de acordo com Bauman (2007), gera nesses indivíduos uma sensação de indefinição:

[...] pessoas sem Estado, mas num novo sentido: sua carência é elevada a um nível inteiramente novo pela inexistência, ou pela presença fantasma, de uma autoridade estatal à qual sua cidadania pudesse referir-se. [...] Mesmo que permaneçam estacionários por algum tempo, estão numa jornada que nunca se completa, já que seu destino (seja de chegada ou de retorno) continua eternamente incerto, enquanto o lugar que poderiam chamar de "definitivo" permanece para sempre inacessível. Nunca estarão livres de um persistente senso de transitoriedade e indefinição, assim como da natureza provisória de qualquer assentamento. (BAUMAN, 2007, p. 43-44).

Bauman (2007, p. 44-45) ainda faz uma metáfora bastante cruel onde afirma que “as estradas que levam de volta ao paraíso doméstico perdido foram praticamente fechadas, e todas as saídas do purgatório conduzem os refugiados ao inferno”. Saglio-Yatzimirsky (2015, p. 176-177) ressalta que algumas migrações forçadas são vividas como trauma extremo, uma vez que os acontecimentos que levam o sujeito a migrar muitas vezes são traumáticos e com momentos de horror. Para a pesquisadora, a violência vivida está na origem do trauma da partida e faz com que o sujeito não consiga se relacionar no país de destino, além de poder causar transtornos psicológicos ao indivíduo que vivenciou toda essa experiência:

Obter o estatuto de refugiado garante ao sujeito um alívio material, social e psíquico, pois poderá buscar moradia, formação para entrar no mercado de trabalho, recorrer ao sistema de saúde e preparar a vinda de sua família via pedido de “união familiar”. Além desses inúmeros aspectos da vida prática, do ponto de vista psicológico, obter o estatuto de refugiado significa o reconhecimento de sua história vivida e narrada. No entanto, esse reconhecimento pode implicar uma identificação do sujeito ao lugar de “vítima”, daquele que teve que buscar proteção, o que não é sem consequências para a subjetivação. [...] Para esses sujeitos, muitas vezes perseguidos no seu país de origem, esta posição de ilegalidade pode contribuir para a manutenção dos pacientes no tempo do trauma (SAGLIO-YATZIMIRSKY, p. 176).

Os altos fluxos migratórios de refugiados continuaram se repetindo após a II Guerra Mundial e nos anos seguintes a ratificação do Estatuto do Refugiado em 1951. A Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã, os processos de descolonização na Ásia e África,

os diversos conflitos que ocorreram no Oriente Médio após a criação do Estado de Israel e as mudanças no plano geopolítico devido a Guerra Fria, fizeram o número de deslocados forçados se intensificar pelo mundo (HOBSBAWM, 1995, p. 355-356).

Inclusive, o nascimento do Estado de Israel em 1948 gerou o primeiro conflito militar entre palestinos e israelenses, chamada de Guerra Árabe-israelense. O resultado, além da vitória israelense, deixou entre 500 mil e 1 milhão de palestinos refugiados (SAID, 2012, p. 17). O número expressivo fez com que a ONU criasse uma agência própria para cuidar destes deslocados, a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA). Fundada no dia 8 de dezembro 1949 para socorrer e apoiar o desenvolvimento humano de refugiados palestinos, a agência auxilia os deslocados pela guerra e conflitos que se deram em seguida na região. Ao longo das décadas milhões de pessoas nestas condições foram ajudados pela agência. Em 2019, a UNRWA contabilizou mais de 5,6 milhões de palestinos registrados como refugiados (UNRWA, 2023).

Algo precisava ser feito para evitar que este número continuasse subindo e gerando ainda mais caos. Novamente representantes de países se reuniram, agora em Nova York, para discutir esse cenário e chegar a uma solução. Foi compreendido que o Estatuto do Refugiado precisava passar por mudanças e no dia 4 de outubro de 1967 passou a vigorar o Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados, que é conhecido popularmente como Protocolo de 1967 (UNHCR, 1967).

As principais alterações deste Protocolo em relação ao Estatuto foram a abolição das restrições temporais e geográficas, já que o problema não se resumia ao continente europeu. Através deste documento, refugiados poderiam ser reconhecidos em qualquer lugar do mundo e sem uma data específica, já que após 1951 ocorreram mudanças em diversos locais como consta o artigo 1 do próprio Protocolo:

2. For the purpose of the present Protocol, the term "refugee" shall, except as regards the application of paragraph 3 of this article, mean any person within the definition of article I of the Convention as if the words "As a result of events occurring before 1 January 1951 and..." and the words "...as a result of such events", in article 1 A (2) were omitted. 3. The present Protocol shall be applied by the States Parties hereto without any geographic limitation, save that existing declarations made by States already Parties to the Convention in accordance with article I B (I) (a) of the Convention, shall, unless

extended under article I B (2) thereof, apply also under the present Protocol. (UNHCR, 1967).¹⁸

As mudanças mostraram-se necessárias devido ao turbulento momento pelo qual passava o mundo, ainda em meio aos efeitos da Guerra Fria. Enquanto as coisas se normalizavam na Europa, novos grandes fluxos de refugiados eram registrados especificamente em três continentes: África, Ásia e América.

Os países africanos passaram na segunda metade do século XX pelo processo de descolonização frente aos países europeus. Novos Estados foram surgindo ao longo das décadas pelo continente de norte a sul. Ocorreram processos de libertação de diversos tipos, fossem através de negociações como em Gana e na Nigéria, até violentos conflitos em prol da independência como em Moçambique e na Argélia, por exemplo. E mesmo após a conquista pela liberdade frente ao colonizador, sucederam ainda guerras civis em diversos países recém-criados. Muitas vezes eles opunham grupos étnicos ou políticos rivais, que recebiam apoio tanto dos EUA, quanto da URSS. Foi o caso de Moçambique que viveu 16 anos sob guerra civil, tendo como saldo mais de 1 milhão de mortos e 1,7 milhão de deslocados forçados (FREITAS, 2020, p. 28). Mas não foram apenas as guerras em África as responsáveis pela questão do refúgio. Epidemias, desastres naturais, ações do neocolonialismo e perseguições étnicas e religiosas também geraram um fluxo massivo de refugiados ao longo do século XX, principalmente dentro do próprio continente.

Na Ásia a grande massa de deslocamentos forçados aconteceu principalmente devido a conflitos militares. Além do número de refugiados palestinos, que ficam sob os cuidados da UNRWA, demais deslocamentos forçados foram registrados no Irã e no Iraque, que se envolveram em uma guerra que durou oito anos na década de 1980 e deixou mais de 46 mil refugiados, além do Afeganistão, que após a invasão e ocupação soviética

¹⁸ 2. Para os fins do presente Protocolo, o termo "refugiado" significará, exceto no que diz respeito à aplicação do parágrafo 3 deste artigo, qualquer pessoa dentro da definição do artigo I da Convenção, como se as palavras "Como resultado de eventos ocorridos antes de 1 de janeiro de 1951 e..." e as palavras "... como resultado de tais eventos", no artigo 1 A (2) foram omitidas. 3. O presente Protocolo será aplicado pelos Estados Partes sem qualquer limitação geográfica, salvo que as declarações existentes feitas pelos Estados já Partes da Convenção de acordo com o artigo I B (I) (a) da Convenção, a menos que sejam prorrogadas sob artigo I B (2) do mesmo, também se aplicam ao abrigo do presente Protocolo. (UNHCR, 1967). Tradução livre em português.

em seu território registrou 6 milhões de deslocamentos entre 1979 e 1992 (UNHCR, 2023g). Outras guerras ocorridas no continente como parte do processo de descolonização e da Guerra Fria, somadas a desastres ambientais também foram responsáveis por milhões de deslocamentos ao longo do século XX.

No continente americano os maiores fluxos de deslocamentos forçados se deram na região central. Conflitos militares e golpes políticos foram os principais motivos para um aumento no êxodo da população nativa de países como El Salvador, Nicarágua e Guatemala. A maioria destes indivíduos solicitava refúgio nos países vizinhos da região como Costa Rica, México e Panamá, além de tentativas para se chegar até os EUA. Mais ao sul a maioria dos fluxos de deslocados forçados acontecia na Colômbia que passava por contratempos relacionados ao tráfico de drogas. Devido a caótica situação, o ACNUR promoveu o *Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários* e deste encontro nasceu a Declaração de Cartagena de 1984, ratificada na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia, e que tinha como principal missão promover a adoção de normas regionais que facilitassem a aplicação do Estatuto dos Refugiados e do Protocolo de 1967. (ACNUR, 1984).

Como visto, a questão do refúgio tornou-se globalizada “oficialmente” após o Protocolo de 1967, embora esses deslocamentos forçados já ocorressem desde muito antes do Estatuto do Refugiado de 1951. Mas estas ações não partiram apenas da ONU ou do ACNUR. Países afetados pelo descontrole da situação também tiveram que agir. Em 1969 a Organização da Unidade Africana (OUA) organizou uma Convenção onde discutiu a questão do refúgio dentro do continente, definindo que tipos de indivíduos se encaixariam nessa classificação e quais seriam as formas para proteção dessa população (AGUIAR, 2021, p. 19-20).

No fim do século XX a Europa voltou a conviver com o dilema de um alto número de refugiados dentro de suas fronteiras. A dissolução da Iugoslávia entre 1991 e 1992, resultou em sangrentos conflitos étnicos nos Bálcãs, como a Guerra de Independência Croata, entre 1991 e 1995, a Guerra da Bósnia entre 1992 e 1995 e Guerra do Kosovo entre 1998 e 1999, que envolveu forças militares de outros países, deixou um incontável número de vítimas e provocou um gigantesco saldo de deslocados forçados: cerca de 700

mil indivíduos que se refugiaram em sua maioria em países europeus, como Suíça, Alemanha e Suécia (PIAI, 2022).

Mesmo com uma maior atuação do ACNUR e atenção da sociedade para a questão do refúgio, os números de deslocamentos seguiram crescendo até chegar a patamares inacreditáveis no século XXI. Com um mundo altamente globalizado, os fluxos migratórios tornaram-se cada vez mais intensos. Soma-se a isso a questão da degradação do meio ambiente que com as constantes tragédias climáticas, deverá gerar no decorrer deste século novos milhões de deslocados forçados.

Este século começou com à sombra de guerras que deixaram milhões de mortos e outros milhões de deslocados externos e internos. O atentado terrorista as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e ao Centro do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, em Washington, no dia 11 de setembro de 2001, foram o estopim para que os americanos declarassem “guerra ao terror” e iniciassem uma invasão, que depois tornou-se uma ocupação de 20 anos no território afegão. Controlado a época pelo regime fundamentalista Talibã, o país era um dos mais pobres do mundo e foi facilmente dominado pelos militares americanos que caçavam o terrorista Osama Bin Laden, que estava escondido na região entre o Afeganistão e Paquistão. Bin Laden só foi capturado e morto dez anos depois do desembarque americano, mas durante as duas décadas de ocupação dos EUA no país, estima-se que aproximadamente 5,9 milhões de afegãos deixaram o país como refugiados (COSTS OF WAR, 2023a). Um saldo semelhante ao registrado durante a ocupação soviética entre 1979 e 1992.

Menos de dois anos depois, em março de 2003, os EUA voltaram a invadir um país no continente asiático: o Iraque, na época comandado a mão de ferro pelo ditador Saddam Hussein. Alegando que o país escondia armas de destruição em massa, sem nunca ter provado tais acusações, o presidente americano George W. Bush resolveu invadir o Iraque mesmo contrariando o Conselho de Segurança da ONU. Em pouco tempo o país foi dominado e anos depois Hussein foi encontrado, preso, julgado e executado. A desastrosa campanha militar americana deixou mais uma vez um grande saldo de refugiados que seguiu crescendo após os EUA anunciarem sua vitória e progressiva retirada de tropas no território. Com a ausência das forças militares americanas, uma crise política tomou conta do Iraque, que sofreu com conflitos religiosos, o surgimento do Estado Islâmico e viu o número de pessoas em situação de deslocamento forçado

umentar até chegar aos atuais 9,2 milhões de iraquianos deslocados dentro e fora do país (COSTS OF WAR, 2023b).

Ao mesmo tempo neste começo de século, a África passava por uma grave crise social. O continente enfrentava um turbilhão de catástrofes como os conflitos civis na República Democrática do Congo, em Angola, na Argélia e na Costa do Marfim, epidemias de ebola, cólera e malária e a rápida expansão do vírus HIV/Aids em praticamente todo o continente. Obviamente todos esses desastres desencadearam um grande fluxo migratório de deslocamentos forçados, principalmente dentro das fronteiras continentais, tornando as migrações regionais mais frequentes do que as migrações para fora de África (HUGON, 2009, p. 100-101). Nos últimos anos a situação de refugiados no continente acompanhou o crescimento global chegando a quase 30 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado, principalmente em países como Sudão do Sul, Etiópia, Nigéria e RDC (UNHCR, 2023a).

A Ásia também enfrenta um caos na situação do alto número de refugiados. É no continente que está localizado o maior campo de refugiados do mundo: Cox's Bazar, em Bangladesh. Segundo números do ACNUR ao fim de 2020 viviam de forma precária e improvisada neste local 850 mil pessoas, a maioria originária da minoria etnia Rohingya, que é perseguida no país vizinho Mianmar. Estes indivíduos vivem em uma espécie de limbo, semelhante ao conceito do pária de Varikas (2014), já que são apátridas, não tem direito a buscar trabalho ou outras formas de sustento e os bebês que nascem no campo de refugiados não recebem a nacionalidade de Bangladesh (CHICKERA, 2018, p. 7-10). O continente ainda enfrenta outro problema no Iêmen, que há anos vem sofrendo ataques militares da Arábia Saudita e dos EUA e tem 3,6 milhões de deslocados dentro do país.

No continente americano a situação também fugiu do controle neste século. A Colômbia enfrentou diversos conflitos entre o Estado e guerrilhas devido ao tráfico de drogas em seu território, que provocou uma grande massa de deslocados externos e principalmente internos. Em 2006 um estudo da ONU apontou que a Colômbia era o país com o maior número de deslocados forçados internos do mundo (ONU NEWS, 2006), além de ter um expressivo número de deslocados forçados internacionais no que foi tratado na época por Viana (2009, p. 139) como “a maior crise humanitária da América do Sul”. Os fluxos migratórios colombianos foram tão intensos, que em alguns casos pesquisas registraram que populações da região sudoeste do país tinham mais vínculos

culturais, parentais e comerciais com algumas regiões do Equador, do que com outras regiões dentro da própria Colômbia (FACUNDO NAVIA, 2019, p, 250).

Localizado em uma região instável geologicamente, o Haiti enfrentou além da miséria e intermináveis crises políticas, tragédias ambientais como um mega terremoto de magnitude 7,3 graus na escala Richter em 2010, que devastou o país e causou um enorme êxodo populacional. Estima-se que a catástrofe tenha deixado aproximadamente 230 mil mortos e mais de 1 milhão de desabrigados (ONU NEWS, 2023). Devido a esta situação calamitosa, os fluxos migratórios de haitianos buscando deixar o país também cresceu. Um dos principais destinos destes sujeitos foi o Brasil, devido as aproximações diplomáticas entre os países e a aplicação do visto humanitário para cidadãos do Haiti, que facilitou a entrada desses indivíduos no país (HANDERSON, 2015, p. 34-35). Porém, essa foi apenas mais uma grande onda de deslocamentos externos ao longo da história do Haiti. De acordo com Handerson (2015) entre as décadas de 1960 a 2010, o país já passou por quatro grandes ondas migratórias, com haitianos buscando sair do país também conhecidas como *boat people* (HANDERSON, 2015, p. 72-73).¹⁹

A recente crise econômica e política na Venezuela agravou o caos social que resultou em uma fuga em massa do país, principalmente aos vizinhos Brasil e Colômbia. O fluxo massivo destes indivíduos levou o ACNUR a contá-los separadamente em seu relatório durante alguns anos. Atualmente os venezuelanos são o quarto maior grupo de deslocados forçados internacionais do mundo segundo o último relatório do ACNUR.²⁰ No Brasil, devido ao visto humanitário aplicado durante o governo do ex-presidente Michel Temer em 2017, houve um aumento no número de sujeitos acolhidos oriundos do país em território brasileiro. Este movimento migratório segue em constante expansão como mostrado na introdução da tese.²¹

Mais recentemente a péssima situação econômica e a falta de alento fizeram com que diversos indivíduos oriundos de países da América Central, principalmente El Salvador e Guatemala, caminhassem milhares de quilômetros rumo a fronteira do México com os EUA em busca de asilo e refúgio no país mais rico do continente. Cenas de

¹⁹ O termo *boat people* foi cunhado pelo historiador Laurent Dubois e refere-se aos viajantes haitianos que embarcavam em direção a Miami ou ao Caribe, tendo como meta alcançar o território americano a bordo de embarcações precárias (HANDERSON, 2015, p. 72).

²⁰ Veja detalhes do relatório a partir da página 80.

²¹ Veja detalhes e números nas páginas 17 e 18.

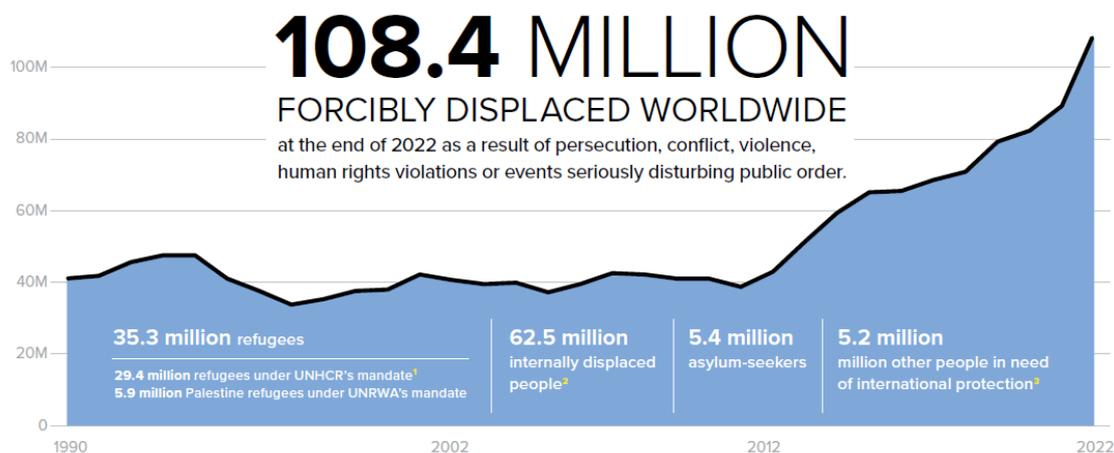
famílias inteiras e crianças desacompanhadas foram registradas por câmeras de TV e viralizaram nas redes sociais. Contudo, o governo americano pouco fez para ajudar e continua expulsando ou mantendo estas pessoas confinadas em situações precárias no que mais parecem campos de detenção. Na América Latina o ACNUR contabiliza 7 milhões de pessoas em situação de refúgio (UNHCR, 2023c).

Por fim, a Europa voltou a registrar um grande fluxo de refugiados europeus dentro de suas fronteiras devido a um conflito armado. Após a invasão da Rússia ao território da Ucrânia em fevereiro de 2022, mais de 6 milhões de ucranianos deixaram o país rumo a nações vizinhas e aos Estados mais ricos na parte ocidental do continente em algum momento do conflito (UNHCR, 2023f).²² O número de deslocados forçados pode ser ainda maior, porque parte da população permanece vivendo no país, mas em áreas de menor risco a sua segurança.

Mas talvez a situação mais impressionante deste período tenha ocorrido na Síria. Parte dos efeitos da Primavera Árabe, um movimento de manifestações contra governos autoritários do Oriente Médio que ocorreu no começo dos anos 2010, a população síria iniciou protestos populares contra o governo do ditador Bashar Al-Assad que rapidamente se transformaram em uma sangrenta guerra civil que segue ocorrendo até os dias de hoje. Neste período o país tornou-se um campo de batalha, envolveu potências globais, serviu como embrião para o nascimento do Estado Islâmico e deixou a infraestrutura do território sírio em ruínas. O saldo humanitário foi ainda mais brutal: mais de 500 mil mortos e 13,5 milhões de deslocados forçados internos e principalmente externos, que se espalharam pelo mundo em cenas terríveis de famílias inteiras buscando chegar desesperadamente a Europa.

Conflitos, desastres naturais e perseguições ao longo de pouco mais de duas décadas fizeram o número de refugiados disparar. Se em 2001, primeiro ano do século XXI existiam 20,7 milhões de deslocados forçados pelo mundo (UNHCR, 2004, p. 14), na última década esse número disparou e hoje está em alarmantes 108,4 milhões como percebe-se no gráfico abaixo:

²² Número contabilizado até o dia 1º de dezembro de 2023.

Figura 3 – Forcibly displaced worldwide.²³

Fonte: UNHCR. Global Trends: forced displacement in 2022 (UNHCR, 2023e).

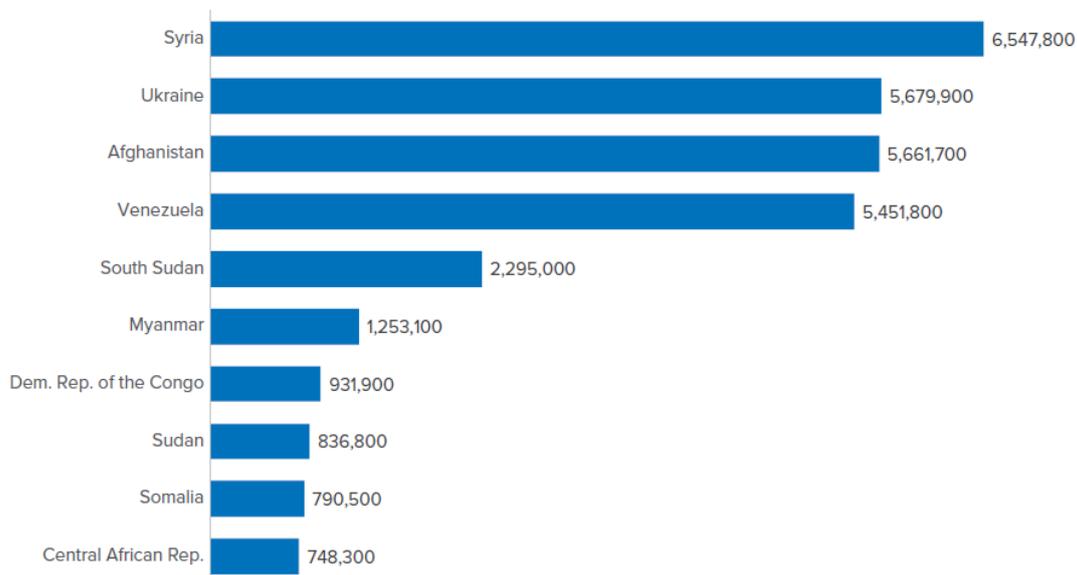
Ao todo são 35,3 milhões de deslocados externos, sendo 29,4 milhões sob proteção do ACNUR e outros 5,9 milhões sobre proteção do UNRWA na região da Palestina e Oriente Médio. Há ainda outros 62,5 milhões de deslocados internos, 5,4 milhões requerendo asilo e outros 5,2 milhões de deslocados forçados que precisam de proteção internacional (UNHCR, 2023e, p. 2) como visto no gráfico acima.

Desse total um impressionante número de 65% dos deslocados forçados externos do mundo, ou aproximadamente 23,1 milhões, pertencem a apenas quatro países: Síria (6,5 milhões), Ucrânia (5,6 milhões), Afeganistão (5,6 milhões) e Venezuela (5,4 milhões), todos Estados que enfrentaram e enfrentam diferentes desafios nos últimos tempos entre conflitos armados, perseguições políticas e étnicas e crise econômica como visto na figura abaixo:

²³ Deslocados à força em todo o mundo. Tradução livre em português.

Figura 4 – Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by country of origin | end-2022.²⁴

Figure 9 | Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by country of origin | end-2022



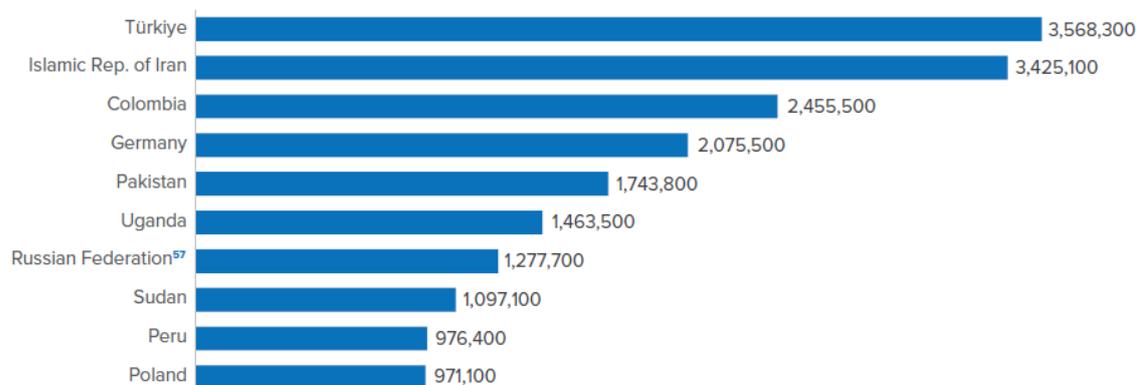
Fonte: UNHCR. Global Trends: forced displacement in 2022 (UNHCR, 2023e).

Vale citar ainda que 76% de todos os refugiados do mundo, cerca de 26,8 milhões, estão acolhidos em países pobres ou em desenvolvimento, com destaque para a Turquia que acolhe 3,5 milhões de refugiados, em sua maioria oriundos da vizinha Síria (UNHCR, 2023e, p. 21). Como pode ser visto na imagem abaixo (figura 5):

²⁴ Refugiados, pessoas em situação de solicitação de refúgio e outras pessoas que necessitam de proteção internacional por país de origem ao final de 2022. Tradução livre em português.

Figura 5 – Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by host country | end-2022.²⁵

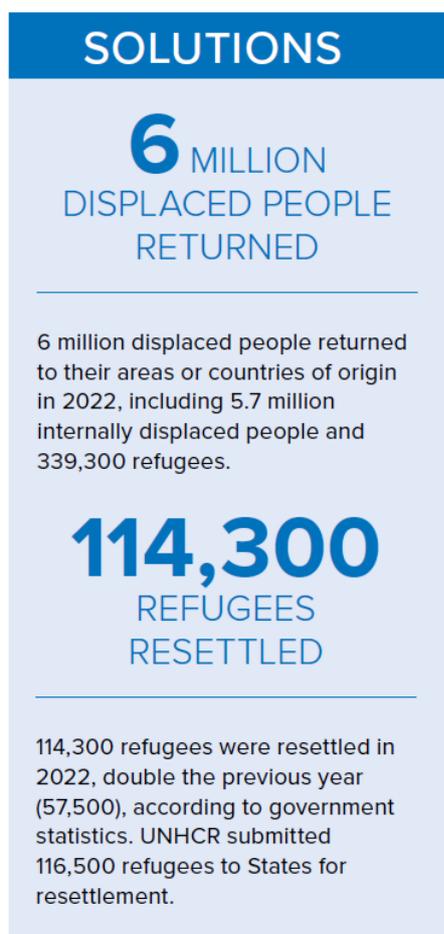
Figure 11 | Refugees, people in refugee-like situations and other people in need of international protection by host country | end-2022



Fonte: UNHCR. Global Trends: forced displacement in 2022 (UNHCR, 2023e).

Todos os exemplos citados dão uma dimensão do porquê hoje existam tantas pessoas nestas condições e como ainda há muito trabalho a ser feito. Ao mesmo tempo em que ocorrem esses êxodos populacionais, acontecem repatriações. No último relatório anual divulgado pelo ACNUR haviam sido repatriados cerca de 6 milhões de indivíduos em situação de deslocamento forçado e que retornaram às suas áreas ou países de origem. Destes, 5,7 milhões eram de deslocados forçados internos e 339 mil externos. Simultaneamente no mesmo período, 114,3 mil refugiados foram reassentados em outros Estados (UNHCR, 2023e, p. 3).

²⁵ Refugiados, pessoas em situação de solicitação de refúgio e outras pessoas que necessitam de proteção internacional por país de acolhimento ao final de 2022. Tradução livre em português.

Figura 6 – Solutions.²⁶

Fonte: UNHCR. Global Trends: forced displacement in 2022 (UNHCR, 2023e).

A questão do refúgio não está presente apenas na esfera política e econômica, sendo repercutida e representada em outros campos, mais próximo ao cotidiano da sociedade. Na cultura já foram produzidos filmes e documentários que abordam e discutem o assunto como por exemplo, a animação “*Flee: nenhum lugar para chamar de lar*”, baseado na história real de Amin Nawabi, um refugiado afegão que chegou ainda adolescente a Dinamarca e que recebeu três indicações ao Oscar em 2022 e o longa-metragem “*As nadadoras*”, que narra a saga das irmãs e atletas de natação Yusra e Sarah Mardini que fugiram da guerra civil na Síria e tiveram em determinado momento da jornada ter que puxar um bote a nado durante a travessia no Mar Egeu até chegar a Europa.

²⁶ Soluções. Tradução livre em português.

Livros, tanto de ficção, quanto não-ficção sobre a questão do refúgio, também estão cada vez mais ganhando espaço neste mercado.

O esporte também busca de alguma forma não estar alheio a esta situação. Através de uma iniciativa chamada Agenda 20 + 20, um conjunto de propostas que dialogam com as demandas atuais e visam deixar o Movimento Olímpico mais próximo da sociedade, o COI buscou se aproximar do ACNUR ao colocar em pauta a situação de atletas em situação de deslocamento forçado. A iniciativa buscava além de ajuda financeira para estes atletas, dar oportunidade para que eles também pudessem disputar competições esportivas. Dessa forma, a entidade criou o Time Olímpico dos Refugiados com atletas que se encontravam nesta situação e que competiram nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 e de Tóquio-2020.

A iniciativa deu certo e motivou o IPC a também criar um time para indivíduos deslocados, dando a oportunidade para os paratletas também disputarem os Jogos Paralímpicos do Rio-2016 e Tóquio-2020. Outro exemplo dessa aproximação do esporte com o refúgio foram as torcidas de futebol da Alemanha, que se mostraram solidárias a situação dos refugiados os recebendo e buscando integrá-los a suas comunidades, embora manifestações xenófobas também tenham sido registradas no país e no continente. Lembrando que a Alemanha foi o país europeu que mais acolheu refugiados desde o grande fluxo ao continente a partir de 2015, com mais de 1 milhão de pessoas tendo permissão para entrar e ficar no país (TRIGO; FREITAS, 2017, p. 3). Já no âmbito amador é realizado no Brasil desde 2014 a Copa dos Refugiados e Imigrantes, que visa justamente divulgar a causa do refúgio na sociedade através da modalidade esportiva mais popular do mundo e promover uma integração social destes indivíduos através do esporte, como será detalhado nos próximos capítulos.

Como demonstrado neste tópico a situação do refúgio é extremamente delicada e torna-se cada vez mais urgente tentar encontrar uma solução para elucidar ou atenuar a questão global do deslocamento forçado. Enquanto países desenvolvidos estão aquém do que poderiam ajudar e muitas vezes fortalecem o discurso que enxerga o refugiado como uma ameaça, “lixo humano” e sem função útil para desempenhar (BAUMAN, 2007, p. 47), a grande parte dos refugiados no mundo é acolhida por países pobres ou em desenvolvimento que na maioria das vezes não tem infraestrutura e condições de prover acolhimento digno para essas populações, embora parte dos deslocados forçados prefiram

estar próximos das fronteiras de seus países imaginando uma possível volta para casa (UNHCR, 2021, p. 19).

Mais uma vez o ACNUR e a ONU caem no *paradoxo de proteção versus produção de refugiados* de Jubilut (2007), pois ao mesmo tempo que precisam solucionar o problema dependem da contribuição de Estados que se envolvem na causa desta situação e que muitas vezes querem os refugiados bem longe de suas fronteiras.

2.4. AS POLÍTICAS DE REFÚGIO NO BRASIL

Um dos pioneiros na proteção internacional de refugiados e tendo assinado os termos da Convenção de 1951, o Brasil nunca foi um protagonista na questão do refúgio global, seja como um Estado exportador ou acolhedor. Até 1989 vigorava no país a política da Reserva Geográfica, onde só se reconheciam refugiados oriundos da Europa. A questão do refúgio passa a ter maior atenção com a criação do Estatuto do Refugiado em 1997 e a nova Lei de Migração, assinada em 2017. Com o passar dos anos e de seu desenvolvimento, o Brasil tornou-se uma opção para diversos refugiados, embora o processo de acolhimento seja demorado e burocrático. Entre 2014 e 2019 o número de solicitações de refúgio triplicou embora tenha havido uma queda nos anos 2020 e 2021 devido restrições impostas à circulação de pessoas em razão da pandemia de COVID-19 (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 10). Após o fim das medidas mais restritivas na pandemia, o número voltou a crescer. Porém, ainda assim, a nível internacional o Brasil continua tendo uma posição discreta em relação a outros Estados.

Conhecido por ser um país que recebeu muitos migrantes ao longo de sua história e pela população miscigenada, o Brasil tem uma relação bastante complexa com as políticas de refúgio, mesmo tendo sido um dos signatários da Convenção de 1951 e ratificado o documento das Nações Unidas em 1961 através do Decreto Lei nº 50.215/61 (BRASIL, 1961). A tumultuada história do país ao longo século XX, oscilando entre golpes de Estado e uma frágil estabilidade democrática, é um dos motivos para compreender essa relação com a questão do refúgio.

Uma das razões para a adoção do Protocolo de 1967 era justamente adequar as questões temporárias e geográficas a realidade global, já que a massa de refugiados não estava concentrada apenas na Europa. Mesmo tendo se tornado signatário do Protocolo apenas em 1972, o Brasil continuou mantendo a restrição de só acolher refugiados originários do continente europeu. Indivíduos oriundos de outras partes do mundo recebiam um tratamento diferenciado, sendo considerados como asilados. Esses estrangeiros não-europeus que solicitavam refúgio no Brasil, recebiam uma permissão temporária para permanecer no país até que outra nação aceitasse seus pedidos de refúgio por meio de reassentamento. Neste processo foram reassentadas cerca de 20 mil pessoas, em sua maioria de outros Estados sul-americanos, para países da Europa, Oceania e Canadá (CARARO, SOUZA, 2020, p. 23).

Durante este período até a o fim dos limites geográficos, algumas entidades da sociedade civil tiveram um papel fundamental na proteção de refugiados no Brasil. A Igreja Católica assumiu o protagonismo em muitas ocasiões sendo vital para a sobrevivência desses deslocados forçados que não eram reconhecidos pelo Estado brasileiro. A Cáritas com suas sedes em São Paulo e Rio de Janeiro e a Comissão Pontifícia Justiça e Paz em São Paulo, atuaram de forma intensa nas décadas de 1970 e 1980. As duas entidades conseguiram garantir que deslocados oriundos do Vietnã, Cuba e Irã permanecessem no Brasil como residentes estrangeiros e pudessem ter acesso a assessoria jurídica, habitação e saúde (JUBILUT, 2007, p. 172-174). Figuras históricas da Igreja Católica no Brasil, como Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Eugênio de Araújo Sales foram alguns personagens importantes ao acolhimento destes deslocados forçados em território brasileiro.

Outro personagem muito importante foi o ACNUR que inicialmente enfrentou problemas para atuar no país, principalmente durante a Ditadura Militar (1964-1985). Como muitos pedidos de refúgio eram oriundos de perseguidos políticos de outros regimes militares da América do Sul, como Argentina, Chile e Uruguai, por exemplo, o governo brasileiro não tinha interesse em receber essas pessoas e desagradar seus aliados regionais. Dessa forma foi aceito que a agência da ONU abrisse seu primeiro escritório no país em 1977, na cidade do Rio de Janeiro e ficasse responsável pelos cuidados a esses indivíduos até o reassentamento deles para outro país fosse feito (ANDRADE; MARCOLINI, 2002, p. 169). O ACNUR só foi reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro em 1982, quando o país já discutia o processo de redemocratização.

E neste período quando o ACNUR passa a ser reconhecido pelo governo que começa a vigorar a Lei nº 6.815/80 (BRASIL, 1980), que ficou popularmente conhecida como Estatuto do Estrangeiro e buscava definir a condição dos não nacionais que viviam no Brasil. Esta legislação tinha graves falhas em sua composição. Como o país vivia em uma ditadura militar, onde prevalecia uma política autoritária e nacionalista, a lei tinha como prioridade proteger a soberania nacional e encarava qualquer estrangeiro como um possível inimigo aos interesses do país. Segundo Claro (2020) o Estatuto do Estrangeiro:

[...] foi criada durante o período militar e tinha como principal função resguardar a soberania nacional e os interesses brasileiros diante da possível ameaça estrangeira. O imigrante, então, era visto como potencial inimigo para o país e sua população, visão que permeou toda a normativa jurídica de estrangeiros da época. Diante da promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/1988) e das novas dinâmicas migratórias tanto de quanto para o país, o estatuto logo se tornou obsoleto e demandou mudanças, as quais vieram de maneira mais célere por meio de normas infralegais (CLARO, 2020, p. 41).

Uma das graves falhas desta lei era que ela não diferenciava as distintas categorias presentes no fenômeno dos fluxos migratórios. Migrantes, refugiados, requerentes de asilo, apátridas, entre outros, eram considerados iguais perante a lei, o que acarretava problemas de acolhimento a solicitantes de refúgio e pessoas que buscavam se estabelecer no país. Com o passar do tempo a legislação ficou obsoleta e bastante desatualizada (BOMFIM; SMORALEK; MIRANDA, 2019, p. 29-30).

Após a nova Constituição Federal entrar em vigor em 1988, algumas mudanças legislativas sobre a questão migratória foram sendo feitas com o passar dos anos. Além da questão dos direitos humanos, passou a imperar a visão de que os migrantes também são detentores de direitos sociais e não apenas de obrigações enquanto residentes no Brasil (CLARO, 2020, p. 42). O artigo 5º da Constituição aponta justamente isso:

[...] Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988).

Desta forma, o estrangeiro no Brasil passou a ter os mesmos direitos básicos de um cidadão nativo segundo a Constituição Federal de 1988.

Reivindicações da sociedade civil e de classe política foram sendo incorporadas para modernizar a legislação migratória. Uma delas foi o fim da medida da Reserva Geográfica que caiu após a publicação do Decreto-Lei nº 98.602/89, no dia 19 de dezembro de 1989. O documento decretava que:

[...] que a mencionada Convenção, apensa por cópia ao presente Decreto, seja, com exclusão dos seus artigos 15 e 17, executada e cumprida tão inteiramente como nela se contém, e que, para os efeitos da mesma, com relação ao Brasil, se aplique o disposto na Seção B.1 (b), do artigo 1º. (BRASIL, 1989).

Além do fim da Reserva Geográfica, os refugiados acolhidos no Brasil também puderam exercer trabalho remunerado e participar de associações. A validação desse decreto possibilitou ainda que o Brasil não só recebesse refugiados de outros continentes, como também regularizasse a situação dos deslocados forçados que no país viviam sob as antigas regras. A partir de 1992 o número de pedidos de refúgio aumentou exponencialmente, já que diversos outros Estados enfrentavam conflitos armados que geravam uma grande massa de deslocados forçados, principalmente oriundos de Angola, RDC, Libéria e da então Iugoslávia, que passava por seu processo de dissolução. (BARRETO, 2010, p. 18).

Nesse período o país passou a aplicar as diretrizes da Declaração de Cartagena de 1984, que serviu ainda como influência para futuras leis sobre a migração no país. Foi o que ocorreu com o caso de angolanos que chegaram ao território brasileiro em 1992. Angola passava por uma complicada guerra civil e cerca de 1200 pessoas viajaram ao Brasil com visto de turista. Assim que desembarcaram solicitaram refúgio no país. Porém, estes indivíduos não se enquadravam no perfil de refugiado reconhecido pelo governo brasileiro. Eles não fugiam de perseguição individual, mas sim da violência generalizada da guerra. Inspirado pela Declaração de Cartagena, o governo brasileiro ampliou então o conceito de reconhecimento à refugiados e acolheu estas pessoas (CARARO; SOUZA, 2020, p. 25). Posteriormente foi adotado o mesmo processo a migrantes liberianos que chegaram ao país e essas mudanças fizeram com que indivíduos de Estados pobres ou em

desenvolvimento enxergassem no Brasil uma alternativa de um futuro melhor (HONORATO; FREITAS, 2023).

Estes processos ao longo das décadas visando modernização, resultaram na criação de uma nova lei que buscava regularizar a situação dos deslocados forçados no Brasil. A Lei nº 9.474/97, também conhecida popularmente como Estatuto dos Refugiados, foi ratificada no dia 22 de julho de 1997 sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, que durante 1964 e 1968 viveu exilado no Chile e na França. A lei reconhecia em seu primeiro artigo:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I- devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (BRASIL, 1997).

Cônjuges, ascendentes, descendentes e demais membros do grupo familiar dependentes economicamente do refugiado, desde que vivendo em território nacional, também seriam reconhecidos pela lei. A mesma legislação criava um órgão federal específico para cuidar da população refugiada e das solicitações de refúgio que o país recebia. Nasceu assim o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), que delimitava como responsabilidades do comitê as seguintes obrigações:

Art. 12. [...] I - analisar o pedido e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado; II - decidir a cessação, em primeira instância, ex officio ou mediante requerimento das autoridades competentes, da condição de refugiado; III - determinar a perda, em primeira instância, da condição de refugiado; IV - orientar e coordenar as ações necessárias à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados; V - aprovar instruções normativas esclarecedoras à execução desta Lei. (BRASIL, 1997).

O regimento interno do CONARE deveria ser aprovado pelo Ministro da Justiça, após designação do Presidente da República e originalmente seria constituído por um

representante do Ministério da Justiça, que presidirá o órgão, um representante do Ministério das Relações Exteriores, um representante do Ministério do Trabalho, um representante do Ministério da Saúde, um representante do Ministério da Educação e do Desporto, um representante do Departamento de Polícia Federal e um representante de organização não-governamental, que se dedique a atividades de assistência e proteção dos refugiados no Brasil. Um representante do ACNUR teria direito a ser membro convidado para as reuniões do órgão, com direito a voz e sem voto (BRASIL, 1997).

Devido as mudanças que cada governo realizou desde a criação do órgão, com a extinção de algumas pastas federais, por exemplo, a atual composição do CONARE é diferente da original. Atualmente integram o comitê um representante do Ministério da Justiça e Segurança Pública, que também atua como presidente da entidade, um representante do Ministério da Educação, um representante do Ministério do Trabalho e da Previdência, um representante do Ministério da Saúde, um representante do Ministério das Relações Exteriores, um representante do Departamento de Polícia Federal e um representante da sociedade civil, que pode ser uma organização não-governamental que atue na proteção dos refugiados no Brasil. Um representante do ACNUR continua tendo acesso como membro convidado, com direito a voz e sem voto. Completam o organograma um membro da Defensoria Pública da União e outro da Procuradoria-Geral da República que atuam apenas como observadores (CONARE, 2023).

O CONARE realiza reuniões periodicamente, normalmente a cada dois meses caso haja um quórum mínimo de quatro membros votantes. Nos encontros os integrantes do comitê avaliam as solicitações de refúgio que foram elaboradas pelos servidores da Coordenação-Geral do órgão e das entrevistas colhidas com os indivíduos que pedem o refúgio no Brasil. Para se chegar até essa definição, porém, é preciso passar por um longo e muitas vezes burocrático processo.

Quando chegam ao Brasil, estes indivíduos solicitam um pedido de refúgio a Polícia Federal (PF) que encaminha a solicitação ao CONARE. Inicialmente o solicitante preenche então um formulário na PF e passa por uma entrevista, que pode ser em português ou no idioma do migrante. Em seguida o termo de declaração de refúgio é enviado ao Comitê.

A seguir o CONARE irá expedir uma declaração que autoriza a emissão do protocolo provisório de solicitação de refúgio. Este será o documento de identidade do solicitante ao refúgio até o fim da análise de seu caso. Tendo em mãos esse protocolo, o solicitante pode tirar provisoriamente o Cadastro de Pessoa Física (CPF), principal cédula de identidade do Brasil, e a Carteira de Trabalho, para conseguir se colocar no mercado de trabalho. O documento tem validade de três meses e precisa ser constantemente renovado na PF até o solicitante ao refúgio ter uma resposta final sobre sua regularização. Caso precise mudar de endereço ou cidade, esse indivíduo precisa manter as autoridades informadas para um possível futuro contato.

Caso a solicitação de refúgio seja aceita pelo CONARE, o solicitante deve procurar a PF e após o sinal positivo das autoridades policiais, tem início os trâmites legais para emissão do Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), que é o documento permanente de identidade dos estrangeiros residentes no Brasil. Em caso do processo der negativo, o solicitante precisa apresentar um recurso ao Ministério da Justiça e Segurança Pública em até 15 dias. O Ministério então, analisará o caso novamente e se definir não conceder a solicitação de refúgio, este indivíduo ficará sujeito a legislação do estrangeiro em vigor no Brasil. Desta forma, ele precisará passar pelo processo de visto para qualquer estrangeiro que busca entrar no país e caso não regularize sua situação pode entrar na ilegalidade e correr risco de deportação (ACNUR Brasil, 2018, p.7-9). Depois de quatro anos de residência regularizada no país, os refugiados ainda podem solicitar um visto de permanência no Brasil.

Todo e qualquer solicitante de refúgio no Brasil precisa passar por este processo que costuma variar em média de um a dois anos até sua definição segundo o CONARE, embora esse procedimento possa demorar ainda mais tempo como a pesquisa apurou nas entrevistas semiestruturadas com refugiados como pode ser visto no capítulo 4. De acordo com números do próprio CONARE atualmente vivem no Brasil 65.840 refugiados.

Algumas entidades ligadas a causa migratória também auxiliam os indivíduos que chegam ao Brasil e buscam solicitação de refúgio. A Cáritas São Paulo e a Missão Paz, são duas instituições ligadas a Igreja Católica que realizam esse tipo de serviço. Entre 2012 e 2017, a Cáritas de São Paulo registrou a presença de 49.711 indivíduos que procuraram a instituição em busca de apoio e acolhimento, todos refugiados ou solicitantes de refúgio (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI;

QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 297). O mesmo relatório da entidade trouxe ainda um dado interessantes: 20% dessas pessoas atendidas na Cáritas relataram que tinham cursado uma graduação no ensino superior (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI; QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 297), desmentindo o senso comum de que refugiados são pessoas desqualificadas (CARARO, SOUZA, 2020, p. 34-35). Já a Missão Paz divulgou um levantamento semelhante, onde entre 2013 e 2018 haviam sido atendidos pela entidade 5.856 refugiados ou solicitantes de refúgio e mais 37.071 migrantes. Essas pessoas foram registradas pela instituição, que busca dessa forma encontrar postos de trabalho para esses indivíduos (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI; QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 301-304)

Passados 20 anos da criação do Estatuto do Refugiado, uma nova lei entrou em vigor visando maior direitos e deveres aos migrantes. Após anos de discussão e projetos tramitando no Congresso Nacional entre 2009 e 2015 (BOMFIM; SMORALEK; MIRANDA, 2019, p. 30), o então Presidente da República Michel Temer sancionou em 2017 a Lei de Migração. Com uma característica mais humanitária e inclusiva, essa legislação visa atribuir aos migrantes acesso à educação, saúde, justiça e programas sociais, além de um maior combate a xenofobia (IMDH; FICAS; MIGRAMUNDO, 2019, p. 18), além de substituir o obsoleto Estatuto do Estrangeiro.

Como aponta Claro (2020), a nova legislação está mais alinhada a Constituição Federal de 1988 e ao respeito aos direitos humanos, promovendo um avanço em relação ao antigo Estatuto do Estrangeiro, sendo aplicada não apenas aos estrangeiros residentes no país, mas também a outras categorias migrantes:

Enquanto o Estatuto do Estrangeiro limita sua aplicação aos não nacionais brasileiros, sem indicar qualquer definição, a Lei de Migração se destina a pessoas em cinco situações diversas: i) imigrante, o não nacional; ii) emigrante, para brasileiros residentes no exterior; iii) residente fronteiriço, para pessoas que residem em áreas de fronteira e realizam migração pendular ao território brasileiro para fins de estudo, trabalho, comércio e atos da vida civil, por exemplo; iv) visitante, para não nacionais com estada de curta duração; e v) pessoas apátridas. (CLARO, 2020, p. 43).

Já Bomfim, Smoralek e Miranda (2019) apontam que a nova Lei, além de não mais considerar o estrangeiro como algo ruim, também era mais humanitária em questões delicadas, como por exemplo, a retirada de migrantes do Brasil:

O texto legislativo proporcionou a imprescindível mudança de paradigma do migrante como elemento a ser vigiado, rechaçado ou explorado para cidadão da comunidade internacional e, portanto, merecedor do respeito aos seus direitos nos diversos âmbitos, inclusive nas questões de retirada do território inerentes a soberania nacional do Estado brasileiro, e participante da construção da realidade social, cultural e econômica do país. (BOMFIM; SMORALEK, MIRANDA, 2019, p. 47).

Outro ponto de destaque na Lei de Migração são a garantia do acesso da população migrante aos serviços públicos como saúde e previdência social, o direito de participar de ações políticas e filiação em partidos políticos e a concessão de vistos humanitários a cidadãos de países que sofreram grandes calamidades.

O caminho para se chegar a versão final da Lei de Migração foi bastante demorado. Durante muitos anos diversos Projetos de Lei foram apresentados com alterações no então vigente Estatuto do Estrangeiro. O primeiro destes projetos foi o nº 5.655/09, que recebeu o nome popular de “Lei do Estrangeiro” elaborado pelo Poder Executivo, mas acabou sendo arquivado tempos depois. Em seguida foi designado pelo então Senador Aloysio Nunes Ferreira, o Projeto de Lei nº 288/13 apresentado no dia 11 de julho de 2013, que buscava instituir a Lei de Migração e regular a entrada e estada de estrangeiros no Brasil. (BOMFIM; SMORALEK; MIRANDA, 2019, p. 34). O texto já apresentava uma visão humanitária e próxima a Constituição Federal de 1988, porém, foi o Projeto de Lei nº 2.516/15 o grande passo para a consolidação da Lei de Migração em 2017. Apresentado no dia 4 de agosto de 2015, o projeto buscava substituir de vez o Estatuto do Estrangeiro, dando ao Brasil uma lei mais moderna, abrangente e humanitária. O Projeto de Lei representou ainda a união das diversas intervenções e considerações encaminhadas nas propostas anteriores, convertendo-se na Lei nº 13.445/17 (BOMFIM; SMORALEK; MIRANDA, 2019, p. 41-42).

Mas mesmo com tantos avanços humanitários, a Lei de Migração sofreu vetos presidenciais quando foi aprovada em 2017. Ao todo foram 18 vetos presidenciais promovidos por Temer, incluindo temas como a negação da livre circulação de indígenas

em áreas fronteiriças e da anistia para imigrantes indocumentados (CLARO, 2020, p. 51). O ex-presidente Jair Bolsonaro também foi um crítico feroz da Lei, chamando-a de “desgraça” e que “facilitaria a entrada de pessoas indesejadas no Brasil” dias após vencer as eleições de 2018 em discurso para aliados políticos (MAIA, 2018).

Durante o governo Bolsonaro, os migrantes e refugiados foram tratados com hostilidade relembrando o Estatuto do Estrangeiro e os tempos de Ditadura Militar, período que Bolsonaro sempre revelou admiração. O ex-presidente também retirou o Brasil do Pacto Global para a Migração das Nações Unidas logo em seu primeiro mês de mandato, alegando que “não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros” (FERNANDES, 2019). Ao tomar posse para seu mandato, em janeiro de 2023, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva recolocou o país no Pacto Global da ONU.

A postura autoritária e centralizadora de Temer em vetar tópicos que foram discutidos por especialistas no assunto e o comportamento abertamente fascista de Bolsonaro ao estigmatizar migrantes e refugiados de forma pejorativa, mostram que mesmo sendo uma legislação moderna e mais alinhada aos direitos humanos, a Lei de Migração ainda tem um longo caminho pela frente e que estará sujeita a enfrentar muitos desafios nos próximos anos.

2.5. IDENTIDADE

Diversos autores e pensadores, definem a identidade como algo sempre em transformação, sendo híbrida, líquida e transitória (CANCLINI, 2008; BAUMAN, 2001; HALL, 2014). De fato, nossa identidade muda constantemente, principalmente devido aos rumos do mundo. O processo de globalização, que sempre ocorreu ao longo da história devido a deslocamentos ou trocas de cultura entre povos, se intensificou principalmente durante o século XX graças a compressão do tempo e das distâncias, o que aproximou culturas, povos e estilos de vida (GIDDENS, 1991, p. 76; HALL, 2014, p. 40). Por exemplo, no passado viagens que levavam dias hoje podem ser realizadas em horas. Notícias que levariam semanas para chegar em determinado local, hoje se tornaram

questões de minutos e com o avanço cada vez mais intenso da internet, segundos. Essa compactação global indiretamente também afetaria com o tempo o fator identitário das pessoas, seja devido as influências externas que uma cultura recebe, seja devido aos deslocamentos feitos por um indivíduo que ao chegar a um novo lugar precisa entender e, muitas vezes, absorver e desenvolver hábitos da nova cultura do local em que se encontra. Todos esses exemplos mostram que autores como Hall e Bauman, principalmente, acertam quando afirmam que a identidade está sempre em mudança.

Ambos têm uma história de vida semelhante, já que ao longo de boa parte de suas vidas, foram migrantes e compreenderam ao longo de seus trabalhos científicos esses efeitos que a identidade sofre.²⁷ Hall afirmou certa vez que conhecia intimamente dois lugares que marcaram sua vida, a Jamaica e o Reino Unido, mas que nunca se sentiu pertencer completamente a nenhum deles devido ao fato de vivenciar as experiências da vida em dois locais muito diferentes entre si (HALL, 2003, p. 415). Ele ainda define a identidade como algo em constante mudança e:

[..] não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um 'posicionamento', ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade (HALL, 2003, p. 432-433).

Bauman (2005, p. 19) também compreende a identidade como algo líquido e que está sempre flutuando no ar, se moldando ao consciente das pessoas, seja por escolha própria ou inflada por fatores externos. O autor dá a entender que a identidade será sempre transitória, sendo uma decisão do próprio indivíduo ou uma influência por parte da sociedade e das convivências desta pessoa. Vai de encontro ao que Hall (2014, p. 29-35) pensa sobre como a identidade é transformada com o passar do tempo, já que ela não está impressa nos genes das pessoas. Além disso, há uma grande influência de cultura nacional ou local nos membros de uma comunidade que, conseqüentemente, buscará unificar estes indivíduos dentro de uma identidade nacional.

Sem dúvida alguma, a globalização e seus efeitos de afastar e juntar simultaneamente (BAUMAN, 1999, p. 8) impactam diretamente no fator identitário dos

²⁷ Stuart Hall nasceu na Jamaica em 1932 e passou a maior parte de sua carreira acadêmica no Reino Unido e lecionou em algumas universidades. Faleceu em 2014 em Londres. Zygmunt Bauman nasceu na Polônia em 1925 e lecionou por quatro décadas também no Reino Unido. Ele faleceu em 2017 em Leeds.

cidadãos de nossa sociedade moderna. Diariamente há um bombardeio de informações que chegam até nós, através da mídia e que são potencializadas pelas redes sociais. Essas ações podem muitas vezes interferir em nosso cotidiano e comportamento, afetando nossa identidade. Trata-se de uma das consequências da globalização que cada vez mais conecta regiões e contextos sociais como aponta Giddens:

[...] pode ser definido como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. [...] Assim quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre em uma vizinhança local tende a ser influenciado por fatores – tais como dinheiro mundial e mercado de bens – operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão. (GIDDENS, 1991, p. 76)

E as identidades, como não poderia ser diferente, acabam sofrendo com os efeitos da globalização. Prova disso é a “identidade global”, conceito criado por Woodward (2014, p. 21) que define este processo como uma espécie de cultura única (bastante ocidentalizada) em todo mundo, que pode ser vista em coisas banais do dia a dia como ir almoçar em uma rede de fast food ou ir ao cinema assistir a um filme blockbuster. Segundo a autora este tipo de ação gera uma homogeneidade cultural promovida pelo mercado global, que simultaneamente reproduz novas identidades e provoca um reforço das identidades locais como forma de resistência.

Este tipo de comportamento é visto com uma maior frequência quando falamos sobre grupos migrantes que chegam a uma nova sociedade para recomeçar suas vidas. Trata-se de um assunto bastante explorado atualmente na esfera política e econômica, onde os migrantes, muitas vezes essenciais para a economia e mercado de trabalho, são colocados como “culpados pelos infortúnios econômicos e pelas angústias sociais” (DETIENNE, 2013, p. 100), principalmente devido suas identidades incompatíveis com a sociedade onde foram acolhidos ou recebidos. Esta intolerância contra os migrantes e refugiados apenas reforça como o fator identitário é um tema bastante interessante para compreender este comportamento da sociedade atual e como o campo migratório apresenta-se como um importante espaço para estudo dessa conjuntura.

Além de estar se deslocando de um ponto a outro, o migrante está sempre em constante transformação identitária. É muito difícil que este indivíduo não absorva algum tipo de influência do local para onde se deslocou. Isso pode ser visível através do comportamento no dia a dia, como gestualidades ou a adaptação à rotina da nova cidade, por exemplo. A variação do sotaque regional de um deslocado forçado interno ou a variação de hábitos culinários seguindo uma dieta típica do país da nova residência por um deslocado forçado externo, são outras características de transformações identitárias que podemos observar. E isso se deve principalmente a essa fluidez que a identidade de um migrante sofre de acordo com os locais por onde ele transita.

Dialogando com o raciocínio de Hall e Bauman e considerando que a identidade estando sempre em movimento, o migrante e o refugiado passam constantemente por um processo de reterritorialização. Aguiar (2021, p. 29) afirma que esse movimento acontece devido a extrema fragilidade e vulnerabilidade destes indivíduos, principalmente pela perda de seus direitos básicos como cidadão. Até porque os refugiados:

[...] estão em constante movimento, não só no sentido de seu deslocamento geográfico, mas também reconstruindo suas relações com o espaço durante seu movimento forçado em busca de proteção e de novas possibilidades de reconstrução de suas vidas, ou seja, de uma reterritorialização. (AGUIAR, 2021, p. 29)

Este processo de ter que “começar do zero” é muitas vezes comum para diversos tipos de migrantes, principalmente os refugiados que antes de traçar algum planejamento ou se preparar para uma mudança de vida estão desesperados, buscando salvar suas vidas e de suas famílias. Esta carga psicológica afeta estas pessoas e faz com que os deslocamentos não sejam tratados apenas em sua forma física, pois afetam ainda as construções identitárias destes indivíduos.

A globalização e a tentativa de se adaptar a um novo espaço também acabam sendo algumas das razões pelas quais os migrantes acabam tendo que “revisar” suas identidades buscando se inserir em um novo local. Ou como define Woodward:

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. [...] Essa dispersão das pessoas através do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas

identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. (WOODWARD, 2014, p. 22)

Essas identidades plurais como aponta a autora são bastante comuns entre grupos migrantes que buscam inserir-se em uma nova sociedade, como por exemplo, o caso dos sírios que encontraram no Brasil uma sociedade totalmente diferente da que estavam acostumados (LANYI, 2015). Assim, o refugiado traz consigo noções de transitoriedade, provisoriedade e temporalidade, vivenciando dois mundos, mas ocupando uma posição marginal em termos identitários, culturais e sociais (MOREIRA, 2014, p. 87). Esses migrantes buscam ainda manter preservadas suas identidades que os fazem recordar de seus locais de origem, mas ao mesmo tempo precisam assimilar uma nova cultura para conseguir se adaptar no novo local de residência, algo que obviamente impactará em suas identidades. Glick Schiller, Basch e Szanton Blanc (2019, p. 350) afirmam que o migrante que passa por todo este processo torna-se um transmigrante que segundo as autoras significa:

Os transmigrantes são imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais e cujas identidades públicas estão configuradas em relação a mais do que um Estado-nação [...] Eles não são hóspedes temporários ou residentes de curta permanência porque se estabelecem e vêm a se incorporar à economia e às instituições políticas, as localidades e os padrões da vida diária do país em que residem. Contudo, ao mesmo tempo, eles estão comprometidos com outros lugares no sentido de que mantêm conexões, constroem instituições, conduzem transações e influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram (GLICK SCHILLER; BASCH; SZANTON BLANC, 2019, p. 350-351).

Essas conexões entre diferentes culturas e os impactos identitários a que os migrantes estão sujeitos a ter, podem acabar gerando conflitos entre grupos nativos e grupos migrantes. Esses choques são inevitáveis mesmo em um mundo altamente globalizado como o nosso. Sendo um assunto constantemente abordado pela mídia, por políticos e pela sociedade como um todo, os fluxos migratórios não são tão simples assim de serem compreendidos por comunidades inteiras. Eco (2020, p. 52-53) aponta que “apenas uma educação constante e aplicada ainda na infância ajudará a sociedade a combater a intolerância de populações nativas contra migrantes ou refugiados”. Como afirma Cárdenas:

Não é fácil explicar a vida dividida de um imigrante. Não é fácil fazer com que alguém que tenha nascido e crescido num mesmo lugar entenda o que significa ter a cabeça, a imaginação, o corpo, a língua repartidos em dois mundos. (CÁRDENAS, 2019, p. 34).

Este comportamento de repulsa ao diferente e aqueles que vem de fora, reforça a “faca de dois gumes” que Bauman (2005, p. 82) utilizou como metáfora para analisar os efeitos que a identidade acaba gerando na sociedade e conseqüentemente, sob os grupos migrantes. Um elo entre esses “dois mundos” pode ser os descendentes destes deslocados já nascidos no país que acolheu ou recebeu seus antepassados.

Estas pessoas já estão adaptadas a sociedade em que vivem, diferentemente de seus pais ou avós que vieram de outro local. Mesmo passando a vida toda em um único país, acabam no convívio familiar tendo contato com hábitos e costumes de seus antepassados estrangeiros, muitas vezes conseguindo se identificar com essas duas realidades distintas desenvolvendo múltiplas identidades como, por exemplo, a identidade étnica (VERMEULEN, 2001, p. 24)²⁸ e a identidade bifurcada (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 130).²⁹

Este tipo de comportamento ocorre com maior frequência em sociedades multiculturais que abrigam sujeitos e comunidades de origens culturais distintas entre si. Para buscar uma melhor compreensão sobre o conceito de multiculturalismo, recorreremos a teoria da política de reconhecimento, desenvolvida pelo filósofo canadense Charles Taylor (1994). De acordo com o pesquisador:

The thesis is that our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others, and so a person or group of people can suffer real damage, real distortion, if the people or society around them mirror back to them a confining or demeaning or contemptible picture of themselves. Nonrecognition or misrecognition can inflict harm, can be a form of oppression, imprisoning someone in

²⁸ Uma identidade étnica diferencia-se destas identidades sociais pela convicção de que se possui uma ascendência, uma história e uma herança cultural comuns, por exemplo, a língua e a religião: o que conta é sobretudo a convicção, a crença (VERMEULEN, 2001, p. 24).

²⁹ Este tipo de identidade acontece quando os imigrantes de primeira geração, e uma parcela dos descendentes de segunda geração, absorvem parte da cultura do novo lar e a funde com suas raízes de origem. Segundo Fabregat, esse comportamento somente irá desaparecer nos cidadãos da terceira geração de imigrantes, que já estão mais bem adaptados à cultura local (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 130).

a false, distorted, and reduced mode of being. (TAYLOR, 1994, p. 25).³⁰

Segundo o autor, esta teoria tem como principal função entender que os indivíduos necessitam ter suas identidades, culturas e costumes reconhecidos e caso isso não ocorra, poderá ser prejudicial a pessoa afetando sua identidade de maneira negativa. Taylor cita ainda que aspectos da política atual estimulam essa necessidade de reconhecimento devido a importância cada vez maior que grupos minoritários e subalternos conquistaram no cenário político e social nos últimos anos. Este exemplo do pensamento de Taylor pode ser adaptado a situação de alguns refugiados no Brasil, que buscam inserir-se em uma nova sociedade, mas que devido a essa falta de reconhecimento ou de uma interpretação equivocada por parte da população nativa, acabam enfrentando dilemas e dificuldades neste processo de integração.

É um fato que os fluxos migratórios são um deslocamento físico de pessoas pelo globo, mas como já explicado aqui eles acabam influenciando, e muito, a construção identitária dos migrantes, de seus descendentes e das pessoas com quem passam a conviver em seu novo local de residência. Sayad (1998, p. 15) aponta que além do espaço físico que os deslocamentos produzem, também acabam se refletindo no espaço de outras áreas, principalmente social, econômica, política e cultural. O esporte, um fenômeno sociocultural, também é uma ótima opção para compreender os estudos das migrações

Como visto ao longo desta pesquisa, as práticas de esporte e lazer estão em total sintonia com outros setores da sociedade, caso dos estudos migratórios, por exemplo. Os estudos do esporte na área das ciências humanas e sociais datam meados do século XX, principalmente com a difusão da sociologia do esporte na Europa e nos EUA (FREITAS, 2022a, p. 3-4). Bourdieu (2007) foi um dos primeiros pesquisadores que viria a estudar o esporte na área sociológica através da sua teoria dos campos, que permite a delimitação do objeto de pesquisa e propõe formas gerais de se pensar a sociedade (BUENO; MARCHI JÚNIOR, 2020, p. 14). Notando que o esporte não estava alheio a sociedade e

³⁰ A tese é que nossa identidade é parcialmente moldada pelo reconhecimento ou sua ausência, muitas vezes pelo desconhecimento dos outros, e assim uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer um dano real, uma distorção real, se as pessoas ou a sociedade ao seu redor refletirem de volta para eles uma imagem confinante ou humilhante ou desprezível de si mesmos. O não reconhecimento ou o não reconhecimento pode causar danos, pode ser uma forma de opressão, aprisionando alguém em um modo de ser falso, distorcido e reduzido. (Tradução livre em português).

era uma área com bastante potencial a ser explorado, Bourdieu observou alguns fatores que faziam com que indivíduos se socializassem e estabelecessem preferências variadas dentro do campo esportivo, semelhante a outros espaços de produção cultural e material que também envolviam gosto de classe e estilo de vida, provocando assim relações de dominação e de embate:

Por ter essas características singulares, o campo esportivo não é estático, é dinâmico e está em constante interação com outros espaços sociais. Os outros campos (econômico, político, intelectual, por exemplo) ainda que distintos do campo esportivo preenchem o esporte de significados e o influenciam, ao mesmo tempo que o esporte mantém certas lógicas específicas. [...] O campo esportivo é diferenciado por ser um espaço social relativamente autônomo, pois tem seu próprio tempo, suas regras de funcionamento singulares, seus atores sociais, suas lutas e seus capitais em disputa específicos. Dessa forma, tem-se um microcosmo dotado de características que lhe dão um caráter distintivo, porém com estrutura bastante semelhante ao macrocosmo social. (BUENO; MARCHI JÚNIOR, 2020, p. 24).

Conseqüentemente, a identidade também acaba sendo impactada pelo esporte e as práticas de lazer. Essa relação entre identidade e esporte pode ser vista tanto no esporte profissional ou esporte espetáculo como define Bourdieu (2003), quanto no esporte de cunho amador.

Na área do amadorismo o fator identitário também pode ser observado por exemplo, na Copa dos Refugiados e Imigrantes. O evento futebolístico nasceu através do esforço e união dos próprios refugiados que enxergaram na prática esportiva uma forma de chamar a atenção da sociedade para suas situações como deslocados forçados internacionais em um novo país. E um dos fatores mais impactantes que este torneio conseguiu atingir foi o reforço da identidade migrante.

Afinal, apenas refugiados e migrantes poderiam disputar a competição e esse critério de participação fortaleceu essa identidade de se reconhecer como um deslocado forçado externo e de se colocar em contato com pessoas em situação semelhante. Sendo historicamente uma parcela marginalizada e excluída da população brasileira, os refugiados encontraram no futebol uma força para reconstruir suas vidas. Com a Copa criaram-se laços e uma forte rede de conexão entre estes indivíduos e simbolicamente uma comunidade imaginada que de acordo com Anderson é:

[...] imaginada por que mesmo os membros das mais minúsculas das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar de todos os seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. (ANDERSON, 2008, p. 32).

Esta ideia de comunidade também se reflete no universo do futebol. Definido por Giulianotti (2010, p. 42) como uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, a modalidade tem a capacidade de gerar uma imaginária comunidade de milhões que se torna mais real na forma de um time de onze pessoas (HOBSBAWM, 2013, p. 197).

A oportunidade que estes refugiados têm, mesmo que de forma não oficial, de poderem representar a bandeira de seus respectivos países, de onde tiveram que fugir para preservar suas vidas, tem um poder simbólico tremendo. Ouvir o hino nacional antes de cada partida é algo bastante emblemático e para eles é como disputar uma partida oficial da Copa do Mundo da FIFA.

No cenário de alto rendimento também encontramos histórias de atletas refugiados que conseguiram chegar ao nível profissional e se destacar representando os países que lhes acolheram, caso da corredora Sifan Hassan.³¹ As participações de atletas e paratletas nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 e de Tóquio-2020 competindo em equipe formadas apenas por deslocados forçados e ignorando suas nacionalidades, trouxe uma nova forma destes esportistas se reconhecerem como refugiados, como escreveu a nadadora síria Yusra Mardini, que integrou o Time Olímpico dos Refugiados nas duas edições dos Jogos:

But there is no shame in being a refugee if we remember who we are. If we remember that being a refugee is not a choice. That our only choice was to die at home or risk death trying to escape. It was the choice between a bomb and drowning at sea. So, who are we? We are still the doctors, engineers, lawyers, teachers, students we were back at home. We are still the mothers and fathers, brothers and sisters. It was violence that made us orphans. It was war that made us terrified parents, sacrificing everything to save our children from carnage. It was

³¹Sifan Hassan nasceu na Etiópia e foi para os Países Baixos com a família ainda na adolescência. Após um período no país recebeu a nacionalidade neerlandesa e foi campeã olímpica nos 5000m e 10000m rasos no atletismo nos Jogos de Tóquio-2020.

persecution that drove us from our homes in search of peace. That is refugee. That is who I am. [...] I am Yusra. I am a refugee and I'm proud to stand for peace, for decency and dignity for all those fleeing violence. (MARDINI, 2017).³²

Como visto, o conceito de identidade é bastante abrangente e pode ser explorado através de diferentes áreas de conhecimento como demonstrado neste capítulo nos fluxos migratórios e nas práticas de esporte e lazer.

³² Mas não há vergonha em ser um refugiado se nos lembrarmos de quem somos. Se nos lembrarmos que ser refugiado não é uma escolha. Que nossa única escolha era morrer em casa ou arriscar a morte tentando escapar. Foi a escolha entre uma bomba e um afogamento no mar. Então, quem somos nós? Ainda somos os médicos, engenheiros, advogados, professores, alunos que éramos em casa. Ainda somos mães e pais, irmãos e irmãs. Foi a violência que nos tornou órfãos. Foi a guerra que nos fez pais aterrorizados, sacrificando tudo para salvar nossos filhos da carnificina. Foi a perseguição que nos expulsou de nossas casas em busca de paz. Isso é ser um refugiado. Isso é quem eu sou. [...] Eu sou Yusra. Sou uma refugiada e tenho orgulho de defender a paz, a decência e a dignidade de todos aqueles que fogem da violência. Tradução livre em português.

3. ESPORTE E MIGRAÇÃO

Um dos maiores fenômenos do mundo moderno, o esporte é considerado por muitos estudiosos como uma poderosa manifestação social, política, cultural e de costumes capaz de englobar diversas práticas humanas através de regulamentos e instituições, estar presente em todas as classes sociais e ser um elemento essencial para a cultura de massas, além de influenciar e ser influenciado pela sociedade. (BUENO; MARCHI JÚNIOR, 2020, p. 9; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007, p. 227; SUPPO, 2012, p. 420; BARBANTI, 2006, p. 58). Após seu processo de desenvolvimento ao longo do século XIX e da formatação de regras universais de suas diversas modalidades no início do século XX, este fenômeno tornou-se muito mais do que uma atividade esportiva, lúdica e de lazer, incorporando-se ao cotidiano da sociedade contemporânea e possibilitando análises macrossociológicas como o caso desta tese.

Definir o que é o conceito de esporte é algo bastante complexo e não é o foco desta tese. Porém, pode-se concordar com Barbanti (2006, p. 54) quando o pesquisador aponta que a definição do que é esporte seria estar “se referindo a um tipo específico de atividade que depende de condições particulares para ocorrer e da orientação subjetiva dos participantes envolvidos”.

Com sua rápida expansão global, o esporte passou a figurar como um protagonista da sociedade moderna, tornando-se presente na cultura e imaginário popular. No ambiente acadêmico, novas pesquisas tendo o esporte como objeto de estudo passaram a ser realizadas em diferentes campos de conhecimento, demonstrando que Bourdieu (2003, p. 184) estava certo ao afirmar que o esporte tinha suas particularidades e características temporais, mas jamais esteve alheio ao que se passava no mundo. Elias e Dunning (1992) também foram pesquisadores que enxergaram no esporte uma forma de construir relações sociais. Porém, nos primórdios dos estudos do esporte nas ciências humanas e sociais havia resistência de parte da academia em ver essa atividade como objeto para pesquisas, o considerando como algo de menor importância em relação a outras temáticas:

No entanto, apesar do desprezo verificado quando se comparam estas áreas, o desporto demonstra com toda a clareza que constitui um campo de considerável significado social, o que — de acordo com o grau de pretensão, que os sociólogos levam tão a sério, segundo o qual a sua disciplina é uma ciência de compreensão da sociedade, que estuda as

sociedades em todos os seus aspectos — reclama teorização e investigação sociológica. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17-18).

Com o tempo o esporte passou a ser visto pelos pesquisadores como uma oportunidade para compreensão de diversas questões, como sociais, políticas, culturais, de comportamento, entre outras, chegando inclusive a pautar sérias discussões sociais como a questão do racismo, da igualdade de gênero, da saúde mental de atletas, entre outros assuntos (FREITAS, 2022a, p. 6-8). Citando a teoria bourdieusiana, Marques (2015, p. 149) afirma que o esporte está presente não apenas na vida de quem se dedica a alguma prática esportiva, mas, também está de forma quase onipresente em diversas esferas de atuação da vida cotidiana de pessoas. Segundo o autor o esporte:

[...] interage com diversos campos sociais (no sentido bourdieusiano do termo), sendo produto e produtor, gerador de demandas sociais e transmissor e transformador de valores morais (por vezes distintivos), com maior ou menor grau de importância. Torna-se quase impossível tratar dos campos da educação, economia, saúde, política, jornalismo, ciência, entre outros, ignorando alguma relação ou influência que o esporte possa exercer ou sofrer. [...] investigar o esporte como um fenômeno sociocultural pode ser um dos caminhos possíveis para estudar a sociedade globalizada. (MARQUES, 2015, p. 149).

Ao longo da história o esporte se espalhou pelo mundo, se assimilando as mais diferentes sociedades do globo. Suas modalidades se adaptaram as características sociais e territoriais de cada região, fazendo com que este fenômeno se tornasse um personagem presente no dia a dia da vida humana, seja como uma simples atividade lúdica de lazer que pode ser praticada em uma manhã de sol em um parque ou patinando em uma pista de gelo durante o inverno, seja como uma grande final de Copa do Mundo de futebol masculino que mobiliza países em todos os continentes e é acompanhada ao vivo e simultaneamente por bilhões de pessoas.

Não é intenção deste trabalho apontar um exato momento na história onde poderíamos determinar a “invenção” do esporte ou de uma modalidade. Essas práticas foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo, embora registros mostrem que na Grécia Antiga já ocorriam disputas esportivas em homenagem a divindades que foram reinventadas no futuro se tornando os Jogos Olímpicos que conhecemos hoje

(ALMEIDA, 2017, p. 40). Também ocorreram no passado, tendo registros na Ásia, América e Europa, atividades que nos recordam das modalidades contemporâneas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 15-16). Porém, a consolidação do esporte que conhecemos hoje se deu no decorrer do século XIX com o surgimento de diversas modalidades e do conceito de que a prática esportiva era um ideal de beleza e de culto ao corpo (QUITZAU, 2019, p. 12), uma distinção social entre as mais diferentes classes de uma sociedade (BOURDIEU, 2007, p. 25), e para desenvolver um controle das emoções como parte do processo civilizador discutido na obra elisiana, que pode ser visto na concepção dos Jogos Olímpicos da era moderna:

A nível internacional, os acontecimentos desportivos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato do Mundo proporcionam as únicas ocasiões, em tempo de paz, durante as quais nações inteiras podem unir-se com regularidade e de forma visível. A divulgação do desporto a nível internacional tem implicações no aumento da interdependência internacional e da existência, com várias exceções notáveis, de uma paz mundial frágil e instável. Confrontos como os Jogos Olímpicos permitem aos representantes das diferentes nações competirem entre si sem se matarem, ainda que o grau em que semelhantes provas de combates simulados se transformaram em confrontos “reais” esteja dependente, entre outros, do nível de tensão preexistente entre os Estados-nações envolvidos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 325).

Inclusive as modalidades esportivas que foram surgindo no século XIX na Europa acompanharam os movimentos migratórios do período, viajando além-mar junto de famílias e trabalhadores europeus que buscavam a sorte em outros continentes. A rápida expansão do futebol pelo globo, que conseguiu se assimilar as mais diferentes sociedades e conquistou milhões de praticantes em seus primórdios, é o melhor exemplo disso. Outro exemplo são as criações de clubes e agremiações por comunidades migrantes nas mais diversas sociedades pelo mundo.

Como esta tese abordará fluxos migratórios no estado de São Paulo, tomemos a capital paulista como um exemplo dessa relação entre esporte e migração. Muitos dos clubes mais famosos da cidade, sejam não âmbito do esporte profissional ou amador, têm suas raízes oriundas de comunidades estrangeiras como o Esporte Clube Pinheiros da comunidade alemã, a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Clube Atlético Juventus da comunidade italiana, a Associação Portuguesa de Desportos da comunidade portuguesa, a Associação A Hebraica e o Círculo Esportivo Israelita Brasileiro Macabi da comunidade

israelense e judaica, o Clube Monte Líbano da comunidade libanesa, o Esporte Clube Sírio da comunidade libanesa e o Clube Atlético São Paulo, conhecido pela sigla SPAC da comunidade britânica.

Ao longo de sua trajetória, o esporte já foi utilizado como ferramenta ideológica por líderes políticos, como instrumento diplomático para contornar crises e passou por um processo de mercantilização tornando-se um instrumento bastante valioso e lucrativo para o mercado (AGOSTINO, 2011, p. 55; FREIXO, 2014, p. 75-76; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007, p. 229).

Talvez “dinâmico”, seja a palavra que melhor defina o que é o esporte em tempos atuais. Este fenômeno continua até hoje em constante mudança e transformação. Parafraseando Hall (2014) que define a identidade como transitória, o esporte apresenta semelhante comportamento. Novas ideias para práticas esportivas surgem a todo momento, seja uma adaptação de modalidades que já existem, como por exemplo surfar com uma prancha *foil* (SIQUEIRA, 2018)³³ que é uma clara derivação do surfe tradicional, seja em inovações tecnológicas e que tenham como objetivo deixar o jogo mais justo como a adoção do *video assistant referees*³⁴, conhecido popularmente como VAR, no futebol. Inclusive, nesta era digital os jogos eletrônicos estão cada vez mais populares entre os jovens e muitos acreditam que sua entrada no Movimento Olímpico, para que sejam disputados em futuras edições dos Jogos, é inevitável (MOIOLI, 2021). Seja pela popularidade, seja pelos ganhos mercantilistas através de grandes patrocínios que uma disputa entre jogadores virtuais possa gerar ou questões muito além da análise aqui proposta.

Como se pode ver, o esporte não é apenas um fenômeno sociocultural, e sim um elemento essencial para a vida em sociedade e sua presença tão constante no cotidiano da sociedade atualmente o torna algo extremamente necessário para investigações e fruto para novas pesquisas acadêmicas. Atualmente o esporte é completamente diferente daquele que surgiu no século XIX. Cada vez mais regularizado, disciplinado, globalizado,

³³ A prancha *foil* tem uma espécie de quilha gigante com asas em um formato super hidrodinâmico, que oferece menos resistência à água em relação a uma prancha convencional. Com o uso deste acessório, as pranchas *foil* atingem uma velocidade maior, além de planarem sobre ondas minúsculas e possibilitar o surfista a pegar ondas que ainda não estouraram.

³⁴ Árbitro Assistente de Vídeo. Tradução livre em português.

mercantilizado e tecnológico, tornou-se ainda mais abrangente e presente em diferentes campos e culturas.

Como parte essencial da sociedade-espetáculo atual, com a dominação da burguesia perante o proletariado como define Debord (2006), o esporte, dito profissional, tornou-se um gigantesco elemento para ganhos mercantilistas e capitalistas. Claro que características como o amor pela prática esportiva e o sentimento de catarse pelas conquistas e vitórias ainda estão presentes em sua composição, mas as transformações pelas quais ele vem passando mostram como este fenômeno também soube se adaptar aos tempos modernos. Hoje a indústria esportiva lucra diariamente com cifras incalculáveis seja na venda de produtos, na comercialização de ingressos para eventos, em espaços no *mainstream* e até na produção de jogos eletrônicos, que precisam de autorização das federações esportivas responsáveis pelas modalidades para serem comercializados.

Com este processo de profissionalização e a mercantilização do esporte, os megaeventos esportivos passaram a ser cada vez mais atrativos para o mercado que enxerga neste evento uma lucrativa vitrine para exposição de marcas e produtos. Rubio (2016) afirma que os Jogos passaram por diferentes fases ao longo de sua existência sendo até hoje quatro concluídas: a fase de estabelecimento entre 1896 e 1912; a fase de afirmação entre 1920 e 1936; a fase de conflito entre 1948 e 1984 e a fase do profissionalismo entre 1988 e 2016. A partir dos últimos Jogos em Tóquio, realizados pela primeira vez fora do ciclo olímpico de quatro anos devido a pandemia de COVID-19, o Movimento Olímpico entrou em uma fase que a autora chama de “nova ordem olímpica”, devido as demandas da Agenda 20 + 20 (RUBIO, 2016, p. 27).

Outro exemplo desta transformação da qual o esporte passou e vem passando é sua posição como meio para difusão do soft power de alguns Estados. Definido por Nye (2004) como uma forma de demonstração de força esse conceito é:

Sometimes you can get the outcomes you want without tangible threats or payoffs. The indirect way to get what you want has some times been called "the second face of power." [...] A country may obtain the outcomes it wants in world politics because other countries admiring its values, emulating its example, aspiring to its level of prosperity and openness want to follow it. In this sense, it is also important to set the agenda and attract others in world politics, and not only to force them to change by threatening military force or economic sanctions. This soft power getting others to want the outcomes that you want coopts people

rather than coerces them. [...] Soft power rests on the ability to shape the preferences of others. (NYE, 2004, p. 5-6).³⁵

Grandes campeonatos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol masculino, também conhecidos como megaeventos, tornaram-se vitrines para a difusão deste soft power por parte de Estados que buscam obter prestígio internacional e utilizam estes campeonatos como uma oportunidade para apresentar-se para o mundo (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2018, p. 234). É o caso do grupo econômico conhecido pela sigla BRICS, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Apenas no século XXI estes cinco países sediaram juntos dezenas de eventos internacionais de grande porte global como Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão e Inverno, Copas do Mundo de futebol masculino e campeonatos mundiais e continentais de diversas modalidades (BETTINE, 2022, p. 18-19).

Os megaeventos também podem impactar em questões migratórias e um exemplo é o Brasil. De acordo com Uebel (2018, p. 517) o fluxo migratório de estrangeiros, especialmente de países africanos, cresceu durante o período de realização de megaeventos no país entre os anos de 2013 e 2016 devido as políticas adotadas pelo governo da então presidente Dilma Rousseff,³⁶ que emitiu vistos especiais ou retirou a exigência dos mesmos inicialmente para profissionais envolvidos nos eventos, e posteriormente sendo estendido a turistas no período de disputa dos mesmos, afim de evitar problemas na entrada destes indivíduos no país que poderiam prejudicar a execução das competições. Segundo o pesquisador:

Isenção, turismo, migração e irregularização poderiam ser as palavras-chave para definir a política dos vistos para os grandes eventos desportivos ocorridos durante o governo Rousseff: a Copa das Confederações de 2013, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos do Rio de Janeiro de 2016, e que ajudariam

³⁵ Às vezes, você pode obter os resultados desejados sem ameaças ou recompensas tangíveis. A maneira indireta de obter o que você quer foi algumas vezes chamada de "a segunda face do poder". [...] Um país pode obter os resultados que deseja na política mundial porque outros países que admiram seus valores, imitam seu exemplo, aspiram a seu nível de prosperidade e abertura e querem segui-lo. Nesse sentido, também é importante definir a agenda e atrair outros na política mundial, e não apenas forçá-los a mudar por meio de ameaças de força militar ou sanções econômicas. Esse poder brando faz com que os outros desejem os resultados que você deseja cooptando as pessoas em vez de coagi-las. [...] O poder brando se baseia na capacidade de moldar as preferências dos outros. (NYE, 2004, p. 5-6). Tradução livre.

³⁶ Entre 2013 e 2016 o Brasil sediou a Copa das Confederações de futebol masculino em 2013, a Copa do Mundo de futebol masculino em 2014, os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 e os Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016.

a modificar o panorama imigratório do Brasil naquele período, além de ser um tema pouco estudado da política externa migratória brasileira. (UEBEL, 2018, p. 516-517).

Sem as tradicionais exigências para entrada no país, muitos migrantes aproveitaram o período dos torneios para viajar com a intenção de se estabelecer no Brasil. Muitos deles chegaram ao país sem ingressos e nem os adquiriram durante as competições, aproveitando a situação para solicitar refúgio ou buscar obter alguma ocupação no país para facilitar sua permanência em território brasileiro após o fim dos 90 dias que estes “vistos desportivos” concediam. (UEBEL, 2018, p. 519).

Em meio a tantos espaços onde se faz presente neste século, o esporte também pode ser visto como uma ótima prática para a integração social para populações marginalizadas, como é o caso dos refugiados. Eventos com a Copa dos Refugiados e Imigrantes, a presença dos times olímpicos e paralímpicos nos Jogos e diversas outras ações em que o esporte é a válvula de escape utilizada para a integração dessas comunidades na sociedade fazem parte da rotina da sociedade contemporânea (FREITAS, 2021a, p. 11-12). Embora ao mesmo tempo, ainda tenhamos que conviver com fatores negativos que geram preconceitos como o racismo, xenofobia, machismo, lgbtqia+fobia, intolerância religiosa, entre outros (FREITAS, 2022b, p. 101).

Em um século de tantas e constantes transformações é difícil saber qual será o futuro do esporte, porém, a única certeza é que ele continuará em seu processo de transformação e se adaptando as demandas da sociedade.

3.1. A COPA DOS REFUGIADOS E IMIGRANTES

Como já citado anteriormente na introdução, a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA em 2014 foi a grande inspiração para a criação da Copa dos Refugiados e Imigrantes na cidade de São Paulo, um mês após a realização da competição internacional. O megaevento, vencido pela Alemanha, despertou a atenção em um grupo

de refugiados que teve a ideia de realizar a “sua Copa do Mundo”, tendo através do esporte uma chance de chamar a atenção para a causa do refúgio no Brasil.

Parte desses migrantes e refugiados se conheceram através do futebol, pois jogavam bola em uma quadra localizada próxima a Igreja Matriz Paroquial Nossa Senhora da Paz, onde atua a Missão Paz no bairro do Glicério, na região central de São Paulo. Com o país tomado pelo clima festivo da Copa do Mundo que se aproximava e com a enorme quantidade de nacionalidades que frequentavam o local, os migrantes pensaram em organizar um torneio de futebol inicialmente como forma de lazer e para conhecer outras pessoas em situação semelhante. Com o tempo, perceberam que poderiam ir além, se autoajudando e criando um canal para se aproximar da sociedade civil e órgãos do Estado.

Figura 7 – Vista da quadra onde os refugiados jogavam bola antes da criação da Copa dos Refugiados e Imigrantes no bairro do Glicério em São Paulo, próximo ao Viaduto Leste-Oeste com a Igreja Matriz Paroquial Nossa Senhora da Paz ao fundo.



Fonte: Reprodução/Youtube. (YOUTUBE, 2014).

Além da própria atitude, os refugiados tiveram apoios essenciais para que o torneio fosse realizado, principalmente de duas entidades atuantes na causa do refúgio: a ONU e a Cáritas Brasileira. As Nações Unidas apoiaram o projeto através do ACNUR e

a Cáritas através da sua filial paulista. Ambas colaboraram na divulgação e arrecadação de verba para ajudar no custeio do evento.

A primeira edição reuniu 16 times que disputaram as partidas em um campinho de terra no Clube Escola Comunidade Novo Glicério, localizado na Rua Frederico Alvarenga, número 391, no bairro da Sé, na cidade de São Paulo, conhecido popularmente como “Campo da Tia Eva”. Alguns brasileiros ajudaram na composição dos elencos e atuaram como voluntários na equipe de apoio ao longo dos dois dias de competição. Uma reportagem do site especializado MigraMundo, acompanhou o torneio e coletou depoimentos de refugiados que entraram em campo. “Felicidade”, “amizade”, “paz” e “união” foram algumas das palavras mais citadas pelos atletas ouvidos pela reportagem do periódico, demonstrando como o evento foi importante para fortalecer os vínculos entre esses refugiados que se conheceram através do futebol (DELFIM, 2014b).

A edição inicial terminou com o título da Nigéria ao superar a equipe de Camarões. O clássico africano foi decidido em uma emocionante disputa por pênaltis após um empate por 3 a 3 no tempo normal.

Figura 8 – Campo do Clube Escola Glicério, “Campo da Tia Eva”.



Fonte: Ricardo Fonseca/Secom (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2009).

Figura 9 – Nigéria vence a primeira Copa dos Refugiados e Imigrantes.



Fonte: Rodrigo Borges Delfim (DELFIM, 2014a).

Não foi apenas a união através do futebol e a discussão da causa do refúgio que marcaram a primeira edição do evento. Outra palavra muito citada e escutada no campinho de terra foi: protagonismo. Em declaração ao site MigraMundo, Larissa Leite, diretora de Relações Externas da Cáritas, afirmou que “o grande valor dessa Copa é o protagonismo dos refugiados como organizadores” (DELFIM, 2014a). Afinal, eles não eram somente os protagonistas dentro de campo, mas fora dele também. Foram eles quem idealizaram, organizaram e fizeram o torneio acontecer através do próprio esforço e união coletiva em enxergar na atividade esportiva uma forma para chamar a atenção da sociedade para a causa do refúgio (FREITAS, 2022c, p. 55).

Realizada com sucesso a primeira edição, começaram então as discussões para o futuro do evento. A ONG África do Coração³⁷ tomou frente do torneio e passou a ser a principal responsável pela competição. Formada e idealizada por refugiados africanos que viviam em São Paulo em 2013, a entidade assumiu a missão de dar continuidade a competição. Visando realizar o evento anualmente, a ONG passou a selecionar um representante de cada país para ser o responsável por montar a equipe. Aos poucos o evento foi crescendo e chegando até diversas comunidades migrantes em São Paulo. Com o tempo já havia muitos interessados em disputar o torneio e a ONG também absorveu migrantes voluntários de outras nacionalidades para colaborar com os projetos.

Em 2020 a organização não governamental decidiu mudar seu nome, passando a se chamar Pacto pelo Direito de Migrar, tendo como principal função além dos jogos promover palestras em escolas, prestar consultoria para organizações que atuam com a questão da migração, orientar migrantes e refugiados com suas respectivas documentações para permanecer no Brasil, ajudar na busca por oportunidade de trabalho aos deslocados forçados, entre outras (VERONEZI, 2021). Regularizada com CNPJ, a ONG PDMIG também integra o Conselho Nacional de Direitos Humanos e o Conselho Municipal de Imigrantes de São Paulo.

A dinâmica da Copa dos Refugiados seguiu semelhante nos anos seguintes com seleções nacionais formadas por atletas migrantes representando seus respectivos países. Sendo bastante repercutida dentro da comunidade de refugiados no país, o evento começou a receber pedidos para fosse disputado também em outras cidades brasileiras, contemplando migrantes de outros locais, chegando em 2016 a Porto Alegre.

O crescimento do torneio fez com que a PDMIG buscasse novos apoios para viabilizar a competição. Além dos parceiros da primeira edição como Cáritas e ACNUR, novos patrocinadores passaram a colaborar com a Copa. Empresas da iniciativa privada como Netshoes, Sodexo, SESC-SP e Eurosports, foram algumas marcas que atuaram no torneio em algum momento específico. O setor público também colaborou fornecendo principalmente espaços para a disputa das partidas. Através das Secretarias Municipais de Esporte, Juventude e Lazer, os jogos passaram a ser disputados em campo ou quadras

³⁷ Ver África do Coração, atual PDMIG: <http://pdmig.org/>.

públicas, sendo também aberto ao público em geral. O apoio de órgãos públicos foi em grandes vezes essencial para a sobrevivência da Copa dos Refugiados e Imigrantes.

Porém, o torneio não se resume apenas a ações dentro de campo. Fora dele, a PDMIG buscou mesclar o esporte com integração e inclusão social da população migrante e refugiada. Atividades educacionais foram realizadas em parcerias com escolas, onde os membros da ONG foram para salas de aula contar suas histórias de vida e experiências sobre serem refugiados para alunos. Ações de cunho cultural também foram realizadas pela ONG. Feiras culturais durante a disputa das partidas, com tendas exibindo artesanato e utensílios de seus países de origem, chegaram a ocorrer e um hino do torneio, cantando por refugiados, chegou a ser gravado em estúdio para divulgar a diversidade musical. Por fim, um banco de currículos foi montado em algumas edições visando ajudar refugiados e migrantes a conseguirem oportunidades e vagas de emprego. Assim como a disputa entre seleções nacionais, estas ações fortaleceram ainda mais o sentimento de coletividade desta comunidade imaginada, como bem aponta Anderson (2008). Essas foram algumas alternativas encontradas pelos organizadores, além do futebol, para chamar a atenção para a causa do refúgio.

A partir de 2017 o torneio começou a se nacionalizar. Novas cidades demonstravam interesse em receber a competição e parcerias da PDMIG com governos estaduais e municipais começaram a ser fechadas. Além de Porto Alegre, o Rio de Janeiro foi outra grande capital que passou a abraçar a Copa. A expansão primeiramente para essas duas cidades ocorreu devido ao número de refugiados e migrantes que vivem nestes locais e pelo número de solicitações de refúgio. De acordo com o banco de dados do OBMigra até 2020 haviam sido feitas 2.607 solicitações para refúgio no estado do Rio de Janeiro e outras 4.358 no estado do Rio Grande do Sul (OBMIGRA, 2020). Segundo o mesmo levantamento, o Rio Grande do Sul correspondia ao 7º estado com maior número de solicitações de refúgio no país ao final daquele ano, enquanto o Rio de Janeiro ocupava a 9ª posição neste ranking nacional (OBMIGRA, 2020).

Figura 10 – Final da Copa dos Refugiados e Imigrantes na Arena do Grêmio em Porto Alegre em 2017.



Fonte: Acnur Brasil (ACNUR BRASIL, 2017).

Ao ampliar seu espaço de disputa, adicionando novas cidades ao torneio, a organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes passou a nacionalizar a competição. Na edição de 2018 o torneio passou a ser realizado em duas fases: uma regional e outra nacional. A fase regional era disputada nas cidades-sedes do evento e o campeão de cada cidade se classificava para uma disputa nacional a ser disputada no estádio do Pacaembu. Entraram em campo os campeões das fases em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre e mais uma seleção chamada de Malaika, que era formada por refugiados de várias nacionalidades que viviam em São Paulo. Na final, a equipe de Malaika, termo de origem árabe e significa “anjos da guarda”, foi coroada como grande campeã da primeira edição nacional da Copa dos Refugiados (PACHIONI, 2018).

Para os refugiados e migrantes que disputaram o torneio daquele ano, jogar em um dos principais estádios do Brasil era um sonho realizado e foi uma importante oportunidade para chamar a atenção da sociedade civil. Entusiastas de futebol compareceram ao estádio do Pacaembu para acompanhar a partida e parte da mídia tradicional também esteve presente para cobrir o torneio, que contou inclusive com a presença de Bruno Covas, então prefeito da capital paulista (BOCCHINI, 2018).

No ano seguinte a dinâmica se repetiu e a Copa dos Refugiados e Imigrantes cresceu para novas capitais nacionais. Além de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, Brasília, Curitiba e Recife passaram a receber partidas da competição. Consolidada como uma inovadora alternativa da promoção de esporte e lazer para refugiados e migrantes no Brasil, o torneio visava realizar sua segunda final nacional no mais famoso estádio de futebol do país: o Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, no Rio de Janeiro. Infelizmente, devido a falta de datas disponíveis para a utilização do estádio, a final nacional acabou sendo adiada para o início de 2020.

Porém, a pandemia de COVID-19 afetou drasticamente a realização e futuro do evento. Com o avanço da doença pelo país, a ONG teve que apertar os cintos e cortar gastos. Sem autorização das autoridades sanitárias, as edições de 2020 e 2021 foram canceladas devido a pandemia, assim como uma primeira edição feminina da Copa e uma corrida de rua que teria a causa do refúgio como tema central. Palco das finais regionais da Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo, o estádio do Pacaembu deixou o futebol de lado e tornou-se um gigantesco hospital de campanha para tentar salvar o maior número possível de pessoas infectados pelo vírus (GABRIEL, 2020).

A ONG PDMIG também sofreu com os efeitos da pandemia tendo sérias restrições econômicas e mesmo assim, membros da entidade realizaram campanhas de doação de cestas básicas para refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade em São Paulo (VERONEZI, 2021) e se mantiveram na esperança do retorno da Copa dos Refugiado e Imigrantes que se deu em 2022 com a disputa regional em sete cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Recife e pela primeira vez em Belo Horizonte.

Figura 11 – Atletas durante a final da edição 2022 da Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo entre Guiné-Bissau e Benin, realizada no Centro Esportivo Pirituba.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Com o retorno da competição ao calendário das cidades-sedes, a PDMIG segue fazendo planos para continuar a divulgar a causa do refúgio através do esporte. A ONG planeja voltar a disputar a fase nacional e chegar a outras capitais que nunca receberam jogos como Florianópolis e Manaus, por exemplo, que contam com grande comunidade refugiada de haitianos e venezuelanos (OBMIGRA, 2020).³⁸ Outros objetivos são expandir o torneio para além das fronteiras brasileiras, tentando realizar a competição em outros países usando o futebol como pauta para discussão da pauta do refúgio e da migração e dar mais espaço para mulheres interessadas em jogar o evento.

³⁸ Segundo o banco de dados do OBMIGRA, até o ano de 2020 haviam sido feitas 3.701 solicitações de refúgio por haitianos no estado de Santa Catarina, o terceiro maior volume registrado no país. Já no Amazonas até 2020, foram 14.309 solicitações de refúgio feitas por venezuelanos no estado, o segundo maior volume registrado no Brasil até então (OBMIGRA, 2020).

Até os dias atuais, poucas mulheres disputaram a competição. Segundo a pesquisa apurou, a participação feminina ocorreu nas primeiras edições quando o torneio ainda não tinha tanta visibilidade e era pouco conhecido pela comunidade migrante e refugiada. Com sua expansão, a procura para participar dos jogos foi exclusivamente masculina. O pesquisador esteve durante o período da tese acompanhando algumas edições e o contato físico e a intensidade dos jogadores, pode ser um dos motivos pela baixa participação das mulheres, além delas poderem ser preteridas na escolha dos atletas convidados a participar. Este desequilíbrio de gênero pode ser conferido no placar das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes e envolvidos com a Copa dos Refugiados e Imigrantes: 9 a 1, sendo que a única entrevistada feminina faz parte da organização do evento e nunca esteve em campo disputando o torneio. O tema também foi levantado por um dos entrevistados pela tese.³⁹

Vale destacar ainda, que a Copa dos Refugiados e Imigrantes é disputada por indivíduos que não tem como profissão serem jogadores profissionais de futebol. Ainda assim, o torneio pode ser considerado como uma competição amadora. Diferentemente de um campeonato oficial que é institucionalizado e chancelado por uma entidade esportiva reconhecida como tal (BARBANTI, 2006, p. 55), a Copa dos Refugiados e Imigrantes não pode ser tratada como um torneio profissional, mesmo apontando em seu regulamento que seguirá as regras oficiais da FIFA, contando inclusive com arbitragem contratada e tendo a beira do gramado profissionais de saúde cedidos pela prefeitura da cidade-sede para realizar atendimento médico caso necessário. Os participantes não são remunerados pela atividade, porém, estão disputando um troféu em um torneio esportivo, competindo sob condições formais e organizadas.

Por fim, a entidade visa obter um dos objetivos que nunca chegou de fato a concretizar: a profissionalização de atletas refugiados. Desde que o evento teve início nunca um atleta conseguiu ter uma carreira estável no alto rendimento, por diversos fatores. Um dos principais se deve ao fato da documentação e regularização da situação do refugiado em solo brasileiro. Devido à demora e burocracia para legalizar a situação do indivíduo, muitos clubes desistem de seguir apoiando ou custeando a carreira de potenciais atletas.

³⁹ Entrevista transcrita entre as páginas 240 e 243.

Esta situação ocorreu com um refugiado ouvido pelo pesquisador, que contou sua história relatando que problemas em sua situação migratória no Brasil interromperam momentaneamente a possibilidade de seguir uma carreira no futebol profissional, algo que este sujeito conseguiu realizar anos depois.⁴⁰

3.2. OUTRAS ATIVIDADES DE ESPORTE E LAZER COMO INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL DE REFUGIADOS E MIGRANTES NO ÂMBITO AMADOR E PROFISSIONAL

A Copa dos Refugiados e Imigrantes é o tema central desta pesquisa, porém, o evento não é o único que busca relacionar questões do refúgio e das migrações com as práticas de esporte e de lazer. Outras atividades no Brasil e no exterior, também visam atuar com essa pauta.

Meses antes da realização da Copa dos Refugiados e Imigrantes em 2014, ocorreu uma versão semelhante organizada pelo Instituto Adus, uma ONG que promove a integração de refugiados na sociedade brasileira através de orientação jurídica e cursos de capacitação. O evento, que contou com apoio da iniciativa privada e doações da sociedade civil, foi disputado nas dependências do colégio Santa Cruz, em São Paulo, e reuniu cerca de 200 atletas, entre refugiados e migrantes que viviam na capital paulista. Assim como a competição organizada pelo PDMIG, os jogadores representaram suas respectivas nações e a equipe do Haiti terminou campeã ao derrotar a República Democrática do Congo na final. O torneio também promoveu ações de cunho social, como doação de alimentos e recepção de currículos de trabalhadores refugiados, porém, nunca mais foi realizado (CARTA CAPITAL, 2014).

Outro evento semelhante a Copa dos Refugiados e Imigrantes ocorreu no início do ano de 2023 em Recife, capital de Pernambuco. Em uma ação liderada pela Cáritas Brasileira e que contou com apoio de entidades públicas federais, estaduais e municipais, além de suporte financeiro da OIM, a Copa Pernambucana dos Migrantes e Refugiados

⁴⁰ Entrevista transcrita entre as páginas 235 e 239.

reuniu mais de 120 atletas de 12 países, que disputaram o torneio na Arena Pernambuco, estádio que recebeu jogos da Copa do Mundo da FIFA de 2014. Houve uma partida amistosa para jogadoras na categoria feminino e o time nacional da Venezuela se sagrou campeão dessa primeira edição do torneio masculino, que assim como o campeonato da PDMIG teve apresentações artísticas e culturais e uma feira de empreendedorismo (OIM BRASIL, 2023).

O futebol amador é um espaço que vem sendo ocupado pelos refugiados e migrantes no Brasil. Competições e equipes formadas por estas comunidades disputam torneios e partidas amadoras com certa frequência. Em São Paulo o pesquisador encontrou times formados por colombianos, bolivianos, angolanos e de outras nacionalidades africanas, jogando partidas em campos de futebol de várzea no estado de São Paulo, como pode ser visto nos anexos desta tese através das entrevistas semiestruturadas com jogadores participantes da Copa dos Refugiados e Imigrantes.

Outro ator importante nesta questão de se buscar uma forma de integração de refugiados e migrantes na sociedade através de práticas de lazer é o SESC-SP. A entidade já promoveu diversas ações desta causa em suas unidades na capital, litoral e interior do estado de São Paulo, além de ter sido apoiadora em algumas edições da Copa dos Refugiados e Imigrantes ajudando na parte logística. A entidade também abre espaço para que migrantes e refugiados participem de ações e conversem com os brasileiros sobre suas trajetórias de vida, buscando promover a causa do refúgio (SESC-SP, 2023). Oficinas, saraus e cursos ministrados por refugiados e migrantes são algumas das atividades realizadas com uma certa frequência pelo SESC-SP. Eventos lúdicos que destacam o uso do corpo como atividade de dança, por exemplo, também já foram realizadas com essa finalidade.

No exterior a pesquisa também encontrou algumas ações que utilizam o futebol como elemento de inclusão e integração para refugiados, principalmente a Coupe Africaine Epinetzo realizada na França e que tem um formato semelhante a Copa dos Refugiados e Imigrantes. Este torneio foi inspirado na Copa Africana de Nações, principal torneio de seleções de África.

O campeonato é amador e acontece no bairro de Évry, no subúrbio de Paris. Assim como a Copa dos Refugiados e Imigrantes, foi idealizado pela comunidade local, formada

por migrantes e seus descendentes. Entre os participantes há jogadores semiprofissionais e pessoas do bairro que usam o futebol como um elemento de integração social. Inclusive, é obrigatório que os participantes sejam migrantes africanos ou descendentes e vivam na região (MAIA, 2019). A última edição realizada do torneio que a pesquisa encontrou foi a de 2019 e não há registros da disputa ter ocorrido após a pandemia de COVID-19.

Figura 12 – Atletas da seleção do Mali se preparando para disputar a edição de 2019 da Coupe Africaine Epinetzo em Paris.



Fonte: Felipe Maia (African Arguments, 2019).

Outros exemplos são a Fair Play Cup e da Fare Network, já mencionados na introdução desta tese. Iniciativas como escolinhas de futebol para crianças ou espaços para refugiados praticarem atividades esportivas, são comuns em diversos países. Na Itália, um grupo de técnicos de futebol criou um clube exclusivo para refugiados e solicitantes de refúgio chamado Liberi Nantes. Este clube situado nos arredores de Roma, disputa partidas e torneios amadores tendo como principal objetivo promover a prática esportiva para estes migrantes e ajudar no processo de adaptação e integração deles na

Itália (LIBERI NANTES, 2023). Porém, nenhum destes projetos tem a dinâmica ou tamanho da Copa dos Refugiados e Imigrantes.

Devido ao alto fluxo de refugiados oriundos da Venezuela a partir da segunda metade da década de 2010, muitos venezuelanos ingressaram no território brasileiro em busca de refúgio. Em 2021 o ACNUR promoveu uma ação solidária no Dia do Refugiado, 20 de junho, chamada “Futebol sem Fronteiras”. A agência da ONU reuniu dezenas de jovens e adolescentes que disputaram partidas de futebol em abrigos da Operação Acolhida no estado de Roraima. A atividade através do esporte foi definida pelo chefe de escritório do ACNUR em Boa Vista, Oscar Sanchez Piñeiro, como “uma ferramenta para criar entornos seguros e interromper ciclos de violência” (GERALDO, 2021).

No âmbito do futebol profissional a questão de jogadores refugiados ou oriundo de famílias refugiadas ganhou destaque durante a disputa da Copa do Mundo da FIFA de 2022, sediada no Catar. O evento, que contou com 32 seleções nacionais, reuniu alguns atletas com este perfil migratório. Um dos destaques foi o canadense Alphonso Davies, autor do primeiro gol do país em Mundiais. Filho de pais refugiados liberianos e nascido em um campo de refugiados em Buduburam, em Gana, Davies migrou com a família para o Canadá ainda bebê. Após ter a solicitação de refúgio aceite pelo governo canadense, a família Davies se estabeleceu no país e o atleta pode ter estrutura para iniciar sua carreira no futebol. Ciente do impacto de sua história, o jogador tornou-se em 2021 embaixador do ACNUR (UNHCR, 2023b).

Outro caso que chamou a atenção foi a do trio Thomas Deng, Garang Kuol e Awer Mabil, jogadores nascidos no continente africano e filhos de refugiados sul-sudaneses. O fato de serem três jovens negros em uma seleção historicamente multicultural e recheada de atletas com perfil semelhante, mas majoritariamente branca, foi considerada “um importante passo para mudar o perfil do futebol australiano e mostrar ao mundo a diversidade étnica do país” segundo o jornal britânico *The Guardian* (RACHWANI, 2022). O grupo australiano na Copa do Catar ainda tinha o zagueiro Milos Degenek, refugiado croata, que durante o Mundial usou as redes sociais para exaltar suas origens e agradecer a Austrália por tê-lo aceito como refugiado e posteriormente cidadão (KEMP, 2022).

O Mundial do Catar teve ainda outros dois jogadores oriundos de famílias refugiadas se destacando na competição. Colegas de clube, o Real Madrid da Espanha, o croata Luka Modric e o francês Eduardo Camavinga, tem em suas biografias o fato de terem passado pela experiência do deslocamento forçado (INTERNATIONAL RESCUE COMMITTEE, 2022). Eleito o melhor jogador do mundo em 2018, Modric teve que deixar sua cidade natal, Zadar, durante a Guerra de Independência Croata e se refugiar com a família em outra cidade no país para fugir do conflito. Já Camavinga nasceu em um campo de refugiados em Angola e mudou-se para a França na infância após os pais receberem asilo no país. Outros exemplos no âmbito profissional são as parcerias do ACNUR com clubes de futebol, sendo os casos mais famosos o do inglês Nottingham Forest Football Club, que estampou a logo da agência da ONU na posição frontal de sua camisa durante a temporada 2022-23 e o do brasileiro Santos Futebol Clube, que além de levar a logomarca do ACNUR na manga de suas camisas ainda promove ações solidárias por meio do esporte em prol das pessoas refugiadas no Brasil (ACNUR BRASIL, 2022b).

O movimento olímpico é outro espaço que vem sendo receptivo a causa do refúgio nos últimos anos. Em 2022 o ACNUR e o COI firmaram uma parceria estratégica para aprofundar o trabalho conjunto das duas entidades oferecendo a refugiados e pessoas em situação de deslocamento forçado acesso para a prática de esportes e inclusão desses sujeitos através do esporte (UNHCR, 2022). Mas a união entre ACNUR e COI já vem de longa data e é na maior vitrine poliesportiva que a causa do refúgio encontrou um amplo espaço de destaque.

Pouco antes dos Jogos Olímpicos do Rio-2016, o Comitê Executivo do COI aprovou por unanimidade a Agenda 20+20, um ambicioso projeto que visa salvaguardar os valores olímpicos e fortalecer o papel do esporte na sociedade. Entre diversas medidas da ação, como tornar os Jogos Olímpicos mais sustentáveis, combater com mais intensidade o doping, promover a igualdade de gênero nos eventos olímpicos, entre outros, a Agenda 20 + 20 tinha um artigo específico para os atletas que se encontram em situação de deslocamento forçado em parceria com instituições tida como estratégicas:

Recommendation 20 - Enter into strategic partnerships. The IOC to open up to cooperation and network with competent and internationally recognised organisations and NGOs to increase the impact of its programmes. [...] UNHCR and Refugees – The IOC's 25-year partnership with the UN Refugee

Agency continued to be an integral part of many activities to support refugees through sport. (IOC, 2014, p. 56).⁴¹

Além de ser uma medida que busca aproximar a centenária instituição dos temas da sociedade atual, a estratégia do COI como a entidade conseguiu enxergar no esporte um espaço importante para difundir o movimento olímpico através de seu prestígio global (FREITAS, 2022d, p. 141). O primeiro passo dado pelo COI foi criar um fundo de US\$ 2 milhões para o desenvolvimento de projetos que apoiassem a causa do refúgio e os atletas em situação de deslocamento forçado em parceria com os Comitês Olímpicos Nacionais. Essa parceria também previa a concessão de bolsas de apoio para que os atletas pudessem bancar seus gastos com treinamento e participação em eventos de alto rendimento e ainda monitorava jovens esportistas pelo mundo que poderiam aderir futuramente a ação.

Em seguida Thomas Bach, presidente do COI, anunciou a criação da Equipe Olímpica de Refugiados, englobando dez atletas refugiados de três modalidades que participaram dos Jogos do Rio-2016 sob a bandeira olímpica em uma mensagem ao mundo de tolerância e respeito (FREITAS, 2022d, p. 139). A experiência se repetiu nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, com um aumento na delegação que contou com 29 atletas e vai se repetir na edição de Paris-2024. Na esteira do COI, o IPC também aderiu a ideia, abrindo os Jogos Paralímpicos para atletas em situação de deslocamento forçado no Rio-2016 e em Tóquio-2020. Inclusive, alguns dos atletas convocados tiveram suas deficiências físicas provocadas por conflitos, caso do paratleta Parfait Hakizimana, do Brundí, que se tornou refugiado ainda criança após ser alvejado por tiros e perder a mobilidade do braço esquerdo depois que o vilarejo onde vivia com a família ter sido invadido por milícias de outra etnia (IPC, 2021).

Ações descritas neste capítulo sejam de cunho amador como a Copa dos Refugiados e Imigrantes e demais atividades, ou profissional com as histórias de refúgio de famosos jogadores e equipes olímpicas e paralímpicas de refugiados, mostram a

⁴¹ Recomendação 20 - Estabelecer parcerias estratégicas. O COI se abrirá à cooperação e à rede com organizações e ONGs competentes e reconhecidas internacionalmente para aumentar o impacto de seus programas. [...] ACNUR e Refugiados – A parceria de 25 anos do COI com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados continuou a ser parte integrante de muitas atividades de apoio a refugiados por meio do esporte. (IOC, 2014, p. 56). Tradução livre.

amplitude do campo do esporte, e sua capacidade para discussões e análises dos estudos migratórios, que vem sendo feito recentemente por pesquisadores ao redor do mundo.

Um grupo de pesquisadores do Instituto de Saúde e Esporte da Universidade de Victoria, em Melbourne, Austrália, liderados pelo Prof. Dr. Ramon Spaaij, publicou em 2019 um artigo intitulado “Sport, Refugees, and Forced Migration: A Critical Review of the Literature”⁴² na revista *Frontiers in Sports and Active Living*. A pesquisa fazia uma revisão da literatura acadêmica contemporânea sobre as relações entre esporte e refúgio, mostrando como a temática vem tendo um maior interesse ao mesmo tempo em que os deslocamentos forçados pelo mundo crescem. Entre 1996 e 2019 Spaaij et al (2019, p. 4-7) encontraram 83 artigos publicados em 14 idiomas, sendo a grande maioria em países desenvolvidos do hemisfério norte e com um crescente aumento nas publicações a partir de 2017. Referente a pesquisa, Spaaij et al concluem que:

The analysis shows an increase in the volume of published research on the topic in recent years, concentrated primarily in Western countries around the themes of health promotion, integration and social inclusion, and barriers and facilitators to participation in sport and physical activity. [...] Based on this synthesis, we identified four research gaps that require greater attention in future research: experiential dimensions of sport and physical activity, the need to decolonize research, the shortage of innovative methodologies, and research ethics. (SPAAIJ et al, 2019, p. 15).⁴³

O trabalho de Spaaij et al (2019) apenas demonstra como o campo dos estudos do esporte e das migrações, quando pesquisados de forma conjunta, podem ser férteis e com grande potencial para crescimento em publicações. Os autores observaram que a maioria dos 83 trabalhos foi qualitativo, embora tenha-se utilizado diversas metodologias nestes estudos, como entrevistas, etnografia, análise de documentos, entre outros (SPAAIJ et al, 2019, p. 9). Em sua pesquisa os autores definem como ponto positivo o fato de existirem trabalhos e dezenas de idiomas, mas apontam alguns problemas, os quais definem como “disjunções entre as categorias analíticas e políticas que adotamos em nosso pesquisar”

⁴² Esporte, Refugiados e Migração Forçada: Uma Revisão Crítica da Literatura. Tradução livre.

⁴³ A análise mostra um aumento no volume de pesquisas publicadas sobre o tema nos últimos anos, concentrada principalmente nos países ocidentais com os temas da promoção da saúde, integração e inclusão social, e barreiras/facilitadores para a participação em esportes e atividades físicas atividade. [...] Com base nessa síntese, identificamos quatro lacunas que requerem maior atenção em pesquisas futuras: dimensões experienciais do esporte e da atividade física, a necessidade de descolonizar a pesquisa, a escassez de metodologias inovadoras e a ética em pesquisa. Tradução livre.

(SPAAIJ et al, 2019, p. 15). Provavelmente, isso se deve ao fato de existir ainda pouca literatura acadêmica sobre o tema nesta área de estudo.

Outro exemplo de trabalho que mescla esporte e refúgio, é o de Koopmans e Doidge (2022), que publicaram um artigo na revista *Sport in Society*, quando visitaram o campo de refugiados de Rwamwanja, em Uganda, para realizar entrevistas com deslocados forçados que são moradores do assentamento. Os pesquisadores queriam compreender se as atividades de esporte e lazer oferecidas no local, em meio as incertezas da situação, poderiam ajudar as crianças e jovens a se adaptarem a dura realidade. Foi constatado que essas práticas lúdicas foram extremamente benéficas para os jovens e os deixavam mais relaxados em meio a situação caótica pela qual estavam passando (KOOPMANS; DOIDGE, 2022, p. 537).

Através das entrevistas colhidas com oito indivíduos no campo de Rwamwanja, os pesquisadores descobriram que as atividades de esporte e lazer estavam sendo positivas devido a forma como os professores e voluntários as aplicavam. Buscava-se incluir todos os interessados em participar da brincadeira e em alguns casos se adaptavam os jogos para incluir algumas crianças com deficiência ou meninas em uma atividade majoritariamente praticada por meninos (KOOPMANS; DOIDGE, 2022, p. 543). Para Koopmans e Doidge (2022, p. 546) essa metodologia de aplicar ações de esporte e lazer de forma inclusiva era algo positivo para aliviar as tensões da dura realidade de um campo de refugiados e fazer com que as crianças focassem no esporte e deixassem as trágicas memórias do passado de lado por um tempo.

Esta metodologia de trabalho através de entrevistas e contato direto com indivíduos em situação de deslocamento forçado será o tema do próximo capítulo dessa tese onde será feita uma análise do Discurso do Sujeito Coletivo através das entrevistas semiestruturadas com jogadores, migrantes e refugiados, que disputaram alguma edição da Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo.

4. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM JOGADORES REFUGIADOS E MIGRANTES

Neste capítulo serão analisados os depoimentos de dez sujeitos ouvidos pela pesquisa através das entrevistas semiestruturadas realizadas em formato presencial e online entre os meses de fevereiro e junho de 2023. Como já citado anteriormente nesta tese, as perguntas se pautaram sobre as questões de refúgio que a tese buscou responder, referente as questões burocráticas na obtenção do status de refúgio no Brasil e sobre a visão desses indivíduos referente as atividades de esporte e lazer como elemento no processo de inclusão e integração social.

A pesquisa teve algumas dificuldades para coletar depoimentos dos entrevistados. Especialmente no caso de venezuelanos e haitianos, países que na última década tiveram grande número de pessoas sendo reconhecidas como refugiados no Brasil através de vistos humanitários oferecidos pelo governo brasileiro. Ambos os países não participaram das últimas edições da Copa dos Refugiados e Imigrantes. Na edição de 2022 ambos foram convidados, mas não apareceram para jogar, fazendo com que a organização alterasse o chaveamento dos jogos. O pesquisador chegou a contatar e conversar com alguns migrantes e refugiados de outros países ao longo do desenvolvimento da tese, como Bolívia e Iraque, porém, as entrevistas acabaram não se concretizando porque os sujeitos não quiseram conversar com o pesquisador.

A ausência da seleção da Venezuela no torneio pode ser devido ao fato do futebol não ser o esporte mais popular do país, que tem no beisebol a sua paixão esportiva nacional e a dificuldade em reunir um número mínimo de interessados em disputar o torneio. Além disso, o pesquisador notou que há pouco contato entre a comunidade venezuelana com algumas comunidades africanas, que são a maioria na organização e participação na Copa dos Refugiados e Imigrantes. Um dos contatos encontrados pelo pesquisador, uma liderança da comunidade venezuelana em São Paulo, não demonstrou interesse em participar da pesquisa ao afirmar que não gostava de futebol, preferindo outras modalidades como boxe e beisebol. O potencial entrevistado ainda disse que não mantinha muito contato com os organizadores da Copa dos Refugiados e Imigrantes, que foi interpretado pelo pesquisador como um dos motivos pelo qual os jogadores da Venezuela não tivessem disputado o evento em 2022.

No caso dos haitianos, que disputaram as primeiras edições do torneio, alguns deles deixaram o estado de São Paulo e migraram para a região sul, especialmente em Santa Catarina, indo trabalhar principalmente em frigoríficos (FIGUEIREDO, 2016, p. 123-124). Houve uma dificuldade em contatar esses migrantes através da metodologia de *snowball*, já que os próprios organizadores da Copa dos Refugiados e Imigrantes relataram ao pesquisador ter perdido contato com representantes desta comunidade e não conseguiam contatá-los. Um dos potenciais candidatos tentados pelo pesquisador foi a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH), mas não houve sucesso em contatar a entidade. Após uma conversa com um migrante haitiano estudante de pós-graduação e residente no Brasil, mas que não disputou a Copa dos Refugiados e Imigrantes, foi citado ao pesquisador que a USIH havia sido desmantelada devido a saída massiva de haitianos do Brasil. Esta situação vai de encontro ao que Handerson (2015, p. 33) descreve quando pesquisou os fluxos migratórios de haitianos na região da chamada Tríplice Fronteira, entre o Brasil, Colômbia e Peru. Segundo o pesquisador, o Brasil é visto por alguns haitianos como uma “espécie de corredor” para se chegar até a vizinha Guiana Francesa, que faz parte do território da França. Desta forma, o Brasil serve como uma porta de entrada para a Guiana Francesa e uma etapa na jornada para conseguir vistos em outros países desenvolvidos do continente como Estados Unidos e Canadá, além da própria França (HANDERSON, 2015, p. 49).

Como foram entrevistas semiestruturadas, com um roteiro de perguntas pré-definido, novas questões foram adicionadas ao longo de algumas conversas, com os interlocutores concordando e se sentindo à vontade para comentar sobre alguns pontos mais específicos. Nos anexos desta tese, entre as páginas 213 e 251, constam um modelo do TCLE que foi entregue a todos os participantes da entrevista (anexo A) e as transcrições das conversas realizadas (anexo B).

Entre os sujeitos ouvidos havia refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes internacionais que haviam disputado a Copa dos Refugiados e Imigrantes ou estivessem envolvidos na organização do torneio. Pensando nisso, foram feitos dois questionários diferentes, mas com questões semelhantes. A única diferença entre os dois roteiros semiestruturados é que os migrantes internacionais no país não responderam uma questão sobre como foi o processo de reconhecimento de refúgio no Brasil, já que as razões de suas migrações foram diferentes.

Desta forma, foram elaboradas as seguintes oito perguntas aos sujeitos refugiados e solicitantes de refúgio:

1. Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?
2. Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?
3. Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.
4. Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?
5. Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?
6. A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?
7. Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?
8. Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na integração social da população refugiada no Brasil?

Em relação as entrevistas com migrantes internacionais as questões aplicadas foram as seguintes:

1. Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?
2. Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

3. Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?
4. Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?
5. A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros migrantes em situação semelhante à sua?
6. Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?
7. Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados e migrantes? Acredita que estas ações podem ajudar na integração social da população refugiada no Brasil?

Utilizando a metodologia da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefevre e Lefevre (2005; 2012), a pesquisa se propôs a analisar cada questão aplicada buscando-se resgatar as representações sociais, preservando as dimensões individuais e coletivas de forma articulada. A pesquisa reflete uma prática discursiva e o comportamento dos agentes sociais, neste caso, refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes que disputaram ou estão envolvidos com a Copa dos Refugiados e Imigrantes. Este método enquanto esquemas cognitivos socialmente compartilhados, estão sempre presentes nas falas individuais. As representações sociais reconstituídas pelo Discurso do Sujeito Coletivo permitem que o sujeito comum se identifique com elas, viabilizando sua utilização em práticas de intervenção social (BETTINE; FREITAS, 2020, p. 6).

A análise das entrevistas coletadas se deu pela utilização do método de análise das falas a partir das questões apresentadas no parágrafo inicial deste capítulo, desta forma busca-se construir convergências e divergências dos discursos destes sujeitos (BETTINE; Freitas, 2020, p. 6). O intuito é demonstrar como este grupo social específico se apropriou e refletiu frente as questões migratórias e de integração social através de práticas de esporte e lazer, com destaque para a Copa dos Refugiados e Imigrantes.

A seguir serão apresentadas duas tabelas informativas. A primeira com dados específicos sobre os sujeitos entrevistados e a segunda com a descrições dos indivíduos. Na sequência, será feita a análise das frases individuais e em seguida a análise baseada na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo.

Tabela 1 - Dados gerais.

Dados	Sujeitos entrevistados
Idade	43 (1), 40 (1), 38 (1), 35 (1), 33 (2), 32 (1), 30 (2), 23 (1)
Gênero	Masculino (9), feminino (1)
Nacionalidade	Angola (1), Cabo Verde (1), Camarões (1), Colômbia (1), Guiné-Bissau (2), Guiné Conacri (1), Mali (1), República Democrática do Congo (1), Síria (1)
Situação migratória	refugiado (4), solicitante de refúgio (1), migrante (5)
Há quanto tempo no Brasil	mais de dez anos (5), menos de dez anos (5)

Fonte: Levantamento realizado pelo autor.

Tabela 2 - Descrição dos indivíduos.

Entrevistado	Situação migratória
Sujeito 1	Refugiado da República Democrática do Congo, 43 anos. No Brasil há dez anos
Sujeito 2	Migrante de Guiné-Bissau, 38 anos. No Brasil há 14 anos.
Sujeito 3	Solicitante de refúgio de Guiné-Bissau, 30 anos. No Brasil há cinco anos
Sujeito 4	Migrante de Camarões, 33 anos. No Brasil há cinco anos
Sujeito 5	Refugiado do Mali, 40 anos. No Brasil há 11 anos.

Sujeito 6	Migrante de Angola, 32 anos. No Brasil há oito anos.
Sujeito 7	Refugiado de Guiné Conacri, 23 anos. No Brasil há seis anos.
Sujeito 8	Refugiado da Síria, 30 anos. No Brasil há 11 anos.
Sujeito 9	Migrante da Colômbia, 33 anos. No Brasil há nove anos.
Sujeito 10	Migrante de Cabo Verde, 35 anos. No Brasil há 16 anos. Única mulher entrevistada pela pesquisa

Fonte: Levantamento realizado pelo autor.

4.1. ANÁLISE INDIVIDUAL DAS FALAS DENTRO DO CONTEXTO DA ENTREVISTA

As entrevistas realizadas com estes refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes trouxeram algumas convergências e divergências em relação aos temas questionados. As maiores similaridades ocorreram sobre as opiniões destes sujeitos em relação ao que significa a Copa dos Refugiados e Imigrantes para suas vidas, em como ações que envolvam práticas de esporte e lazer podem ser importantes no processo de adaptação e integração destes sujeitos e na visão que estas pessoas têm sobre os brasileiros.

Já as maiores diferenças encontradas ao longo das entrevistas se deram na trajetória de cada sujeito ao chegar ao Brasil, motivadas por uma fuga para salvar suas vidas devido a guerras e perseguições políticas, caso dos refugiados, ou para buscar melhores oportunidades de trabalho e estudo, caso dos migrantes. Outros pontos que trouxeram algumas divergências foram nas opiniões sobre a utilização de redes de contatos antes de vir ao Brasil e no processo da solicitação de refúgio.

Todos os dez sujeitos entrevistados pela pesquisa apontam que a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi um importante elemento em seus processos de adaptação ao Brasil e uma ferramenta essencial na aproximação com comunidades migrantes na cidade de São Paulo, tanto a de seus países de origem, como a de outras nacionalidades. Também foi um consenso entre os entrevistados que atividades de esporte e lazer para refugiados

e migrantes, são ótimas alternativas para auxiliar no processo de integração desta população no Brasil. Trabalhos acadêmicos que utilizaram entrevistas semiestruturadas ou questionários estruturados aplicados através da pesquisa *survey*⁴⁴ como metodologia (VIANNA; LOVISOLO, 2011; BICKEL; MARQUES; SANTOS, 2012; CÔRREA; DIAS, 2023), já haviam demonstrado a relevância das atividades de esporte e lazer como elemento de integração para um determinado grupo social, no caso destes estudos com professores e estudantes.

Sobre os pontos de convergência destaca-se o significado de eventos que tenham o esporte e o lazer como agentes para integração social de refugiados e migrantes. A fala do Sujeito 1 é justamente sobre isso:

Esporte é um meio pragmático de integração dos imigrantes. Porque eu digo isso. Porque pegando o esporte mais popular que é o futebol, nele mesmo não há discriminação. Não tem divisão, não tem racismo, não tem partido político, não tem religião. Significa uma ferramenta tão positiva para que todo mundo que se integra e que vai se integrar. O que é a base da integração? É todo mundo ficar igual. Por isso que no futebol tem 11 jogadores em cada time. [...] O futebol acaba por identificar pessoas com número, para saber qual a importância que ele tem. Serve para criar esse vínculo de time, porque o ser humano é muito egoísta. Mas nós somos obrigados a viver em equipe. [...] Eu e ele somos refugiados e precisamos jogar como time. Se nós, refugiados, nos integramos como companheiros de time, vamos nos integrar no Brasil facilmente. Se não conseguimos nos integrar entre nós, como é que a gente vai se integrar no Brasil?

O Sujeito 2 ainda aponta que atividades com esta dinâmica proporcionam acolhimento aos envolvidos:

[...] Nada é tão importante como o acolhimento a uma pessoa que está chegando em um país que não conhece nada. Sendo acolhido você tem passos para dar e poder procurar o futuro. A Copa dos Refugiados não é somente reunir as pessoas para jogar futebol. É muito mais. É dar esperança para quem achou que a esperança morreu. Isso não tem nada igual. Outras atividades esportivas seriam importantes porque para nós não é uma questão só de jogo. É questão de recreação, de troca de cultura e mais ainda de harmonia, de não se sentir sozinho. Uma questão de acolhimento.

⁴⁴ A metodologia *survey* é procedimento recomendado na realização de estudos exploratórios, pois sua utilidade é reconhecida para proporcionar uma nova visão do problema proposto, sugerir hipóteses de pesquisa e aprimorar os procedimentos a serem adotados em pesquisas futuras (GIL; NETO, 2020, p. 125).

Já a Sujeito 10 diz:

Essas atividades são coisas extremamente importantes, porque o esporte é algo que você não precisa falar português. E a língua é uma barreira muito grande para os grupos de imigrantes. E se a gente tiver mais apoio em atividades culturais e esportivas, ajudará a quebrar muitas barreiras.

Ver atividades de esporte e lazer como agentes de integração social no âmbito profissional também é um pensamento compartilhado pelo Sujeito 3 que vê em eventos como a Copa dos Refugiados e Imigrantes, uma oportunidade para seguir carreira profissional no futebol:

Sim, porque eu tentei jogar futebol mais sério aqui. Na verdade, tentei tudo. Quando cheguei aqui eu comecei a jogar por um time do bairro e depois em 2018 eu joguei a Copa dos Refugiados. Fui para representar a seleção do meu país e fui selecionado depois para jogar em um time da seleção da África, com jogadores de vários países africanos que disputaram a Copa e que quem selecionou achava que tinha qualidade para jogar num time mais forte com os melhores jogadores. Aí tive a oportunidade de jogar no campo do Pacaembu e também cheguei a jogar em um clube semiprofissional em Araras, no interior de São Paulo. Cheguei a fazer teste também no Clube Nacional, que fica na capital no bairro da Barra Funda.

E pelo Sujeito 7 que conseguiu chegar ao profissionalismo e hoje faz parte do elenco de um clube que disputa as divisões inferiores do Campeonato Brasileiro:

A Copa dos Refugiados foi algo muito bom. Foi lá que consegui fazer muita amizade, onde conheci muitas pessoas bacanas e até hoje tenho contato com eles. [...] na final do campeonato tinha um treinador da equipe de base do Corinthians assistindo os jogos. Ele estava me observando faz tempo e no final ele se apresentou e me chamou para fazer um teste no time profissional de futebol society do Corinthians profissional. Fiquei lá por seis meses, me deram prazo de seis meses por causa do documento. Eu paguei um advogado para poder me ajudar, mas infelizmente ele não conseguiu obter os documentos [...] Hoje, graças a Deus, estou jogando em um time profissional. Estava atuando em um time de futebol lá de Brasília.

Já o Sujeito 6, que também já chegou a ajudar na organização das edições do torneio, afirma que essa questão deve ser tratada como um dos assuntos principais da Copa dos Refugiados e Imigrantes, pois ajudaria a integrar esses migrantes mais

rapidamente e chamaria a atenção para a causa do refúgio, envolvendo outros atores, como os clubes de futebol.

O intuito da Copa era poder colocar os imigrantes e refugiados dentro do futebol brasileiro, dos clubes. É um dos objetivos que até agora a gente e a organização ainda não conseguimos fazer. No meu ponto de vista, este é o principal objetivo. Porque essa conexão entre migrantes vai acontecer de qualquer forma.

E o Sujeito 8 afirma que o apoio de figuras conhecidas do esporte profissional também são muito importantes para chamar atenção a causa:

Mas resumindo, vi que a Copa dos Refugiados e Imigrantes ajudou muito para a gente se expressar nossas bandeiras através do esporte. Inclusive, a última do Copa do Mundo também foi muito importante porque tivemos atletas refugiados ou que eram filhos de refugiados jogando e isso chamou a atenção de muita gente. E seria muito bom também ter o apoio desses jogadores famosos nessa causa também. [...] Por isso acho que temos que usar o esporte como ferramenta para essa questão, pelo fato dele ser muito poderoso para unir pessoas e ajudar a diminuir os preconceitos e os discursos de ódio.

Assim como enxergar práticas de esporte e lazer como ferramentas para integração, a visão dos brasileiros como um povo acolhedor também foi uma afirmação frequente nos depoimentos colhidos pela pesquisa. É um consenso que o brasileiro seja receptivo, mesmo tendo dificuldades ou poucas informações sobre as questões de migração e refúgio como aponta o Sujeito 5:

O acolhimento foi bom porque o brasileiro é uma pessoa alegre e tive várias ONGs me ajudando. [...] o conhecimento do povo brasileiro sobre a causa de refúgio era algo muito ruim. Muita gente, muitos brasileiros, achavam que quando chamar alguém de refugiado era algo ruim, uma pessoa ruim, uma pessoa criminosa. A palavra refugiado, as pessoas não entendem. Tem muitos brasileiros que pensam que nós que estamos refugiados aqui somos pessoas ruins. Não há o interesse em saber o causou o motivo da gente sair da nossa casa e vir para cá.

O Sujeito 9 também acredita que a falta de informação seja um problema, e lembra que isso pode acabar reforçando estereótipos sobre a origem dos migrantes e refugiados, indo de encontro ao que Rizental (2018, p. 870) define como “discursos pré-construídos

ligados a nacionalidade do estrangeiro, estabelecendo uma relação simbólica entre uma ilusão do real a partir de uma memória sobre outro”:

Algumas dificuldades como todo migrante, eu também passei. Por exemplo, o preconceito e a ignorância que algumas pessoas têm em relação ao meu país. Como por exemplo, onde que fica a Colômbia, tem algum “pozinho” para me dar fazendo alusão a cocaína, se conhecia algum traficante, coisas assim. São os estereótipos que muitas vezes a pessoas repetem sem ter conhecimento.

Assim como a Sujeito 10 que revelou ter passado por essa experiência na questão de vestuário:

As pessoas me perguntavam por que eu não vestia roupas do meu país e aí eu perguntava a elas “mas que roupa do meu país”? Essa roupa, semelhante a sua, é a que eu visto quando estou no meu país. Havia muito estereótipo nessa questão. Essas coisas no início me deixaram meio “bolada”.

O caso do preconceito sobre a questão social colombiana pelo qual passou o Sujeito 9 e a discriminação cultural sofrida pela Sujeito 10, também pode reforçar uma suposta superioridade do cidadão nativo em relação ao migrante, reproduzindo certos estereótipos. Elias e Scotson (2000) afirmam que estes estereótipos só podem ser construídos através de uma coesão e autoestima elevada dos "estabelecidos", neste caso a população nativa, por uma relação de antiguidade e compartilhamento do mesmo passado, gerando uma sensação de pertencimento e o que os autores vão definir como uma “fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 35).

O Sujeito 1 conta que muitas vezes os refugiados negros são tidos como todos iguais ou oriundos de uma mesma região, que mostra o desconhecimento do cidadão brasileiro e reforça preconceitos raciais. Ele ainda fala do fator identitário, já que essas generalizações podem fazer com que o próprio migrante repense sua identidade:

Muitas vezes dizem que Brasil e África tem coisa parecidas e tem os afrodescendentes também. Mas isso aí não pega a gente que vem de fora. A gente não se identifica nessa cultura. Claro, que tem religiões de matriz africana, mas não é todo mundo que é culta nessas religiões. Não vem de toda África. As vezes vem da Nigéria, do Congo, da Namíbia, etc. Tem essa coisa de generalizar, de considerar África como sendo um país. Como por exemplo, falar que isso é comida africana,

como se toda África comesse essa comida. A mesma coisa com religião de matriz africana, como se toda África tivesse a mesma religião. [...] Não estou dizendo que haitiano seria uma ofensa, mas mostra desconhecimento. É a mesma coisa se eu te chamasse de americano ou de francês. Você iria gostar? Significa que é a forma como você se identifica. Você fica se perguntando será que todo negro é haitiano. Isso gerou um pouco de choque cultural, de pensamento e identidade. E muitas vezes ficamos a pensar que temos que lutar pela nossa identidade, que é algo muito importante. Você pode roubar minha riqueza, mas não roube minha identidade.

Já o Sujeito 4 afirmou que a falta de conhecimento do brasileiro sobre a questão do refúgio e da migração, pode acabar prejudicando ambos os lados. Ele lembrou que muitos refugiados são profissionais qualificados e que podem ajudar e colaborar com o novo país onde estão residindo:

Eu não culparia essas pessoas porque de uma forma bem literal, eu diria que é uma ignorância, sem forma de xingamento, mas na falta de conhecimento de quem é um imigrante. Porque eu posso ser um imigrante e não falar português, tendo uma formação e você pode me tratar de uma forma ignorante sem saber minha origem, que eu tenho capacidade de te ensinar coisas novas.

Embora alguns dos entrevistados tenham tido dificuldades iniciais em se adaptar ao Brasil, todos afirmaram que conseguiram se integrar bem ao estilo de vida do Brasil. Uma boa relação com os brasileiros também foi fundamental para que ocorresse esta integração. O sujeito 8 fala que além de buscar se integrar com os nativos, buscou se inspirar na história de outros migrantes e na diversidade da população brasileira:

A sociedade do Brasil, especialmente de São Paulo, é uma das cidades mais cosmopolita do mundo, com uma diversidade gigante. São pessoas que procuraram o Brasil por diversos motivos, tem meus ancestrais e antepassados sírios e libaneses, tem os japoneses, tem os africanos, vários. E cada um chegou aqui de várias formas e com várias histórias. Histórias pesadas, histórias de luta. E eu também vi aqui no Brasil uma oportunidade de fazer exatamente o que aqueles imigrantes do passado fizeram. Eu busquei me inspirar nessas pessoas apesar de hoje, os descendentes dessas pessoas não estarem nem aí para a situação dos imigrantes porque as pessoas, parte da população, é contra a imigração.

Questões culturais, sociais e de idiomas foram alguns desafios que os migrantes e refugiados ouvidos pela pesquisa relataram, algo que também já havia sido notado em

pesquisas semelhantes com populações migrantes no Brasil (RODRIGUES; SALA; SIQUEIRA, 2018; CURSINO, 2022; PORTELA; SCHWINN, 2018). Todos disseram que esse choque inicial foi de alguma forma, essencial para suas adaptações no país. A maioria relatou que os aspectos culturais, principalmente relacionados a alimentação e estilo vida foram impactantes em seus primeiros meses no Brasil. A culinária brasileira é bastante famosa por sua diversidade, mas para um estrangeiro pode ser de difícil adoção. Desta forma, Calvo (1982) aponta que “muitos refugiados adotam algumas estratégias para se alimentar no novo país, se adaptando ou substituindo alguns ingredientes, consumindo de vez a comida ou recusando completamente a culinária do novo país onde estão vivendo” (CALVO, 1982 apud ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 256). A Sujeito 10 conta como foi difícil se adaptar aos hábitos culinários do Brasil:

[...] a única coisa que demorei mais para me adaptar foi o fato de comer arroz e feijão todo dia, algo que não é comum lá em Cabo Verde e eu ficava muita vontade de comer as comidas típicas do meu país. Por isso as vezes eu apenas almoçava e não jantava.

Sentimento compartilhado pelo Sujeito 7:

As coisas que mais tive dificuldade em me adaptar foi na parte da comida. Não conseguia comer arroz e feijão no mesmo prato, porque não conhecia isso e não era comum onde vivo. Até hoje não consigo me adaptar em comer arroz e feijão juntos no Brasil. Até hoje isso não entrou na minha alimentação, mas era uma etapa que tive que passar para me adaptar aqui.

Segundo a Agência Brasil, a língua portuguesa é o quinto idioma mais falado no mundo (AGÊNCIA BRASIL, 2020), muito devido à grande população do Brasil. Porém, são apenas nove países que tem o português como língua oficial⁴⁵ o que acarreta dificuldades para estrangeiros em se comunicar assim que chegam ao país, principalmente devido a práticas de ensino adotadas no Brasil que colocam o idioma português à condição fundamental para integração social, ignorando o conhecimento linguístico do migrante (CURSINO, 2022, p. 107), assunto que será detalhado no capítulo seguinte.

⁴⁵ Os países que têm o português como língua oficial são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe.

Para os migrantes e refugiados que não tinham o português como um dos idiomas nativos, a barreira linguística foi um desafio que precisou ser superado na “raça” como aponta o Sujeito 4:

Por um lado, foi muito bom para mim poder já ir começando a aprender o português e me esforçar mais [...] automaticamente eu estava no meio dos brasileiros que me acolheram muito bem e me esforcei a aprender na raça, como vocês dizem, o português com os brasileiros mesmo. E minha curiosidade ajudou bastante porque tinha muita vontade de aprender a falar português.

O Sujeito 5 afirmou que tentar se arriscar em outro idioma para se comunicar com os brasileiros o fez sair da zona de conforto e o aproximou dos nativos, além de conseguir futuramente atuar como intérprete na PF:

A única coisa que me ajudou quando eu cheguei aqui é que já falava espanhol, inglês e francês. Por um tempo eu fiquei trabalhando também na Polícia Federal ajudando com a tradução. [...] Gosto de conversar e quando começo a conversar com pessoas, eu me sinto bem livre e a partir daí sempre me esforcei para entender o que as pessoas falavam comigo. Isso me ajudou muito a me manter aqui.

Para os migrantes e refugiados negros a questão racial foi bastante abordada. Todos relataram que tinham uma imagem do Brasil e que na prática, não se provou quando eles chegaram ao país. Os relatos citam que no exterior, vende-se a imagem de um país harmônico racialmente (SCHWARCZ, 1994, p. 140), além do fato do Brasil ter a maior população negra do mundo fora de África e de muitas vezes ter sido repercutido o mito da harmonia racial existente no país, ignorando o período brutal da escravidão (RIBEIRO, 2019, p. 18-20). Estas situações fizeram com que os sujeitos oriundos de países africanos sentirem um estranhamento inicial a sociedade nativa, já que desconheciam esta realidade brasileira. O Sujeito 2 aponta que só foi compreender as questões raciais quando passou a viver no Brasil:

[...] teve também a questão do preconceito, no caso o racial. Foi o maior choque que tive. Sabia que o Brasil era um país de maioria de população negra, mas vivendo aqui há tanto tempo vejo que a população negra ainda sofre por sua cor de pele e isso foi um grande choque. [...] A comunidade brasileira recebe a todos, mas não acolhe bem.

A Sujeito 10 também aponta que mesmo sendo um país com grande diversidade étnica, entendeu que havia diferenças estruturais na sociedade brasileira. Como uma migrante negra, disse que não entendia por que as vezes não era tida como uma igual perante a outra pessoa negra nativa e porque algumas pessoas diziam que ela se sentira mais à vontade se tivesse ido para a Bahia, estado brasileiro com a maior porcentagem de população negra do país, em um evidente ato de xenofobia:

Lá tem essa coisa de ver o Brasil como um país gigante e bastante diverso. Mas aqui eu tive algumas experiências um pouco estranhas. Algumas pessoas negras me tratavam um pouco mal, na parte racial. E isso me fazia questionar “porque estão me tratando assim”? Algumas pessoas me falavam coisas estranhas que eu não entendia. Esses foram os choques que mais senti quando cheguei. Achei que aqui as pessoas seriam irmãs uma das outras, porque temos essa visão de todos tem essa questão de irmandade. Aí pensava que não conseguia chamar um preto daqui de irmão. Vim direto para São Paulo, mas algumas pessoas me diziam que eu iria me sentir mais em casa se fosse para a Bahia.

A chegada ao Brasil de alguns dos entrevistados foi bastante complicada pelo fato de não haver um local para morar ou se abrigar. Eles relatam que tiveram ajuda de entidades humanitárias como a Cáritas e a Missão Paz,⁴⁶ que os acolheram nos primeiros meses de estadia no Brasil e os ajudaram com aulas de português e tentativas de conseguir empregos para pudessem se manter no país enquanto a situação de documentos era resolvida, O Sujeito 7 citou a Cáritas em seu depoimento

A primeira noite aqui no Brasil eu dormi na rua, na Praça da Sé. Durante a noite as minhas coisas foram roubadas. No dia seguinte conheci um cara que era casado com uma africana e ele falava francês. Vi que ele estava falando no celular em francês e aproximei dele. Aí expliquei minha situação para ele e ele me disse que não podia me ajudar muito. Mas ele me indicou uma ONG que poderia me ajudar. Na verdade, era a Cáritas que ficava ali perto, na Praça da Sé. Ele me levou lá e imediatamente eles procuraram um abrigo pra mim.

Já o Sujeito 1 falou sobre a recepção e ajuda oferecida pela Missão Paz:

Quando cheguei em São Paulo, morei um tempo na casa de migrantes lá na Missão Paz, e tive muito suporte do Padre Paulo e do Padre Antenor. Sou muito grato a eles por me ajudarem e me acolherem.

⁴⁶ Veja mais informações sobre a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e Missão Paz no capítulo 1.

Assim como o Sujeito 6, que também mencionou a Cáritas:

[...] quando cheguei aqui procurei onde ficava a comunidade angolana e fui me inserindo. Quando cheguei, eu procurei a Cáritas porque não tinha onde ficar. Inclusive eu morei na Missão Paz por três meses após uma indicação do Cáritas. Ai depois conheci pessoas da comunidade que me ajudaram e correu tudo de forma tranquila.

Obviamente cada sujeito ouvido pela pesquisa tem sua história de vida e trajetória até a chegada ao Brasil. Se na questão das práticas de esporte e lazer como agentes de integração e na visão sobre os brasileiros os depoimentos foram bastante semelhantes, nos assuntos migratórios ocorreram algumas divergências. A principal se deu na questão do processo de solicitação de refúgio. Enquanto alguns tiveram a situação regularizada rapidamente, outros tiveram ou têm problemas. O Sujeito 8, oriundo da Síria, se beneficiou do visto humanitário concedido pelo governo para se regularizar no Brasil:

No momento em que eu vi que o Brasil liberou uma portaria de visto humanitário para a população síria corri atrás, paguei o meu visto, paguei minha passagem e cheguei no Brasil no dia 8 de fevereiro de 2014 [...] então isso ajudou muito, porque sem o visto humanitário eu dificilmente iria ter conseguido ter tirado o visto.

Já o Sujeito 1 teve que esperar um longo tempo para conseguir regularizar sua situação como refugiado em território brasileiro:

Infelizmente meu processo demorou cinco anos. São coisas que até agora a gente reclama por essa realidade brasileira sobre o processo de refúgio que não tem um prazo. A pessoa pede refúgio, fica em uma situação de *stand by* com um documento provisório. A pessoa fica vivendo provisoriamente, mas a vida não é provisória. Há caso de pessoas que morrem aqui no Brasil aguardando a definição de seu processo de refúgio.

O Sujeito 5 afirma que mudanças legislativas, como por exemplo, o fim do Estatuto do Estrangeiro e a aplicação da Lei de Migração, ajudaram a facilitar o processo:

Meu processo não demorou muito, mas de muita gente sei que demorou. Mas eu tive sorte porque quando entrei com a solicitação de refúgio aconteceu o caso do conflito no Mali. Mas lembro que na época, a

burocracia da documentação era muito, muito, muito pior do que hoje após as mudanças na lei. Porque o protocolo era seis meses e agora é um ano. [...] Antes de você tirar a carteira de trabalho já vencia o pedido. E se você precisasse de um trabalho já não conseguia.

Porém, o Sujeito 3 ainda está aguardando há cinco anos sua regularização, o que o atrapalha para seguir a vida:

Até hoje ainda não tive uma definição sobre meu caso. Estou aqui no Brasil como solicitante de refúgio. Hoje mesmo [no dia da entrevista], fui fazer a renovação deste documento. Esse documento que eles nos dão, tem duração de um ano, depois que passa um ano você precisa retornar ao Conare para fazer a renovação. Mas aquele visto permanente ainda não consegui e já tem cinco anos que estou aqui no Brasil e ainda não consegui aquele visto.

A questão de documentação não atinge apenas aos refugiados ou solicitantes de refúgio. Os migrantes que vieram ao país para trabalhar ou estudar também enfrentaram problemas para conseguir se manter no Brasil com documentos temporários, mas no caso desses indivíduos o processo é menos burocrático. O que não impede que sintam simpatia pelos demais. É o caso da Sujeito 2 que afirmou querer lutar para ajudar refugiados no Brasil a obterem seus direitos após a experiência que teve ao conviver com eles na Copa dos Refugiados e Imigrantes:

A experiência da Copa me ajudou nesse aspecto. Me ajudou a enxergar um outro lado. Não vim para cá como refugiado, mas eu me sinto como um refugiado. Por mais que tenha chegado aqui com documentação de estudante, não posso me acomodar. Tenho que ajudar os meus próximos e irmãos a conseguirem seus documentos para estarem livres e quebrar todas as barreiras que nos são impostas.

Já o Sujeito 6 afirmou que uma atenção maior de figuras políticas seria essencial para ajudar nesta questão dos interesses de migrantes e refugiados:

A política é um jogo de interesse, só apoiam se tiver interesse. Interesse que eu falo é de votos. Os imigrantes hoje não votam, e sem poder votar fica mais difícil para conseguir apoio de um vereador ou deputado. Até de uma empresa que tem um diretor que dependa de verba pública é muito complicado. Hoje a nossa luta é conseguir o poder de voto, além do apoio aos nossos projetos. Se a gente conseguisse votar seria algo muito bom. E essa é a nossa luta atualmente.

Outro ponto que trouxe algumas divergências nos depoimentos colhidos foi a utilização de redes de contato antes da chegada ao Brasil. Uma parte dos entrevistados relatou que já tinha alguns conhecidos no Brasil que os ajudaram a se manter no país, enquanto outros afirmaram que não conheciam ninguém quando chegaram e foram criando suas redes em solo brasileiro. O Sujeito 3 afirma que os contatos no Brasil acabaram sendo importantes nos primeiros meses, onde teve um local para viver:

Meu tio já vivia aqui no Brasil, mas quando eu cheguei aqui ele não estava em São Paulo, na capital. Ele estava no interior na cidade de Marília na Universidade que tem lá, a UNESP. Ele estava estudando lá. Ai depois que eu cheguei, ele pediu para um colega dele me receber no aeroporto e me levou pra casa dele. Fiquei por lá durante uma semana e depois fui para a cidade do meu tio. Passei uma semana com ele em Marília e voltei para São Paulo.

Uma rede de contato também foi muito importante para a Sujeito 10 que veio ao Brasil para estudar e viveu inicialmente em um local com diversos compatriotas:

Tinha uma menina lá do meu bairro em São Nicolau, que é uma das ilhas de Cabo Verde e onde eu nasci, que certa vez foi de férias para lá. Ai ela iria vir para o Brasil e eu acabei viajando com ela. Aí agendei minha passagem para o mesmo dia em que ela iria voltar pra cá e voltei com um primo dela porque ela teve que ficar mais uns dias lá. O primo dela me levou para casa dela em Santo André já que eu iria estudar na USP. Aí ela fez contato com estudantes de Cabo Verde que já estudavam aqui em São Paulo. Comecei a conhecer esse pessoal e depois de um tempo fui morar numa república com estudantes cabo-verdianos.

O Sujeito 9 não tinha referências no Brasil, mas quando chegou ao país fez logo contato com compatriotas, o que o ajudou de início na sua adaptação, principalmente através do futebol:

Não tinha nenhum contato aqui antes de vir ao Brasil. Conheci aqui no Brasil o pessoal colombiano que joga partidas de futebol. Na verdade, foi um colega colombiano que estudava aqui em São Paulo, que fazia parte do time e que me apresentou para o pessoal. Aí ele me falou “ah, eu jogo com um time aqui chamado Futebol Colômbia”. Eu disse que também gostava de jogar e aí me levou para conhecer o time [...]. Ter um colega colombiano que estava na faculdade, ajudou bastante a conhecer o time e outras pessoas do meu país. Senão, acredito que até

agora não estaria tão inteirado com a comunidade colombiana e o time de futebol.

Porém, há quem veio para o Brasil sem saber muita coisa do país. Essa é a situação da maioria dos refugiados que não tem escolha e precisam deixar seu país para salvar suas vidas. Nessas situações não importa para onde o refugiado está indo, o importante é manter-se vivo e seguro. É o caso do Sujeito 1:

Minha vinda para cá não foi uma escolha, porque nunca pensei em estar no Brasil. E o Brasil para mim foi um salva-vidas porque estava em uma situação de que precisava fugir para salvar minha vida e aí consegui visto para vir ao Brasil e fiquei no Brasil. Porque se pudesse escolher algum lugar teria escolhido um país onde poderia me adaptar pela língua, já que o idioma foi um desafio para mim, em tentar compreender e entender o português foi um grande desafio. Por isso não tive um momento de escolha e vim para cá, porque o refugiado é alguém que não tem como escolher. A situação que se apresenta é a de salvar sua vida, ele tem que pegar essa oportunidade e sair do país.

4.2. FRASES QUE REPRESENTAM OS COLETIVOS DOS REFUGIADOS E MIGRANTES

Neste item é apresentado ao leitor algumas frases que concebem uma totalidade das representações sociais de refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes, a partir das questões e objetivos que moveram a pesquisa. O contexto geral destas falas já foi discutido anteriormente, desta forma, as frases estão em consonância com o contexto apresentado como visto na tabela abaixo:

Tabela 3 - Frases que representam os coletivos dos refugiados e migrantes.

<i>(i). Atividades de esporte e lazer como agentes de integração</i>	A Copa dos Refugiados e Imigrantes visibilizou a causa do refúgio; o futebol é união; esporte é um meio pragmático de integração dos imigrantes; a Copa dos Refugiados e Imigrantes trouxe alegria e juntou as pessoas; a Copa dos Refugiados e Imigrantes proporcionou acolhimento a comunidade migrante; a
--	--

	<p>gente acaba fazendo muitas amizades com pessoas de diferentes países através dos jogos; pudemos passar nossa mensagem através do esporte; seria muito melhor se os clubes profissionais acompanhassem o campeonato; a Copa dos Refugiados e Imigrantes serviu para intermediar a relações entre o nativo e o migrante.</p>
<p><i>(ii). Visão que estes sujeitos têm sobre os brasileiros</i></p>	<p>O brasileiro é um povo acolhedor; o brasileiro na sua maioria não tem informação; fui muito bem acolhido aqui no Brasil; o brasileiro é uma pessoa alegre; o brasileiro confundia os africanos com os haitianos; a população brasileira é totalmente diferente de outras populações ocidentais como na Europa e Estados Unidos; agora tem sido fácil a convivência com os brasileiros.</p>
<p><i>(iii). Diferenças culturais, sociais, linguísticas e raciais</i></p>	<p>O idioma foi uma das coisas que mais tive dificuldade; a população negra ainda sofre por sua cor de pele e isso foi um grande choque para mim; tive que aprender português na raça; tive mais dificuldade em compreender o jeito de vida do brasileiro; até hoje não consigo comer arroz e feijão; sofri um choque cultural.</p>
<p><i>(iv). Regularização na documentação</i></p>	<p>Meu processo demorou; a nova Lei de Migração é uma conquista nossa; não faltam leis no Brasil, mas falta praticar, investir e realizar essas leis; o processo de regularização é muito burocrático; a situação de indefinição prejudica nossa integração no Brasil.</p>
<p><i>(v). Utilização das redes de contato</i></p>	<p>Não conhecia ninguém no Brasil; estava em busca de refúgio e não tinha contatos no Brasil; sabia que havia compatriotas aqui no Brasil, mas não conhecia ninguém; as amizades eu fui fazendo por aqui; já tinha alguns contatos no Brasil que me ajudaram na fase inicial de minha adaptação.</p>

Fonte: Levantamento realizado pelo autor.

4.3. DISCUSSÃO: SUJEITO COLETIVO REFUGIADO E SOLICITANTE DE REFÚGIO

O coletivo refugiado e solicitante de refúgio tem aproximadamente de 33 anos de idade, está no Brasil há cerca de nove anos, conhecia pouco ou quase nada sobre o Brasil quando solicitou refúgio, afirma que o processo de solicitação de refúgio foi demorado, aponta o cidadão brasileiro como um sujeito acolhedor e participou ou esteve envolvido na organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes. O coletivo relata estar já adaptado ao estilo de vida dos brasileiros e após muitos anos no país chegou a estudar em algum momento e atualmente têm emprego.

Quando questionado sobre quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil, o coletivo relata que conhecia muito pouco ou quase nada sobre o país, mas acreditava que sua situação no novo local seria melhor do que em seu lugar de origem. Essa construção no imaginário desses sujeitos em situação de deslocamento forçado, em que o Brasil é visto como uma opção de dias melhores, mesmo sem conhecê-lo a fundo, pode ser devido a imagem com que o Brasil é constantemente representado no exterior, como uma terra acolhedora, abençoada e hospitaleira, muito disso graças as suas culturas e tradições populares (RIZENTAL, 2017, p. 53). O coletivo sentia-se ameaçado ou tinha que enfrentar complicadas situações no dia a dia em meio a conflitos armados.

Questionados sobre se encontraram muitas dificuldades de adaptação no Brasil, há um consenso entre os refugiados e o solicitante de refúgio. Todos relatam terem passado por alguns momentos de adversidade, principalmente no início de suas jornadas em território brasileiro. Os principais obstáculos citados foram referentes as diferenças culturais e linguísticas, exceção para os falantes de português. Muitos descrevem essa sensação como um choque cultural, que gera mudanças profundas não apenas no estilo de vida, mas também nas identidades (PADOAN-MOURA; BARAÑANO; ARTZAMENDI, 2020, p. 111). Com o passar dos anos e estudando o novo idioma, afirmaram conseguir se comunicar com os nativos em português e conseguir se integrar.

Outros dois consensos no coletivo se dão no processo de solicitação do pedido de refúgio no Brasil e em como compreende os brasileiros. Referente aos pedidos, o coletivo disse que o processo foi burocrático demais e que passou por momentos de indefinição

com documentos provisórios. Aponta ainda que mudanças nas leis migratórias, principalmente a sanção da Lei de Migração em 2017, foram positivas. Sobre a relação com os nativos do Brasil, o coletivo define o brasileiro como um sujeito acolhedor e receptivo, mas com limitações sobre a causa do refúgio. Essa deficiência sobre o tema o faz reproduzir alguns estereótipos e dificulta a integração do refugiado à sociedade (RIZENTAL, 2018, p. 866). O coletivo acredita que com mais informações o brasileiro mudará seu comportamento.

Na questão do uso das redes há algumas divergências. Três dos cinco sujeitos afirmam que não fizeram nenhum tipo de contato com compatriotas que viviam no Brasil antes de viajar e que não tinham nenhum conhecido no momento de chegada ao país. Outro afirmou que viajou para o Brasil com um amigo e que o irmão deste companheiro de viagem já residia no país. Por fim, o outro disse que tinha um tio vivendo no país que o incentivou a viajar, o acolhendo na chegada. Todos relataram que fizeram contatos com suas respectivas comunidades ou de outros grupos migrantes já em solo brasileiro.

Referente a questão esportiva há muitas convergências. O coletivo classifica de forma positiva a Copa dos Refugiados e Imigrantes e relata como ela foi importante para seu processo de integração no país e em aproximá-lo aos demais membros da comunidade migrante em São Paulo, além de proporcionar a oportunidade de conhecer novos migrantes que chegam ao Brasil e acolhê-los. Afirma que a realização do torneio também ajuda a combater o preconceito e traz visibilidade a todos os refugiados e migrantes que participam, pois podem contar um pouco de sua história e mostrar que tem capacidades, além de valorizar a causa humanitária. Aponta ainda que o esporte é um campo ideal para ações deste tipo por ter uma linguagem universal (FREITAS, 2021a, p. 13).

Por fim, o coletivo refugiado e solicitante de refúgio compreende que práticas de esporte e lazer semelhantes a Copa dos Refugiados e Imigrantes, são ações importantes para a comunidade migrante no Brasil em seus processos de adaptação e integração no país, gerando um sentimento de unidade entre os membros desta comunidade, que não deixa de ser imaginada como aponta Anderson (2008), e de fortalecer sua identidade migrante se reconhecendo como refugiado. Também é destacado o fato dessas atividades serem, na visão do coletivo, importantes para despertar a atenção dos brasileiros sobre a questão da migração e refúgio e criar um elo entre migrantes e nativos.

4.4. DISCUSSÃO: SUJEITO COLETIVO MIGRANTE EM SITUAÇÃO LEGAL NO PAÍS

O coletivo migrante em situação legal no país tem aproximadamente de 34 anos de idade, está no Brasil há cerca de 13 anos, já tinha algumas informações sobre como era o Brasil quando migrou, teve os estudos e oportunidades de trabalho como principais motivos para realizar esta migração, classifica o cidadão brasileiro como um sujeito receptivo e participou ou esteve envolvido na organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes. O coletivo relata ainda já estar adaptado ao estilo de vida dos brasileiros.

Sobre os motivos que os fizeram migrar para o Brasil estão a oportunidade de estudar e de trabalhar no país. Quatro dos cinco entrevistados afirmaram que viajaram ao Brasil para cursar uma graduação ou pós-graduação, que já tinham os vistos necessários para iniciar seus estudos no Brasil e um local para residir, que é uma estratégia comum para migrantes com esse intuito em busca maximizar o acesso a serviços muitas vezes tendo recursos limitados (BARTLETT; RODRÍGUEZ; OLIVEIRA, 2015, p. 1157). O único que não seguiu essa linha viajou inicialmente a turismo, mas gostou do país e resolveu migrar de vez.

No caso do uso das redes antes de migrar a maioria dos entrevistados afirmou que não fez uso dessa estratégia. Três deles não tinham contato com compatriotas que viviam no Brasil, mas que logo ao chegar no país conheceram esses migrantes de seus respectivos países. Apenas um já tinha contatos de compatriotas que viviam no Brasil antes de migrar e o outro afirmou que não tentou procurar pessoas de seu país para tentar acelerar seu processo de integração no Brasil.

Também houve um consenso sobre se encontraram dificuldades de adaptação no país. Inicialmente o coletivo reconheceu que teve alguns desafios iniciais, principalmente nas questões culturais. Porém, com o passar do tempo conseguiu compreender o estilo de vida e soube absorver os hábitos culinários brasileiros a sua rotina como forma de inserção e reconhecimento na sociedade (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 255). Sobre os cidadãos nativos, o coletivo classifica o brasileiro como alguém receptivo e disposto a acolher, mas que muitas vezes, por falta de informação e conhecimento sobre as questões

migratórias, replica comportamentos preconceituosos e reforça alguns estereótipos em relação a migrantes e refugiados como também citado pelo coletivo de refugiados.

Outro consenso se deu na importância que a Copa dos Refugiados e Imigrantes teve na vida pessoal do coletivo. O fato de poder fazer novos contatos e com isso, criar uma rede de relações, é destacado pelo coletivo como algo muito positivo. Através do futebol ele pode se conectar com indivíduos em condição semelhante que o ajudou a lutar por direitos, a se conscientizar sobre a questão do refúgio e proporcionar acolhimento a seus semelhantes. A questão de fortalecer laços identitários e de se reconhecer, não só como migrante, mas como um refugiado também foi destacado nas entrevistas realizadas. O coletivo ainda define a Copa dos Refugiados e Imigrantes como algo incrível e que foi importante para conectar migrantes e refugiados, que sem o torneio jamais teriam a oportunidade de se conhecer novamente espelhando mais uma vez a comunidade imaginada definida por Anderson (2008).

Por fim, o coletivo aponta que práticas de esporte e lazer são de suma importância para o processo de integração de refugiados e migrantes na sociedade e defendem que ações deste tipo sejam realizadas e apoiadas não só através de doações e do setor público, como também pelo setor privado.

5. DIFICULDADES ENCONTRADAS POR REFUGIADOS E MIGRANTES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Neste capítulo será analisado alguns dos percalços e desafios que os refugiados e migrantes enfrentam em São Paulo e no Brasil, utilizando como referencial teórico as entrevistas semiestruturadas e da revisão da literatura sobre os seguintes pontos destacados: xenofobia, racismo, questões culturais e integração social.

5.1. XENOFOBIA

Talvez, o primeiro desafio que um indivíduo em situação de deslocamento encontre durante seu caminho em um novo país seja a xenofobia. Essa prática discriminatória é considerada uma manifestação de ódio ao estrangeiro (OLIVEIRA, 2019, p. 58) e pode impactar diretamente na adaptação do migrante, caso não existam políticas humanitárias e de acolhimento. A sensação de inferioridade e a solidão muitas vezes atrasam a integração deste indivíduo, além fazer com que o mesmo pense em migrar para outro local. A pesquisa se concentrou em mostrar impactos da xenofobia em três áreas essenciais: saúde, educação e mercado de trabalho.

Além da xenofobia, migrantes negros tem outra dura barreira em seu caminho: o racismo. Tema bastante debatido atualmente, esta forma de preconceito e discriminação está estruturada na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019, p. 52) e afeta não somente o cidadão nativo, como também o migrante e refugiado. Existe ainda o fato deste sujeito muitas vezes não vivenciar o racismo em seu país de origem, onde a população é majoritariamente negra. Desta forma, este indivíduo irá sofrer preconceito racial somente quando chega a uma nova terra. Os relatos das entrevistas coletadas somados a revisão da literatura, mostram como em muitas circunstâncias o migrante terá um choque ao descobrir essa realidade social do Brasil.

No tópico sobre as questões culturais procurou-se focar em dois assuntos que apareceram com frequência nas entrevistas: o idioma e a culinária. A língua foi uma grande barreira inicial para os migrantes entrevistados que não tinham o português como língua materna. Tido como um elemento chave para uma rápida integração (VENTURA; YUJRA, 2019, p. 67), o idioma é algo essencial para uma integração bem-sucedida e o

migrante sabe disso. Já os hábitos culinários também se revelaram muito marcantes na vida dos migrantes, seja como uma forma de recordar dos momentos em seu país de origem ou como uma maneira encontrada para poder se aproximar da sociedade nativa com mais facilidade, no caso, adotando as comidas típicas deste novo local (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 256-259).

O último ponto abordado será a integração social. Como bem aponta Castles et al (2002, p. 12), uma integração de sucesso só irá funcionar se todos os envolvidos desempenharem suas funções dentro de uma coletividade, com o migrante sendo acolhido e a sociedade promovendo esse acolhimento para integrar e incluir esse indivíduo. A tese procurou também trazer abordagens sobre algumas áreas essenciais para que esta integração seja feita como o campo da saúde, da moradia e do mercado de trabalho, além do esporte e de como é necessário ouvir os próprios migrantes e refugiados tem a dizer sobre estas questões.

Quando falamos sobre migrantes e refugiados, a xenofobia é algo que constantemente vem à tona. De origem grega, esta palavra significa medo ao estrangeiro, aquele que é estranho. No imaginário é uma ameaça ao desconhecido e pode despertar sentimentos de aversão, intolerância, hostilidade e ódio (KOHATSU; SAITO, 2022, p. 2). Em épocas de crises econômicas, é comum ver esses movimentos xenófobos aflorarem na sociedade. O crescimento da popularidade de líderes políticos de extrema-direita, que se utilizam do discurso da xenofobia, vem sendo comum na Europa ao longo deste século XXI. Na Itália, Matteo Salvini e Giorgia Meloni, ambos de partidos ligados a extrema-direita, ascenderam ao poder. Na França, Marine Le Pen foi duas vezes derrotada no segundo turno pelo centrista Emmanuel Macron, mas viu seus votos aumentarem na segunda eleição. Também foi visto um crescimento de votos e popularidade de partidos de extrema-direita em outros países como Alemanha, Portugal, Espanha, Países Baixos e Suécia. Isso sem falar do Brexit, o movimento de saída do Reino Unido da União Europeia, que foi capitaneado pelos extremistas de direita e teve a migração como uma das pautas decisivas para que o “sim” vencesse (EDWARDS, 2023).

Soma-se a isso, políticas claramente controversas como os atos de externalização de fronteiras adotados por alguns países. Essa prática consiste em ações governamentais extraterritoriais que visam impedir a entrada legal de migrantes em um território, além de os tornarem “legalmente inadmissíveis sem considerar individualmente os méritos de

suas reivindicações de proteção” (FRELICK; KYSEL; PODKUL, 2016, p. 193-194). Um exemplo é o caso da Austrália, que recorre a deportação e encarceramento forçado de refugiados que tentam chegar ao país pelo mar. Esses indivíduos são enviados para territórios vizinhos, como Nauru e Papua Nova-Guiné, por exemplo, onde passam a viver em campos de refugiados até que suas situações migratórias sejam definidas (FREITAS; HONORATO, 2023).

Em discurso no Conselho de Segurança da ONU, em Nova York, o alto-comissário do ACNUR, Filippo Grandi, criticou a espetacularização das questões migratórias recentes, que foi chamada exaustivamente pela imprensa como “crise dos refugiados”. Grandi classificou o tratamento da mídia como uma linguagem tóxica, que inflamava políticos extremistas e estigmatizava os deslocados forçados internacionais:

É uma crise para uma mãe com as suas crianças, que foge da violência de criminosos. É uma crise para um adolescente que quer fugir da guerra, de violações dos direitos humanos, do alistamento forçado. É uma crise para governos em países com poucos recursos e que, todos os dias, abrem suas fronteiras para milhares (de pessoas). Para eles, é uma crise. [...] Oitenta e cinco por cento dos refugiados do mundo estão em países pobres ou de renda média. É aí que a crise mora. (ONU BRASIL, 2019).

A declaração do alto-comissário do ACNUR, apresentando dados, mostra a importância de se noticiar a delicada questão do refúgio da forma mais correta possível e sem sensacionalismo. Um posicionamento equivocado de parte da mídia e de autoridades pode encorajar comportamentos extremistas, que reforçam ainda mais o sentimento xenófobo de parte de uma população nativa. Como efeito destas condutas, sujeitos em situação de deslocamento forçado podem ser diretamente afetados. De acordo com Bauman (2017, p. 84) “essas pessoas precisam de acolhimento, mas acabam sendo desumanizadas graças ao discurso radical em nome de uma segurança nacional”. Essas atitudes geram uma desumanização que faz a sociedade se tornar insensível ao sofrimento dos refugiados causando nefastas consequências a estes deslocados forçados como por exemplo, ter sua condição de humanidade colocada a prova (BAUMAN, 2017, p. 84-85). O autor ainda aponta que este intenso fluxo migratório é “um dano colateral gerado pela globalização econômica e incursões militares que acarretam um aumento da desigualdade social entre os países e força estas pessoas a migrarem em busca de melhores condições de vida” (BAUMAN, 2017, p. 11-12).

De acordo com Elias e Scotson (2000), existe uma manutenção na relação entre o “grupo estigmatizado e o grupo estigmatizador”, com aqueles que são marginalizados naturalizando estereótipos e comentários depreciativos sofridos. Estes comportamentos por parte do grupo que pratica as ofensas ocorrerão, segundo os autores, principalmente devido a uma sensação de pertencimento e por compartilhar com seus semelhantes um mesmo passado ou aspectos culturais, uma “fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 35). Para os autores seria algo como “dê a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 30). Essa narrativa negativa sobre a presença do migrante e refugiado em uma nova sociedade impõe estigmas a estes sujeitos, os alçando uma condição de inferioridade (REDIN; BERTOLDO, 2021, p. 315), gerando dificuldades de adaptação e relacionamento com os cidadãos nativos.

A xenofobia é algo que não ocorre somente na Europa ou em países desenvolvidos. O Brasil também é um local onde casos xenófobos são registrados, mesmo o país sendo conhecido pela diversidade étnica de sua população, que passou por diversas experiências migratórias ao longo de sua história. De acordo com Kohatsu e Saito (2022, p. 3), as raízes da xenofobia no Brasil foram fortalecidas pelo histórico da colonização, além de comportamentos extremamente racistas como o branqueamento da população como solução para alavancar o processo civilizatório no país. A xenofobia contra refugiados e migrantes pode ocorrer em diferentes esferas da sociedade, como na área da saúde, da educação e do mercado de trabalho, três exemplos de espaço onde os deslocados forçados acabam sendo bastante afetados em seu cotidiano por comportamentos xenófobos de parte de uma sociedade nativa.

Na área da saúde a questão de xenofobia pode ser vista durante a pandemia de COVID-19 ao redor do mundo. O fato do coronavírus, ter sido identificado pela primeira vez na China, gerou diversos comportamentos xenófobos contra pessoas oriundas do país asiático. Cidadãos chineses foram vítimas de comentários agressivos e pejorativos em várias partes do mundo (KOHATSHU; SAITO, 2022, p. 3), indo de encontro com pesquisas históricas sobre preconceito à estrangeiros, como bem apontam Ventura e Yujra (2019):

Estudos históricos sobre as grandes epidemias revelam que o primeiro impulso das pessoas, mas também de comunidades e de Estados, é o de nomear supostos culpados, provavelmente como forma de tornar

compreensível em fenômeno que parece inexplicável, sobretudo quando se trata de uma doença desconhecida. Em geral, os potenciais culpados são os viajantes, os estrangeiros ou qualquer pessoa que não se encontre perfeitamente integrada à comunidade em questão. A agressividade coletiva pode então, voltar-se contra indivíduos de crenças ou costumes diferentes que são por isso considerados suspeitos. (VENTURA; YUJRA, 2019. p. 31).

Durante a pandemia ações xenófobas também se refletiram durante a vacinação contra a COVID-19. Populações migrantes e refugiadas tiveram muitas dificuldades e receios de ir até postos de saúde para tomar a dose do imunizante. O principal temor era principalmente de quem estava com a documentação irregular, pois havia o medo de ser identificado pelas autoridades e deportado do país (AZENHA, 2022). Soma-se a isso questões de xenofobia explícita, onde o refugiado ou migrante é colocado como uma ameaça à saúde pública por ser um vetor de contágio (VILLALÓN; MOYA; BEJARANO, 2021, p. 62) e por reforçar o senso comum “de estar se beneficiando ou tomando o lugar” de um cidadão nativo nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Cabe lembrar que o SUS oferece um atendimento universal para qualquer indivíduo, seja brasileiro ou estrangeiro.

Ventura e Yujra (2019) também apontam que o fato de um refugiado ou migrante muitas vezes estar só, também pode colaborar para essa sensação de exclusão que afetará sua saúde e socialização:

No que diz respeito as influências sociais e comunitárias, a separação da família acarretada pelo deslocamento, por vezes de longa duração ou definitiva, pode ser um fator de grande influência na saúde do migrante ou refugiado. O seu grau de exclusão social deve ser considerado, especialmente a sua exposição à xenofobia, à discriminação e ao estigma do estrangeiro na comunidade de acolhida. Também será preponderante em sua situação de saúde a existência e a acessibilidade de serviços de saúde efetivamente preparados para atender migrantes e refugiados. (VENTURA; YUJRA, 2019, p. 39).

Na área da educação também é comum observar certos comportamentos xenófobos, principalmente para os mais jovens que além da adaptação ao novo país, também enfrentam reproduções dessas condutas por parte de seus colegas nativos. Um estudo de Kohatsu e Saito (2022) realizado com estudantes bolivianos e descendentes de bolivianos em uma escola pública em São Paulo, mostrou como esse tipo de prática

também ocorre em âmbito escolar. Os pesquisadores entrevistaram 20 alunos adolescentes, sendo que nem todos sofreram agressões, porém, descobriram indícios de que muitos não estavam totalmente integrados ao ambiente escolar, mantendo amizades predominantemente com colegas de origem boliviana. Esse cenário demonstra na opinião dos autores, “um distanciamento com colegas nativos e um preconceito velado existente na escola” (KOHATSHU; SAITO, 2022, p. 9). E estes atos xenófobos não tinham como alvo apenas os estudantes da Bolívia. Os descendentes de bolivianos, nascidos no Brasil, tinham seu status de naturalidade ignorado pelos agressores e sofriam preconceitos em tom pejorativo sobre suas origens étnicas, reforçando a síndrome do estrangeiro perpétuo definida por Kim e Sundstrom (2014) como:

[...] the perpetual foreigner syndrome illustrates what phenomenologists of race call “corporeal malediction,” the mismatch between one’s first-person experience of the body and the historical and social meaning that is laden on it by one’s condition, circumstances, and society. In the case of the perpetual foreigner, however, there is a geographical dimension to this mismatch. One’s skin, which has either been naturalized or born here, is assumed to not belong here—in this place, in this land, within this topography. The historical and social meaning of race in a location dislocates certain bodies. (KIM; SUNDSTROM, 2014, p. 28).⁴⁷

Por fim, nas entrevistas que este pesquisador realizou com migrantes e refugiados, algumas declarações tocaram no ponto da xenofobia. Caso da Sujeito 10, mulher negra e africana, que recordou quando foi questionada por uma brasileira sobre o porquê de ter ido a São Paulo e não a Bahia, onde segundo essa brasileira ela “se sentiria mais em casa”.⁴⁸ Esse tipo de comentário inapropriado e muitas vezes pejorativo, reforça o pressuposto equivocado de que o migrante e o refugiado são pessoas necessariamente carentes de assistência, ignorando que muitos deles têm formação superior de qualidade e sejam trabalhadores (VENTURA; YUJRA, 2019, p. 30).

⁴⁷ [...] a síndrome do estrangeiro perpétuo ilustra o que os fenomenologistas da raça chamam de “maldição corpórea”, o descompasso entre a experiência do corpo em primeira pessoa e o significado histórico e social que lhe é atribuído pela condição, pelas circunstâncias e pela sociedade. No caso do estrangeiro perpétuo, porém, há uma dimensão geográfica nesse descompasso. Supõe-se que a pele de alguém, naturalizada ou nascida aqui, não pertence a este lugar - a este lugar, a esta terra, a esta topografia. O significado histórico e social da raça em uma localidade desloca determinados corpos. (KIM; SUNDSTROM, 2014, p. 28). Tradução livre em português.

⁴⁸ Entrevista transcrita entre as páginas 246 e 251.

Em relação ao mercado de trabalho, um estudo feito pelo pesquisador Leandro de Carvalho, da Universidade de Brasília, com 287 recrutadores de empresas na região metropolitana da Grande São Paulo, apontou que a grande maioria destes profissionais desconhecem as questões trabalhistas dos refugiados e reproduzem estereótipos sobre a situação do refúgio, dificultando a entrada destes indivíduos no mercado de trabalho e de certa forma reforçando a xenofobia contra essa população. A pesquisa apontou que cerca de 90% dos entrevistados declararam “não conhecer ou conhecer parcialmente os procedimentos de contratação de um refugiado”, além de 84% “acreditarem que os procedimentos legais para a contratação de refugiados são mais complexos” e de 50% “disserem ter medo da auditoria do Ministério do Trabalho e, por isso, evitem a contratação de um refugiado” (CARVALHO, 2023, p. 8-9).

A pesquisa mostrou ainda como estereótipos podem pesar na balança contra os refugiados em busca de trabalho. Questionados sobre as características profissionais de migrantes segundo sua origem geográfica, os recrutadores mais uma vez reforçaram estes estigmas. Quando perguntados sobre quem teria maior capacidade de liderança, os migrantes oriundos da Europa e América do Norte foram os mais citados, com os de origem africana e latino-americana sendo considerados mais aptos para funções braçais, que “demandam maior força física” (CARVALHO, 2023, p. 10). Esse estereótipo voltou a aparecer quando a pergunta foi referente sobre quem aceitaria trabalhar por um salário menor. Na visão dos recrutadores, novamente africanos e latino-americanos foram os mais citados. Para o pesquisador:

Esses dados se conectam com as menções às condições de “refugiado”, do primeiro bloco, e permitem inferir um raciocínio que relaciona a percepção de refugiado(a) como imigrante muito empobrecido(a) pronto para aceitar condições menos favoráveis para garantir o sustento. Se as menções aos europeus ilustram uma percepção oposta, possivelmente não os(as) associam à extrema pobreza e, por não estarem em alta vulnerabilidade, teriam mais condições de negociar os salários. (CARVALHO, 2023, p. 10).

Obviamente a questão de desinformação referente as questões trabalhistas têm um grande impacto na percepção desses recrutadores, porém, ao colocarem refugiados em sua maioria do Sul Global como menos aptos ao trabalho intelectual ou de liderança e que trabalhariam por um salário menor, acabam corroborando o discurso xenófobo, que aliado

a outros preconceitos como o racial, podem impactar diretamente no processo de integração destes indivíduos no Brasil.

Como apontam Lima e Santarém (2019, p. 27), “a xenofobia afeta a temática migratória em diversos aspectos, comprometendo não só a integração econômica das pessoas migrantes, mas os próprios investimentos sociais que atraem”, além de tornar-se mais um obstáculo desses indivíduos em seus processos de adaptação ao Brasil. Por isso é necessário, na visão das autoras, “uma política humanitária de proteção dos direitos humanos que promova valores humanísticos capazes de incentivar a solidariedade, a inclusão e o respeito à diversidade” (LIMA; SANTARÉM, 2020, p. 27-28).

5.2. RACISMO

A questão racial também é um tema bastante frequente na literatura dos estudos migratórios. Assim, como a xenofobia, esse preconceito acompanha e permeia a vida de vários migrantes e refugiados ao longo de suas jornadas e adaptações a novos espaços. O racismo afeta minorias étnicas e pessoas de várias origens, porém, no Brasil é aplicado majoritariamente as populações de pele preta. Principalmente ao passado colonial de mais de 300 anos de escravidão e da marginalização dos negros na sociedade ao longo da história, os mais afetados pela desigualdade social e econômica (IBGE, 2022).

O termo raça como apontam vários autores (ALMEIDA, 2019; FERREIRA JÚNIOR; RUBIO, 2019; FANON, 2008; MBEMBE, 2022) tem origem colonial. Durante séculos o homem europeu acreditou que tinha a missão de civilizar o mundo, se considerando como o “homem universal”. Impulsionado pelo projeto iluminista do século XVIII, ele buscou atingir este objetivo por meio do colonialismo. Através deste “processo de destruição, morte, espoliação e aviltamento feitos em nome da razão” (ALMEIDA, 2019, p. 26-27), este “homem universal” visava levar os colonizados a sociedade moderna. Mas como aponta Mbembe (2022, p. 174-175), “a vulgaridade, brutalidade e má-fé promovidas pelo colonialismo, fizeram dele um perfeito exemplo de antiliberalismo”.

Para Fanon (1968, p. 29) o colonialismo divide a sociedade em duas, uma para o colonizador, que conta o que há de melhor e outra para o colonizado, condenado a viver em uma condição de inferioridade. Nas palavras do autor:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. [...] Este mundo dividido em compartimentos, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes. [...] Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não tal espécie, a tal raça. (FANON, 1968, p. 28-29).

É neste contexto de violência que a raça vai se tornar um elemento essencial para a manutenção de poder. Classificar seres humanos em diferentes raças foi uma forma para que o colonialismo se mantivesse presente em diversas partes do mundo. Aliado a esse discurso, o racismo surge com uma forma dos ditos racialmente dotados demonstrarem qualidades superiores para prevalecer sobre os desprovidos destas qualidades (FERREIRA JÚNIOR; RUBIO, 2019, p. 184).

E lembrando que o sentimento de superioridade frente a um outro grupo étnico foi uma ação constante e praticada justamente por aqueles que se diziam “civilizados”:

As referências a “bestialidade” e “ferocidade” demonstram como a associação entre seres humanos de determinadas culturas, incluindo suas características físicas, e animais ou mesmo insetos é uma tônica muito comum do racismo e, portanto, do processo de *desumanização* que antecede práticas discriminatórias ou genocídios até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2019, p. 28-29).

Estas demonstrações de superioridade não se dão apenas pelo uso da força física ou do poderio econômico. Mbembe (2022, p. 263-264) aponta que atos tidos como inofensivos podem ser tão destrutivos quanto. A palavra negro, por exemplo, é segundo o autor somente uma palavra, porém, pode ser usada de forma ofensiva e pejorativa, visando ratificar o lugar de cada um na sociedade devido a cor da pele:

Quanto mais densidade e espessura tem, mais a palavra provoca uma sensação, um sentimento e até um ressentimento a quem se destina. Existem palavras que magoam. A capacidade de as palavras ferirem faz parte do seu próprio peso. “Negro” é suposto ser, e sobretudo isso, um

nome. Aparentemente, cada nome carrega um destino, uma condição mais ou menos genérica. “Negro” é portanto o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originariamente, herdo este nome pela posição que ocupo no mundo. Aquele que está marcado com o nome “Negro” não se deixa enganar por esta proveniência externa. (MBEMBE, 2022, p. 263-264)

Segundo Fanon (2008, p. 87), o racismo é uma forma de opressão que está aliada à exploração econômica e a manutenção das estruturas sociais, não sendo diferente de outras formas de exploração porque elas são aplicadas a um mesmo objeto: o ser humano. Na visão do autor, essa prática abjeta deve ser combatida no campo da razão, visando justamente defender a humanidade do negro. Afinal, o racismo busca exatamente tirar a essência humana das populações negras, as inferiorizando e o combate ao racismo deve ter como objetivo fazer o branco reconhecer esta humanidade do negro em um reconhecimento recíproco entre diferentes grupos humanos (FANON, 2008, p. 180-181).

No Brasil a questão racial ganhou grande destaque nos últimos anos devido a luta de movimentos sociais e da sociedade civil. Segundo números do IBGE, através do estudo intitulado “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, publicado em 2022, a população negra e parda tem piores índices sociais em relação a parcela branca.⁴⁹ Este preconceito não é sentido somente pela população nativa. Os refugiados e migrantes negros ouvidos pelo pesquisador também relataram em alguns pontos terem percebido essa questão racial na sociedade.

Um deles, oriundo de Guiné-Bissau, revelou sua surpresa por saber que o racismo no Brasil era algo frequente, mesmo com o país tendo uma grande população negra. Para este migrante a experiência foi um grande choque assim que começou a compreender o país.⁵⁰ Já outra entrevistada, também do continente africano e oriunda de Cabo Verde, afirmou que se sentiu discriminada em alguns momentos por outros negros no Brasil e ficou confusa com essa situação.⁵¹

⁴⁹ Segundo o estudo do IBGE, no mercado de trabalho 68,9% dos cargos gerenciais são ocupados por pessoas brancas, contra 29,9% de negros e pardos. Sobre analfabetismo, 3,9% eram brancos e 9,1% negros ou pardos. Por fim, no quesito de violência, a taxa de homicídios por 100 mil jovens no país vitimou 98,5 de negros e pardos ante 34,0 de brancos (IBGE, 2022, p. 1). Números que mostram como ainda existe um grande abismo na população brasileira quando a analisamos por divisão racial.

⁵⁰ Entrevista transcrita entre as páginas 218 e 221.

⁵¹ Entrevista transcrita entre as páginas 246 e 251.

Esse preconceito sofrido por estrangeiros já foi registrado em outras pesquisas acadêmicas sobre o assunto (GEBRIM, 2018; CRUZ NETO, 2017; OLIVEIRA, 2019; CARNEIRO, 2018). Em sua tese de doutorado em psicologia clínica, Gebrim (2018) entrevistou migrantes negros oriundos da República Democrática do Congo que viviam em São Paulo e todos revelaram que passaram por experiências de racismo na cidade. Essas vivências foram descritas pelos migrantes como “um choque”, e na maioria das vezes foram sensações iniciais, logo em seus primeiros dias no novo país. Constante alvo de abordagens policiais na rua, hostilizações a filha pequena de uma migrante em uma escola brasileira e alvo de ofensas proferidas por colegas de alojamento, foram algumas das denúncias relatadas à pesquisadora pelos migrantes da RDC.

Um deles relata ter sofrido preconceito de brasileiros negros, porém de pele mais clara que a sua. Vivenciando esse preconceito pela primeira vez em sua vida, ele não compreende o motivo destas agressões e durante a entrevista com a pesquisadora pergunta: “será que eles se sentem superiores a mim por isso?” (GEBRIM, 2018, p. 180). Em outra entrevista, a pesquisadora conversa com uma mãe migrante que denuncia o racismo que sua filha de cinco anos sofreu na escola. A menina chegava em casa chorando após ser chamada de feia e ser isolada pelas demais crianças que não queriam brincar com ela. Inconformada, a mãe reclamou na escola sobre o preconceito sofrido pela filha e relatou a pesquisadora também sofrer com atos sutis de racismo em seu cotidiano, como ver uma mulher trocar de lugar após ela se sentar ao seu lado no transporte público (GEBRIM, 2018, p. 181).

Gebrim (2018, p. 182), define essa percepção como uma “descoberta” de novas modalidades de racismo sofridas por parte da população negra migrante. De acordo com a pesquisadora:

[...] a “descoberta tardia” feita pelos migrantes negros recém-chegados, sublinhamos as aspas, pois trata-se de um falso enunciado. Racismo é uma prática hegemônica em todo o mundo, e ainda que certos países ou contextos sociais africanos não tenham exatamente as mesmas modalidades institucionais de racismo, todos os países do continente foram marcados por séculos de colonização europeia, portanto conhecem o racismo enquanto ideologia e prática de violência; no entanto, a chegada em um novo contexto faz emergir, pelo contato, características próprias do funcionamento brasileiro (GEBRIM, 2018, p. 182).

Uma reportagem da BBC Brasil publicada em 2016 durante a semana do Dia da Consciência Negra, entrevistou migrantes africanos sobre como eles enxergavam o preconceito racial no país (DI BELLA; CHRIST, 2016). A maioria afirmou que só tomou conhecimento sobre o racismo quando passou a conhecer um pouco mais sobre a realidade brasileira, indo de encontro com os relatos colhidos por Gebrim (2018). Atitudes do cotidiano como “te olham de uma forma como se dissesse que este não é o seu lugar”, “te veem como incapaz e preguiçoso” e “mudam de lugar quando me sento em algum local” foram alguns dos depoimentos citados pela reportagem. Cruz Neto (2017, p. 66) aponta ainda que a própria mídia brasileira reforça com frequência estereótipos xenófobos e racistas, muitas vezes associando migrantes a temas negativos em reportagens e manchetes, destacando suas nacionalidades ou cor de pele.

Os casos citados ilustram o racismo estrutural presente na sociedade e definido por Almeida (2019, p. 52) como “um processo institucionalizado na estrutura social brasileira”. Ele faz parte da construção social do Brasil, onde por décadas o negro foi relegado a inferioridade e destinado a ser sempre o subalterno (SOUSA, 1983, p. 19):

A sociedade escravagista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (SOUSA, 1983, p. 19).

Uma posição que segue em vigor através da estrutura de poder da sociedade brasileira:

Esse perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente. Os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menos que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas. (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 98-99).

Desta forma, o migrante e refugiado negro irá experimentar a mesma realidade pela qual o negro nativo sofre em seu cotidiano. Como aponta Oliveira (2019):

[...] o migrante não branco será sempre visto e tratado como alguém inferior, miserável, desqualificado e portador, em potencial de doenças infecciosas, além de muitas vezes ser retratado como uma figura abominável, como um bandido ou traficante, até que prove o contrário. (OLIVEIRA, 2019, p. 61).

E é através de atitudes como estas que os migrantes negros assimilam, que serão sempre vistos pela sociedade brasileira como alguém pobre e que será vítima de violência e humilhações em algum momento de sua estada no país (CARNEIRO, 2018, p. 32).

O fato de descobrir o racismo no Brasil também pode ser observado na situação dos migrantes e refugiados haitianos, que com o visto humanitário emitido pelo governo brasileiro chegaram em massa ao país. Pelo fato de serem majoritariamente negros, foram constantemente confundidos com africanos, assim como o inverso, relatado na entrevista com o Sujeito 1, oriundo da RDC.⁵² Este preconceito racial veio acompanhado de atos xenófobos, ocorrendo devido a diversos fatores como o lapso temporal transcorrido desde as primeiras chegadas de refugiados, o grande volume humano de migrantes chegando as cidades fronteiriças, as notícias que circulavam na região afirmando que os haitianos seriam más influências, o reforço do estereótipo do migrante que chega para roubar empregos e o preconceito religioso pelo fato de haitianos seguirem em sua grande maioria a religião vodu (CRUZ NETO, 2017, p. 64).

Pensando nesse preconceito duplo sofrido por migrantes, o romancista srilankês Ambalavaner Sivanandan cunhou no início dos anos 2000 o termo xeno-racismo. Segundo o autor, a atual fase do capitalismo global é marcada pelo deslocamento humano, constante necessidade de mão de obra marginalizada e pela balcanização de países, fazendo com que o racismo adquira esta nova expressão que não afetaria apenas os negros, mas também migrantes de outras etnias que venham de países pobres e visto como estranhos por uma sociedade (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021, p. 196). Segundo Fekete⁵³:

É um racismo, isto é, que não pode ser codificado por cores, dirigido também para brancos pobres e, portanto, é passado como xenofobia, um medo “natural” de estranhos. Mas, da maneira como denigra (denigrates) e reifica (reifies) as pessoas antes de segregá-las e / ou expulsá-las, é uma xenofobia que traz todas as marcas do antigo racismo. É racismo em substância, mas “xeno” em forma. É um racismo

⁵² Entrevista transcrita entre as páginas 213 e 218.

⁵³ FEKETE, Liz. The Emergence of Xeno-Racism. *Race & Class*, v. 43, n. 2, p. 23-40, 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396801432003>.

atribuído a estranhos empobrecidos, mesmo que sejam brancos. É xeno-racismo. (FEKETE, 2001, apud FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021, p. 196).

Esse duplo preconceito, ou xeno-racismo como definiu Sivanandan, trata-se de mais um percalço que muitos sujeitos em situação de deslocamento forçado enfrentam diariamente em um novo país.

5.3. QUESTÕES CULTURAIS

Como visto acima, a xenofobia e o racismo estão presentes na vida dos migrantes e refugiados no Brasil. Mas estes não são os únicos percalços que estes indivíduos sofrem em solo brasileiro. Além destes preconceitos, as barreiras culturais estão bastante presentes no cotidiano desta população. Nestas questões culturais podemos citar como exemplo o idioma, os costumes, a religião, entre outros. Como nas entrevistas com os participantes da Copa dos Refugiados e Imigrantes as dificuldades com a língua portuguesa e assuntos referentes a alimentação foram os mais citados, iremos nos concentrar nestas duas situações.

Destas questões citadas acima, o idioma talvez seja um dos mais essenciais, afinal, a comunicação é extremamente necessária para conseguir se adaptar a um novo lugar e uma nova sociedade. Quando se chega a um local que não fala o mesmo idioma que o seu, ou algum semelhante, tentar se comunicar com os cidadãos nativos sem muitos problemas, se torna um dos primeiros objetivos para o migrante, refugiado ou estrangeiro, que reconhecem ser fundamental aprender o português quando chegam ao Brasil para poder ajudar nos compromissos do dia a dia (CURSINO, 2022, p. 115). E de fato a língua não é um instrumento de exclusão, mas sim de inclusão já que qualquer pessoa pode aprender um novo idioma ao praticá-lo (ANDERSON, 2008, p. 190). Como afirmam Ventura e Yujra (2019, p. 67), essa barreira é logo diagnosticada tanto pelo migrante, quanto pelo seu interlocutor, o que dificulta um entendimento inicial e pode acarretar problemas no cotidiano como, por exemplo, segundo as autoras um atendimento de saúde.

Kristeva (1994) aponta que um cidadão nativo não faz tanta questão de que um migrante seja totalmente fluente em seu idioma. Segundo a autora, há um pensamento

coletivo de que este indivíduo nunca conseguirá dominar e falar perfeitamente a língua estrangeira. O migrante estaria mais preocupado em compreender o básico para conseguir se integrar ao novo espaço. Desta forma, entre se manifestar no idioma nativo ou no do novo local onde se encontra, opta-se inicialmente pelo silêncio (KRISTEVA, 1994, p. 23). Essa observação também pode ser vista nas entrevistas semiestruturadas que o pesquisador realizou.

Dos dez sujeitos entrevistados pela pesquisa, quatro vem de países fluentes em português: Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Outro é oriundo da Colômbia, país que fala espanhol e, que devido a semelhanças entre os idiomas, afirmou não ter tido tanta dificuldade com o português. Os demais cinco são oriundos de países que não falam a língua portuguesa e como relataram nas entrevistas, tiveram muitas dificuldades de comunicação no início de suas jornadas no Brasil. Inicialmente buscaram contato com outros migrantes e refugiados que falavam seu idioma ou simplesmente quase não se comunicavam com os brasileiros. Aos poucos eles foram aprendendo o português para conseguir se integrar. Como um dos sujeitos afirmou que aprendeu português “na pele”, como o próprio relatou, e apenas observando.⁵⁴ Porém, todos ainda carregam um forte sotaque quando se comunicam em português, deixando claro que são estrangeiros.

Em pesquisa semelhante intitulada “Português como língua de acolhimento pelas vozes de migrantes de crise”, que também utilizou entrevistas semiestruturada com refugiados vivendo no Brasil, mas com enfoque no ensino da língua portuguesa através do Português como Língua de Acolhimento (PLAc), Cursino (2022) apurou que todos os sujeitos ouvidos em seu trabalho reconheciam a importância em compreender o português, mas não tinham aspiração de falar o idioma perfeitamente. Para eles, o sucesso de pessoas em deslocamento forçado não estava necessariamente ligado ao domínio da língua local e sim a sua adaptação a sociedade (CURSINO, 2022, p. 116).

Cabe citar brevemente aqui que no Brasil utiliza-se a metodologia o PLAc como uma forma de ajudar na integração do migrante e refugiado em espaços de educação, como em ambientes universitárias e de ONGs, por exemplo. Desenvolvido em Portugal no fim do século XX, esse projeto de ensino acredita que “o domínio do idioma nacional

⁵⁴ Entrevista transcrita entre as páginas 240 e 243.

do país de acolhida é o fator primordial para garantir a inserção social e a autonomia deste migrante ao seu novo país” (CURSINO, 2022, p. 109).

Porém, críticos apontam que projeto veicula valores neocolonialistas e assimilacionistas, já que suas práticas didáticas buscam fazer com que o migrante fale, escreva, aja e pense como um nativo, o que o força a silenciar sua identidade e seus costumes (CURSINO, 2022, p. 109). Um exemplo é esconder o sotaque e buscar falar o português o mais próximo possível de um cidadão nativo, o que em muitas vezes se torna uma missão quase impossível. Essa situação, inclusive, foi relatada em uma das entrevistas desta tese. A Sujeito 10, oriunda de Cabo Verde, um país que fala português, afirmou que assim que chegou ao Brasil procurou adaptar sua fala para se aproximar aos locais pensando “que seria mais fácil me integrar sem o sotaque, mas isso me prejudicou”,⁵⁵ disse.

Nas entrevistas realizadas com refugiados Cursino (2022) também observou este comportamento em alguns nos depoimentos e ainda afirmou que o PLAc pode ser menos efetivo do que se propões porque:

[...] a língua do país de acolhida pode facilitar o acesso à participação social da/do migrante de crise no novo país, mas não é condição essencial e absolutamente necessária à integração desta parcela da população, como defendem as teóricas portuguesas. Face a esses relatos, o monolinguismo característico ao PLAc se sobressai menos como o fator de base para a inserção social de pessoas em deslocamento forçado e mais como um modo de controle dessas/desses indivíduos por meio da homogeneização de práticas linguísticas e culturais nos territórios que as/os recebem. Trata-se do silenciamento de sujeitos historicamente subalternizados, o que caracteriza um cenário de violência linguística. (CURSINO, 2022, p. 116-117).

E de fato, como também pode ser observado nas entrevistas nesta tese, alguns dos indivíduos apontaram que essa troca entre o nativo e o estrangeiro é positiva. Afinal, o local tem a chance de conhecer a cultura e costumes do migrante. Já o sujeito em situação de deslocamento obtém uma oportunidade de poder se integrar de uma forma mais tranquila e humanizada a nova sociedade. A este pesquisador, o Sujeito 4 entrevistado pela pesquisa afirmou que “posso ser um imigrante e não falar português, mesmo tendo

⁵⁵ Entrevista transcrita entre as páginas 246 e 251.

uma formação e você pode me tratar de uma forma ignorante sem saber minha origem, mas eu tenho capacidade de te ensinar coisas novas através da minha cultura”.⁵⁶

O ato de migrar também causa um grande impacto em relação aos hábitos alimentares. Segundo Altoé e Azevedo (2018, p. 253), a alimentação é vista como uma ferramenta muito comum entre migrantes como forma de manutenção identitária na nova sociedade de inserção. Trata-se de uma maneira de buscar manter as tradições de seu povo e se apegar a lembranças da terra deixada para trás através da comida, criando assim uma espécie de relação entre o indivíduo e suas raízes. Como definem as autoras:

[...] torna-se plausível afirmar que é impossível encontrar algum indivíduo que não relacione seu território de origem com algum alimento específico, que não tenha memórias gustativas relacionadas a um passado geograficamente localizado. Mesmo que se de maneira individual uma pessoa não aprecie determinado prato típico de sua terra natal, esse alimento continua sendo definidor de uma identidade social e cultural coletiva da qual esse indivíduo faz parte. [...] o paladar está ligado a uma terra e a um grupo, conectando pessoas a regiões por um “gosto em comum” tradicionalmente consagrado. (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 253-254).

Esta é uma razão pela qual é comum observar em grandes metrópoles que os hábitos alimentares, muitas vezes serão os elos que vão reunir indivíduos de uma comunidade migrante, além de fortalecer suas identidades nacionais. Através das tradições culinárias, membros desses grupos acabam criando um espaço onde podem confraternizar e se ajudar. Inclusive, uma das entrevistas desta tese ocorreu em um restaurante de culinária africana no centro da cidade de São Paulo. O entrevistado, o Sujeito 2 que é oriundo de Guiné-Bissau, sugeriu o espaço como local da entrevista por ser um ambiente que também é um ponto de encontro entre migrantes da África Subsaariana e onde o pesquisador pode observar momentos de confraternização entre esses indivíduos. E locais como este restaurante são essenciais para manutenção da identidade do sujeito migrante:

[...] porque elas são repletas de fatores simbólicos. Comida é memória, é afeto, é resistência. Não se come apenas porque se tem fome no sentido fisiológico, mas porque é preciso alimentar as emoções e memórias, recordar momentos e situações importantes. A comida é capaz de transportar o indivíduo para outro lugar e outro tempo [...] Por ser espaço de continuidade é que a alimentação de um grupo resiste.

⁵⁶ Entrevista transcrita entre as páginas 225 e 228.

Resiste a mudanças geográficas e culturais, resiste ao tempo e permanece sempre viva. (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 256).

Porém, muitos migrantes sabem que para se integrar precisam conhecer as comidas servidas no novo local onde estão vivendo. Mesmo preservando alguns costumes na hora de se alimentar, os migrantes e refugiados passam a incorporar alguns hábitos alimentares a seus estilos de vida. Trata-se de um exemplo da reterritorialização, como já visto nesta tese no capítulo 2.⁵⁷ Inclusive, vai de encontro com o que Hall (2014, p. 30) afirma quando define a identidade “como algo em constante transformação”. Obviamente há o impacto promovido pela globalização no âmbito da alimentação que aproxima diferentes culturas e indiretamente, ajuda refugiados e migrantes a tentarem se integrar o mais rápido possível em uma nova sociedade. Em entrevista a esta tese, o Sujeito 7 que é oriundo de Guiné Conacri afirmou que demorou para se acostumar com a comida no Brasil, mas que sabia que precisava encarar este desafio porque “era uma etapa que tive que passar para me adaptar aqui”,⁵⁸ o que pode ser definido como um indivíduo híbrido, contemplado por uma identidade étnica e uma identidade nova de refugiado com disposição em conhecer e integrar a cultura alimentar brasileira (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 259).

De acordo com Altoé e Azevedo (2018) a comida é um dos principais caminhos para se entrar em contato com a cultura de outra sociedade, sendo inclusive, mais fácil do que compreender um novo idioma. Na opinião das pesquisadoras:

Dessa maneira, as diferenças entre as culinárias atuam como um fator de aproximação. Ao sentir-se interessado pela cultura gastronômica do próximo, uma pessoa não só conhece uma nova iguaria, mas conhece todo um novo sistema cultural no qual esse prato que causou curiosidade está inserido e também se conecta com o outro indivíduo que participa desse complexo cultural. (ALTOÉ; AZEVEDO, 2018, p. 254).

Além deste hábito de buscar se integrar através da comida, os refugiados e migrantes muitas vezes são encorajados a manter suas tradições culturais. Festivais e

⁵⁷ É um processo que ocorre quando refugiados estão reconstruindo suas relações com o espaço durante seu movimento forçado em busca de proteção e de novas possibilidades de reconstrução de suas vidas (AGUIAR, 2021, p. 29). Veja mais detalhes na página 98.

⁵⁸ Entrevista transcrita entre as páginas 235 e 239.

feiras gastronômicas de comunidades estrangeiras são bastante comuns de acontecer em grandes metrópoles, como uma forma de celebrar a diversidade da cidade e apresentar a população costumes de comunidades migrantes. Maior cidade da América Latina, São Paulo costuma ser palco de diversos eventos desse tipo ao longo do ano. O Museu da Imigração do Estado de São Paulo, inclusive, organiza anualmente a “Festa do Imigrante” onde além de exposições e apresentações artísticas, ocorrem feiras gastronômicas com pratos típicos que são apresentados para interessados em ampliar seus hábitos culinários e uma forma para que migrantes e refugiados possam se aproximar da população nativa e se integrar a sociedade (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2023).

5.4. INTEGRAÇÃO SOCIAL

Assim como as três primeiras barreiras encontradas por migrantes e refugiados citadas anteriormente – xenofobia, racismo e questões culturais – uma efetiva integração social também é um desafio que surge na vida destes sujeitos. Para que este processo social obtenha sucesso é necessário evitar que os outros três empecilhos sejam reproduzidos pela sociedade. Afinal, se existe xenofobia, racismo e preconceitos por questões culturais a um migrante, obviamente não haverá integração desse sujeito a nova sociedade onde ele se encontra. Além de sentir-se mais ainda deslocado, o clima de hostilidade e indiferença para com este indivíduo, fará com que ele não se sinta bem-vindo, dificultando ainda mais seu contato para com os cidadãos nativos. Inclusive, o tema da integração social foi bastante citado a este pesquisador durante as entrevistas semiestruturadas, com alguns refugiados e migrantes afirmando que sem um bom projeto de integração a pessoa em situação de deslocamento não se sentirá totalmente acolhida ao novo país onde se encontra.

O conceito de integração é bastante amplo, complexo e vem sendo abordado nos estudos migratórios. Castles et al (2002, p. 11), apontam que a integração se trata de um processo de mão dupla, ou seja, precisa ser aplicada tanto pelos recém-chegados, quanto pela sociedade anfitriã. Os pesquisadores ainda afirmam que os significados de uma integração podem variar de país para país, mudando ao longo do tempo e variando conforme interesses, valores e perspectivas dos envolvidos. Dessa forma, uma política de integração efetiva precisará atingir todos os setores da sociedade (CASTLES et al, 2002,

p. 12). Exemplificando este raciocínio, todos têm um dever a cumprir. O migrante precisa ser acolhido e inserido na nova sociedade através de políticas sociais que o respeitem como indivíduo, enquanto o nativo precisa promover este acolhimento e compreender que existem diferenças para com o migrante.

Chega-se então a um dos problemas mais comuns quando falamos de integração. Muitas vezes, ao invés de promover uma política que integre um migrante ou refugiado, um Estado ou sociedade aplica uma política de assimilação. Como visto na questão das dificuldades encontradas através de questões culturais, principalmente sobre o idioma, algumas medidas inflexíveis ou tidas como assimilacionistas como exemplificado através da metodologia do PLAc, podem prejudicar a relação entre migrante e nativo dentro de uma sociedade. Ambos precisam ajustar seus comportamentos e atitudes entre si, com os nacionais se esforçando para compreender o diferente e o migrante tendo direito de preservar seu repertório cultural de origem (MOREIRA, 2014, p. 89).

Porém, essa convivência pode esbarrar em políticas de integração má implementadas, onde alguns direitos não são totalmente aplicados aos migrantes e refugiados. Em alguns casos os direitos culturais e identitários destes indivíduos são respeitados, mas eles acabam excluídos de serviços básicos ou encontram poucas opções no mercado de trabalho, além de não terem diretos políticos:

For instance, immigrants and refugees may find that they have access to the labour market, but are excluded or disadvantaged in the welfare and education sectors (or vice versa). They may be included in both of these, but excluded from political membership. Or they may be included in all of these sectors, but excluded in terms of culture, identity and everyday forms of social interaction. A number of such issues and the dilemma of definition concerning the term ‘integration’ itself are highlighted in the vexed question: can one speak of immigrant or refugee incorporation into an excluded underclass with little public voice and few chances of socio-economic mobility, as integration? (CASTLES et al, 2002, p. 14).⁵⁹

⁵⁹ Por exemplo, os imigrantes e refugiados podem descobrir que têm acesso ao mercado de trabalho, mas são excluídos ou desfavorecidos nos sectores da assistência social e da educação (ou vice-versa). Eles podem ser incluídos em ambos, mas excluídos da filiação política. Ou podem estar incluídos em todos estes setores, mas excluídos em termos de cultura, identidade e formas cotidianas de interação social. Uma série de questões deste tipo e o dilema de definição relativo ao próprio termo “integração” são realçados na questão controversa: pode-se falar de incorporação de imigrantes ou refugiados numa subclasse excluída com pouca voz pública e poucas oportunidades de mobilidade socioeconômica, como integração? (CASTLES et al, 2002, p. 14). Tradução livre em português.

Alguns desses pontos como o direito a voto, por exemplo, foram levantados nas entrevistas realizadas. O Sujeito 6 foi bastante incisivo sobre a questão dos direitos políticos em seu depoimento, dizendo que sem poder votar a comunidade migrante passa a ficar de lado na prioridade da classe política, porque não chama a atenção de parlamentares e não converte essa demanda em votos para os mesmos.⁶⁰ Afinal já que migrantes e refugiados no Brasil não podem exercer o direito de voto em nível municipal, estadual ou federal, prejudicando consideravelmente a capacidade de terem suas demandas ouvidas e atendidas no país (MOREIRA, 2014, p. 93-94).

Em alguns momentos, pessoas em situação de refúgio acabam ficando de lado na lista de prioridades por parte do Estado que vai privilegiar os cidadãos nativos. Essa situação faz com que refugiados, que em algumas ocasiões contam com um nível educacional superior em relação aos nativos, acabem sendo preteridos na busca por um espaço no mercado de trabalho e em direitos sociais devido a uma má aplicação da política de integração (MOREIRA, 2014, p. 90). Na saúde, como abordado sobre xenofobia, a questão da vacinação contra a COVID-19 impacta principalmente no acesso aos serviços oferecidos. Corrobora para esta situação o fato de alguns refugiados terem que viver em precárias condições de moradia e longe do centro ou bairros desenvolvidos em suas cidades, o que podem impactar diretamente na qualidade de vida dessas pessoas:

Quanto às condições de vida e de trabalho, a saúde de migrantes e refugiados depende do acesso, do mesmo modo que os nacionais, ao saneamento básico e água potável, assim como a disponibilidade de moradia segura e limpa. Em certos Estados, porém, os migrantes e refugiados, por razões políticas e/ou econômicas, são relegados a regiões da cidade em que a urbanização é deficiente ou ausente, com impacto desastroso sobre a saúde. Do mesmo modo, o acesso a emprego com remuneração digna e a programa de saúde operacional pode ser bastante diverso entre migrantes e refugiados. (VENTURA; YUJRA, 2019. p. 39).

A questão da moradia é bastante importante em pesquisa com populações refugiadas pois nota-se uma tendência de ver que esses indivíduos vão residir em locais mais periféricos ou com custo de vida mais barato. Em 2019, um levantamento realizado pelo ACNUR em parceria com a Cáritas revelou que 55% da população refugiada da cidade de São Paulo vivia na zona leste, principalmente em bairros mais distantes do

⁶⁰ Entrevista transcrita entre as páginas 232 e 235.

centro como São Mateus e Itaquera. O estudo também mostrou que 26% habitavam a região central, mas vivendo em ambientes mais precários nas regiões da Sé e Pari, por exemplo (MANTOVANI, 2019).

Em 2022 as entidades atualizaram o relatório, que apresentou números semelhantes da pesquisa anterior. Porém, registrou um aumento populacional na região central da cidade, em moradias de baixa renda e de maior acessibilidade financeira para esses indivíduos (ACNUR BRASIL, 2022a). Esses dados são bastante esclarecedores, pois mostram que refugiados muitas vezes encontram desafios comuns aos cidadãos nativos de baixa renda, principalmente relacionado ao custo do aluguel e do deslocamento pela cidade, além de optarem por se estabelecer em regiões onde já existe uma comunidade oriunda de seus países, semelhante a migração de nordestinos em São Paulo (MAGALHÃES, 2015, p.107; FONTES, 2008, p. 55).

Falando em saúde e moradia, estes são pontos bastante abordados nos estudos sobre integração da população refugiada e migrante. Ager e Strang (2008, p. 170) criaram uma estrutura conceitual que define os domínios centrais de integração. Eles separaram esta estrutura em quatro tópicos principais como pode ser visto abaixo:

Figura 13 – Uma estrutura conceitual que define domínios centrais de integração.⁶¹

Uma estrutura conceitual que define domínios centrais de integração



⁶¹ Figura adaptada pelo autor

Fonte: AGER, Alastair; STRANG, Alison. (2008, p. 170).⁶²

O tema do emprego também é bastante abordado nos estudos sobre integração de refugiados devido a condição desses sujeitos. Por serem migrantes forçados a deixar seus países visando salvar suas vidas, na enorme maioria das vezes eles não carregam consigo documentos ou diplomas que comprovem suas qualificações. Porém, como pesquisas recentes mostraram, muitos deles têm diplomas ou níveis de estudo em áreas do ensino superior (MARQUES, 2019). Sem ter como provar sua qualificação, além de todas as barreiras e dificuldades encontradas, eles acabam aceitando subempregos no novo país como afirma Ager e Strang (2008):

Refugees are often highly educated in comparison with other groups of immigrants. However, a major barrier to securing employment is difficulty relating to the non-recognition of qualifications and previous work experience. Many refugees are unable to produce proof of previous qualifications and even when they can employers may not recognize them. [...] Consequently, under-employment (defined as holding a job which does not require the level of skills or qualifications possessed by the jobholder) is a common factor in the experience of refugees in the labour market (AGER; STRANG, 2008, p. 170).⁶³

O campo da educação também desempenha uma importante função de integração, principalmente a educação infantil. Muitos refugiados migram junto dos filhos, além de casos de crianças que viajam desacompanhadas. Desta forma é de suma importância, buscar apoiar esses jovens na escola, já que em algumas situações eles podem ajudar na comunicação entre os pais e a nova sociedade, como por exemplo, servido como ponte e

⁶² Segundo Ager e Strang (2008), no topo estão os “marcadores do meio” (*markers and means*), onde juntamente da saúde e moradia (*health and housing*), estão inclusos temas sobre acesso ao mercado de trabalho e a educação (*employment and education*). Abaixo estão as “conexões sociais” (*social connection*) onde aparecem as pontes sociais, os laços sociais e as redes de contato entre a comunidade nativa e os migrantes (*social bridges, social bonds and social links*), abaixo os “facilitadores” (*facilitators*) que são o conhecimento cultural e da língua e a sensação de segurança no destino (*language and cultural knowledge and safety and stability*) e por fim, a “fundação” (*foundation*), que seriam os direitos sociais, com acesso à cidadania para esses migrantes e refugiados (*rights and citizenship*) (AGER; STRANG, 2008, p. 169-170).

⁶³ Os refugiados são muitas vezes altamente qualificados em comparação com outros grupos de migrantes. No entanto, uma grande barreira para garantir o emprego é a dificuldade relacionada com o não reconhecimento de qualificações anteriores e experiência de trabalho. Muitos refugiados não conseguem apresentar provas de experiências qualificadas e mesmo quando podem, os empregadores podem não as reconhecer. [...] Consequentemente, o subemprego (definido como manter um emprego que não exige o nível de competências ou qualificações possuídas pelo titular de emprego) é um fator comum na experiência dos refugiados no mercado de trabalho. (AGER; STRANG, 2008, p. 170). Tradução livre em português.

ajudando os pais no ensino do idioma. (JAROCHINSKI SILVA, 2021, p. 978). Inclusive, alguns estudos mostram que a educação infantil para crianças refugiadas tem papel essencial no estabelecimento das relações entre crianças e a sociedade onde foram acolhidos (AGGER; STRANG, 2008, p. 173). No Brasil ainda há o fato de haver uma ausência de políticas públicas no processo de integração através da educação para crianças refugiadas, e muitas vezes é observado que é a própria escola, seus responsáveis ou professores que buscam atuar dentro de suas limitações para facilitar a integração destas crianças com seus pares nativos (ARAÚJO, 2018, p. 795).

Cabe citar que no Brasil existem diferentes atores atuando na causa do refúgio e integração de pessoas em situação de deslocamento forçado no país. Moreira (2014, p. 94) define esses personagens como “tripartidarismo” que seriam o Estado, a sociedade civil e o ACNUR:

Adentrando o tripartidarismo que marca a estrutura voltada para a integração dos refugiados no país, é relevante pensar no papel desempenhado por cada ator. O governo brasileiro fornece serviços básicos universais (como saúde e educação), disponíveis à população local. A sociedade civil, representada por instituições religiosas, atuando também através de acordos com ONGs e diversas instituições, oferece serviços essenciais, como auxílio à alimentação, cursos para aprendizado do idioma local, cursos profissionalizantes que facilitam a inserção no mercado de trabalho e moradia, entre outros. O ACNUR, por sua vez, destina recursos para financiar o auxílio concedido através das Cáritas e também fornece expertise e colaboração técnica para os programas implementados em prol do grupo. (MOREIRA, 2014, p. 94).

Devido ao amplo espaço para discussão e produção de trabalhos na área dos estudos migratórios e como já citada nesta tese, o esporte também é um campo onde pode-se observar ações de integração para a população migrante e refugiada no Brasil. Além de novas pesquisas acadêmicas a nível de mestrado ou doutorado sobre a questão estarem surgindo no país (DE SOUZA, 2022; UEBEL, 2018; ROJO, 2020), os próprios refugiados e migrantes também reforçaram nas entrevistas a este pesquisador enxergar que o esporte e as atividades de lazer são ótimas práticas para a promoção de uma integração social de refugiados e migrantes no Brasil com sucesso.

6. ONDAS MIGRATÓRIAS DE REFUGIADOS PARA O BRASIL NO SÉCULO XXI: NÚMEROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

O estado de São Paulo é a UF mais populosa do Brasil e, conseqüentemente, conta com a presença de uma grande população refugiada segundo dados mais recentes do OBMigra (2020). Partindo desta afirmação, esta tese optou por delimitar a pesquisa em São Paulo. Todas as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes que vivem e estiveram envolvidos com a Copa dos Refugiados e Imigrantes no estado de São Paulo.

Para um melhor entendimento da pesquisa, este breve capítulo apresentará um levantamento com dados e estatísticas sobre a migração refugiada no estado de São Paulo destacando principalmente os fluxos ocorridos neste século XXI, através de consulta a materiais estatísticos e levantamentos demográficos. Além do OBMigra, foram consultados estatísticas e dados do CONARE, do Sistema Nacional de Cadastro e Registros (SINCRE), do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), do Departamento da Polícia Federal e do Ministério da Justiça e Segurança Pública e do NEPO/Unicamp.

O último Censo do Brasil apontou que vivem no estado de São Paulo 44,4 milhões de pessoas e a capital São Paulo é a mais populosa não só da UF, como também do Brasil com aproximadamente 11,4 milhões de habitantes (IBGE, 2023, p. 35-38). Desta forma, São Paulo também é o Estado com a maior população migrante do Brasil.

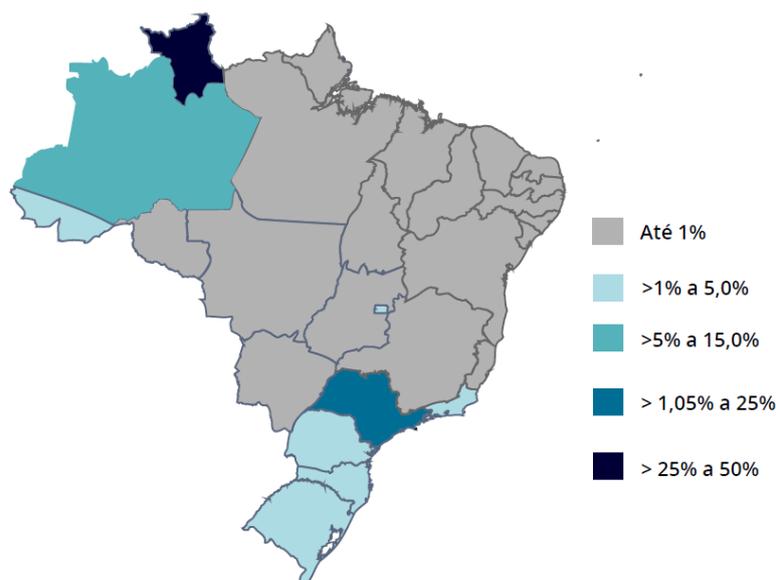
Números do OBMigra apontaram que até o fim do ano de 2021 (números mais recentes coletados) foram registrados 151.155 migrantes vivendo de forma legal no Brasil (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2022, p. 10-11). Porém, muito provavelmente o número real de migrantes no país seja maior do que o registrado oficialmente, já que existem muitos indivíduos residindo de forma irregular no Brasil. Em números apresentados em 2019, antes do início da pandemia de COVID-19, a população migrante vivendo no estado de São Paulo era de 40.586 indivíduos segundo estatísticas coletadas pelo SINCRE, SISMIGRA, Departamento da PF, Ministério da Justiça e Segurança Pública, OBMigra e NEPO/Unicamp (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 56).

Entre esses números do relatório, vale destacar alguns fatos interessantes a respeito do perfil dos migrantes residentes no estado de São Paulo. A grande maioria residia em cidades da Grande São Paulo e 79,8% desses indivíduos tinham visto temporário. Trata-se de um expressivo número de 32.408 pessoas nesta situação, ante outros 8.119 indivíduos com o visto de residente (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 58). A maioria desses migrantes era oriunda de países da América Latina, sendo a Bolívia o país com o maior número de estrangeiros residindo em São Paulo: 7.742 pessoas, ou 19% de todos os migrantes residentes no estado de São Paulo (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 59).

Com relação a população de pessoas em situação de refúgio, o último relatório do CONARE apontou que São Paulo foi o segundo estado do Brasil com maior número de solicitações da condição de refugiado registradas em 2022, tendo 23,6% do total. Apenas Roraima ficou a frente com um número de 41,6% das solicitações. A maioria destes pedidos realizados em São Paulo, são de indivíduos vindo de diferentes países, a maioria através voos internacionais. Cidadãos oriundos de China, Angola e Nigéria são os países com mais solicitações de refúgio (JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, 2023, p. 21).

Figura 14 – Distribuição relativa das solicitações de reconhecimento da condição de refugiados apreciadas, segundo UF de solicitação – 2022.

Mapa 2.1.1.2. Distribuição relativa das solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas, segundo UF de solicitação – 2022.



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Coordenação-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados (CG-Conare/MJSP), 2022.

Fonte: JUNGER DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA; TONHATI; LIMA COSTA, Luiz Fernando (2023, p. 21).

Ao longo do século XXI, foi sendo registrado um aumento no número da população migrante e refugiada no Brasil. O levantamento do SINCRE, SISMIGRA, Departamento da PF, Ministério da Justiça e Segurança Pública, OBMigra e NEPO/Unicamp, feito em 2019 e que havia registrado 40.586 indivíduos migrantes residindo em São Paulo até o final daquele ano, também calculou que em 2001, primeiro ano deste século, viviam no estado apenas 7.663 migrantes internacionais (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 56). Trata-se de um crescimento bastante expressivo como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 15 – Imigrantes internacionais com registros ativos, residentes no Estado de São Paulo, segundo ano de registro, 2000-2019.

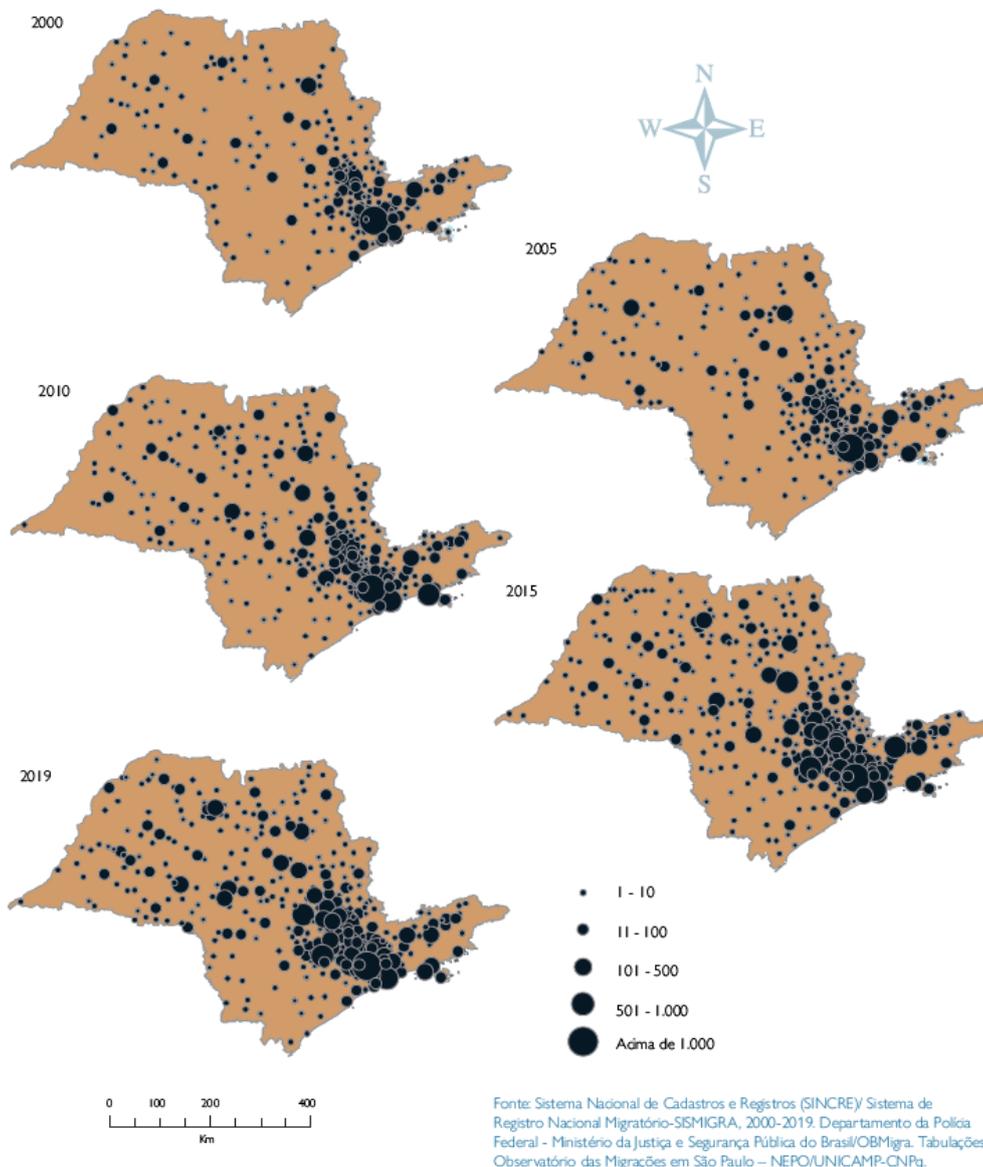


Fonte: BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice (coordenadoras). (2020, p. 56).

O mesmo relatório mostrou ainda como a população migrante se espalhou pelo estado. Se no início do século XXI a concentração era vista majoritariamente na região da Grande São Paulo, com o passar dos anos a população migrante começou a ir para o interior do estado (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 57).

Figura 16 – Imigrantes internacionais com registros ativos, residentes no Estado de São Paulo, segundo município de residência no ano de 2000, 2005, 2010, 2015 e 2019.

Imigrantes internacionais com registros ativos, residentes no Estado de São Paulo, segundo município de residência no ano de 2000, 2005, 2010, 2015 e 2019

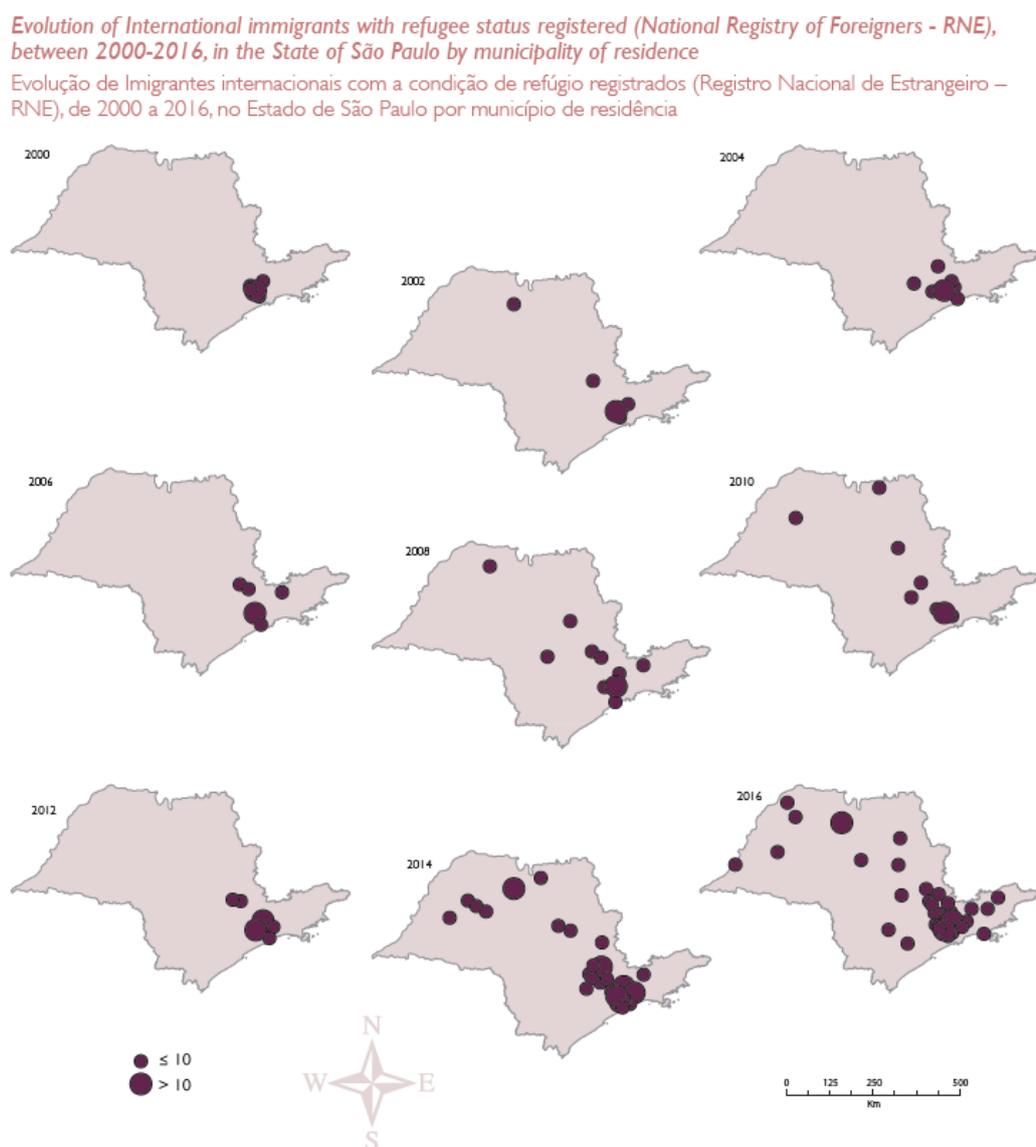


Fonte: BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice (coordenadoras). (2020, p. 57).

Assim como a população migrante, o número de pessoas em situação de refúgio também aumentou e se espalhou pelo Estado de São Paulo com o decorrer do tempo. Um levantamento feito em 2016 pelo SINCRe, PF, Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho, Projeto MT Brasil, OBMigra e NEPO/Unicamp, mostrou que houve uma

expansão da população refugiada pelo território paulista (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI; QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 148). No ano 2000 esses indivíduos viviam apenas na região da Grande São Paulo, com destaque para a capital. Em 2016 outras partes do estado já contavam com a presença de refugiados, que migraram devido a oportunidades de emprego que iam surgindo em diferentes cidades, principalmente nas regiões de Campinas e São José do Rio Preto como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 17 – Evolução de Imigrantes internacionais com a condição de refúgio registrados (Registro Nacional de Estrangeiro – RNE), de 2000 a 2016, no Estado de São Paulo por município de residência.

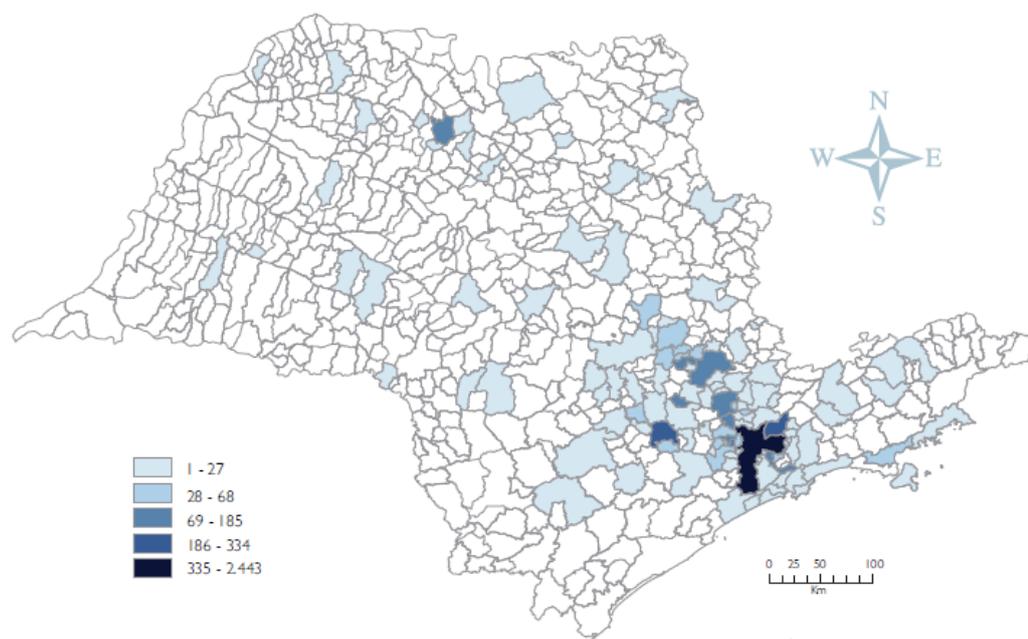


Fonte: BAERNINGER, Rosana; FERNANDES, Duval (coordenadores); DEMÉTRIO, Nátalia Belmonte; DOMENICONI, Jóice; QUINAGLIA, Marília Calegari; SIMAI, Szilvia (Co-organizadoras). (2018, p. 148).

Um levantamento mais recente feito pelo SINCRE, SISMIGRA, Departamento da PF, Ministério da Justiça e Segurança Pública, OBMigra e NEPO/Unicamp mostrou que em 2019 viviam no Estado de São Paulo 5.468 migrantes internacionais em situação de refúgio, a grande maioria na capital e na região da Grande São Paulo.

Figura 18 – Imigrantes transnacionais de refúgio, registrados em 2019, no Estado de São Paulo, segundo município de residência.

Imigrantes transnacionais de refúgio, registrados em 2019, no Estado de São Paulo, segundo município de residência



Fonte: BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice (coordenadoras). (2020, p. 68).

Entre as ocupações destes indivíduos a maioria deles, 867, estava desempregada. Ocupações informais eram a realidade de 760 sujeitos e a profissão de vendedor ou empregado na área comercial era o ofício de 725 refugiados em São Paulo (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 70). Um dado curioso é que este levantamento também registrou que havia quatro indivíduos que tinham como ocupação a função “atleta, esportista ou assemelhado” (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020, p. 71).

Por fim, o levantamento em conjunto do SINCRE, PF, Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho, Projeto MT Brasil, OBMigra e NEPO/Unicamp também apresenta um dado bem interessante: o número de saída de alguns refugiados do Brasil, com destaque para o estado de São Paulo. Entre 2010 e 2015, a pesquisa registrou 8.057 saídas de refugiados ou pessoas que haviam solicitado refúgio no Brasil. No estudo, a presença de haitianos chama bastante atenção. Eles são 44% dos indivíduos que solicitaram refúgio no país e 11% do número total de refugiados que deixaram o território brasileiro (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI; QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 127), reforçando a afirmação de Handerson (2015) vista no capítulo 4, de que os haitianos utilizam o Brasil como um corredor em suas rotas migratórias.

O estado de São Paulo é por onde a maioria dessas saídas se deu, via a cidade de Guarulhos, mais precisamente, o Aeroporto Internacional Governador André Franco Montoro. Conhecido popularmente como Aeroporto Internacional de Cumbica, é o maior aeroporto do país e principal porta de entrada, e saída, do território brasileiro. Ao todo, 59,1% das saídas de refugiados e solicitantes de refúgio se deram através de Cumbica, indicando que o destino possa ser em locais distantes do Brasil, como países desenvolvidos no hemisfério norte, além de um possível retorno para casa. A seguir vieram cidades fronteiriças como Uruguaiana (RS), na divisa com o Uruguai, com 6,7% e Epitaciolândia (AC), na divisa com a Bolívia, com 5,7% (BAERNINGER; FERNANDES; DEMÉTRIO; DOMENICONI; QUINAGLIA; SIMAI, 2018, p. 128).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto nos capítulos anteriores, esta tese procurou compreender como práticas de esporte e lazer, em especial a Copa dos Refugiados e Imigrantes, podem ser elementos importantes para o processo de integração social de pessoas em situação de deslocamento forçado. Também foi investigado como essas atividades impactaram diretamente a identidade destes sujeitos, que precisaram se adaptar ao novo ambiente. A tese se concentrou em realizar uma revisão da literatura através dos estudos migratórios, das políticas de refúgio, dos estudos do esporte e do conceito de identidade, além de entrevistas semiestruturadas com indivíduos em situação de deslocamento forçado que participaram da Copa dos Refugiados e Imigrantes. Serão apresentadas nestas considerações finais os resultados alcançados ao longo da pesquisa, os objetivos atingidos e as reflexões que a tese gerou principalmente sobre a questão do refúgio na sociedade brasileira.

Pesquisas que abordem a questão do refúgio ainda são poucas dentro da academia e discutidas na sociedade. Trata-se de uma temática em crescimento e que no decorrer deste século deverá experimentar um crescimento devido aos fatos do cotidiano, relatados ao longo desta investigação. Novos trabalhos sobre a temática são sempre bem-vindos, além fortalecer essa tão importante causa. Esta pesquisa mostrou como o campo dos estudos migratórios é bastante diverso e dialoga com diferentes áreas de conhecimento, podendo ser explorado por vários prismas. As referências utilizadas mostram toda essa versatilidade. Estudos das ciências humanas, ciências sociais, relações internacionais, esporte, direito, saúde, educação, demografia, estudos culturais, entre outros foram alguns dos materiais consultados pelo pesquisador.

Com uma população pequena de refugiados em relação a sua população geral, o Brasil ainda tem muito trabalho a fazer sobre essa situação migratória. Mesmo sendo signatário do Estatuto do Refugiado das Nações Unidas e do Protocolo de 1967, o país demorou décadas para se adaptar à realidade mundial sobre o refúgio. Os casos relatados ao longo deste trabalho mostraram como o país só resolveu se adequar as questões do refúgio após o fim da Ditadura Militar e a promulgação da Constituição Federal em 1988 e posteriormente a sanção do Estatuto do Refugiado e a criação do CONARE em 1997.

A ratificação da Lei de Migrações em 2017, substituindo o obsoleto Estatuto do Estrangeiro, também foi outro ponto positivo neste processo de modernização migratória do Brasil no cenário internacional. Com uma legislação mais moderna, humanitária e pertinente aos tempos atuais o país poderá vir a ser um protagonista na questão do refúgio nos próximos anos, mas precisará avançar na área política e administrativa.

Posicionamentos controversos dos ex-presidentes Temer e Bolsonaro, o primeiro vetando pontos chaves da nova Lei e o segundo a criticando de forma ostensiva a legislação, mostram como o tema das migrações e do refúgio precisa ser ainda mais estudado e debatido política e socialmente. A errática saída do Brasil do Pacto Global de Migrações da ONU no governo Bolsonaro, foi logo corrigida pelo atual governo do presidente Lula. E em sua jornada por protagonismo e liderança internacional, o Brasil não pode ignorar esta importante causa que tende a ser uma das mais abordadas nas próximas décadas por diferentes lideranças globais. Além disso, é necessário avançar em alguns tópicos como desburocratizar o processo de documentação e de solicitação de refúgio, algo bastante abordado nas entrevistas semiestruturadas. E obviamente há a questão internacional, onde o ACNUR e a ONU, precisarão se impor frente as economias mais desenvolvidas do mundo e tentar escapar do *paradoxo da proteção versus produção de refugiados* de Jubilut (2007).

Como visto no decorrer destas páginas a utilização de ações sociais envolvendo a temática do refúgio podem ajudar, caso das atividades de esporte e lazer. Mesmo com algumas falhas, como dito nas entrevistas semiestruturadas que não conseguiu revelar talentos para o futebol profissional, a Copa dos Refugiados e Imigrantes cumpriu com parte de seus objetivos. Conseguiu chamar atenção para a causa do refúgio através do esporte, mobilizando o poder público por meio de secretarias e prefeituras, da sociedade civil e de entidades humanitárias. Conseguiu se expandir nacionalmente, deixando de ser uma competição sem pretensões e disputada em uma quadra precária, para um evento de porte nacional e com partidas realizadas em estádios famosos como o Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Pacaembu, em São Paulo. E conseguiu fortalecer as relações entre os membros das comunidades migrantes vivendo no Brasil, oferecendo auxílio em questões de cidadania, protocolando documentações e acolhimento, algo essencial para indivíduos nesta situação.

A Copa dos Refugiados e Imigrantes é um evento que mostra como o esporte é um elemento importante para a promoção de questões sociais e humanitárias. Não apenas nas ações dentro de campo com os jogadores desfrutando deste momento de união, mas também o que ele pode representar sentimentalmente para estes indivíduos. Para eles, disputar as partidas com seus compatriotas, vestindo a camisa do país de onde tiveram que fugir para se salvar é algo muito simbólico e representativo. É algo que nem os membros das Equipes Olímpicas e Paralímpicas de Refugiados podem vivenciar, já que nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paralímpicos eles não representam seus países, pois competem sob a bandeira do COI e do IPC, respectivamente. Na Copa dos Refugiados e Imigrantes os atletas podem pelo menos ouvir o hino nacional de seus países antes das partidas, um momento que com certeza traz muitas recordações.

Ainda sobre a Copa dos Refugiados e Imigrantes vale a pena nessas considerações mencionar sobre dois pontos. Primeiro sobre a disparidade do gênero. Desde a primeira edição pouquíssimas mulheres disputaram a competição. Entre um dos principais motivos para tal está o fato de que a maioria dos interessados em jogar é homem, o que desencoraja mulheres de entrar nesse ambiente predominantemente masculino. Às mulheres restou um espaço coadjuvante no torneio, ajudando na organização e estrutura do evento ou se limitando a assistir as partidas. Isso se refletiu no número de entrevistas realizadas pela tese: 9 a 1 para os homens. A dificuldade de encontrar mulheres que haviam participado de alguma edição foi algo que a pesquisa encontrou pelo caminho, mas pelo menos conseguiu ouvir uma mulher a respeito do evento.

Também creio ser válido neste espaço falar sobre algumas impressões pessoais que o torneio deixou no pesquisador ao longo dos anos pesquisando e vivenciando a competição. Ao acompanhar as partidas nas arquibancadas ou na beira do gramado, foi possível observar alguns momentos curiosos, como ver os atletas se aquecendo antes das partidas cantando canções típicas de seus países, da camaradagem entre os jogadores de equipes rivais desfrutando um momento de catarse e alegria, da festa das torcidas cada uma batucando e celebrando seus heróis, da chegada dos jogadores vestidos de forma estilosa como se fossem jogadores profissionais e da seriedade com que eles encaram as partidas, defendendo com garra as cores de suas pátrias que tiveram que abandonar. Sem dúvida uma grata experiência poder vivenciar estes pequenos momentos.

Entre os resultados obtidos através das entrevistas com refugiados e migrantes, pode-se destacar o que o pesquisador já imaginava quando iniciou o projeto de pesquisa. Mesmo devido a todos os percalços enfrentados ao longo de suas jornadas, estes indivíduos seguem acreditando em dias melhores. Para a maioria dos sujeitos ouvidos, a adaptação ao Brasil foi difícil, mas com muita resiliência conseguiram de certa forma se inserir na sociedade e no mercado de trabalho. Aprenderam a língua portuguesa, no caso dos não falantes de português, conseguiram estudar, obter uma vaga de emprego e documentação para seguir com a vida. Não menos importante, também reforçaram laços com seus semelhantes, fossem de respectivos países ou migrantes e refugiados em situação semelhante.

Vivendo no Brasil eles conseguiram firmar vínculos afetivos com a população nativa. A grande maioria deles está muito bem adaptada e revelou que não pensa em deixar o Brasil nos próximos anos, principalmente devido a essa adaptação após um período turbulento de movimentações migratórias. O fato de já terem conseguido se estabelecer de alguma forma no país, seja tendo um emprego ou estar estudando, é outro indicativo que demonstra que estes indivíduos têm projetos e planos pessoais para executar no Brasil. O fato de definirem positivamente o brasileiro, embora reconheçam que o cidadão nativo tenha suas limitações sobre conhecimentos migratórios, também mostra que a integração destes sujeitos está em andamento e que talvez uma maior aproximação entre ambos seja o próximo passo deste processo.

Obviamente que estamos falando aqui de um número reduzido, afinal trata-se de uma amostra pequena comparada ao número total de refugiados e migrantes vivendo atualmente em São Paulo, e conseqüentemente em todo o Brasil. Foram apenas dez sujeitos entrevistados, fora a conversas “em off” que o pesquisador teve com alguns jogadores durante as partidas da Copa dos Refugiados e Imigrantes. Ao realizar as entrevistas, pode-se perceber uma sensação de que esses indivíduos, acreditam que as práticas de esporte e lazer podem ser ações benéficas para a integração da comunidade migrante e refugiada no país.

E é aí que um dos objetos centrais da investigação da tese entre em cena: as atividades de esporte e lazer. Afinal, como visto nos depoimentos, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi extremamente essencial para que esses vínculos entre os membros destas comunidades se fortalecessem ou fossem criados. Como disse o Sujeito 6, oriundo de

Angola, somente através do futebol e da Copa dos Refugiados e Imigrantes é que ele pode fazer e manter contato com outras comunidades migrantes no Brasil.⁶⁴ Quando paramos para pensar que indivíduos oriundos de locais tão distantes geograficamente e tão diferentes culturalmente conseguem se identificar como semelhantes através do esporte, percebe-se que o evento foi bastante feliz em promover a criação desta comunidade imaginada e fortalecê-la anualmente, já que a cada edição novos jogadores são selecionados para participar.

Além de atuarem em um jogo entre Síria e Senegal ou Haiti e Iraque, por exemplo, a relação entre esses migrantes não acaba com o apito final do árbitro. Após a partida, essas comunidades voltam a se encontrar, seja em eventos culturais promovendo suas tradições, em salas de aula onde estudam a língua portuguesa e principalmente em espaços onde passam a discutir questões importantes no âmbito político e social para seus semelhantes, como conselhos municipais. Mesmo sem direito a voto, estas populações participam diariamente da sociedade, colaboram com a economia local e continuam lutando para obter mais direitos no Brasil.

Nas entrevistas também ficou bastante claro em como esses sujeitos enxergam o cidadão brasileiro. Mesmo tecendo palavras amistosas aos nativos como “alegre”, “receptivo” e “acolhedor”, eles entendem que o brasileiro ainda tem muito a aprender sobre a questão da migração e do refúgio. E não dizem que é apenas para evitar estereótipos ou atos de xenofobia e racismo, mas sim compreender detalhes deste complexo assunto. Afinal como visto ao longo desta pesquisa, migrar não é apenas mudar de um lugar para o outro. Existem diversos fatores envolvidos nesta experiência humana que precisam ser tratados com mais atenção. Parte desta desinformação das pessoas de um modo geral se deve ao fato de como o tema é abordado. A questão do refúgio em grande parte do Brasil não desperta tanta atenção da mídia e classe política. Com exceção de lugares onde reside uma grande parcela destes deslocados forçados, caso do estado de Roraima, este tema bastante abordado na realidade local, gerando inclusive manifestações da população da região (JORNAL NACIONAL, 2022). Porém, vemos com muito menos atenção essa temática nas regiões mais desenvolvidas do país como São Paulo, que concentra milhões de migrantes e registra constantemente denúncias de trabalho análogo à escravidão destes indivíduos (VILLAS BOAS; TALARICO, 2021).

⁶⁴ Entrevista transcrita entre as páginas 232 e 235.

Outro ponto que não pode deixar de ser comentado é a questão dos documentos e do processo de solicitação de refúgio. Um migrante na condição de indocumentado é como se não existisse para as autoridades. E isso pode significar correr graves riscos de deportação e não poder acessar serviços públicos, como a vacinação contra a COVID-19 citada no início. No caso de refugiados que ainda não tem seu status reconhecido a situação também é ruim. Como disse o Sujeito 1 na entrevista ao pesquisador, “a pessoa fica vivendo provisoriamente, mas a vida não é provisória”.⁶⁵ E de fato é exatamente isso. A demora na solicitação do status de refugiado coloca em risco a vida do indivíduo, algo que pode ser observado nos depoimentos colhidos.

Reforço aqui nessas considerações finais a relevância de pesquisas envolvendo a causa do refúgio e estudos migratórios. Estes trabalhos podem contribuir não só com a academia, mas também com a sociedade. E preferencialmente ouvindo os migrantes e refugiados, para que possam se manifestar e compartilhar suas experiências de vida com pesquisadores da área. Como bem pontua Moreira:

Por fim, destaca-se a relevância de se ampliar a discussão e se produzir mais pesquisas de cunho teórico-conceitual, metodológico e empírico sobre a integração de refugiados – sobretudo no Brasil, onde o tema é incipiente e vem se constituindo uma comunidade acadêmica a ele dedicada. As contribuições seriam de fato enriquecedoras se conseguissem explorar as percepções, perspectivas e experiências dos próprios refugiados a fim de captar como os processos de integração são vivenciados por esses sujeitos. Somente assim, a partir de suas vozes e seus olhares, será possível conhecer e compreender mais densamente tal fenômeno no país. (MOREIRA, 2014, p. 96).

É importante que esta tese seja desenvolvida no programa de pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, um programa interdisciplinar da Escola de Artes, Ciência e Humanidades da Universidade de São Paulo. Ao trazer para análise um estudo sobre como práticas de esporte e lazer contribuem para a integração de sujeitos em situação de deslocamento forçado, dialogando com diferentes áreas do conhecimento científico, reforça-se a relevância da interdisciplinaridade. Segundo Castles et al (2002):

Because integration is such a complex process it cannot be studied from the perspective of any single social science. Economics, political science, history, sociology, anthropology, geography, urban studies, demography and psychology all have a part to play. The research

⁶⁵ Entrevista transcrita entre as páginas 213 e 218.

reviewed in this report comes from a wide range of social scientific disciplines and much of it is consciously interdisciplinary. There is no single, generally accepted definition, theory or model of immigrant and refugee integration. The concept continues to be controversial and hotly debated. (CASTLES et al, 2002, p. 13).⁶⁶

Por fim, espera-se que este trabalho possa de certa forma ser útil na discussão e análise para futuros projetos e estudos dentro com campo migratório e de refúgio, além das pesquisas que englobem o esporte e o lazer como elementos fundamentais para a sociedade. Entende-se que em um mundo cada vez mais globalizado e com temáticas sociais sendo estudadas em diferentes campos do conhecimento, esta tese seja mais uma investigação que contribua com o campo dos estudos interdisciplinares.

⁶⁶ Dado que a integração é um processo tão complexo, não pode ser estudado a partir da perspectiva de uma única ciência social. A economia, a ciência política, a história, a sociologia, a antropologia, a geografia, os estudos urbanos, a demografia e a psicologia têm todos um papel a desempenhar. A investigação analisada neste relatório provém de uma vasta gama de disciplinas científicas sociais e grande parte dela é conscientemente interdisciplinar. Não existe uma definição, teoria ou modelo único e geralmente aceite de integração de imigrantes e refugiados. O conceito continua a ser controverso e calorosamente debatido. (CASTLES et al, 2002, p. 13). Tradução livre em português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. Da dove arriva questo terrone?. **Accademia della Crusca** [2023]. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/da-dove-arriva-questo-terrone/1333>.

ACNUR. Declaração de Cartagena. **Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados**. Cartagena das Índias, 22 nov. 1984. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf.

ACNUR BRASIL. Caritas e ACNUR lançam dados do perfil de refugiados no estado de São Paulo. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, 11 jul. 2022a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/07/11/caritas-e-acnur-lancam-dados-do-perfil-de-refugiados-no-estado-de-sao-paulo/>.

ACNUR BRASIL. **Direitos e deveres dos solicitantes de refúgio no Brasil**. Brasília: ACNUR Brasil, 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Direitos-e-deveres-dos-solicitantes-de-ref%C3%BAgio-no-Brasil_ACNUR-2010.pdf.

ACNUR BRASIL. Primeira Copa dos Refugiados em Porto Alegre é marcada por solidariedade, integração e muita animação. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, 27 mar. 2017. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2017/03/27/primeira-copa-dos-refugiados-em-porto-alegre-e-marcada-por-solidariedade-integracao-e-muita-animacao/>.

ACNUR BRASIL. Santos FC e ACNUR renovam parceria e promovem ações solidárias às pessoas refugiadas no Brasil. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, 14 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/14/santos-fc-e-acnur-renovam-parceria-e-promovem-aco-es-solidarias-as-pessoas-refugiadas-no-brasil/>.

AGÊNCIA BRASIL. Língua Portuguesa: saiba mais sobre o 5º idioma mais falado do mundo. **Agência Brasil**, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/lingua-portuguesa-saiba-mais-sobre-o-5o-idioma-mais-falado-do-mundo>.

AGER, Alastair; STRANG, Alison. Understanding Integration: A Conceptual Framework. **Journal of Refugee Studies**, Oxford, v. 21, n. 2, p. 166-191, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fen016>.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

AGUIAR, Marcia Ernani. **Prática médica e imigração: o caso dos refugiados sírios na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 366. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.5.2021.tde-28092021-095954>.

AL JAZEERA. Migration. **Al Jazeera** [2023]. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/tag/migration/>.

ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O Soft Power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da FIFA de 2014. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n. 2, p. 226-257, jun-2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1841>.

ALMEIDA, Rogério de. Alegria dionisíaca e celebração esportiva. In: RUBIO, Katia (Org). **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços, p. 35-47, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, William; RUBIO, Katia. Internationalism and the first editions of the Modern Olympics. **International Sports Studies**, Berlin, n. 40, p. 34-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30819/iss.40-2.04>.

ALTOÉ, Isabella; AZEVEDO, Elaine de. Comida migratória: a cultura alimentar e as identidades de refugiados. **Revista del CESLA**, Uniwersytet Warszawski, n. 2, p. 247-264, jul.-dez. 2018. Disponível em: https://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-bdf4be5e-09db-49e7-969e-b2584943c1f5/c/247-263_I_Altoe_Comida_migratoria.pdf.

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. Immigrants in the United States. **American Immigration Council**, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.americanimmigrationcouncil.org/research/immigrants-in-the-united-states>.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, José H. Fischel de; MARCOLINI, Adriana. A política brasileira de proteção e de reassentamento de refugiados – breves comentários sobre suas principais características. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 1, n. 45, p. 168-176, jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000100008>.

ARAÚJO, José Renato de Campos. O multiculturalismo no ambiente escolar: escola municipal de ensino fundamental Duque de Caxias. In: BAENINGER, Rosana et. al. (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp. p. 790-797, 2018.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AZENHA, Manuela. 'Morro de medo': imigrantes sem documentação regular ficam sem vacina em SP. **UOL**, 04 mar. 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/03/04/morro-de-medo-imigrantes-sem-documentacao-regular-ficam-sem-vacina-em-sp.htm>.

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil: tendências para o século XXI. **Revista NECAT**, Florianópolis, ano 4, n. 7, p. 9-22, jan-jun.2015. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4481>.

BAERNINGER, Rosana; FERNANDES, Duval (Coord.); DEMÉTRIO, Nátalia Belmonte; DOMENICONI, Joice; QUINAGLIA, Marília Calegari; SIMAI, Szilvia (Co-Ord.). **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo - Migração Refugiada**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nupo/Unicamp, 2018. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/atlas-tematico-observatorio-das-migracoes-em-sao-paulo-migracao-refugiada/>.

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice (Coord.). **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo e Observatório das Metrôpoles - Migrações Internacionais, Macrometrópole Paulista, Regiões Metropolitanas e Regiões Administrativas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nupo/Unicamp, 2020. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_atlas2020.php.

BAENINGER, Rosana (coord.); PERES, Roberta Guimarães; DEMÉTRIO, Natália Belmonte (co-organizadoras). **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2013. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/atlas/atlasmig.pdf>.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte?. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.11n1p54-58>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (Org.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010.

BARTLETT, Lesley; RODRÍGUEZ, Diana; OLIVEIRA, Gabrielle. Migração e educação: perspectivas socioculturais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1153-1171, dez., 2015. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508144891>.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BBC NEWS BRASIL. Copa do Mundo 2022: como o Catar tratou os trabalhadores que construíram os estádios? **BBC News Brasil**, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60950389>.

BBC NEWS BRASIL. Imigração. **BBC News Brasil** [2023]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/topics/c340q430vwnt>.

BETTINE, Marco. Análise da Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA em nações periféricas: os BRICS e um Exórdio ao Catar. **Cadernos Promuspp**, São Paulo. v. 2, n. 3, p. 16-30, out./nov. 2022. Disponível em: <http://cadpromuspp.each.webhostusp.sti.usp.br/v2n3/html/301.html>.

BETTINE, Marco; FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Impactos psicossociais e econômicos em atletas e treinadores olímpicos/paraolímpicos de modalidades aquáticas devido ao COVID-19: percepções, discursos e perspectivas. **Motrivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-17, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73299>.

BETTING, Mauro. **As melhores seleções estrangeiras de todos os tempos**. São Paulo: Contexto, 2010.

BICKEL, Éderson Alexandro; MARQUES, Márcio Geller; SANTOS, Geraldine Alves dos. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 17, n. 171, ago. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd171/esporte-e-sociedade-a-construcao-de-valores.htm>.

BOCCHINI, Bruno. Copa dos Refugiados celebra o convívio entre nacionalidades. **Agência Brasil**, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/final-de-copa-em-sp-celebra-o-convivio-entre-refugiados-e>.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almira Ferraz. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>.

BOMFIM, Anna de Andrade; SMORALEK, Adriano Alberto; MIRANDA, João Irineu de Resende. A lei brasileira de migração e a instituição de um novo paradigma na política migratória nacional. In: SCHIMANSKI, Edina, SMOLAREK, Adriano Alberto; ROCHA, Alexandre Almeida (Org.), **Direitos humanos, migrações e refúgio**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, p. 29-56, 2019.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan.-jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: a crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. Decreto-Lei nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961. Promulga a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, em 28 de julho de 1951. **Presidência da República**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50215-28-janeiro-1961-389887-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Decreto-Lei nº 98.602/89, de 19 de dezembro de 1989. Dá nova redação ao Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961 que promulgou a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, em 28 de julho de 1951. **Presidência da República**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/d98602.htm.

BRASIL. Lei nº 6.815/80, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, Revogada pela Lei nº 13.445, de 2017. **Presidência da República**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm.

BRASIL. Lei nº 9.474/97, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Presidência da República.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Presidência da República.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. **Presidência da República.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm.

BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana. **Revista Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/sclplr.v6i1.71447>.

CALVET, Rosalie. **Thwarting the Other: a critical approach to the French historiography of Colonial Algeria.** Tese (Doutorado em História) – Columbia University, New York. p. 1-67. 2017. Disponível em: https://history.columbia.edu/wp-content/uploads/sites/20/2016/06/Calvet_Thesis.pdf.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2008.

CAPOBIANCO, Marcela. Livro de Djamila Ribeiro é o mais vendido do ano no Brasil em 2020. **Veja Rio**, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/livros-mais-vendidos-brasil-2020/>.

CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. **Valentes: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil.** São Paulo: Seguinte, 2020.

CÁRDENAS, Juan. Parábola do não retorno. In: CAMPOS MELLO, Patrícia et al. **Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica.** Porto Alegre: Dublinense, 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CARNEIRO, Cynthia Soares. Discriminação e preconceito em migração qualificada para o Brasil: restrições relatadas por estudantes na Universidade de São Paulo. **Périplos**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 19-35, 2018. Disponível em: https://www.periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/21224.

CARTA CAPITAL. Uma Copa pela tolerância com os refugiados. **Carta Capital**, 05 jul. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-copa-pela-tolerancia-com-os-refugiados-5206/>.

CARVALHO, Leandro. Os entraves para a validação de experiências profissionais e a inserção produtiva de imigrantes em busca de refúgio: um estudo entre recrutadores(as) da Região Metropolitana de São Paulo. **Caderno EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120220145>.

CASTLES, Stephen; et al. **Integration: Mapping the Field.** London: Home Office, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza; ARAUJO, Manoel Victor Peres. Segregação Socioespacial no ensino de geografia: um conceito em foco. **Acta Geográfica**, Boa Vista, n. especial: Ensino de Geografia, p. 140-159, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18227/2177-4307.acta.v11iee.4775>.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. Relatório Anual OBMigra 2022 - Série Migrações. **Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral**. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>.

CHICKERA, Amal. Statelessness and identity in the Rohingya refugee crisis. **Humanitarian Exchange**, London, n. 73, p. 7-10, 2018. Disponível em: <https://odihpn.org/magazine/rohingya-refugees-bangladesh-humanitarian-response/>.

CLARO, Carolina de Abreu Batista. Do Estatuto do Estrangeiro à Lei de Migração: avanços e expectativas. **Boletim de Economia e Política Internacional – BEPI**, n. 26, p. 41-53, set. 2019 - abr. 2020, Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9820>.

CONARE. Estrutura organizacional - Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). **Ministério da Justiça e Segurança Pública** [2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/institucional>.

COPA DOS REFUGIADOS. Copa dos Refugiados – Teaser. **YouTube**, 19 jun. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42uJzuzkTMs>.

CORRÊA, Mikael Almeida; DIAS, Ana Cristina Garcia. "Ajuda a Não Ficar Louco": Estudo Qualitativo Sobre a Prática de Esportes na Integração Acadêmica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 566-585, mai.-ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77699>.

COSTS OF WAR. Afghan Refugees. **Costs of War, Watson Institute – International and Public Affairs**, Brown University [2023a]. Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/costs/human/refugees/afghan>.

COSTS OF WAR. Iraqi Refugees. **Costs of War, Watson Institute – International and Public Affairs**, Brown University [2023b]. Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/costs/human/refugees/iraqi>.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, ago./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>.

CRUZ NETO, Reinaldo Venâncio da. **No Brasil, xenofobia tem cor e alvo: a realidade do deslocamento humano de haitianos ao Brasil, através do Estado do Acre, pós-catástrofe natural no Haiti em 2010**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília. Brasília, p. 135. 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/31269>.

CURSINO, Carla Alessandra. Português como língua de acolhimento pelas vozes de migrantes de crise. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 12, n. 25, p. 107-123, jan.-abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p107-123>.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa. Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980). **Revista Travessia**, São Paulo, ano XXVI, n. 73, p. 57-66, jul.-dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i73.131>.

DE SOUZA, Murilo Fabri Rezende. **Gerenciamento de programas de futebol como instrumento de integração social para refugiados em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, p. 95. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.109.2022.tde-30112022-095030>.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

DELFIM, Rodrigo Borges. Copa apoiada pela Caritas/Acnur usa futebol como pretexto para dar protagonismo aos refugiados. **MigraMundo**., 18 jul. 2014a. Disponível em: <https://migramundo.com/copa-apoiada-pela-caritasacnur-usa-futebol-como-pretexto-para-dar-protagonismo-aos-refugiados/>.

DELFIM, Rodrigo Borges. Refugiados organizam Copa do Mundo em SP e deixam recado à sociedade. **MigraMundo**, 04 ago. 2014b. Disponível em: <https://migramundo.com/refugiados-organizam-copa-do-mundo-em-sp-e-deixam-recado-a-sociedade/>.

DESA. International Migration 2020 Highlights. **Department of Economic and Social Affairs**. United Nations, 2021. Disponível em: <https://www.un.org/en/desa/international-migration-2020-highlights>.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DEUTSCHE WELLE. Migração. **Deutsche Welle** [2023]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/migra%C3%A7%C3%A3o/t-36394237>.

DIÁRIO DO NORDESTE. Radialista de São Paulo define futebol nordestino como 'lixo' e 'porcaria' em debate. **Diário do Nordeste**, 08 jun. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/radialista-de-sao-paulo-usa-terminos-lixo-e-porcaria-em-debate-sobre-futebol-nordestino-1.3095143>.

DI BELLA, Gabi; CHRIST, Gui. 'Quando cheguei, descobri o que era ser negra': como africanos veem o preconceito no Brasil. **BBC News Brasil**, 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38034668>.

EACH/USP. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. **Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo** [2023]. Disponível em: <http://www5.each.usp.br/tcle/>.

ECO, Umberto. **Migração e intolerância**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EDWARDS, Christian. Análise: Por que os partidos de extrema direita estão em marcha pela Europa?. **CNN Brasil**, 22 jul. 2023. Internacional. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-que-os-partidos-de-extrema-direita-estao-em-marcha-pela-europa/>.

ELIAS, Norbet; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

ESTRELA, Ely Souza. A Penna contra a emigração. **Revista Travessia**, São Paulo, ano XV, n. 43, p. 21-25, mai-ago. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i43.847>.

EUROSTATS. Migration and migrant population statistics. **European Statistical Office** [2023]. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Migration_and_migrant_population_statistics.

FACUNDO NAVIA, Angela Mercedes. Deslocamento forçado na Colômbia e políticas de refúgio no Brasil: Gestão de populações em êxodo. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 245-267, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.21877>.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FARE NETWORK. About Fare. **Fare Network**, [2023]. Disponível em: <https://farenet.org/about-fare>.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 29, n. 63, p. 193-210, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa: Piaget, 2003.

FERNANDES, Talita. Bolsonaro diz que Brasil é soberano para decidir sobre migração após saída de pacto global. **Folha de S. Paulo**, 09 jan. 2019. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/bolsonaro-diz-que-brasil-e-soberano-para-decidir-sobre-migracao-apos-saida-de-pacto-global.shtml>.

FERREIRA JÚNIOR, Neilton; RUBIO, Katia. Revisitando a "raça" e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social. In: RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira (Org.). **Psicologia social e do esporte**. São Paulo: Laços, p. 183-208, 2019.

FIGUEIREDO, Luiz Orencio. **Migração haitiana em Santa Catarina: experiências de trabalhadores do Haiti na AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, p. 229. 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/4348>.

FIGUEIRERO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; GOULART, Bárbara N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa

qualiquantitativa. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, abr., 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931>.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A aproximação do movimento olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, São Paulo, v. 6, p. 129-143, 2022d. Disponível em: <https://doi.org/10.30937/2526-6314.v6.id142>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A Sociologia do Esporte reflete cada vez mais as questões da sociedade. In: BETTINE, Marco Antonio; FREITAS, Guilherme Silva Pires de. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte: v.2**. São Paulo: Ludens. p. 3-11, 2022a.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 101. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.100.2017.tde-25062017-181056>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**: identidade, migração e multiculturalismo através da bola. São Paulo: Editora Dialética, 2022b.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Copa do Mundo 2022: uma relação entre o futebol e as ciências humanas. **Revista E Sesc-SP**, São Paulo, v. 29, n. 10, p. 64-65, 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/em-abril-23-confira-os-destaques-da-nova-edicao-da-revista-e/>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Discutindo identidade através dos fluxos migratórios e da Copa dos Refugiados e Imigrantes. In: ELHAJJI, Mohammed et al (Org.). **VIII Simpósio de Pesquisa sobre Migrações: caderno de resumos 2022**. Rio de Janeiro: Périplos, p. 52-56, 2022c. Disponível em: <https://oestrangero.org/2022/12/12/confira-o-caderno-de-resumos-do-viii-simposio-de-pesquisa-sobre-migracoes/>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. O esporte como ferramenta de integração social a migrantes e refugiados. **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP**, Porto, v. 3, n. 9, p. 1-16, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.34630/erei.v3i9.422>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Os efeitos da colonização nos fluxos migratórios contemporâneos da Argélia para a França. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 4, n. 7, p. 31-47, 2021b. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cac/article/view/14353>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Uma análise do processo político da República de Moçambique. **Revista Diálogos Acadêmicos**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 28-38, 2020. Disponível em: <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/article/view/74>.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de; HONORATO, Felipe Antonio. A prática de externalização de fronteiras por parte da Austrália: uma introdução. **MigraMundo**, 14

ago. 2023. Disponível em: <https://migramundo.com/a-pratica-de-externalizacao-de-fronteiras-por-parte-da-australia-uma-introducao/>.

FREIXO, Adriano de. **Futebol: o outro lado do jogo**. São Paulo: Destino, 2014.

FRELICK, Bill; KYSEL, Ian M.; PODKUL, Jennifer. The Impact of Externalization of Migration Controls on the Rights of Asylum Seekers and Other Migrants. **Journal on Migration and Human Security**, New York, v. 4, n. 4, p. 190-220, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/233150241600400402>.

GABRIEL, João. Com 200 leitos, hospital no estádio do Pacaembu deve ser entregue em abril. **Folha de S. Paulo.**, 27 mar. 2020. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/com-200-leitos-hospital-no-estadio-do-pacaembu-deve-ser-entregue-em-abril.shtml>.

GEBRIM, Ana Carolina Campos. **Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 233. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-15012019-155154>.

GERALDO, Camila Ignacio. “Futebol sem Fronteiras” movimentando abrigo para refugiados e migrantes da Venezuela em Boa Vista. **Acnur Brasil**, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/06/24/futebol-sem-fronteiras-movimentando-abrigo-para-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-em-boa-vista/>.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos; NETO, Aline Crespo dos Reis. Survey de experiência como pesquisa qualitativa básica em administração. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 22, n. 56, p. 125–137, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2020.e74026>.

GIRARDI, Júlia de Freitas. **Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de universitários imigrantes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 180. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169465>.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria. 2010.

GLICK SHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional (tradução). **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-394, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p349-394>.

GLOBO ESPORTE. Em 1997, Edmundo chama juiz de "paraíba" e gera polêmica. **Globo Esporte**, 09 jan. 2013. Disponível em: <https://ge.globo.com/video/em-1997-edmundo-chama-juiz-de-paraiba-e-gera-polemica-869541.ghtml>.

GOMES, Laurentino. **Escravidão, volume 1: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONZALEZ, Jose Ignacio Barbeiro. Introduccion. In: BROHM, Jean-Marie. **Materiales de Sociologia del Deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, p. 9-38, 1993.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero. 1982.

GULLEY, Paul. French Land, Algerian People: Nineteenth-Century French Discourse on Algeria and Its Consequences. **Voces Novae**, Chapman University Historical Review, v. 10, n. 1, p. 1-36, 2018. Disponível em: <https://digitalcommons.chapman.edu/vocesnovae/vol10/iss1/1/>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 429. 2015. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/diaspora-as-dinamicas-da-mobilidade-haitiana-no-brasil-no-suriname-e-na-guiana-francesa/>.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HONORATO, Felipe Antonio; FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Profiling Congolese Immigration In Brazil. **A Different View - The International Association For Political Science Students**, 20 fev. 2023. Disponível em: <https://iapss.org/profiling-congolese-immigration-in-brazil/>.

HUGON, Philippe. **Geopolítica da África**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

IBGE. Censo 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>.

IBGE. **Censo Demográfico 2022 - População e domicílios: primeiros resultados**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102011>.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf.

IBGE. Estudo revela 60 anos de transformações sociais no país. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 25 mai. 2007. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais>.

IMDH; FICAS; MIGRAMUNDO. **Migrações, Refúgio e Apatridia**: guia para comunicadores. São Paulo, 2019.

INTERNATIONAL RESCUE COMMITTEE. Five famous football players who fled war. **International Rescue Committee**, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.rescue.org/eu/article/five-famous-football-players-who-fled-war>.

IOC. Olympic Agenda 20 + 20 - Closing Report. **International Olympic Committee**. Lausanne, Switzerland. [2014]. Disponível em: https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Olympic-agenda/Olympic-Agenda-2020-Closing-report.pdf?_ga=2.174890722.1574364691.1687298962-1268221315.1687298962.

IPEA. Pesquisa aponta fragilidades no noticiário da imprensa sobre fluxo de imigrantes. **Ipea**, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/2213-pesquisa-aponta-fragilidades-no-noticiario-da-imprensa-sobre-fluxo-de-imigrantes>.

IPC. Para taekwondo athlete Parfait teaches hope at Rwandan Refugee Camp. **International Paralympic Committee**, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://www.paralympic.org/feature/para-taekwondo-athlete-parfait-teaches-hope-rwandan-refugee-camp/>.

JAROCHINSKI SILVA, João Carlos. Pequenas vidas migrantes: a educação como fator de integração. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 967-982, jan.-jun., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e73456>.

JORNAL NACIONAL. Pacaraima (RR) tem protestos contra a entrada de venezuelanos. **G1**. 10 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/10/pacaraima-rr-tem-protestos-contr-a-entrada-de-venezuelanos.ghtml>.

JUBILUT, Liliana Lyra. **O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Método, 2007.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; TONHATI, Tania; LIMA COSTA, Luiz Fernando. Refúgio em Números, 8ª Edição. **Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações**. Brasília, DF: OBMigra, 2023. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/refugio-em-numeros>.

KEMP, Emma. Milos Degenek: 'I escaped war as a baby – football is not hardship, it's joy'. **The Guardian**, 24 nov. 2022. Sports. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/nov/25/milos-degenek-i-escaped-war-as-a-baby-football-is-not-hardship-its-joy>.

KESSLER, Peter. First Iranian refugees in Iraq go home under UNHCR auspices. **United Nations High Commissioner for Refugees**, 16 jul. 2002. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/latest/2002/7/3d343a8a4/first-iranian-refugees-iraq-home-under-unhcr-auspices.html>.

KIM, David Haekwon; SUNDSTROM, Ronald R. Xenophobia and racism. **Critical Philosophy of Race**, Pennsylvania State University, v. 2, n. 1, p. 20-45, 2014. Disponível em: <https://www.muse.jhu.edu/article/538481>.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi. Xenofobia na escola pública: A perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 21, n. 1, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue1-fulltext-2554>.

KOOPMANS, Berber; DOIDGE, Mark. “They play together, they laugh together”: Sport, play and fun in refugee sport projects. **Sport in Society**, London, v. 25, n. 3, p. 537-550, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2017816>.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos**: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LANYI, José Paulo. As diferenças culturais na visão de um refugiado sírio no Brasil. **BBC News Brasil**, 10 nov. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151104_jovem_sirio_jpl.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LE MONDE. Immigration et diversité. **Le Monde** [2023]. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/immigration-et-diversite/>.

LIBERI NANTES. La Nostra Storia. **Liberi Nantes** [2023]. Disponível em: <https://www.liberinantes.org/chi-siamo/#ourpeople>.

LIMA, Carolina Alves de Souza; SANTARÉM, Vivian Netto Machado. Hipervulnerabilidade de Crianças Venezuelanas Refugiadas Desacompanhadas ou Separadas: tensões e desafios do Estado brasileiro diante da violação dos direitos humanos. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, Ouro Preto, v. 6, n. 1, p. 1-35, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/libertas/article/view/4264>.

LYRA, Maria Rejane Souza de Britto. Sulanca x Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 144-154, out.-dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000400010>.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. A história oral nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: relato de pesquisa. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 293-320, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p293-320>.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. **Revista Travessia**, São Paulo, ano XXVIII, n. 76, p. 99-112, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i76.90>.

MAIA, Felipe. The other Africa Cup Of Nations...in Paris. **African Arguments**, 18 jul. 2019. Disponível em: <https://africanarguments.org/2019/07/the-other-africa-cup-of-nations-in-paris/>.

MAIA, Gustavo. Bolsonaro critica Lei de Migração e fala em barrar "certo tipo de gente". **UOL**, 12 dez. 2018. Política. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas->

[noticias/2018/12/12/bolsonaro-critica-lei-migracao-certo-tipo-de-gente-dentro-de-casa.htm](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/67-dos-brasileiros-defendem-maior-controle-da-entrada-de-imigrantes.shtml).

MANTOVANI, Flávia. 67% dos brasileiros defendem maior controle da entrada de imigrantes. **Folha de S. Paulo**, 28 dez. 2018. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/67-dos-brasileiros-defendem-maior-controle-da-entrada-de-imigrantes.shtml>.

MANTOVANI, Flávia. Imigrantes negros na Ucrânia dizem ser alvo de racismo e barrados em trens ao tentar fugir. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 2022. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/pessoas-negras-na-ucrania-dizem-ser-alvo-de-racismo-e-barradas-em-trens-ao-tentar-fugir.shtml>.

MANTOVANI, Flávia. Refugiados se concentram na zona leste e no centro de São Paulo. **Folha de S. Paulo**, 23 out. 2019. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/mapa-mostra-onde-vivem-refugiados-em-sao-paulo.shtml>.

MARDINI, Yusra. I am Yusra. I am a refugee and I'm proud to stand for peace. **United Nations High Commissioner for Refugees**, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/latest/2017/1/58760b294/yusra-refugee-im-proud-for-peace.html>.

MARQUES, Marília. Mais de 30% dos refugiados no Brasil têm ensino superior, aponta pesquisa da ONU. **G1**, 30 mai. 2019. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/30/mais-de-30percent-dos-refugiados-no-brasil-tem-ensino-superior-aponta-pesquisa-da-onu.ghtml>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, Santiago, v. 1, n. 1, p. 147-185, jan.-mar. 2015. Disponível em: <https://www.revistaobservatoriodeldeporte.cl/index.php/odep/article/view/39>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, set.-out, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3580>.

MARTIN, Olivier. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 13-34. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000200002>.

MARTINS, José de Souza. Por uma pedagogia dos inocentes. **Tempo Social**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-30, nov. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000200002>.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PEC-G. **Ministério da Educação**. [2023]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g>.

MOIOLI, Julia. Olimpíada de Paris 2024: o que falta para eSport virar modalidade olímpica? **UOL**, 07 ago. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas->

noticias/2021/08/07/olimpiada-de-paris-2024-o-que-falta-para-esport- virar-modalidade-olimpica.htm.

MOREIRA, Julia Bertino. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. **REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXII, n. 43, p. 85-98, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004306>.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO. Festa do Imigrante. **Museu da Imigração**, [2023]. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/festa-do-Imigrante>.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

OBMIGRA. **Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado ativas em 5 de novembro 2020 (CONARE)**. Observatório das Migrações em São Paulo, Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, 2020. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/conare/>.

OECD. Education at a Glance 2019. **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. [2019]. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2019_f8d7880d-en.

OIM. Glossário sobre Migração: Direito Internacional da Migração, n. 22. **Organização Internacional para as Migrações**. [2009]. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>.

OIM BRASIL. Goleada da integração: Copa Pernambucana dos Migrantes e Refugiados celebra a diversidade. **OIM Brasil**, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/goleada-da-integracao-copa-pernambucana-dos-migrantes-e-refugiados-celebra-diversidade>.

OLIVEIRA, Leila Maria de. **Imigrantes, xenofobia e racismo: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 228. 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22442>.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Revista Boletim Historiar**, v. 8, n. 1, p. 97-115, jan.-mar. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/15456>.

ONU BRASIL. ONU critica linguagem tóxica contra refugiados. **ONU Brasil**, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/82881-onu-critica-linguagem-t%C3%B3xica- contra-refugiados>.

ONU NEWS. Colômbia é o segundo país com maior número de refugiados internos. **ONU News**, 19 abr. 2006. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2006/04/1293361>.

ONU NEWS. ONU marca 13 anos de terremoto que arrasou Haiti. **ONU News**, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/01/1807987>.

PACHIONI, Miguel. Seleção Malaika é campeã da inédita Copa do Brasil de Refugiados. **ACNUR Brasil**, 21 nov. 2018. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/2018/11/21/selecao-malaika-e-campea-da-inedita-copa-do-brasil-de-refugiados/>.

PADOAN-MOURA, Sonia; BARAÑANO, Nekane Basabe; ARTZAMENDI, Saioa Teletxea. Histórias de vida de imigrantes brasileiros/as: como entender o choque cultural e a experiência da minoria étnica. **Inclusão Social**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 111-134, jan.-jul., 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/5513>.

PIAI, André Gabay. Guerras na antiga Iugoslávia geraram refugiados na Europa antes do conflito na Ucrânia. **MigraMundo**, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://migramundo.com/guerras-na-antiga-iugoslavia-geraram-refugiados-na-europa-antes-do-conflito-na-ucrania/>.

PORTELA, Êmily de Amarante; SCHWINN, Simone Andrea. Elementos para (re)pensar a mobilidade humana: globalização, novos fluxos migratórios e políticas públicas. In: BAENINGER, Rosana et. al. (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp. p. 309-324, 2018.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Prefeito inaugura Clube Escola Comunidade Novo Glicério. **Prefeitura de São Paulo**, 19 ago. 2009. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=121982>.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Entre a ginástica e o esporte: educação do corpo e manutenção da identidade nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698217174>.

RACHWANI, Mostafa. The changing face of the Socceros: how football holds a mirror to Australia. **The Guardian**, 15 nov. 2022. Sports. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/nov/16/the-changing-face-of-the-socceros-how-football-holds-a-mirror-to-australia>

REDIN, Giuliana; BERTOLDO, Jaqueline. Narrativas da exclusão de migrantes e refugiados na universidade. **Ser Social**, Brasília, v. 23, n. 49, p. 296-317, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/sersocial.v23i49.35802>.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. A Praça Silvio Romero: a "tradição". **Revista Travessia**, São Paulo, ano XII, n. 35, p. 37-42 set.-dez. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i35.733>.

RIZENTAL, Sabrina Sant'Anna. **Refugiados: tensões em um imaginário de acolhimento**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. p. 138, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3843>.

RIZENTAL, Sabrina Sant'Anna. Refugiados: tensões em um imaginário de acolhimento. In: BAENINGER, Rosana et. al. (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp. p. 866-874, 2018.

RODRIGUES, Gilberto M. A.; SALA, José Blanes; SIQUEIRA, Debora Corrêa de. Refugiados sírios no Brasil: políticas de proteção e integração. In: BAENINGER, Rosana

et. al. (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp. p. 309-324, 2018.

ROJO, Jeferson Roberto. **Migração esportiva: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 269. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6892>.

RUBIO, Katia. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 21-28, jan.-mar., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p21-28>.

RUBIO, Katia. Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 53-67, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id7>.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-C. Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 175-185, mai-ago., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140016>.

SAID, Edward. **A questão palestina**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, São Paulo, ano XIII, n. especial, p. 7-15, jan. 2000. Disponível em: <https://revistatravessia.com.br/travessia/issue/view/54>.

SCEGO, Igiaba. Viajantes. In: CAMPOS MELLO, Patrícia et al. **Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica**. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, p. 137-152. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000100017>.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. Departamento de Estrangeiros - Entrada e Permanência no Brasil. **Secretaria Nacional de Justiça** [2023]. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/estrangeiros/concessao.htm>.

SESC-SP. Sesc Campinas participa de atividades pelo Dia Mundial do Refugiado. **SESC-SP**, 04 jun. 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/sesc-campinas-participa-das-atividades-pelo-dia-mundial-do-refugiado/>.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (Org.). **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: EdUFSCar, p. 53-86, 2005.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Pensando a Diáspora Atlântica. **Revista História São Paulo**, Assis, v. 37, p-1-11, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2018020>.

SIQUEIRA, Caio. Chegou a prancha de foil surf ao Comsurf. **Comsurf**, 05 out. 2018. Disponível em: <https://www.comsurf.com.br/blog/chegou-prancha-de-foil-surf-ao-comsurf/>.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPAALJ, Ramón et al. Sport, Refugees, and Forced Migration: A Critical Review of the Literature. **Frontiers in Sports and Active Living**, Lausanne, v. 1, n. 47, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fspor.2019.00047>.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 397-433, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292012000200002>.

TAYLOR, Charles (et al.). **Multiculturalism**: examining the politics of recognition. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

THE MIGRATION OBSERVATORY. A decade of immigration in the British Press. **The Migration Observatory**, 07 nov. 2016. Disponível em: <https://migrationobservatory.ox.ac.uk/resources/reports/decade-immigration-british-press/>.

THE NEW YORK TIMES. Immigration and Emigration. **The New York Times** [2023]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/topic/subject/immigration-and-emigration/>.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-MCLAUGHLIN, Virginia. **Immigration Reconsidered**. New York/Oxford: Oxford University, p. 84-93, 1990.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; FREITAS, Guilherme Silva Pires de. O futebol como instrumento político na crise migratória na Alemanha e na Europa. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/498>.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Notas acerca do uso do método comparativo no campo dos estudos migratórios. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (Org.). **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCar, p. 131-158, 2005.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Política externa migratória brasileira: das migrações de perspectiva à hiperdinamização das migrações durante os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff**. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 629. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188410>.

UNHCR. Africa. **United Nations High Commissioner for Refugees**, [2023a]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/about-unhcr/where-we-work/africa>.

UNHCR. Alphonso Davies. **United Nations High Commissioner for Refugees**, [2023b]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/prominent-supporters/alphonso-davies>.

UNHCR. Americas. **United Nations High Commissioner for Refugees**, [2023c]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/about-unhcr/where-we-work/americas>.

UNHCR. **Convention and Protocol relating to the status of refugees**. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees Communications and Public Information Service. 2010. Disponível em: <https://www.unhcr.org/protect/PROTECTION/3b66c2aa10.pdf>.

UNHCR. Fair Play Football Cup. **United Nations High Commissioner for Refugees**, [2023d]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/ie/events/fair-play-football-cup>.

UNHCR. Global Trends: forced displacement in 2022. **United Nations High Commissioner for Refugees**. 2023e. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>.

UNHCR. Operational Data Portal - Ukraine Refugee Situation. **United Nations High Commissioner for Refugees**, [2023f]. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>.

UNHCR. Protocol relating to the Status of Refugees. **United Nations High Commissioner for Refugees**. New York, 31 jan. 1967. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/protocol-relating-status-refugees>.

UNHCR. Refugees from Afghanistan: The world's largest single refugee group. **United Nations High Commissioner for Refugees** [2023g]. Disponível em: <https://www.refworld.org/pdfid/3ae6a9d110.pdf>.

UNHCR. To benefit refugees through sports, UNHCR signs partnership with Olympic Movement. **United Nations High Commissioner for Refugees**, 01 jun. 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/news-releases/benefit-refugees-through-sports-unhcr-signs-partnership-olympic-movement/>.

UNHCR. UNHCR Statistical Yearbook 2002. **United Nations High Commissioner for Refugees**. July, 2004. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/4a07e87d6/unhcr-statistical-yearbook-2002.html>.

UNITED NATIONS. International Migration: a global issue for the twenty-first century; new report now available. **United Nations**, 06. fev. 2023. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2003/pop849.doc.htm>.

UNITED NATIONS. Resolutions adopted by the General Assembly at its 5th session. **United Nations General Assembly**. New York, 14 dez. 1950. Disponível em: <https://research.un.org/en/docs/ga/quick/regular/5>.

UNITED NATIONS. United Nations Charter (full text). **United Nations**. San Francisco, 24 out. 1945. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text>.

UNITED NATIONS. Universal Declaration of Human Rights. **United Nations General Assembly**. Paris, 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>.

UNRWA. Palestine Refugees. **United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East** [2023]. Disponível em: <https://www.unrwa.org/palestine-refugees>.

VARIKAS, Eleni. **A escória do mundo**: figuras do pária. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; YUJRA, Veronica Quispe. **Saúde de migrantes e refugiados**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

VERMEULEN, Hans. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Edições Colibri, Lisboa, 2001.

VERONEZI, Rodrigo. Formada e dirigida por imigrantes, PDMIG – África do Coração completa cinco anos. **MigraMundo**, 07 jun. 2021. Disponível em: <https://migramundo.com/formada-e-dirigida-por-imigrantes-pdmig-africa-do-coracao-completa-cinco-anos/>.

VEJA. Imigração não é solução para crise demográfica europeia, diz Meloni. **Veja**, 14 set. 2023. Mundo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/imigracao-nao-e-solucao-para-crise-demografica-europeia-diz-meloni>.

VIANA, Manuela Trindade. Cooperação internacional e deslocamento interno na Colômbia: Desafios à maior crise humanitária da América do Sul. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 139-161, jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1806-64452009000100008>.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 285-296, abr.-jun. 2011. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200010>.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>.

VILAS BOAS, Patricia; TALARICO, Paulo. A Grande São Paulo tem imigrantes em trabalho análogo à escravidão. **Jornal da UNESP**, 06 mai. 2021. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/05/06/a-grande-sao-paulo-tem-imigrantes-em-trabalho-analogo-a-escravidao/>.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10597>.

VILLALÓN, Corina Demarchi; MOYA, Jobana; BEJARANO, Lida Elena Tascón. Colectivos de mujeres migrantes frente a la pandemia: El Equipo de Base Warmis y la campaña de Regularización Migratoria “Regularización Ya!”. **Travessia - Revista do Migrante**, São Paulo, ano XXXIV, n. 91, p. 61-80, mai.-ago, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i91.989>.

WALLACE-WELLS, David. **A terra inabitável: uma história do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

WOLFFHARDT, Alexander. Europe: Immigration most important issue facing the EU, Eurobarometer says. **European Commission**, 15 ago. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/migrant-integration/news/europe-immigration-most-important-issue-facing-eu-eurobarometer-says_en.

YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ANEXO A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

No anexo abaixo está um exemplo do modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado nesta pesquisa, que foi apresentado e assinado por todos os dez sujeitos entrevistados e pelo pesquisador.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, **Guilherme Silva Pires de Freitas**, discente do curso de pós-graduação em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), orientando do **Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida**, sou o responsável pela pesquisa de doutorado intitulada “*Analisando ondas migratórias através de práticas esportivas e de lazer no século XXI: a Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo*”, que tem como objetivo estudar como as atividades de esporte e lazer podem funcionar como elemento de integração e inclusão social para refugiados na sociedade brasileira e compreender o que a Copa dos Refugiados e Imigrantes significa para estes sujeitos através de levantamento bibliográfico de trabalhos acadêmicos, material de imprensa e estatísticas de órgãos oficiais que terão a análise de conteúdo como metodologia e de entrevistas semiestruturadas com refugiados tendo a análise do Discurso do Sujeito Coletivo como metodologia para compreender os depoimentos colhidos pelos indivíduos entrevistados.

Para tanto, convidamos o senhor _____ a participar desta pesquisa, na qual nos comprometemos a seguir a Resolução CNS nº 510/2016 relacionada à Pesquisa com Seres Humanos, respeitando o seu direito de:

1. Ter liberdade de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo ou risco, podendo interromper sua participação a qualquer momento caso se sinta incomodado com a mesma;
2. Manter o seu nome em sigilo, sendo que o que disser não lhe resultará em qualquer dano à sua integridade e privacidade;
3. Responder às questões levantadas pelo pesquisador durante uma entrevista individual com duração de aproximadamente 30 minutos, em local reservado a fim de preservar a privacidade durante a entrevista;
4. Garantia de receber uma resposta a alguma dúvida durante ou após as entrevistas;
5. Direito ao ressarcimento de despesas relativas à participação na pesquisa;
6. Direito a indenização, caso sinta-se prejudicado pela participação na pesquisa.

A entrevista será gravada em formato de áudio (mp3), arquivada em uma pasta drive de responsabilidade do pesquisador e posteriormente transcrita para ser incluída na versão final da tese. O entrevistado poderá ter acesso ao material gravado caso necessite.

Toda a entrevista seguirá um roteiro semiestruturado com oito perguntas referentes ao objeto de pesquisa da tese que serão aplicadas ao senhor e demais pessoas ouvidas pela pesquisa. Pelo fato de seguir um roteiro semiestruturado novas perguntas poderão ser adicionados ao longo da conversa e poderão ser respondidas caso o entrevistado assim queira. O entrevistado também é livre para comentar assuntos que ache pertinente, cabendo ao pesquisador anotar esse conteúdo extra. Reforçando que o participante fica à vontade para deixar a entrevista a qualquer momento caso sinta algum desconforto durante a conversa.

Esta pesquisa tem como um de seus objetivos dar voz a refugiados em São Paulo e chamar atenção para a causa do refúgio no Brasil, além de buscar compreender como atividades esportivas e de lazer ajudaram em seu processo de inclusão e integração social. Entende-se que ouvir os próprios refugiados será benéfica aos mesmos que poderão falar um pouco mais sobre sua situação para a comunidade acadêmica. Por segurança e seguido recomendações éticas, a pesquisa irá preservar a identidade dos entrevistados.

Como se trata de uma pesquisa acadêmica a legislação brasileira não permite compensação financeira ao senhor por participação em pesquisas científicas. O trabalho não tem fins lucrativos, apenas acadêmicos e ficará disponível para consulta pública na biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) em formato físico e no Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo em formato virtual.

Contatos do pesquisador **Guilherme Silva Pires de Freitas**: Rua Doutor Nicolino Morena, 237, apto. 23G, Vila Constança, São Paulo (SP), CEP: 02257-000; telefone: (11) 2240-1312; telefone celular: (11) 97295-7888; email: guilhermespfeitas@usp.br.

Contato do **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP)**: situado à Rua Arlindo Bettio, 1000, Prédio I1, Sala T14, Vila Guaraciaba, São Paulo (SP), CEP 03828-000; telefone (11) 3091-1046; email: cep-each@usp.br; horário de funcionamento: Segundas às sextas-feiras: das 09:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00. *“Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”* (item VII.2 - Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde).

Assinatura do pesquisador

São Paulo, XX/XX/2023

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa e estou ciente que existem duas vias deste Termo e que ficarei com uma delas.

Assinatura do participante

São Paulo, XX/XX/2023

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA ÍNTEGRA

Neste primeiro anexo serão apresentadas as transcrições das dez entrevistas semiestruturadas realizadas com os sujeitos investigados para a amostra desta pesquisa. As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador entre os meses de fevereiro e junho de 2023 e serão apresentadas aqui em ordem cronológica. Duas das entrevistas ocorreram de forma remota, através da plataforma Google Meet, pelo fato de os entrevistados já não residirem mais na cidade de São Paulo.

Transcrição da entrevista 1

Data da entrevista: 13 de fevereiro de 2023

País de origem e idade: República Democrática do Congo, 43 anos de idade. No Brasil há dez anos.

Status migratório: Refugiado

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?

Resposta do Sujeito 1: Minha vinda para cá não foi uma escolha, porque nunca pensei em estar no Brasil. O Brasil para mim foi um salva-vidas porque estava em uma situação em que precisava fugir para salvar minha vida e aí consegui visto para vir ao Brasil e fiquei no Brasil. Porque se pudesse escolher algum lugar teria escolhido um país onde poderia me adaptar pela língua, já que o idioma foi um desafio para mim. Tentar compreender e entender o português foi um grande desafio. Por isso não tive um momento de escolha e vim para cá, porque o refugiado é alguém que não tem como escolher. A situação que se apresenta é a de salvar sua vida, ele tem que pegar essa oportunidade e sair do país.

Pergunta 2: Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?

Resposta do Sujeito 1: Infelizmente meu processo demorou cinco anos. São coisas que até agora a gente reclama por essa realidade brasileira sobre o processo de refúgio que não tem um prazo. A pessoa pede refúgio, fica em uma situação de *stand by* com um documento provisório. A pessoa fica vivendo provisoriamente, mas a vida não é provisória. Há caso de pessoas que morrem aqui no Brasil aguardando a definição de seu processo de refúgio. É algo complicado, porque ninguém é refugiado. A pessoa está na situação de refúgio. Estando nesta situação, queremos que ao menos possamos recolher nossos benefícios e direitos como refugiado. Só que se o processo ficar demorado, cinco, seis, sete anos vai comprometer a vida inteira de uma pessoa. A nova Lei de Migração é uma conquista nossa. Uma articulação da sociedade civil também, mas tem umas derrotas que já antecipou essa nova lei. Tem alguns pontos que foram vetados pelo ex-presidente Temer e isso não visibilizou efetivamente a nova lei como uma lei humanitária. Por isso, a nova lei consegue hoje em dia facilitar somente acesso ao documento dos recém-chegados. Mas desde que refugiados conseguiram protocolo, voltamos a mesma coisa de antigamente. Porque as pessoas demoram até dez anos para conseguir o documento. Ele está provisoriamente no Brasil, mas me pergunto se ele morrerá como provisório.

Pergunta 3: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 1: Sobre minha integração, tive fases de dificuldade. A primeira expectativa no país dos outros é de ter documento. Porque você não pode viver no país dos outros sem documento. O documento era um desafio na nossa época pelo qual a gente agendava entrevista e consulta, porque alguém pode ficar de três a seis meses sem passar na Polícia Federal. Hoje em dia, o caso é diferente. Hoje a pessoa chegando ao país já vai na Polícia Federal. Então a documentação foi um desafio tão difícil, mas acabamos de superar esse desafio e hoje em dia está tudo bem. A língua também é uma das coisas que também tive dificuldades. Foi um choque cultural. Muitas vezes dizem que Brasil e África tem coisa parecidas e tem os afrodescendentes também. Mas isso aí não pega a gente que vem de fora. A gente não se identifica nessa cultura. Claro, que tem religiões de matriz africana, mas não é todo mundo que segue essas religiões. Não vem de toda África. As vezes vem da Nigéria, do Congo, da Namíbia, etc. Tem essa coisa de generalizar, de considerar África como sendo um país. Como por exemplo, falar que isso é comida africana, como se toda África comesse essa comida. A mesma coisa com religião de

matriz africana, como se toda África tivesse a mesma religião. Esse choque cultural, da vivência, também é um pouco de desconhecimento da nossa cultura, do africano e do nosso continente. Na África há os africanos, mas que tem suas diferenças. Se você não conhece a África, como é que vai querer ajudar os africanos? Às vezes você passa na rua, alguém te vê e chama de haitiano. Não estou dizendo que haitiano seria uma ofensa, mas mostra desconhecimento. É a mesma coisa se eu te chamasse de americano ou de francês. Você iria gostar? Significa que é a forma como você se identifica. Você fica se perguntando será que todo negro é haitiano. Isso gerou um pouco de choque cultural, de pensamento e identidade. E muitas vezes ficamos a pensar que temos que lutar pela nossa identidade, que é algo muito importante. Você pode roubar minha riqueza, mas não roube minha identidade. Aqui no Brasil tentamos nos mobilizar para a gente criar uma voz que pudesse gritar pelo nome dos africanos e imigrantes, pelo qual esse foi uma das razões para a criação da ONG África do Coração.

Pergunta 4: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 1: Quando cheguei em São Paulo, morei um tempo na casa de migrantes lá na Missão Paz, e tive muito suporte do Padre Paolo e do Padre Antenor. Sou muito grato a eles por me ajudarem e me acolherem. Comecei a conhecer algumas pessoas do meu país. A nossa comunidade estava bem esculhambada e sou uma das pessoas que falou que deveríamos estruturar melhor a nossa comunidade, como ter um CNPJ e se firmar por aqui, porque sempre via que a comunidade era algo de extrema importância e hoje nossa comunidade está estruturada. Porque a pessoa se identifica com sua comunidade quando está fora de seu país. Suponhamos um brasileiro vai para os Estados Unidos e lá se encontra com outro brasileiro. Ele vai se sentir irmão desse cara, mesmo que se ele for da Bahia e o outro do Paraná. Ele vai falar que ele é brasileiro! Não vai ter essa diferença de região. Por isso a comunidade de um país é muito importante e eu sempre apoiei essas comunidades de imigrantes, porque acho que se tivesse que trabalhar na boa integração dos imigrantes tem que trabalhar porque as vezes a comunidade acaba por atrapalhar a integração. Suponhamos que um venezuelano que chega aqui no Brasil e desembarca onde tem os venezuelanos. Sabe o que vai acontecer? Ele vai achar que está na Venezuela, vai falar espanhol, não vai se preocupar em aprender o português e vai

ficar lá dez anos sem falar o idioma. Com isso ele não vai se integrar. Mas se a gente conseguir integrar as comunidades, ela vai integrar a pessoas automaticamente. Se eu encontrar um congolês, eu vou falar lingala.⁶⁷ Mas quando eu vou ter que falar português? Somente se eu for falar com um brasileiro.

Pergunta 5: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 1: O brasileiro para mim, no geral, é um povo acolhedor. Um povo que quer mesmo ajudar, mas que tem problema de informação. Muitas crises que tivemos com os brasileiros é porque eles não sabem. Quando você fala refúgio, a palavra já é pejorativa. Pessoa pensa que ele fugiu porque ele fez alguma coisa errada ou criminosa. Ele já fica preocupado e toma cuidado contigo. Essa posição acontece porque ele não sabe. Quando ele sabe, ele te acolhe, não vê sua raça, cor ou religião. Porque o brasileiro é um povo acolhedor, mas na sua maioria, não tem informação. Eu quando cheguei tive oportunidade de ter muitos amigos brasileiros, por isso me adaptei rapidamente e consegui focar em conseguir aprender a língua, em tentar me integrar pelo idioma e acho que as coisas são assim. Tem pessoas ruins que sempre existem, mas não é 100%. Mas a maioria eu tiro o chapéu porque são pessoas boas e sempre querem ajudar o imigrante a se integrar. Mas o brasileiro não sabe o que a gente passa, mesmo ele vindo de um outro estado para São Paulo. Ele já tem documentação pronta e fala a mesma língua. Ele já é brasileiro. A gente passa por essa questão de mudar de uma realidade para outra totalmente diferente na pele. A gente vive isso e sabemos do que falamos.

Pergunta 6: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 1: A Copa é uma ferramenta que nos une. Nós somos geograficamente distantes, mas a Copa nos aproxima. Por isso através da Copa conseguimos entender que não é problema dos venezuelanos, dos ucranianos, dos africanos. Nós somos dessa comunidade e estamos na situação de refúgio. Antigamente, quando a Copa foi iniciada ela se chamava Copa dos Refugiados. Mas a Copa se

⁶⁷ Lingala é um dos idiomas oficiais da República Democrática do Congo e da República do Congo.

intensificou e cresceu e virou a Copa dos Refugiados e Imigrantes. Vimos que essa diferença, que acaba de envolver juridicamente imigrante e refugiado, é algo apenas jurídico. Não é cultural. Um imigrante congolês e eu estamos na mesma situação perante as dificuldades da vivência. Ele tem dificuldade de conseguir aluguel como eu, tem dificuldade de se integrar como eu. Agora se a gente se divide nós perdemos a força. Sempre temos que se unir muito mais. A Copa une hoje em dia os imigrantes de vários países. Acaba de criar amizades e relacionamentos com pessoas de outras nacionalidades, para mostrar que é uma bandeira. Uma casa dividida nunca se conforta, mas uma casa unida consegue fazer uma boa convivência. Por isso, primeiramente dentro da Copa ocorrer uma fraternidade entre os imigrantes. Mesmo que eles tenham rivalidades e defesa da bandeira. Veja um brasileiro quando ele tá em outro país e coloca a camisa do Brasil. Ele tá se sentindo o Neymar, tá se sentindo o Pelé. Isso é o que a Copa leva. Significa que todo imigrante que veste a camisa do país dele, sente que está defendendo a sua bandeira, mas em um outro país. Aí acaba de gerar esse ânimo, de não gerar só saudade, mas esperança também. A Copa leva esperança para os imigrantes. Ela é mais psicológica do que física, porque acaba levando o imigrante a entender que ele é protagonista da minha integração. Ninguém vai me integrar se eu não me integro. O jogador precisa saber que ele é protagonista da vida dele. Ele tem que fazer gol e jogar bem, mas tem que entender que a integração não vai até você. Você que tem que se integrar. O Brasil não é fácil para os brasileiros, imagina para você que vem de fora. Não somente a organização é protagonista, mas o imigrante e o refugiado que joga é também.

Pergunta 7: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 1: A parte fundamental que a Copa traz é a visibilidade. A Copa visibilizou que a causa de refúgio se tornasse uma causa humanitária. A Copa sensibilizou, motivou e promoveu para que as pessoas tivessem um olhar sobre a causa. Ver a Copa hoje em Curitiba e ter uma política municipal. Ver a Copa hoje no Rio de Janeiro ter um conselho municipal que apoia os imigrantes devido a Copa. A Copa tentou também fazer o Estado pensar no refugiado. Porque quando fala do número, é fácil para falar em 50 mil refugiados. Mas se tiver 50 mil pessoas você não vai conseguir falar. A Copa conseguiu unir os imigrantes e fazer com que as pessoas os tratassem como seres humanos e não como números. E quando tem pessoas, há política. Esta é a parte mais

pragmática da Copa. Levar a visibilidade. Quando fala time da Síria, são sírios. Quando fala em time do Iraque, são iraquianos. Aí vão perguntar, mas ele está aqui? Sim! E como ele vive? Ah, ele precisa da política.

Pergunta 8: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 1: Esporte é um meio pragmático de integração dos imigrantes. Porque eu digo isso. Porque pegando o esporte mais popular que é o futebol, nele mesmo não há discriminação. Não tem divisão, não tem racismo, não tem partido político, não tem religião. Significa uma ferramenta tão positiva para que todo mundo que se integra e que vai se integrar. O que é a base da integração? É todo mundo ficar igual. Por isso que no futebol tem 11 jogadores em cada time. Você pode inclusive fazer trocas no meio do jogo, para mostrar que todo mundo está em pé de igualdade. O esporte e a Copa mostram a força da equipe. O time tem suas funções. Se todo mundo virar goleiro não tem como o time jogar bem. Ai cada um vai procurar saber o que cada função faz para o bem o time. O futebol acaba por identificar pessoas com número, para saber qual a importância que ele tem. Serve para criar esse vínculo de time, porque o ser humano é muito egoísta. Mas nós somos obrigados a viver em equipe. Não tem como jogar sozinho na Copa e nem fazer gol sozinho. Antes de se integrar na sociedade, você precisa se integrar ao seu time. É uma integração básica. Micro para ir até o macro. Por isso acredito que o esporte seja um meio para as pessoas se integrarem. O egoísta não vai se integrar na Copa. Porque eu e ele estamos na mesma situação. Eu e ele somos refugiados e precisamos jogar como time. Se nós, refugiados, nos integramos como companheiros de time, vamos nos integrar no Brasil facilmente. Se não conseguimos nos integrar entre nós, como é que a gente vai se integrar no Brasil?

Transcrição da entrevista 2

Data da entrevista: 1º de março de 2023

País de origem e idade: Guiné-Bissau, 38 anos de idade. No Brasil há 14 anos.

Status migratório: Migrante

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?

Resposta do Sujeito 2: Vim para o Brasil sozinho estudar. Sou bacharel em direito e cheguei diretamente na cidade de São Paulo através de um voo. Vim para cá com visto de estudante e não tive muitos problemas. Foi só carimbar o passaporte, checar a documentação com a Polícia Federal e seguir em frente. Tinha histórico escolar tudo regularizado então não tive muito problemas.

Pergunta 2: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 2: Não tive grandes sustos, mas algumas coisas a gente repara. Porém, eu sou um cara que absorve tudo rápido e consigo me adaptar qualquer realidade. Claro que há diferenças culturais, mas muita coisa parecida também. Mas a gente vai se adaptando e me adaptei bem. Mas teve também a questão do preconceito, no caso o racial. Foi o maior choque que tive. Sabia que o Brasil era um país de maioria de população negra, mas vivendo aqui há tanto tempo vejo que a população negra ainda sofre por sua cor de pele e isso foi um grande choque. Ao mesmo tempo que há liberdade aqui, há libertinagem. Esse excesso de liberdade também faz com que as pessoas esqueçam os bons hábitos e os bons costumes. Já quanto o idioma não tive problema porque falamos português em Guiné-Bissau também.

Pergunta 3: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 2: Não foram indicações, mas conhecia e tinha contatos com outras pessoas do meu país que estavam estudando aqui no Brasil. Num primeiro momento eles foram importantes nesses meus primeiros meses aqui.

Pergunta 4: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 2: O que mais me chamou a atenção foi a simplicidade e recepção dos brasileiros. De hábitos negativos, se é que podemos colocar assim, acho que foi o hábito de não ser sincero, de não falar na cara, de ocultar. A comunidade brasileira recebe a todos, mas não acolhe bem.

Pergunta 5: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 2: Sim, sem dúvida. A Copa dos Refugiados ajuda muito e acaba mostrando para esses refugiados que eles não estão só. Que tem uma comunidade ali, um monte de gente que deixou seu país também e com isso você acaba se sentindo um pouco confortável e acolhido, entende. O jogo, no caso o futebol, é importante para gerar esse clima de união e harmonia. A Copa também me despertou aqui no Brasil o sentimento de ativismo, que eu já tinha antes de vir para cá. Com a Copa eu comecei a ter ideias e projetos de tentar ajudar e integrar nossa comunidade, os refugiados, as mães solas. A experiência da Copa me ajudou nesse aspecto. Me ajudou a enxergar um outro lado. Não vim para cá como refugiado, mas eu me sinto como um refugiado. Por mais que tenha chegado aqui com documentação de estudante, não posso me acomodar. Tenho que ajudar os meus próximos e irmãos a conseguirem seus documentos para estarem livres e quebrar todas as barreiras que nos são impostas.

Pergunta 6: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 2: Sim. Aqui eu consegui conhecer outras pessoas de África e do meu país, pude fazer novas amizades e contatos que me ajudaram, mas que também ajudou esses outros refugiados. Sou um amante do futebol e joguei algumas edições e em 2022 fui o coordenador técnico da minha seleção, no caso Guiné-Bissau. Era responsável por convidar e convocar os interessados a participar. E já cheguei a auxiliar a organização

no evento também em 2019, que foi uma experiência muito importante e que se você pesquisar verá que foram feitas muitas reportagens sobre nós.

Pergunta 7: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 2: Sim, sem dúvida. A Copa é superimportante na questão de proporcionar acolhimento a nossa comunidade migrante. Nada é tão importante como o acolhimento a uma pessoa que está chegando em um país que não conhece nada. Sendo acolhido você tem passos para dar e poder procurar o futuro. A Copa dos Refugiados não é somente reunir as pessoas para jogar futebol. É muito mais. É dar esperança para quem achou que a esperança morreu. Isso não tem nada igual. Outras atividades esportivas seriam importantes porque para nós não é uma questão só de jogo. É questão de recreação, de troca de cultura e mais ainda de harmonia, de não se sentir sozinho. Uma questão de acolhimento.

Transcrição da entrevista 3 *

Data da entrevista: 16 de março de 2023

País de origem e idade: Guiné-Bissau, 30 anos de idade. No Brasil há cinco anos.

Status migratório: Solicitante de refúgio

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?

Resposta do Sujeito 3: Minha vinda para o Brasil foi da seguinte forma. Estava no meu país, mas queria estudar e não tinha oportunidades lá. Meu tio vivia aqui no Brasil e me convidou para vir em 2018. Quando cheguei aqui em São Paulo, vim com o visto de turista. Tinha apenas 30 dias para ficar aqui no país. Porém, quando cheguei aqui percebi que tinha uma oportunidade para poder estudar e tudo mais. Então eu recorri a solicitação

de refúgio. Fui ao Conare, fiz o processo do estado de refúgio para pegar o documento que me daria mais chance de ficar aqui para poder estudar.

Pergunta 2: Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?

Resposta do Sujeito 3: Ainda está em processo. Até hoje ainda não tive uma definição sobre meu caso. Estou aqui no Brasil como solicitante de refúgio. Hoje mesmo [no dia da entrevista], fui fazer a renovação deste documento. Esse documento que eles nos dão, tem duração de um ano, depois que passa um ano você precisa retornar ao Conare para fazer a renovação. Mas aquele visto permanente ainda não consegui e já tem cinco anos que estou aqui no Brasil e ainda não consegui aquele visto.

Pergunta 3: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 3: Na verdade eu nunca havia conhecido o Brasil antes. Mas lembro que estudei no meu país sobre o Brasil, nas aulas de geografia. Na escola eles mostravam o Brasil no mapa e outras coisas geográficas sobre o Brasil. Aí mais ou menos a pessoa já tem um pouco de noção sobre o Brasil, mesmo que ele já não está inserido dentro da convivência, mas ele já tem ideia de onde fica o Brasil, quantos estados tem, as maiores cidades. A questão do idioma facilitou também minha adaptação porque lá em Guiné Bissau nós falamos português. Mas falando sobre integração e se acostumar, demora um pouco para pessoa se acostumar. Porque na verdade o próprio ambiente é diferente, a cultura é diferente e você precisa sair da sua cultura para se inserir na cultura brasileira. Essa coisa de mudança de cultura, é um processo que demora para a pessoa se acostumar, mas com o tempo a gente acaba se adaptando. Como por exemplo, se você tem uma pessoa que vai te orientar e te ajudar isso acaba passando mais rápido. Sou muçulmano, mas não tive muitos problemas de me inserir aqui.

Pergunta 4: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 3: Meu tio já vivia aqui no Brasil, mas quando eu cheguei aqui ele não estava em São Paulo, na capital. Ele estava no interior, em uma cidade chamada Marília na Universidade que tem lá, a UNESP. Ele estava estudando lá. Ai depois que eu cheguei, ele pediu para um colega dele me receber no aeroporto e me levou para casa dele. Fiquei por lá durante uma semana e depois fui para a cidade do meu tio. Passei uma semana com ele em Marília e voltei para São Paulo.

Pergunta 5: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 3: Na verdade isso tem mais a ver com a própria pessoa com quem você vai conviver. Como é que a pessoa é, qual é o jeito dele, qual é o sentimento que ele tem para o próximo, a empatia que ele tem, entende. Isso tudo a gente tem que verificar. No meu caso eu digo que fui bem acolhido aqui no Brasil desde os primeiros dias que cheguei. Comecei a ter relação com os brasileiros no campo de futebol, onde todo mundo é amigo, todo mundo é a família e todos estão lá para defender um só objetivo. Então todo mundo se comporta como uma família. Depois do campo, foi no meu serviço. Lá no meu serviço também não tenho nada para reclamar das pessoas que conheci. O meu patrão, a minha patroa, todos são gente boa. E na faculdade quando comecei, tem aquelas coisas, sabe, da pessoa não te conhecer e te deixar mais reservado, de lado. Mas com o tempo vamos se aproximando. Tem uma amiga minha que na primeira vez que conversamos ela quis saber mais sobre mim, de onde vinha. Aí começamos a fazer amizade dentro da sala. E até hoje mantemos essa amizade. No meu ponto de vista sempre digo que fui muito bem acolhido aqui no Brasil.

Pergunta 6: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 3: Sim, porque eu tentei jogar futebol mais sério aqui. Na verdade, tentei de tudo. Quando cheguei aqui eu comecei a jogar por um time do bairro e depois em 2018 eu joguei a Copa dos Refugiados. Fui para representar a seleção do meu país e fui selecionado depois para jogar em um time da seleção da África, com jogadores de vários países africanos que disputaram a Copa e que quem selecionou achava que tinha

qualidade para jogar num time mais forte com os melhores jogadores.⁶⁸ Aí tive a oportunidade de jogar no campo do Pacaembu e cheguei a jogar em um clube semiprofissional em Araras, no interior de São Paulo. Cheguei a fazer teste também no Clube Nacional, que fica no bairro da Barra Funda.

Pergunta 7: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 3: Sim, para mim a Copa foi muito bom. Porque hoje em dia os homens de várias nacionalidades, tem muitas amizades através dos jogos da Copa porque eles se conheceram lá e aí nessas conversas a pessoa vai te convidar para você fazer parte do clube dele, jogar com ele e com os amigos dele em outro jogo, outro campeonato. Eu conheço a maioria dos clubes de africanos que estão aqui em São Paulo. Já joguei com quase todos eles. Com o pessoal do Congo, Senegal, Angola. Principalmente Angola. No domingo agora tenho um jogo que tenho que disputar lá na zona leste de São Paulo, perto da USP Leste. Tem um campeonato que a gente joga lá e eu vou jogar. Então a gente acaba fazendo muitas amizades com pessoas de diferentes países. Muita gente escuta falar sobre a África e acha que África é um país. Mas não é, a África é um continente muito grande e nós nos conhecemos através da Copa dos Refugiados e ficamos mais juntos, como se fosse uma família. Ao meu ponto de ver, essa Copa é muito legal. E também os jogos me ajudam a continuar treinando para as partidas que eu faço com meus amigos.

Pergunta 8: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 3: Sim, na verdade sim. Com toda a certeza ajuda bastante. Se pararmos pra ver, o futebol é um tipo de modalidade que você sabe que vai conseguir fazer novas amizades, que todo mundo vai interagir e vai ter um clima bem legal. É muito bom para nós imigrantes a Copa, porque aqui no Brasil falta muita informação de outro povo de fora do país. Aqui mesmo se você fizer uma pesquisa com as pessoas sobre se ela conhece a África, quantos países tem na África, coisas do tipo, a pessoa não conhece.

⁶⁸ Se referindo ao time do Malaika, mencionado anteriormente no capítulo 3.

Mas através da Copa dos Refugiados, eu tô vendo muitos brasileiros e brasileiras se interessando, fazendo amizade e se aproximando da nossa comunidade. Hoje em dia a Copa tem mais dimensão do que há anos. Porque hoje em dia você já vê uma brasileira que vai ser madrinha da seleção da África, ela vai trazer a amiga dela para ajudar ela. E vai ajudar o jogador a jogar melhor, vindo também uma nova amizade. Então acaba de estender uma relação enorme através da Copa dos Refugiados. E também acho que os organizadores deveriam organizar uma Copa para as mulheres, porque elas jogam e seria bastante importante.

** Entrevista feita através da ferramenta Google Meet pelo fato de o entrevistado não residir mais em São Paulo.*

Transcrição da entrevista 4

Data da entrevista: 28 de março de 2023

País de origem e idade: Camarões, 33 anos de idade. No Brasil há cinco anos.

Status migratório: Migrante

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?

Resposta do Sujeito 4: Estou no Brasil há cerca de cinco anos. Eu fiquei numa de ir e voltar até me firmar aqui. Mas me adaptei muito bem aqui e já me considero um cidadão de São Paulo. A primeira vez que vim ao Brasil foi para turismo e conhecer o país, porque eu já conhecia um pouco daqui. Mas eu sabia que o Brasil é um país construído por imigrantes e muita gente que vem de fora acaba gostando do país. E depois a gente começa a conhecer mais a cultura brasileira, se aproximar dos brasileiros. Nós imigrantes africanos temos bastante proximidade com a cultura brasileira, há muita similaridade com os países da África da zona francófona e é isso. Isso facilita muito na integração, para falar o idioma e tudo isso.

Pergunta 2: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 4: Então, falando de mim mesmo eu não encontrei muita dificuldade. Inclusive, nem esse termo [dificuldade] eu uso, prefiro falar desafio porque você precisa mudar do seu ambiente. É natural do ser humano quando você muda de algum lugar você precisa se adaptar num novo meio. E vai de acordo com a capacidade e o desenvolvimento intelectual de cada imigrante esses desafios. Principalmente eu acredito que as pessoas que falam árabe, inglês e outros idiomas maternos de países que não são latinos podem ter mais desafio do que uma pessoa que fala francês ou espanhol, por exemplo, que se aproximam mais do português. Isso me ajudou a entender e já poder conseguir arrumar trabalho por aqui.

Pergunta 3: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 4: No meu caso não. Por um lado, foi muito bom para mim poder já ir começando a aprender o português e me esforçar mais, porque tem uma coisa que eu falo para todos os imigrantes é que viajando e vivendo em comunidade, você vivencia uma coisa legal, que facilita do lado psicológico porque você se sente acolhido e encontra seu povo, sabe, mas você não consegue enxergar de uma forma direta as dificuldades, a discriminação, essas coisas. E do outro lado, te limita um pouco na integração e em aprender um novo idioma porque você tá no celular, por exemplo, e fica conversando na sua língua materna. Isso te limita no tempo de aprendizado com o idioma do Brasil, o novo lugar onde você está morando atualmente. Automaticamente eu estava no meio dos brasileiros que me acolheram muito bem e me esforcei a aprender na raça, como vocês dizem, o português com os brasileiros mesmo. E minha curiosidade ajudou bastante porque tinha muita vontade de aprender a falar português.

Pergunta 4: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 4: Então, no meu caso eu não encontrei muitas dificuldades, falando nesse termo. Mas os desafios são normais para mim e esses desafios eu me preparei, ou seja, estava pronto para enfrentar isso, que é mudar de país e de vida. Esse era meu objetivo, de mudar, conhecer novas culturas, ter uma nova vida. Mas não posso me limitar somente me olhando. Eu abracei a causa dos imigrantes e refugiados porque vi meus próximos passando situações difíceis, sendo discriminados. O Brasil, a terra brasileira, ela é acolhedora. O país é acolhedor, porém, as limitações das pessoas podem dificultar o acolhimento do imigrante. Eu não culparia essas pessoas. De uma forma bem literal, eu diria que é uma ignorância, sem forma de xingamento, mas na falta de conhecimento de quem é um imigrante. Porque eu posso ser um imigrante e não falar português, mesmo tendo uma formação e você pode me tratar de uma forma ignorante sem saber minha origem, mas eu tenho capacidade de te ensinar coisas novas através da minha cultura.

Pergunta 5: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 4: Opa, isso é uma coisa maravilhosa. Vou te falar, se eu te falar de uma forma religiosa é uma graça a ideia da Copa. A ideia da Copa dos Refugiados trouxe alegria e juntou as pessoas. Vemos que a Copa foi de uma quadra de chão e terra na Missão Paz para alcançar o gramado do Pacaembu, juntando todos os imigrantes sem discriminação nenhuma. Gente falando espanhol, árabe, francês, inglês, português. Foi uma coisa maravilhosa para a integração. Além disso, pudemos nos encontrar, conversar através da bola e desse projeto maravilhoso. É um evento muito relevante e que se torna uma referência, graças a ONG África do Coração que começou com esse nome e que hoje se tornou a PDMIG. A Copa abriu as portas para os imigrantes, para eles poderem coordenar e organizar o projeto. Conectou os imigrantes com outras áreas e estamos crescendo nisso, porém, encontrando dificuldade, que são desafios para mim, mas acredito que a gente irá alcançar nossos objetivos, continuar crescendo e participar de uma forma com o terceiro setor, com a federação brasileira e ajudar a acolher os imigrantes porque lá nos temos muitas nacionalidades. A Copa dos Refugiados é a melhor ferramenta que nós temos.

Pergunta 6: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 4: Sim, me ajudou a conhecer outras pessoas e no meu desenvolvimento. Porque temos contato de pessoas de vários lugares, que falam muitos idiomas e existe uma troca. Além disso, também pude atuar como coordenador da Copa e nesse projeto nós já tivemos mais de 30 nacionalidades de pessoas que se mudam e vem para São Paulo, porque é a cidade que junta mais migrantes e refugiados. Isso é muito bom e maravilhoso para todos os imigrantes.

Pergunta 7: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 4: Sim, é algo muito importante e relevante porque primeiramente, o esporte, eu acho, é um dos maiores canais da educação e de disciplina para um ser humano. Inclusive sem discriminar pela idade, pelo gênero. E o esporte não precisa de uma língua específica para praticá-lo. Basta entrar dentro de campo e observar, se deixar ser conduzido. Não precisa muito do esforço intelectual. Uma bola no caso do futebol, que já tem uma linguagem internacional, é só seguir o ritmo. O esporte para mim é hoje a ferramenta da educação e da integração. No esporte, quando você entra no meio, você não vê mais barreiras. Você se abraça com mais facilidade ao outro, tem mais confiança. Você está em um ambiente de alegria. No esporte o atleta pode querer vencer, mas logo no final ele está feliz e todo mundo está junto.

Transcrição da entrevista 5

Data da entrevista: 3 de abril de 2023

País de origem e idade: Mali, 40 anos de idade. No Brasil há 11 anos.

Status migratório: Refugiado

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?

Resposta do Sujeito 5: Na verdade minha vinda para o Brasil não teve nada a ver com refúgio. Era a ver com turismo, mas o motivo foi uma palestra. Eu sou formado em contabilidade, mas gosto muito de literatura e a gente fazia bastante encontros lá no Mali. Alguns encontros com escritores famosos e um deles fez um livro sobre escravidão, sobre o Brasil. Quando eu terminei a faculdade, minha família me perguntou se eu queria ficar trabalhando ou estudar para aproveitar mais a experiência. Então minha ideia era ir para os Estados Unidos para estudar lá, porque tenho um tio que vive lá. Então tinha essa vantagem. E quando descobri a história e trajetória do Brasil através de um escritor que nos contou, fiquei motivado a vir para o Brasil. Foi o assunto para eu vir. E quando cheguei aqui, antes de eu regressar, aconteceu o golpe no meu país. E tinha o problema de terrorismo e rebeldes atuando em uma parte do Mali. Então não adiantava eu voltar para o Mali e aí resolvi ficar e pedir o status de refugiado. Mas como qualquer outra pessoa que chega aqui no Brasil, principalmente com visto de turismo, eu não tinha outro caminho ou documentação para pedir o visto de refúgio. Essa questão do Mali ajudou também porque todo o cidadão do Mali poderia solicitar o visto de refúgio aqui no Brasil.

Pergunta 2: Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?

Resposta do Sujeito 5: Meu processo não demorou muito, mas de muita gente sei que demorou. Mas eu tive sorte porque quando entrei com a solicitação de refúgio aconteceu o caso do conflito no Mali. Mas lembro que na época, a burocracia da documentação era muito, muito, muito pior do que hoje após as mudanças na lei. Porque o protocolo era seis meses e agora é um ano. A dificuldade que a gente tinha era que você chegava e tinha que se direcionar a Cáritas e depois esperar vaga na Polícia Federal, porque a polícia atendia a cada dia cerca de quatro pessoas. Aí você perdia três, quatro meses para conseguir uma vaga. E quando você conseguia uma vaga, você ia até a Polícia Federal, fazia o pedido de refúgio e lá também você voltava sem documentos. E demorava de dois a três meses de novo para que a notificação do seu protocolo saísse. Quando saia tinha que marcar uma data na Cáritas de novo para pegar na Polícia Federal e demorava de 15 dias a um mês. E quando você pegava o protocolo de seis meses e você tem que procurar de novo e ir até o Ministério do Trabalho. Antes de você tirar a carteira de trabalho já vencia o pedido. E

se você precisasse de um trabalho já não conseguia. Mas agora muita coisa melhorou e agora é só ir direto na Polícia Federal.

Pergunta 3: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 5: Foi muito difícil. A única coisa que me ajudou quando eu cheguei aqui é que já falava espanhol, inglês e francês. Mas eu não sabia falar nada de português, que me deixou limitado no início. Por um tempo eu fiquei trabalhando também na Polícia Federal ajudando com a tradução. Sou uma pessoa muito motivada né. Gosto de conversar e quando começo a conversar com pessoas, eu me sinto bem livre e a partir daí sempre me esforcei para entender o que as pessoas falavam comigo. Isso me ajudou muito a me manter aqui. Mas tive dificuldade em outras questões como culturais, por exemplo.

Pergunta 4: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 5: Não conhecia ninguém, mas já tinha ouvido falar que existiam aqui pessoas do Mali. Mas não tinha contato com eles. A única era pessoa que conhecia era um amigo que eu estava vindo junto comigo para cá e estávamos no mesmo hotel. Ele veio para o Brasil um dia antes de mim, mas ele tinha um irmão vivendo aqui no Brasil. E ele me passou o contato do irmão dele para a gente se encontrar de novo aqui.

Pergunta 5: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 5: O acolhimento foi bom porque o brasileiro é uma pessoa alegre e tive várias ONGs me ajudando. Como eu fiquei muito tempo no hotel antes de conhecer algum lugar para ficar, meu primeiro contato foi o Missão Paz e depois a Arsenal da Esperança que foi uma ONG que me ajudou também. Mas minha visão aqui não era de trabalhar, porque passei mais de sete anos sem trabalhar aqui. Estava estudando nesse período porque meu sonho era ter mais a experiência e o foco não era trabalhar. Graças a

Deus também não teve tantos problemas financeiros. Mas o brasileiro também não conhecia muito sobre nossa realidade, não sabia o que era refugiado, confundiam os africanos com os haitianos no começo.

Pergunta 6: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 5: Na verdade a Copa dos Refugiados foi algo excelente porque ajudou muitos imigrantes e refugiados. Participei dela lá no início e agradeço ao Cáritas, principalmente, que ajudou muito a gente no começo, toda a equipe foi muito atenciosa com a gente. Nós tínhamos na época muitas nacionalidades de refugiados e imigrantes e buscávamos algo para ajudar na visibilidade e proteção da comunidade. Porque o conhecimento do povo brasileiro sobre a causa de refúgio era algo muito ruim. Muita gente, muitos brasileiros, achavam que quando chamar alguém de refugiado era algo ruim, uma pessoa ruim, uma pessoa criminosa. A palavra refugiado, as pessoas não entendem. Tem muitos brasileiros que pensam que nós que estamos refugiados aqui somos pessoas ruins. Não há o interesse em saber o que causou o motivo da gente sair da nossa casa e vir para cá. A Copa também era boa para a gente passar a informação sobre refúgio para as pessoas, integrar os refugiados, mostrar aos brasileiros para eles darem chance aos imigrantes trabalhar porque muita gente lá tem qualificação, é formada. O ideal era passar essa informação. Quando a gente começou, um menino da Nigéria e outro de Camarões, que são cantores, fizeram e cantaram o hino da Copa. Passamos muitas informações para as pessoas, realizamos encontros e muitas comunidades criaram suas equipes pra jogar. A imprensa também esteve presente e eu dei entrevista para várias mídias do Brasil e internacionais e pude contar um pouco da minha experiência.

Pergunta 7: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 5: Sim, foi muito importante porque pude me relacionar com outras pessoas, conhecer pessoas novas, algumas do meu país e também para passar a mensagem de integração da comunidade de refugiados e imigrantes no Brasil através das nossas atividades e do esporte.

Pergunta 8: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 5: Na verdade, a Copa também é um espaço para gente compartilhar alegria e sofrimento. Posso dizer que ela ajudou muito a integração, descobrir talentos, formar amizades. A população imigrante estava um pouco longe da população brasileira. Quando essa Copa chegou, facilitou a comunicação e a amizade. E os imigrantes perceberam que a palavra refugiado, que as pessoas imaginam, não era algo ruim. Eles perceberam que eram pessoas iguais aos brasileiros e que os brasileiros também podem se tornar refugiados a qualquer momento. Então a população passou a entender e criar amizades com a gente. Criou-se um vínculo. Quando a gente pensou e criou a Copa dos Refugiados, percebemos que seria muito importante manter essa ideia por muito tempo porque o objetivo era passar informação. E tivemos o apoio do poder público, porque a autoridade tem que entender que as dificuldades que a gente tem, como documentos para poder trabalhar, viajar e visitar família, estudar. Porque só com o protocolo a gente não conseguia abrir conta em banco. Então a gente lutou por tudo isso aí. E felizmente muita coisa foi realizada como o aumento do visto para um ano, a agilidade de ir a Polícia Federal. O foco da Copa dos Refugiados não era só a gente jogando futebol. Era a gente comunicar a nossa realidade para as pessoas.

Transcrição da entrevista 6

Data da entrevista: 28 de abril de 2023

País de origem e idade: Angola, 32 anos de idade. No Brasil há oito anos.

Status migratório: Migrante

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?

Resposta do Sujeito 6: Vim para o Brasil por motivo de estudo, me formei em engenharia de computação e estou exercendo atividades que estudei. Estou aqui há oito anos. Cheguei através de avião na cidade do Rio de Janeiro, onde fiquei um dia só e depois vim para São Paulo.

Pergunta 2: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 6: Minha adaptação não foi tão difícil assim porque nós temos uma comunidade angolana muito grande aqui e fui muito bem recebido por eles quando cheguei. Não tive nenhum problema também de adaptação com questões de estilo de vida felizmente. E do idioma também não tive problema algum.

Pergunta 3: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 6: Eu cheguei aqui no Brasil porque já tinha conexão, pois trabalhei com instituições que atuavam lá em Angola e aqui. E quando cheguei aqui procurei onde ficava a comunidade angolana e fui me inserindo. Quando cheguei, eu procurei a Cáritas porque não tinha onde ficar. Inclusive eu morei na Missão Paz por três meses após uma indicação da Cáritas. Ai depois conheci pessoas da comunidade que me ajudaram e correu tudo de forma tranquila.

Pergunta 4: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 6: Na visão completa sempre digo que me importo mais com a maioria. Fui bem recebido pela maioria, embora exista sempre alguém que vá ser preconceituoso e demonstrar desconhecimento. Por exemplo, alguém te chama e pergunta de onde você é. Você fala que é angolano e a pessoa diz com surpresa, mas você fala português? Isso existe, mas eu fui bem recebido. Lá em Angola a gente conhece muito bem o Brasil. As novelas são muito populares então a gente acaba meio que tendo um

pouco de noção sobre a cultura brasileira. O futebol também é muito forte lá. As vezes os jogos do Campeonato Brasileiro são transmitidos na TV, e claro, da seleção brasileira. Antes de vir ao Brasil tivemos o privilégio de ver o Rivaldo jogando uma temporada em Angola. E tem muitos jogadores brasileiros jogando lá. Isso vai criando uma conexão da gente com o Brasil.

Pergunta 5: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 6: Quando eu cheguei ao Brasil já tinha sido disputado a primeira edição da Copa. Eu participei da segunda edição e fiquei responsável pela formação do time que seria composto por pessoas da nossa comunidade. Aí fui fazendo o contato com as pessoas e convidando elas para jogar. Fiz essa função até a edição de 2022. E em quase todas essas edições eu joguei as partidas também. De certa forma foi importante porque fui me conectando mais e mais com as pessoas angolanas que vivem aqui. Além de ter sido uma das pessoas que ajudou na criação da ONG África do Coração.

Pergunta 6: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 6: O intuito da Copa era poder colocar os imigrantes e refugiados dentro do futebol brasileiro, dos clubes. É um dos objetivos que até agora a gente e a organização ainda não conseguimos fazer. No meu ponto de vista, este é o principal objetivo. Porque essa conexão entre migrantes vai acontecer de qualquer forma. Entre nós, realizamos jogos e não dependemos só da Copa para a gente se encontrar. No nosso futebol não jogamos por países e sim por zonas. O time da zona leste enfrenta o pessoal da zona norte. O time do centro enfrenta a equipe da zona sul, por exemplo. A gente se encontra para jogar futebol. Essa integração a gente já faz. E a Copa dos Refugiados também é boa, nos ajuda a fazer essa integração porque nós não conhecemos todo mundo e sempre chegam novas pessoas. Dessa forma passamos a conhecer os sírios, uma comunidade da qual a gente nunca teve contato, com o pessoal de Senegal, Guiné Bissau e tantos outros. A comunidade que a gente tinha mais contato era o da República

Democrática do Congo por causa da proximidade territorial e parte cultural. Então através da Copa a gente passa a ter essa conexão e conhece essas outras pessoas.

Pergunta 7: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 6: Essas atividades através do esporte são muito importantes. Em São Paulo a vida é sempre corrida. As vezes a pessoa não tem tempo para ir visitar o amigo, aí faz da Copa o local para encontrar e conversar com os amigos. E também a gente se procura por atividades culturais para pode se encontrar e bater aquele papo, dar aquele abraço. E atividades como essas tem ajudado muito as comunidades de imigrantes aqui. Apesar de algumas dificuldades que a gente teve, ajuda muito. E nós, imigrantes, também temos o desejo de realizar esse tipo de atividade. Mas dificilmente a gente encontra apoio. Encontrar apoio é algo muito difícil. Para conseguirmos apoio tem que ter um brasileiro na frente. Só nós imigrantes para conseguir um apoio fica muito difícil. Muitos dos jogadores deixam de ir trabalhar para poder jogar e não ganham nada em troca, apenas um troféu para tirar foto e o uniforme. Eu até queria entrar numa questão política. A política é um jogo de interesse e só apoiam se tiver interesse. Interesse que eu falo é de votos. Os imigrantes hoje não votam, e sem poder votar fica mais difícil para conseguir apoio de um vereador ou deputado. Até de uma empresa que tem um diretor que dependa de verba pública é muito complicado. Hoje a nossa luta é conseguir o poder de voto, além do apoio aos nossos projetos. Se a gente conseguisse votar seria algo muito bom. E essa é a nossa luta atualmente. Não sei se teremos sucesso, mas se conseguirmos acredito que teremos um pouco mais de visibilidade para eleger algum representante e colher apoio.

Transcrição da entrevista 7

Data da entrevista: 7 de maio de 2023

País de origem e idade: Guiné Conacri, 23 anos de idade. No Brasil há seis anos.

Status migratório: Refugiado

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?

Resposta do Sujeito 7: Na verdade eu já conhecia o Brasil, porque na escola estudávamos sobre o país. Mas eu não escolhi vir para cá. Eu queria sair do meu país por motivos de segurança e o primeiro lugar onde consegui solicitar refúgio foi o Brasil.

Pergunta 2: Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?

Resposta do Sujeito 7: Na verdade meu processo não demorou e foi bem rápido. Eu consegui o visto provisório para ficar no Brasil e depois aguardei um tempo até ser reconhecido como refugiado. O procedimento foi bem rápido, para conseguir os documentos, abrir conta em banco, essas coisas. Mas só que até agora, já faz seis anos que vim para cá, eu não consegui a cidadania brasileira definitiva, o RNE.⁶⁹ Até agora esse processo foi recusado uma vez e tive que abrir novamente outro processo de formalização. No momento só tenho um documento provisório, mas já fiz a entrevista para pegar o definitivo. Fiz no ano passado, mas até agora não saiu nada ainda. Mesmo com esse documento eu consigo fazer muitas, só que não consigo viajar para fora do Brasil com essa documentação que tenho.

Pergunta 3: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 7: As primeiras semanas aqui no Brasil foram bem difíceis para mim. A primeira noite aqui no Brasil eu dormi na rua, na Praça da Sé. Durante a noite as minhas coisas foram roubadas. No dia seguinte conheci um cara que era casado com uma africana e ele falava francês. Vi que ele estava falando no celular em francês e aproximei dele. Aí expliquei minha situação para ele e ele me disse que não podia me ajudar muito. Mas ele me indicou uma ONG que poderia me ajudar. Na verdade, era a Cáritas que

⁶⁹ O Registro Nacional do Estrangeiro é o documento de identidade de indivíduos estrangeiros com residência temporária ou permanente no Brasil.

ficava ali perto, na Praça da Sé. Ele me levou lá e imediatamente eles procuraram um abrigo para mim. Só que naquele momento não tinha um abrigo. Aí me levaram para outro abrigo na região de Santo Amaro e fiquei uma semana lá até abrir outra vaga em outro abrigo, porque neste abrigo em Santo Amaro era o único estrangeiro e não consegui me adaptar lá. Por sorte abriu uma vaga num abrigo que ficava no bairro da Guilhermina Esperança e lá tinha muitos africanos. Um era do mesmo país e outros falavam francês. Aí consegui me adaptar. Um dia uma assistente social ouviu minha história, gostou de mim e me colocou para fazer aula de português.

Pergunta 4: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 7: Não conhecia ninguém e nem tinha contatos antes de chegar aqui. Só fui conhecer pessoas da mesma região que a minha após a passagem pelos abrigos da Cáritas e nos locais onde passei. As amizades eu fui fazendo por aqui, mas só depois que cheguei ao Brasil.

Pergunta 5: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 7: As coisas que mais tive dificuldade em me adaptar foram na parte da comida. Não conseguia comer arroz e feijão no mesmo prato, porque não conhecia isso e não era comum onde vivo. Até hoje não consigo me adaptar em comer arroz e feijão juntos no Brasil. Até hoje isso não entrou na minha alimentação, mas era uma etapa que tive que passar para me adaptar aqui. Mas o resto das coisas foi bem tranquilo. Graças a Deus conheci pessoas muito boas que conseguiram me ajudar na alimentação, trabalho, dia a dia. Quanto ao idioma eu fiz um mês de curso básico e no final do curso consegui ir trabalhar como jovem aprendiz num local que mexia com chocolate na Rua Augusta. Lá conheci uma japonesa que viveu na França por três anos e falava francês. Aí ela me ajudou a melhorar meu português e eu ajudei ela a melhorar o francês. Eu até tentei dar aulas de francês em uma escola em São Paulo, mas devido ao futebol e viagens acabei não tendo tempo de tentar.

Pergunta 6: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 7: Sim, muito importante. Eu joguei a Copa quando tinha 17 anos e era bem novo. Antes de jogar a Copa dos Refugiados eu comecei a jogar bola na Portuguesa e eles estavam tentando montar o time do sub-20 para disputar a Copa São Paulo, a Copinha. Daí fui lá tentar uma vaga. Tinha uns 150 atletas para fazer peneira e eles precisavam só de cinco jogadores. Fiquei por lá fazendo testes por alguns meses, mas por causa dos documentos, que já falei para você, não consegui contrato lá e acabei desistindo. Fiquei desanimado em casa por uns dois meses e depois surgiu a Copa dos Refugiados. Mas meu país não estava participando dessa Copa, aí fui jogar a Copa pela seleção da Gambia. Conseguimos chegar até a semifinal.

Pergunta 7: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 7: A Copa dos Refugiados foi algo muito bom. Foi lá que consegui fazer muita amizade, onde conheci muitas pessoas bacanas e até hoje tenho contato com eles. Inclusive lá eu conheci um cara que patrocinava a Copa dos Refugiados, conseguia o juiz para apitar o jogo, arruma bolas. Ele até me ofereceu um curso de arbitragem para fazer. Depois que meu time foi eliminado na Copa dos Refugiados, na semifinal, teve a liga dos campeões com os times que venciam a Copa em vários estados do Brasil. Aí nessa liga dos campeões, que foi aqui em São Paulo lá no estádio do Pacaembu, fizeram uma seleção de jogadores dos times eliminados para jogar essa fase. Fiz parte desse time, mas na final do campeonato tinha um treinador da equipe de base do Corinthians assistindo os jogos. Ele estava me observando faz tempo e no final ele se apresentou e me chamou para fazer um teste no time profissional de futebol society do Corinthians profissional. Fiquei lá por seis meses, me deram prazo de seis meses por causa do documento. Eu paguei um advogado para poder me ajudar, mas infelizmente ele não conseguiu obter os documentos. Aí durante esse período eu só podia jogar amistosos e não podia participar de jogos oficiais e nem viajar com o time. Não consegui a documentação e o prazo no clube terminou. Hoje, graças a Deus, estou jogando em um time profissional. Estava atuando em um time de futebol lá de Brasília. Fiquei lá por dois

anos. Mas agora voltei para São Paulo para me tratar de uma lesão no joelho, que machuquei em um campeonato lá. O time não tinha dinheiro para tratar minha lesão e tive que voltar. Mas já estou em contato de novo com o clube para poder voltar. O presidente me ligou essa semana e disse a ele que estou quase recuperado. Com certeza vou estar de volta novamente no time.

Pergunta 8: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 7: A Copa dos Refugiados foi muito bom para mim e com certeza foi muito bom para outros jogadores também. Foi uma competição importante não só para o futebol, mas também para outras coisas como a parte cultural. Só que seria muito melhor se os clubes profissionais virassem o olho lá no campeonato para ver o pessoal jogando. Porque tem jogadores de qualidade na Copa, mas a gente não tem apoio, entendeu. Os clubes brasileiros, não vou falar que eles não gostam de estrangeiros, mas eles não investem na gente. Eu mesmo estou me bancando. Paguei minha profissionalização e agora o tratamento. O clube só me paga quando estou participando do campeonato e se eu não jogo eu não tenho pagamento. E tem a questão do documento também. Se o clube investe 100% no documento, acredito que isso não seria difícil. Imagine se o Corinthians quisesse me contratar realmente eles poderiam me colocar na frente na Polícia Federal e acho que demoraria um dia só. Se você for ver no Campeonato Brasileiro, não vou falar que não tem estrangeiro, tem sim, mas o estrangeiro que está participando do Brasileirão foi comprado nos países deles e já participaram do campeonato aqui. Não tem um estrangeiro que tá aqui no Brasil sem contrato com um time profissional. E isso significa muito para nós. Muitos amigos meus acabaram imigrando para outros países como Estados Unidos, Canadá, França. E lá conseguiram clubes e estão jogando lá. Aqui no Brasil até hoje, estamos aqui e nada. Até para se profissionalizar a gente que tem que pagar. Infelizmente hoje no Brasil se você não tem um empresário forte para te ajudar, você pode ser bom de bola, mas não chega em nenhum lugar.

Transcrição da entrevista 8

Data da entrevista: 15 de maio de 2023

País de origem e idade: Síria, 30 anos de idade. No Brasil há nove anos.

Status migratório: Refugiado

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil?

Resposta do Sujeito 8: Então, na verdade assim. O Brasil não foi uma escolha, mas sim uma circunstância. Por conta da guerra na Síria eu saí para um país do lado, o Líbano e estava planejando ir para Austrália ou Canadá. Fiz o processo de pedido de visto, demorou muito e estava com risco de perder a vida e fiquei muito preocupado. No momento em que eu vi que o Brasil liberou uma portaria de visto humanitário para a população síria corri atrás, paguei o meu visto, paguei minha passagem e cheguei no Brasil no dia 8 de fevereiro de 2014. O que conhecia do Brasil eram poucas coisas. O futebol, a seleção brasileira que impacta o mundo, já que quase 90% da população árabe torce na Copa do Mundo para o Brasil, ouvia falar muito do Carnaval, do café brasileiro, que era um país muito grande. Era basicamente isso, as poucas informações que eu tinha. E nunca imaginei que um dia poderia vir parar no Brasil. Se não fosse a guerra dificilmente eu teria essa oportunidade.

Pergunta 2: Como se deu seu processo de reconhecimento de refúgio no Brasil? Foi muito burocrático?

Resposta do Sujeito 8: No meu caso eu entrei com pedido de visto humanitário que o Brasil havia liberado para os sírios. Então isso ajudou muito, porque sem o visto humanitário eu dificilmente iria ter conseguido ter tirado o visto. Eu cheguei aqui, solicitei o refúgio e esperei um ano para o julgamento da sair a minha residência. Saiu meu visto temporário de dois anos. Depois acabou e dei entrada para mais dois anos, depois dei entrada no pedido de naturalização e hoje já possuo cidadania brasileira.

Pergunta 3: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 8: No começo foi muito difícil. Não falava nada de português, não conhecia ninguém. Foi muito difícil a comunicação. Minha língua nativa é árabe, mas na Síria havíamos estudado inglês e francês, mas não é tão fácil assim. Mesmo no meio acadêmico a gente estuda inglês e francês, mas isso não garantiu que aqui no Brasil eu conseguiria me comunicar. Isso dificultou a minha integração, meu desenvolvimento. Mas aprendi o português na pele, só de ouvir, na convivência.

Pergunta 4: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 8: Não, quando vim para cá não conhecia ninguém. Só fui tendo contatos com pessoas da comunidade síria e imigrantes em geral quando já estava no Brasil e já começava a entender melhor o português.

Pergunta 5: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 8: Olha, acho que o sucesso está conectado com um segredo. E esse segredo se chama integração, enquanto você é uma pessoa chamada estrangeiro, imigrante, gringo. Em qualquer lugar do mundo você tem que encontrar uma estratégia, um caminho de se integrar na sociedade. Foi isso que eu fiz. E de fato, a população brasileira é totalmente diferente de outras populações ocidentais como na Europa e Estados Unidos. Eu sei por que conheço, já fui para esses lugares e o povo brasileiro é humilde, acolhedor e amoroso. A sociedade do Brasil, especialmente de São Paulo, é uma das cidades mais cosmopolita do mundo, com uma diversidade gigante. São pessoas que procuraram o Brasil por diversos motivos, tem meus ancestrais e antepassados sírios e libaneses, tem os japoneses, tem os africanos, vários. E cada um chegou aqui de várias formas e com várias histórias. Histórias pesadas, histórias de luta. E eu também vi aqui no Brasil uma oportunidade de fazer exatamente o que aqueles imigrantes do passado fizeram. Eu busquei me inspirar nessas pessoas apesar de hoje, os descendentes dessas

peças não estarem nem aí para a situação dos imigrantes porque as pessoas, parte da população, é contra a imigração. Mas a maioria sim, eles acolhem, abraçam e ajudam muito a nossa vida, pois há faltas de políticas públicas. No Brasil tem leis bonitas que estão escritas, uma Constituição positivista, mas você não vê ela sendo implementada, executada e respeitada. Não faltam leis, falta praticar, investir e realizar.

Pergunta 6: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 8: A Copa dos Refugiados é um projeto de vida, um projeto que tem como objetivo facilitar a nossa integração, entre nós refugiados e imigrantes e entre os brasileiros. Vejo que a Copa ajudou a combater a xenofobia e o preconceito, de fazer com que as pessoas falem da nossa diferença, da cultura. Então, esse foi um momento para as pessoas terem oportunidade para falar e se conhecer. Levantamos a nossa bandeira, mostramos sim que temos nacionalidades, mas que estamos aqui por uma alguma razão e por algum motivo. E buscamos o Brasil em nome da sobrevivência. Para podermos construir uma nova vida e antes de nada salvar as nossas vidas.

Pergunta 7: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 8: Dentro da Copa dos Refugiados eu sou uma das lideranças, um dos idealizadores. E por ter essa visão política e ampla relacionada ao protagonismo da legitimidade, vi como podemos aqui no Brasil abrir caminhos no meio desse projeto. É um projeto que deram a oportunidade e espaço para imigrantes, refugiados e até brasileiros para se conhecer, se unir, numa quadra, numa arena, numa atividade para podermos refletir sobre essa causa do refúgio, uma causa que merece ser discutida e debatida. Usamos o esporte como ferramenta para isso, pela sua linguagem universal, que une as pessoas. Esse é o futebol que enxergamos. Então para mim, a Copa sim abre muitos caminhos não só para mim, mas para os outros irmãos. Abre portas e nós tivemos uma visibilidade graças a essa organização. Temos uma capacidade, e mostramos isso, que podemos sim dirigir um projeto como esse. Só precisamos de apoio da sociedade brasileira

Pergunta 8: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 8: Eu vejo o esporte como uma das ferramentas que nós podemos usar sim e eu vejo que para ter uma consideração maior, acho que quem deveria ser envolvido com essa temática eram os grandes clubes de futebol também. Não adianta a Copa estar ganhando certa fama, espaço na mídia, se muitas pessoas nem sabem que ela existe ou que é um refugiado. Acho que uma coisa que podemos pensar é em fazer atividades esportivas com times que representam as populações aqui, como Corinthians, Palmeiras, Flamengo, etc. O Santos por exemplo, tem uma parceria com o Acnur e eu fui dos ajudaram a construir esse trabalho, fazendo aproximações com as pessoas do Santos e do Acnur. Então, o Santos de fato está sim de fato abraçando a causa. No Corinthians já fizemos atividades, mas na frequência a temática está bem distante desse meio. Então o que que eu acho. Que o esporte ajuda sim, muito. Porque se a gente vai falar de esporte, a gente tem que falar de esporte feminino. Há muitas imigrantes e refugiadas que acabam não tendo muito espaço. Agora estou tendo iniciativas de levar esporte as mulheres, adolescentes e crianças. Se tudo correr bem em breve vai ter uma Copa relacionada aos jovens e adolescentes imigrantes, algo que não tem no Brasil. Justamente na temática de migração e refúgio. Porque essas pessoas também precisam se integrar. Quando a gente trata da questão de adolescente e crianças, também chama muita atenção da mídia e da sociedade porque esses jovens não têm culpa da sua situação, são vítimas e que sofrem muito com o deslocamento interno e externo até chegar em um lugar. Eles muitas vezes não entendem esse deslocamento e sofrem muito. Mas resumindo, vi que a Copa dos Refugiados e Imigrantes ajudou muito para a gente expressar nossas bandeiras através do esporte. Inclusive, a última do Copa do Mundo também foi muito importante porque tivemos atletas refugiados ou que eram filhos de refugiados jogando e isso chamou a atenção de muita gente. E seria muito bom também ter o apoio desses jogadores famosos nessa causa também. Tem o caso do Mohammed Salah, jogador egípcio e imigrante na Inglaterra, que graças ao seu talento fez com que o preconceito aos muçulmanos fosse diminuído na Inglaterra. Por isso acho que temos que usar o esporte como ferramenta para essa questão, pelo fato dele ser muito poderoso para unir pessoas e ajudar a diminuir os preconceitos e os discursos de ódio.

Transcrição da entrevista 9

Data da entrevista: 17 de maio de 2023

País de origem e idade: Colômbia, 33 anos de idade. No Brasil há 11 anos.

Status migratório: Migrante

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?

Resposta do Sujeito 9: Cheguei ao Brasil em 2012, primeiramente na cidade de Ribeirão Preto e depois me mudei para São Paulo. Vim para estudar, cursar pós-graduação na área de Educação Física e atualmente faço um pós-doutorado na área. Fiz especialização, mestrado, doutorado e agora pós-doutorado aqui no Brasil.

Pergunta 2: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 9: A adaptação foi relativamente tranquila. Logicamente a língua vai ter algumas limitações por mais parecido que elas sejam, mas foi um processo tranquilo. A adaptação acho que foi fácil para mim em relação a esse movimento tanto na área acadêmica, quanto social. Algumas dificuldades como todo migrante, eu também passei. Por exemplo, o preconceito e a ignorância que algumas pessoas têm em relação ao meu país. Como por exemplo, onde que fica a Colômbia, tem algum “pozinho” para me dar fazendo alusão a cocaína, se conhecia algum traficante, coisas assim. São os estereótipos que muitas vezes a pessoas repetem sem ter conhecimento.

Pergunta 3: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 9: Não tinha nenhum contato aqui antes de vir ao Brasil. Conheci aqui no Brasil o pessoal colombiano que joga partidas de futebol. Na verdade, foi um colega colombiano que estudava aqui em São Paulo, que fazia parte do time e que me apresentou para o pessoal. Aí ele me falou “ah, eu jogo com um time aqui chamado Futebol Colômbia”. Eu disse que também gostava de jogar e aí ele me levou para conhecer o time. Aí joguei com eles pela primeira vez e depois passei a fazer parte da equipe. Isso só aconteceu por vínculo da universidade. Quando morava em Ribeirão Preto, fazia parte de um time do campus, mas não havia colombianos lá. Ter um colega colombiano que estava na faculdade, ajudou bastante a conhecer o time e outras pessoas do meu país. Senão, acredito que até agora não estaria tão inteirado com a comunidade colombiana e o time de futebol.

Pergunta 4: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 9: Sim, a adaptação foi supertranquila. Não tive nenhum problema de adaptação, comunicação, parceria, nada. Foi tudo muito bom e tem sido muito fácil a convivência com os brasileiros como um todo.

Pergunta 5: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 9: Joguei apenas uma edição da Copa, mas já disputei outros eventos semelhantes como a Copa dos Refugiados com a seleção da colombiana. Na verdade, tive pouco contato com outros migrantes das seleções que jogaram a Copa porque a experiência não foi das melhores. Conseguimos jogar apenas dois jogos e ficamos muito tempo esperando a hora de jogar porque houve problemas na hora de montar a tabela das partidas. Chegamos cedo, não sabíamos quando iríamos jogar e não poderíamos ficar o dia todo esperando. Ficamos um pouco chateados com essa situação. Por isso foi difícil e complicado se comunicar com os organizadores e com os demais participantes. Essa interação com os demais ficou faltando. Mas a equipe toda curtiu participar desse torneio e esperamos poder jogar novamente as próximas edições.

Pergunta 6: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 9: Acredito que sim, porque eu pude fortalecer laços com muita gente da minha comunidade através da Copa dos Refugiados e de outros eventos que jogamos. Porém, joguei apenas uma edição e como já estava há muitos anos no país não foi tão essencial para minha adaptação aqui.

Pergunta 7: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 9: Sim, acho muito importante uma ação como essa da Copa dos Refugiados. Os imigrantes são muito importantes para a base de uma cidade como São Paulo e é um volume grande de pessoas. Com certeza é um evento superimportante para poder integrar e fazer participar a comunidade imigrante com a comunidade das pessoas nacionais, os brasileiros. É legal que eles saibam que existem times organizados por imigrantes e que participam de eventos esportivos. Sem dúvida, isso funciona para ajudar os projetos existentes de refugiados e imigrantes. Este não é um evento de esportistas profissionais, então é legal que ele possa crescer e chamar mais atenção de pessoas que não estão por dentro dessas questões dos imigrantes. Num aspecto profissional ele pode ser importante por um ponto, por que qual seria a função de um time de futebol bem-organizado e que pudesse se consolidar e jogar em torneios? Poderia ajudar a construir escolas e espaços para a prática esportiva dessas comunidades.

Transcrição da entrevista 10 *

Data da entrevista: 12 de junho de 2023

País de origem e idade: Cabo Verde, 35 anos de idade. No Brasil há 16 anos.

Status migratório: Migrante

Pergunta 1: Quais foram os motivos que o fizeram migrar para o Brasil?

Resposta do Sujeito 10: Vim aqui para o Brasil estudar. Eu vim para o Brasil através de um programa chamado PEC-G, um programa que engloba vários países e direciona os alunos para as universidades brasileiras.⁷⁰ No meu caso, vim para a Universidade de São Paulo fazer graduação na área da Ciência da Comunicação. Eu já vim com o curso e vaga definida, só precisava chegar, me matricular e fazer os trâmites.

Pergunta 2: Você encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil? Conte mais a respeito sobre isso.

Resposta do Sujeito 10: Com o idioma eu tive um pouco de dificuldade para compreender algumas gírias e aí eu ficava naquela situação de “não posso falar isso aqui”, como, por exemplo, em Cabo Verde falamos “ficar na bicha” e aqui é ficar na fila”, coisas assim. Eu ficava meio preocupada de falar isso. No geral não foi muito diferente, a única coisa que demorei mais para me adaptar foi o fato de comer arroz e feijão todo dia, algo que não é comum lá em Cabo Verde e eu ficava muita vontade de comer as comidas típicas do meu país. Por isso as vezes eu apenas almoçava e não jantava. No início eu nem ia no bandejão da universidade porque eu estranhava muito e não ia. Depois eu comecei a ir porque economizava muito dinheiro. Mas a comida é boa e eu nunca mais parei de ir. Temos uma conexão muito grande com o Brasil em Cabo Verde, não por parte do idioma. Mas por outras razões mais culturais. Lá tem essa coisa de ver o Brasil como um país gigante e bastante diverso. Mas aqui eu tive algumas experiências um pouco estranhas. Algumas pessoas negras me tratavam um pouco mal, na parte racial. E isso me fazia questionar “porque estão me tratando assim”? Algumas pessoas me falavam coisas estranhas que eu não entendia. Esses foram os choques que mais senti quando cheguei. Achei que aqui as pessoas seriam irmãs uma das outras, porque temos essa visão de todos tem essa questão de irmandade. Aí pensava que não conseguia chamar um preto daqui de irmão. Vim direto para São Paulo, mas algumas pessoas me diziam que eu iria me sentir mais em casa se fosse para a Bahia. Outra coisa também foi a questão de vestuário. As pessoas me perguntavam por que eu não vestia roupas do meu país e aí eu perguntava a

⁷⁰ O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas - federais e estaduais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2023).

elas “mas que roupa do meu país? Essa roupa, semelhante a sua, é a que eu visto quando estou no meu país”. Havia muito estereótipo nessa questão. Essas coisas no início me deixaram meio “bolada”.

Pergunta 3: Você em algum momento se utilizou das redes de contatos entre migrantes para se estabelecer no país? Se sim, como chegou até essas fontes? Houve alguma indicação?

Resposta do Sujeito 10: Meus pais são comerciantes e da Ilha de Santiago. Ao todo Cabo Verde tem dez ilhas. Tinha uma menina lá do meu bairro em São Nicolau, que é uma das ilhas de Cabo Verde e onde eu nasci, que certa vez foi de férias para lá. Ela iria vir para o Brasil e eu acabei viajando com ela. Aí agendei minha passagem para o mesmo dia em que ela iria voltar para cá e voltei com um primo dela porque ela teve que ficar mais uns dias lá. O primo dela me levou para casa dela em Santo André já que eu iria estudar na USP. Aí ela fez contato com estudantes de Cabo Verde que já estudavam aqui em São Paulo. Comecei a conhecer esse pessoal e depois de um tempo fui morar numa república com estudantes cabo-verdianos. Meu processo aqui foi suave porque eles me ajudavam e como a gente ia para o mesmo lugar, fomos juntos fazer matrícula na universidade. Esse meu processo se diferencia muito do refúgio, porque foi bem fácil. Já sabia aonde ia, quem iria me receber e foi tudo bem tranquilo.

Pergunta 4: Como você vê a sociedade brasileira na questão do acolhimento a refugiados e migrantes? Na sua opinião, ela foi receptiva com você?

Resposta do Sujeito 10: No começo estava meio deslumbrada com o Brasil. Foi o primeiro país do exterior que eu viajei e eu escolhi o Brasil, porque a maioria dos cabo-verdianos vai para Portugal, que é mais confortável, mais perto, há muitos parentes que vivem lá, o nosso português é mais semelhante com o deles. Mas eu me aventurei vindo para cá. Eu falava “Brasil gente, porque eu vou pra Portugal”. Achava Portugal sem graça. Escolhi o Brasil porque via aquela coisa de que o povo é tudo mais alegre, mais aberto. O português é mais fechado. Me identificava mais com o jeito do brasileiro, acho que tem mais a ver com a gente. Mas foi muito difícil porque eu vi que não era aquilo lá que vendiam para gente. Cresci em uma cidade muito pequena, então todo mundo se

cumprimenta nas ruas dando bom dia, boa tarde. Aqui em São Paulo eu dava bom dia e ninguém me respondia. Imagina uma pessoa que sai de uma cidade pequena de um país minúsculo que muitas vezes nem aparece no mapa e é jogada em São Paulo. É uma loucura. Na minha cidade não existia ônibus, apenas aquelas vans. Precisei aprender a andar nas ruas, olhar o farol antes de atravessar a rua, coisas que não havia minha cidade. Achava as pessoas aqui muitos diferentes, mais amargas, sabe. Até hoje não consegui fazer muitos vizinhos. Eu lembro que minha mãe falava que eu tinha que fazer amizades porque se eu passasse mal, tinha que chamar o vizinho. Mas acho que isso é algo de São Paulo e senti falta desse acolhimento. Quando eu começava a falar com alguém, eles perguntavam de onde eu era e gostavam do meu sotaque. Mas aí eu me esforcei para tirar meu sotaque. Pensava que seria mais fácil me integrar sem o sotaque, mas isso me prejudicou. Porque percebi que as pessoas eram diferentes na universidade, eram mais fechados e não conversavam comigo. Eu ficava muito triste porque ninguém conversava comigo. Aí eu falava para minha mãe que era tudo mentira que o Brasil é um povo alegre. Lembro de um dia que estava fazendo aula de estatística junto com o pessoal da turma de matemática. E achava esse pessoal mais aberto do que os da ciência da computação. Isso me deixou mau, queria desistir, voltar pra casa. Tive um amigo que não se adaptou e foi embora. Só não desisti porque eu era bolsista, mas as vezes eu penso que deveria ter desistido porque atrasou um pouco a minha vida porque eu não consegui fazer o curso no tempo certo. Eu tinha medo também de passar a imagem para os meus pais que eu tinha fracassado. Pode ser que eu tenha romantizado um pouco, mas a gente vê as coisas nas novelas e acha que aquela é a imagem do Brasil.

Pergunta 5: A Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para lhe aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante à sua?

Resposta do Sujeito 10: A Copa dos Refugiados entra naquela direção que faltava, porque tanto entra os imigrantes, quanto os brasileiros que querem conhecer os imigrantes. As vezes o imigrante quer se integrar com o brasileiro, mas não sabe como fazer isso. E o brasileiro também que conhecer o imigrante, mas não sabe como fazer também. Então a Copa meio que chega para intermediar isso, porque aí os imigrantes se conhecem. A gente percebeu que os imigrantes quando chegam no Brasil ficam muito nas comunidades deles e isso prejudica muito o processo de integração. Muitos não aprendem a falar português, porque quando chegam ficam somente convivendo dentro da sua

comunidade. É muito cômodo e a pessoa não se integra, cria uma mini comunidade num bairro da cidade. Isso é ruim e atrasa o processo de integração e o imigrante precisa se integrar na cidade onde está. E a Copa entra para ajudar nesse processo de integração entre os brasileiros e os imigrantes, e entre os próprios imigrantes. Porque a gente precisa se conhecer e saber um pouquinho do que o outro está fazendo para poder ajudá-lo. Trocar contatos e fortalecer. Tanto é que antigamente costumávamos fazer rodas de conversa entre os imigrantes e proporcionar outras atividades. Porque se a Copa for só com jogadores homens, vamos fazer uma roda de conversa com mulheres dessas comunidades, para que elas participem de alguma forma, se conheceram e trocarem contatos. E sou de Cabo Verde e precisa saber o que a comunidade boliviana, por exemplo, está precisando. Porque eles podem ter um problema lá que nossa comunidade já resolveu aqui e vice-versa. Tanto que o nome da ONG era África do Coração, mas resolvemos mudar para Pacto pelo Direito de Migrar pensando justamente em acolher imigrantes de todas as origens e países. A Copa dos Refugiados e Imigrantes é um espaço onde o migrante e refugiado é o protagonista. E eles se sentem como os protagonistas reais. E foi criado o Malaika Futebol Clube também, para tentar ajudar aqueles imigrantes que querem tentar seguir a carreira no futebol.

Pergunta 6: Para você, a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante no seu processo de adaptação no Brasil?

Resposta do Sujeito 10: Sim, tanto a Copa como a ONG foram importantes. Porque através desse projeto você acaba se tornando uma pessoa mais segura, mais ciente dos seus direitos. Tem imigrante que chega aqui na ONG e não sabe nada, aí a gente explica sobre a Copa dos Refugiados e sobre as políticas de migração e refúgio do Brasil. A Copa serve para abrir portas, para essa pessoa ter voz, ser visto e se integrar. Tudo isso me ajudou a conhecer outras pessoas e ver que não estou sozinha nisso. A gente se junta e faz reuniões para tentar ajudar os imigrantes, faz uma ponte entre eles e a Polícia Federal para poder ajudar na documentação. A gente se une para resolver os nossos problemas e descobrir nossos direitos.

Pergunta 7: Por fim, qual sua opinião sobre as atividades de esporte e lazer para refugiados? Acredita que estas ações podem ajudar na inclusão social da população refugiada no Brasil?

Resposta do Sujeito 10: Essas atividades são coisas extremamente importantes, porque o esporte é algo que você não precisa falar português. E a língua é uma barreira muito grande para os grupos de imigrantes. E se a gente tiver mais apoio em atividades culturais e esportivas, ajudará a quebrar muitas barreiras. O ano passado não conseguimos fazer muita coisa devido aos impactos da pandemia. Tivemos pouco apoio para realizar a Copa dos Refugiados e tivemos de ir pedindo em vários locais para o evento conseguir ser realizado. Até esses órgãos de migração e refúgio, muitos deles, só dão apoio institucional e se houvesse uma ajuda mais forte conseguiríamos ir mais longe. Poderíamos fazer mais atividades. Pensamos em fazer uma corrida de rua com a temática do refúgio, conversas com as pessoas interessadas em aprender sobre o tema, apresentações em escolas, além é claro, dos jogos da Copa. Infelizmente não conseguimos fazer nada ano passado por falta de apoio. Se tivéssemos, conseguiríamos fazer muita coisa. Em algumas cidades, como Curitiba, por exemplo, tivemos muito apoio do poder público de lá. Muita gente quer participar, mas ninguém quer apoiar. E não dá para fazer nada sem financiamento. Se conseguirmos mais apoio eu tenho certeza de que a Copa dos Refugiados e Imigrantes terá muito mais audiência e será uma ferramenta importante para ajudar essas pessoas em situação de refúgio.

** Única mulher entrevistada pela pesquisa.*

ANEXO C – RESULTADOS DA COPA DOS REFUGIADOS E IMIGRANTES

Abaixo está disponibilizado a relação de campeões e vice-campeões de todas as edições da Copa dos Refugiados e Imigrantes em São Paulo. O evento não foi disputado em 2020 e 2021 devido a pandemia de COVID-19 e em 2023 devido à falta de datas no calendário esportivo de São Paulo e de recursos para realização do torneio.

Tabela 4 - Campeões da Copa dos Refugiados e Imigrantes no estado de São Paulo.

ANO	CAMPEÃO	VICE-CAMPEÃO
2014	Nigéria	Camarões
2015	Camarões	República Democrática do Congo
2016	República Democrática do Congo	Togo
2017	Nigéria	Marrocos
2018 *	Níger	Nigéria
2019	República Democrática do Congo	Níger
2020	Não realizada devido a pandemia	Não realizada devido a pandemia
2021	Não realizada devido a pandemia	Não realizada devido a pandemia
2022	Benin	Guiné-Bissau
2023	Não realizada	Não realizada

Fonte: Levantamento realizado pelo autor; Site MigraMundo; ONG Pacto pelo Direito de Migrar (PDMIG).

* Na única final nacional da história da Copa dos Refugiados e Imigrantes, a seleção de Malaika foi a grande campeã na final batendo a equipe de Angola na final no Pacaembu, em São Paulo, por 4 a 2, no dia 20 de novembro de 2018. A edição de 2019 seria realizada no Maracanã e foi adiada para 2020 por falta de datas, porém, a pandemia de COVID-19 cancelou a fase nacional. Desde então, a ONG PDMIG não conseguiu mais realizar a fase nacional da Copa dos Refugiados e Imigrantes.